
3 1761 06561723 5



ADOLPHO PORTELLA

AGUEDA

CHRONICA

PAIZAGENS

TRADICÇÕES



PORTO
TYPOGRAPHIA DA EMPREZA LITTERARIA E TYPOGRAPHICA
178 — Rua de D. Pedro — 184

1904



AGUEDA

Livros de Adolpho Portella

PROSA:

Contos e Balladas — 1891.
Bohemia Lirica — 1893.
Jornal do Coração (3 vol.) — 1897.
O Paiz do Luar — 1902.
Por bem de Agueda! — 1903.

VERSO:

Orvalhadas — 1895.
Sol-Posto — 1896.

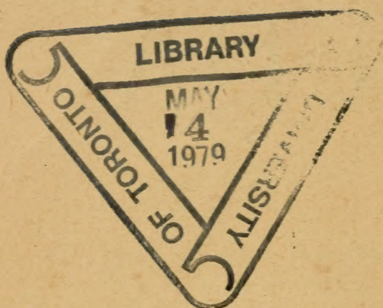
ADOLPHO PORTELLA

AGUEDA

CHRONICA
PAIZAGENS
TRADICÇÕES

PORTO
TYPOGRAPHIA DA EMPREZA LITTERARIA E TYPOGRAPHICA
178 — Rua de D. Pedro — 184

1904


LIBRARY
MAY
14
1979
UNIVERSITY
OF TORONTO

Offereço este livro á gente da minha terra.

Lisboa, março de 1904.

Adolpho Portella.

I

1.— Tradicção e civilisação.— Entre Paris e Rio-Côco.—Pro-Patria!

O portuguez viaja pouco. Apegado aos seus velhos habitos cazeiros, e com todo o pêso d'uma tradiccional indolencia ás costas, contenta-se com ler as aventuras de viagens, de vez em quando, ao quentinho do serão, nas paginas dos seus livros, rogando a Deus, por cada folha que volta, que o livre de se ver um dia enleiado *naquelles trabalhos*...

Descendente d'um grande Povo, a historia das navegações e das conquistas, com todo aquelle imprevisto dramatico das suas aventuras, mal consegue arrancar do coração do portuguez de agora esta phrase banal e equivoca:

— Grande Povo, c'os demonios! Havia gente p'ra tudo! Até p'ra embarcar!

E atiça o rescaldo da lareira, e puxa para os hombros o seu chale-manta de 1830... — Não que as catarrhaes não trazem sobrescripto, philosopha elle.

Mas, se algum porventura se abalança a viajar (o que logo as gazetas da terra noticiam com um grande deslumbramento) não contem as lindas e hospitaleiras aldeias do nosso paiz que elle venha dissipar o seu pé-de-meia na contemplação e gôzo d'estes preciosos farrapos de paizagem, que Deus semeiou como paineis biblicos por todo esse Portugal além.

Nada d'isso. Chegaria a ser ridiculo, tomadas em attenção as superficialidades da civilisação moderna, que hoje em dia um portuguez, ao fim de duas semanas d'auzencia, regressasse a casa e trouxesse esta noticia á mulher:

— Olha, sabes? Estive em Rio-Côvo.

Oh!... — A mulher benzer-se-ia com a mão esquerda; os proprios filhos, por muita veneração que tivessem pela auctoriade paternal, reputar-se-iam menos dignos d'um pae que commette o imperdoavel plebeismo de desperdiçar uma quinzena de ferias numa terra que não vem no *Bedecker;* os jornaes nunca mais fallariam, á volta dos anniversarios, d'aquella criatura desprestigiada; os proprios parentes, os vizinhos, os amanuenses todos das repartições publicas, haviam de ter um supremo desdem ao apertarem a mão a um homem que veraneia por terras de Rio-Còvo...

*

Porque a coisa é esta: — O portuguez não viaja; e, se viaja, possue-se do dever de ir a toda a parte, menos a Portugal. A bem dizer, só *lá* vai, quando o

rheumatismo lhe pede caldas ou quando tem a cobrar alguns fóros atrazados.

A Madrid! a Paris! a Londres!... — Para ahi, sim, é que é o caminho. Oh! *la calle de Alcalá!* Oh! *le boulevard de Saint-Germain!* Oh! a cathedral de Westminster!

Enche-se a bocca e o cerebro com estes superficialissimos logares communs, e fica satisfeita a civilisação. Ponham sobre tudo isso, que é nada, a vaidade luzitana d'um habito-de-Christo, e prompto! — Está salvo o nome de Portugal, lá fóra.

*

Mas... Portugal?

Quem ha de ver e quem ha de amar estas paizagens opulentissimas da nossa terra, se nós proprios, quando abalamos para além da raia, não ensinámos ainda á nossa alma onde se encrespa e onde se amacia o espinhaço agreste da Estrella e do Caramulo, onde começam e onde findam as verdes veigas do Minho; se nós proprios ignoramos como são pittorescas as arribas bravias do Doiro, como são velhos e sombrios os cupressos do Bussaco, como cantam ainda mysteriosamente nas grutas do Algarve as moiras encantadas das lendas, como os rios fallam, como os pinhaes uivam nas tempestades, como o mar é manso e fagueiro, como a terra se veste de flores por todo esse Portugal além?... Quem ha de amal-o e querer-lhe da raiz do coração, se a vida patriarchal

das suas provincias, o moirejar alegre dos seus lavradores, dos seus pastores, dos seus almocreves, e dos seus barqueiros, mal chega até ás portas da nossa alma, nos ecos das trovas que os poetas e os cegos dos caminhos cantam de longe a longe?...

A Madrid! a Paris! a Londres!

Perfeitamente, senhores burguezes. E' só tirar bilhete.

Entretanto, cá ficamos nós, os raros devotos da religião da nossa patria, a escutar os adufes roucos da Beira e as violas do Minho, com toda aquella melancolia que os tangedores lhes dão quando se sentem enamorados da terra que os viu nascer ou de alguns olhos de feitiço que dão alma a um trecho d'essa terra. Cá ficamos nós, em peregrinação pelos montes e pelas varzeas de Portugal, a embriagar-nos da poesia que anda desperdiçada por trigaes e devezas como um farto caudal de agua de merugem que vai, de lameiro a lameiro, sem os cuidados d'um regador que a encaminhe. Cá ficaremos nós, e porque não? de joelhos e de cabeça descoberta, a adorar este lindo e velho Portugal, na simplicidade honesta do seu viver, na evocação das suas aventuras guerreiras, na ruidosa alegria das suas romarias, no aconchego religioso dos seus serões, na paz das suas almas e das suas crenças antigas!

*

* *

2.— O Valle-de-Agueda.— Primeiros aspectos.

Quem, das bandas de Oliveira-do-Bairro, se dirigir a Agueda, pela linda estrada que passa pelos povoados rusticos de Perrães, da Giesta, da Piedade, e de Ferreirós, ha de por certo impressionar-se muito agradavelmente, á volta da Corga-do-Fontão, quando aquella estrada, quasi imprevistamente, torneja e desce em ladeira sobre o opulento Valle-de-Agueda. (*Nota 1.ª*) Logo dá de cara com o rio, lá a todo o fundo, a abrir rego pelo campo abaixo, como se o rio fosse uma charrúa de prata que andasse por alli a lavrar... — Hade por força quedar-se um instante, para poisar os olhos em cima d'esse pequenino trecho de paisagem, tão meigo, tão portuguez, salpicado de casais e povoados, com os seus pennachos de fumo azul, as suas ermidas devotamente caiadas, a sua teia-de-aranha de viellas, de estradas, e de atalhos—todo um beijinho de terra abençoada, onde, a bem dizer, não ha um terrão que não tenha a alegria verde d'uma folha ou o estremecer d'uma penna de agua...

O Valle-de-Agueda, que se desdobra desde o rincão mimoso do Soito-do-Rio até ás alturas de Almear, é todo elle um rico tapete de verdura, com as suas quatro leguas de milharaes, os seus vinhedos e pomares na encosta dos oiteiros que o debruam, os seus

freixos e amieiros velhos a agasalharem os estancarios, que, no seu aspecto antigo, lembram farrapos da Biblia.

E, á vista do rio, todos os cabeços do Valle-de-Agueda — Assequins, Giesteira, Gravanço, Bicha-Moira, Paredes, Cabeço-da-Ruiva, Crasto, Corga, Randam, Redolho — parece que mal têm força para erguer-se do chão, a modo que saudosos da frescura que a agua do rio lhes dá. E as quintas pequeninas, e o campo todo ás leiras, com as suas viellas e serventias em malha de rede, logo ensinam á gente como a lavoira do Valle-de-Agueda é toda ella, por bem de todos! uma fatia de terra para cada casal, um bocado de alegria para cada alma.— Nem ricos, nem pobres. Tudo remediado, louvado seja Deus!

Semeiadas á roda do Valle, as terras de Riba-Agueda — Assequins, Paredes, Borralha, Recardães, Sardão, Ameal — quasi que se beijam umas ás outras, a meio palmo de lonjura como estão, e tão igual e tão irmão é o seu modo de vida. Os carreiros de Assequins vão *dar dias* aos lavradores da Borralha; os da Borralha aos de Paredes; os de Paredes aos de Assequins... —E' tudo gente da mesma familia a comer da mesma tigella!

Em temporadas de arraial, então, as ermidas mostram de lá, umas ás outras, toda a garridice domingueira dos seus adros, as bandeiras, os mastros, os arcos de flores. Mas fóra disso, em toda a roda do anno, as suas sinetas, quando tocam a missa ou a novena, como que conversam de cá para lá, intimamente:

— Ora tenha lá muito bons dias, Senhora da Graça!

— Deus lhe dê os mesmos, Senhora da Guia!

...Assim, vejam lá se, com todo este lindo ar, o Valle-de-Agueda não parece mesmo uma pagina de Julio Diniz!

*

Não falseio o que venho a dizer. Se, em lugar das palavras mal geitosas que estou para aqui a escrever, eu pudesse pôr em painel todo esse pittoresco trecho do Valle-de-Agueda, de forma a revelar com alma as mais miudinhas cambiantes do seu panorama, ver-se-ia então como esta pobre descripção não tem uma palavra exagerada que o torça ou o desvirtua.

O que nella pode accuzar-se, porventura, são os cuidados e os extremos de amor que venho a pôr em cada palavra que escrevo. Mas não se escreve de outro modo, cuido eu, quando a alma de quem escreve se confessa desde logo rendida das bellezas que a rodeiam.

É que, por todo esse Portugal adiante, de região em região, poucos trechos de paisagem haverá que tenham o ar delicado e honesto dos panoramas do Valle-de-Agueda.— Está a gente sentada num cambalhão do rio, e parece-lhe á vista que é capaz de chegar com a mão ao cimo dos oiteiros que ha em volta; está a gente no alto d'um oiteiro, e parece-lhe que as velas dos barcos que vão rio-acima, a todo o panno, nos roçam ao de leve pelos pés...

Tudo pequenino, tudo humilde. E mais pequenino parecendo ainda, á vista do Caramulo, que corre ao nascente, com toda a rude magestade dos seus contrafortes. (*Nota 2.ª*).

*

O Caramulo é a unica serra a valer que temos no limite do concelho de Agueda. As outras, Silveirinha, Rompe-Cilhas, Penedo-do-Carvoeiro, Alombada, Serrado, e Murtède, são tudo ramificações ou raizes do Caramulo, já um tudonada amaciadas, menos agrestes, e de aspecto mais mimozo.

A parte montanhosa do concelho fica toda ella ao nascente, para as bandas de Bella-Zaima, Agadão, Castanheira, Prestimo, Macieira-de-Alcòba, e ainda Macinhata-do-Vouga, abrangendo tudo uma estreita faixa da area do concelho, de norte a sul. As restantes regiões são todas de configuração mais ou menos plana, com pequenos oiteiros e cabeços, quer em cadeia, quer isolados, os quaes se estendem na direcção nascente-poente e acompanham os tres rios principaes do concelho —Vouga, Agueda e Certima.

Por este breve enunciado topographico, se vê desde já como o concelho se divide em duas zonas perfeitamente distinctas — a serra ao nascente, o campo ao occidente. E esta distincção é tal, que não se refere exclusivamente á configuração superficial dos terrenos, e, como consequencia, á especialidade das culturas regionais: abrange os proprios costumes dos povos, o traço phisionomico, o viver industrial, o vestuario.

Além dos tres rios indicados, outros ha em rede por toda a area do concelho, mais ou menos caudalosos, em cujas almargens, e por beneficio das suas aguas, o campo fructifica exuberantemente. (*Nota 3.ª*).

*

* *

3.— Panoramas—: A Villa, o rio, o campo.

Sobre uma das orlas verdes do Valle-de-Agueda, ao norte, a Villa recosta-se, e como que se espreguiça até molhar os pés na agua do rio.

«Lembra uma aldeia da Suissa... Parece a imagem de Coimbra.» — disseram poetas, ao vel-a um dia.

Pode muito bem ser tudo isso, sem sombra de exagero litterario nas comparações. Mas o que ella é, no rude modo de ver do mais obscuro filho de Agueda, é isto: — uma linda villa portugueza, desataviada e de ar alegre, á qual a natureza, só por si, deu tudo quanto basta para ageitar a belleza e captivar os olhos de quem a olha.

Não tem monumentos, nem castellos, nem muralhas, em cujas pedras historicas os olhos parem a ler romances e lendas velhas. O seu casario é modesto, os seus arruamentos são velhos e desalinhados, os seus largos não têm a linha geometrica do traçado rigoroso. (*Nota 4.ª*) Mas, em conjuncto, a Villa de Agueda, na sua situação pittoresca, e com um ou outro

tecto vermelho de casa nova a gritar de entre os velhos telhados em pinha, é toda ella d'um lindo aspecto, a destacar, com o caiado alegre dos seus muros, do verde intenso do Valle.

Já ha por lá o grito novo dos *chalets*, das *villas*, dos palacetes. E tudo isto, embora espalhado, com o velho casario á mistura, dá á terra um certo ar endomingado, de quem vai á romaria, de jaleca ao hombro, para mostrar o collete de ramagens...

*

Como gigas de flores, alguns quintaes e jardins mostram o seu arvoredo tufado ao de cima dos muros — por Além-da-Ponte, pelo Adro, pela Alta-Villa, pelas Hortas-do-Valle, pelo Oiteiro.— Só a Alta-Villa, á sua conta, com todo o lindo parque que ella é, chega de sobra para romantisar todo o panorama de Agueda! — E, assim, esse panorama, de verde e claro, é de um gracioso effeito para quem se ponha a examinal-o, de longe, do alto do Soito-do-Rio ou do Atalho-do-Randam que fica fronteiro.

Ao sopé da Villa, o rio passa, d'aguas claras e tranquillas, a espreguiçar-se pelos areais. Não é longa a sua jornada; mas, em compensação, é toda ella feita sempre, desde Souralvo até Almear, pelo meio dos mais lindos bocados da terra portugueza. E, em cada um d'esses bocados, como flores fanadas, ha restos de lendas velhas que a poesia das tradicções banha d'um luar purissimo. A Mesa-dos-Moiros, Abbadinhos,

o Poço-da-Sarge, o Poço-do-Engano, o Ribeirinho, o Botareu, o Poço-de-Ferro... Ah! se eu fosse contar aqui, uma por uma, todas as lindas coisas que o nome de esses lugares evoca, que linda pagina se não faria de todos esses preciosos farrapos!

*

E' lindo de ver, nas temporadas do inverno, como esse rio, mansinho e humilde que é, trepa irozo aos cambalhões e aos botareus da Villa, e eil-o ahi vai, ao longo de algumas ruas, de porta em porta e de lojão em lojão, a cumprimentar os moradores, com a semcerimonia d'um velho hospede que se espera todos os annos. E entra, e installa-se com commodidade, ou seja na Rua de Além-da-Ponte ou na Rua de Baixo, e por lá se deixa ficar, ás vezes, dois dias e mais.

Dizem por lá que o rio «cresce com um cavallo», quando, sem mal a gente se precatar, as enchurradas da serra o engrossam de repente. E, na verdade, como a origem do rio fique a menos de 3 kilometros da Villa, não se passa anno nenhum sem que as *cheias-grandes* o façam trasbordar do leito.

De antes, em vida da ponte-velha, de poiais grosseiros e arcaria abatida, o rio, a qualquer açoitada de chuva que o encrespava, logo alastrava por esse campo fóra e entrava na Villa. Havia então o seu episodio de tragedia — gritos de noite, gente a desgraçar-se toda. Elle era o porco que se afogava no cortelho, o banco do ferrador que ia de levada no enchurro das aguas...

Lembro-me agora d'aquelle caso do noivo de Além-da-Ponte, que, interrompendo a boda do noivado para ir acudir ás fazendas da loja que estava em risco de ser invadida pelas aguas, quasi se ia afogando, ao passar no Caes-da-Herva, onde as correntes são sempre d'uma grande violencia. E lembro-me ainda de aquelle outro caso alegre do *Brazileiro*, meu vizinho, que, para salvar d'uma vez as cavalgaduras da sua alquilaria, teve de recolhel-as alta noite na sala de visitas lá da casa, onde as pobres bestas, assombradas da cheia e da cortezia estranha do dono, escoicearam á vontade emquanto a cheia não *mingou*...

*

Mas todos estes episodios de terror, mais ou menos alliviados com a sua nota pittoresca de casos, passavam e esqueciam logo ao vir das temporadas do verão.

O rio, por este tempo, abaixa, recuando e amansando, como que a aconchegar-se todo no leito, para que os barcos possam largar á vela sem medo de dar em secco, e as noras possam fartar-se d'agua para a encanarem até á raiz sedenta dos milharaes.

É um lindo tempo, esse! Trabalha-se e canta-se por toda a Riba-Agueda. Em rancho, as lavradeiras, de enxada ao hombro, passam para o trabalho e tornam do trabalho, cantando as suas ribaldeiras de todo o anno; os lavradores lá vão tambem fazendo côro, encantados no feitiço d'aquellas cantigas; as proprias

carretas do arado, em tempo de lavrada, cantam tambem, naquelle seu chiar esperto que embala o andar dos bois. E os campos do Valle-de-Agueda enchem-se de vida e de alegria, a cada leirão que a charrúa pauta na terra.

Vem ao depois o tempo do sacho. E logo as sachadeiras se despojam dos seus lenços e dos seus aventaes mais garridos, para armar a *bandeira*, em cujo cimo o patrão dependura o saquinho do queijo e do pão, o lenço dos tremoços e das azëitonas, a cabacinha da agua-pé...

— ... E vá de trabalhar, raparigada! Vá lá a vèr quem ganha a bandeira!

Mais tarde, vem a regadia, a escapellada, a malha, a colheita...

É um lindo tempo, esse, por todo o Valle-de-Agueda!

*

* *

4.—Agueda-Velha.—As regateiras na tradicção — Barqueiros e almocreves.

Mas cá estamos agora dentro das portas da Villa — das portas, que ella aliás nunca teve, que se saiba, a despeito da caturrice dos senhores chronistas, como adiante se verá. *Cancellas*, sim, pode ser que as ti-

*

vesse; pois que ainda hoje, a abrir para a estrada velha de Assequins, ao nascente da Villa, existe a Rua da Cancella, agora chrismada em rua da *Soberania do Povo*, como a querer dizer alguma coisa sobre o assumpto...

Mas, adiante. Com cancellas de mais ou cancellas de menos, não se pode satisfazer o proposito d'esta pagina.

Cá estamos, pois, em plena Praça-Nova. (*Nota 5.ª*).

O que isto foi, e o que isto é! — Lembro-me um pouco da antiga Praça, em todo o seu humilde aspecto de velhinha, os beiraes dos telhados a esbeiçarem-se, as paredes negras a derrearem ao carrêgo das traves, portados primitivos roidos do caruncho, janellos tortos... — Elle era o Arco do João Ribeiro, a casa velha de Sant'Anna e do Padrão, o pardieiro negro da Cardoza, a toca humida da tia Maria de Belem, a casa da tia Rosa Bicha que já fòra Hospital, e, mais velha do que tudo isso, talvez, a casa do Laré, a despenhar-se sobre o rio, com a sua sacada de pinho ao correr do velho Caes-das-Laranjeiras... E tudo isto, meio soterrado até á padieira dos portados, quasi ao nivel do rio, que em cada anno vinha de lá a passear-lhe pelas lojas e pelos primeiros andares ao burrifo das chuvas mais innocentes.— Depois, uma figueira a debruçar-se sobre a agua, como que estava alli a mirar-se no espelho do rio: da outra banda, um loureiro, como que em *pendant*, enroscava-se ao primeiro poial da ponte velha, com decidida vontade de não morrer senão quando ella morresse... E, ao desembocar da

ponte, já no terreiro estreito do mercado, duas ou tres velhas accacias para alli estavam tambem, vestindo-se de flores aromaticas em cada anno, pela temporada das primaveras, e como que a desafiar os maus cheiros da salmoira.

A Praça era isto, pouco mais ou menos -- meio palmo de terreiro, para logradoiro das sardinheiras, das loiceiras, e das gallinhas de toda a vida. O que não obstava a que, por esse tempo antigo, o mercado de Agueda fosse, como era realmente, d'uma grande importancia commercial. Peixe, hortaliça, fructas, cereaes, de tudo alli concorria á fartura. — Era por Agueda que se fazia então todo o commercio da Beira-Mar com as duas Beiras. Ovar, Porto, Aveiro, Torreira, San Jacintho, Costa-Nova, tudo por alli passava com as suas mercadorias, graças a essa bella estrada-do-rio, que era por esse tempo a arteria principal da circulação commercial das terras d'Agueda.

Coalhava-se o rio de barcos e bateiras, em cada dia. E, mal as velas assomavam, lá abaixo, aos Carvalhos-de-Paredes, logo das bandas da serra descia, a campainhar alegremente, a récua dos machos beirões que vinham a fazer carga. Barqueiros, sardinheiros, e almocreves, juntavam-se alli, pela Praça; e, logo, em torno d'elles, em grande vozeada alegre, as contadeiras da sardinha, as empilhadeiras, as mulheres do sal, disputavam entre si, a pragas e a murros, para ver ao fim quem apanhava melhor freguezia.

Aos dez e aos vinte, em maré-cheia de boa pesca, os barcos, ancorados no velho Caes-das-Laranjeiras,

com os mastros em descanso, davam a illusão d'uma esquadra de galés antigas que alli arribassem a ajoujar de riquezas.— Ah! e de verdadeira riqueza era esse tempo, então: — pão com fartura, sardinha quasi dada, só era pobre, a bem dizer, quem tinha o vicio de mendigar.

*

Cabe aqui fazer agora a aprezentação d'um dos typos mais curiosos de Agueda-Velha — a *regateira* da Praça.

Foi talvez por via da sua lingua, e um pouco tambem por via da tradicção dos *judeus* dos Passos, que a nossa terra ganhou, em todas as suas redondezas, uma nomeada que, sem a deprimir, ha de ir com ella até á cova como um rabo-leva de entrudo.— Porque, ainda agora, e sempre talvez, os vizinhos fronteiriços do nosso concelho costumam encarar-nos com certos olhares de desconfiança, olhares que, a nosso modo de ver, se prendem pela raiz á tradicção velha das *regateiras* e dos *judeus* de Agueda.

Assim, quando nos perguntam:

— Donde és, ó tu?

e a gente lhe responde:

— De Agueda!

cortam elles, logo:

— ... E basta!

Como quem diz, lá na sua: — que Deus os livre de estarem ao pé de Christo nos nossos *Passos* ou de

terem regateiras de Agueda por vizinhas de ao pé da porta...

Não que era, na verdade, da melhor prata de lei a lingua das velhas regateiras da nossa terra. A Ritta Loiceira e a Roza Chicha deixaram lenda, pelo talento singular de que dispunham na arte de dizer pragas. E, então a do Rato-Cego? — Quando se lhes azedava o sangue lá por dentro, ou o negocio lhes corria torto, vinha logo abaixo toda a cantareira das pragas mais pittorescas. Uma por todas, e todas por uma! Mas cada qual que tratasse, lá por sua conta e risco, de varrer a sua testada quando a vizinha a agatanhava. E, vae de ahi, o regedor, e o alcaiote da administração, e os cabos de policia, eram sempre os primeiros a rir do passo, para evitarem o ridiculo de levar para o Sardão toda aquella escumalha de demonios...

O velho mercado de Agueda, assim, era uma especie de cortiço de abelhas, em que todas se julgavam mestras. Fossem lá mecher-lhes no cortiço, e veriam de que qualidade era o mel de aquelle favo...

Mas, tudo acaba.— Em certo dia, ahi por volta de 1860, quando a velha regateira de Agueda mal se precatava do castigo que a andava ameaçando desde ha tempo, veio de lá o caminho de ferro do Norte, e mais tarde (1878) o caminho de ferro da Beira-Alta, ambos por longe da Villa, e logo o mercado da sardinha começou a esmorecer até se finar quasi de todo. Foram-se-lhe os barqueiros, foram-se-lhe os almocreves, foram-se-lhe as regateiras... Mal ficou de pé

a tradicção de esses saudosos tempos de fartura e de opulencia commercial que não tornam certamente. — Mal se ouvem agora, na Praça, os ralhos pittorescos d'uma regateira! Penteou-se tudo, civilisou-se tudo... E, naquella desolação, um ou outro barqueiro da terra passa ainda, de largo em largo, como uma sombra, de carapuça enterrada pelas orelhas abaixo, as mãos nos bolsos, o andar triste, os olhos carregados de saudade! E' uma reliquia de Agueda-Velha que faz dó.

*

* *

5. — Agueda-Nova. — Registo d'uma lenda e d'uma phrase.

Felizmente que, a par d'isto, o municipio acudiu logo; e, topando com os velhos pardieiros da Praça, foi-se a elles com todo o enthusiasmo, e logo dispoz tudo em geito de alargar e embellezar a entrada mais nobre da Villa. (*Nota 6.ª*). Com um grande amor ás coisas de Agueda, e com um pequeno emprestimo, as vereações municipaes, de 1889 a 1895, fizeram prodigios. Sim, prodigios! Em poucas audiencias, os predios, as arvores, os arruados, o chafariz, tudo ficou novinho, garrido, alegre... — A ponte nova, com todo o seu ar de elegancia, já não se envergonha agora de entrar na Praça de Agueda e de espraiar a sua

avenida, á larga: foram-se-lhe tambem aquelles justificados receios que ao principio teve de quebrar os narizes de encontro aos velhos predios do mercado.— Regularmente amplo, bem disposto e bem composto, o largo da Praça tem ainda a seu favor, para estender o mercado, todo o bello terrado do novo Caes que é como o prolongamento da mesma Praça sobre o rio.

Mas não pararam aqui os trabalhos de restauração material da Villa. A' abertura da estrada de Tondella, em caminho de Bolfiar, e á abertura da Avenida-do-Adro, que liga as antigas Hortas-do-Valle com a egreja matriz, muitas e muitas pequenas obras de reparação e renovação se tem alliado por iniciativa do governo e do municipio, e todas ellas tem concorrido sem duvida para o progressivo desenvolvimento da Villa.— A par d'isto, e secundando a iniciativa official com um enthusiasmo que não é vulgar, os proprietarios de Agueda vão dia a dia restaurando os seus predios, alinhando, desbravando, rebocando, pintando, de forma a imprimir um certo ar de novo a todas aquellas antigas ruas, angulosas, escuras, tristes ..

E, d'este modo, Agueda surge agora com o seu gracioso aspecto de villa bem cuidada e bem vestida, orgulhosa, de certa maneira, por se ver linda entre as villas mais lindas de Portugal.

*

A partir de 1879, que é a primeira data gloriosa da politica-nova de Agueda, eu podia escrever aqui toda a historia dos melhoramentos municipaes: — iniciativas, incidentes, datas, nomes, tudo isso mereceria talvez a sua nota e o seu commentario especial. Mas, se fosse a entrar nestas miudezas, onde não iria parar o livro?

Nas esquinas da Praça-Nova, fallando mais alto do que este livro nunca poderá fallar, lá está o nome de alguem, a cuja iniciativa e amor patriotico se deve, indiscutivelmente, toda a renovação municipal da nossa terra. Aquelle nome ha de ficar, para todo o sempre, a encher uma das mais bellas paginas da chronica de Agueda em nossos tempos. — Esse nome está no coração de toda a gente do nosso concelho; excuzo-me de o escrever aqui. Entretanto, para quem não conheça de perto as coisas de Agueda, ha trechos neste livro, que, a cada passo, põem em toda a evidencia esse nome querido e honrado do nosso patricio.

*

Fallou-se ahi, de passagem, na iniciativa dos proprietarios de Agueda, com respeito á restauração e renovação material da Villa. E' justo que, sem ir mais longe, um parenthese se abra desde já, para que o auctor d'este pobre livro possa prestar a sua singela homenagem ao maior e ao mais benemerito de aquelles proprietarios. — Fallo do Senhor Visconde de Sucena, a quem, por sua iniciativa e bondade, Agueda

vae devendo uma grande divida de amor. A sua obra faz toda a biographia do homem. Mas, como esta pagina, destinada ao breve registo dos melhoramentos de Agueda, mal a comporta, essa biographia fica á espera de alguem que a escreva algum dia, inteira, clara, justa, como é do dever de quem escreve por justiça e por honra.

A Egreja e o Hospital-novo ahi estão e ahi ficarão, a attestar a passagem do homem, como dois monumentos soberbos.— Iniciativa rasgada, grandeza de alma, amor patrio — tudo isso, que é já bastante, alliado ao mais profundo sentimento religioso, que é muito — são virtudes que mal cabem no seio estreito d'um homem, quando não haja acima de tudo, a bem temperada nobreza d'um coração que as acrisole dia a dia. Com todos estes altos predicados, o Senhor Visconde de Sucena honra a geração a que pertence e a terra onde nasceu.

Por isso, toda a nossa Agueda deve á sua inexgotavel e sempre desinteressada benemerencia uma grande divida.— A parte que em tal divida me cabe, aqui fica confessada e mal garantida nestas palavras singelas e curtas.

Mas isto não é bastante, bem sei. O que este livro acaba de fazer é apenas gravar e pòr a toda a luz o nome d'um benemerito, para que o chronista de amanhã não possa allegar ignorancia ou esquecimento d'elle, ao tratar da restauração moral e material de Agueda.

Só isto; e, nisto, vae toda a homenagem de quem

não pode nem sabe fazel-a maior, a dentro da pagina estreita d'um livro cujo espaço é solicitado por outros e muito diversos assumptos.

*

Assim, quasi refundida de todo por iniciativa publica e particular, a linda Agueda dos meus amores alinda-se cada dia com um novo signal de lindeza.— Tirando-lhe um ou outro *Forno-da-Barroca* e uma ou outra *Rua-dos-Porcos*, que ha ainda por lá, como reliquias perdidas de longinquas eras historicas, Agueda renasce e renova-se ao vir de cada anno. Ensaibram-se e amaciam-se as ruas; os velhos telhados, verdes do musgo, pedem ao barro da Pampilhosa uma gotta de sangue que os colore; certos predios barrigudos entraram em dieta e vão tomando aprumo; outros, de chronico aspecto doentio, com os ossos dos cunhaes a romperem-lhes da pelle, mostram que o figado-de-bacalhau da civilisação não é inferior ao do rachitismo e da escrofula, e, depois que o usaram com certo rigor, eil-os ahi estão, escorreitos e nedios... E, quando Deus queira e a sorte nos bafeje a todos como tem bafejado, verão como a propria *Viella-dos-Padres*, tão estreita e tão ingreme, ha de começar a alargar e a fazer-se toda ás voltas suaves, até chegar ao alto do Adro, sem que uma criatura do Senhor, ao subil-a, se veja na necessidade de abrir conta na botica para atalhar as queixas de peito...

*

E eis aqui a nossa terra de hoje, linda, alegre — e com alma de ser mais alegre e mais linda por ventura, se os seus filhos persistirem no culto do amor que lhe tributam desde sempre.

Por signal que esse amor é tão alto e tão profundo, que até lhe foi precizo um dia soccorrer-se das phantasias ingenuas d'uma lenda, para se justificar aos olhos de quem o não entende. A lenda, como vão ver, tem raizes na agua do Botareu, que, segundo a tradicção regional, é agua de feitiço: — Quem a bebe, nunca mais se aparta de Agueda; beber agua do Botareu é beber Agueda com o coração.

Ora essa lenda, como estão vendo ao seu simples enunciado, tem certas parecenças com a lenda da *Torre da Babilonia,* d'onde «quem lá vae não torna.» Mas, parecenças só; porque, ao passo que a *Torre da Babilonia* é povoada de demonios e duendes, cujo proposito é tirar a vida a quem lá entra, a *agua do Botareu*, enfeitiçando quem a bebe, limita-se a prender o incauto ás bellezas e á vida d'uma terra que não tem muitas irmãs entre as terras de Portugal. E não o esconjura, e não o mata... — E' um feitiço bom, que leva a victima d'elle ao gòzo d'uma moradia nova, onde a vida tem novos aspectos e novas delicias.

*

Mas, como a lenda fosse velha, e de coisas velhas mal se cuide, os homens da minha terra, no quasi exagero da sua paixão por Agueda, trataram ha

tempos de a engrandecer e celebrizar com a annotação d'uma phraze pittoresca. Foi assim:

Um estadista portuguez, em ferias, conversava com um negociante de Agueda. Como estivesse no poder um governo regenerador, o negociante, que era do grupo progressista, pedia ao estadista, que era tambem dos *nossos*, como por lá se diz, que lançasse mão de todos os expedientes que se lhe offerecessem para derrubar o governo nefasto, immoral, corrupto, etc. etc. que estava de cima. Comicios, protestos, campanhas jornalisticas, batalhas parlamentares...

— A revolução, senhor conselheiro! A revolução!

E o estadista objectou:

— Mas o que dirá o paiz?

Ora o que havia de dizer o paiz!...

— O paiz é Agueda! — rematou o outro.

E rematou com tal enthusiasmo e com tamanho murro no balcão da loja, que a phrase lá foi correr mundo com assombroza velocidade.

II

1.— A Romanis-Aeminium! — As Chronicas e o Senado d'Agueda. — O despertar d'um pezadello

Ahi por volta dos meus doze annos, quando andava no latim do Mestre-P'reira, li pela primeira vez a *Escola Popular* da nossa terra. (*Nota 7.ª*) E, ao deparar com um artigo do nosso patricio José Maria Velloso, sobre as antiguidades historicas de Agueda (n.os 9, 14 e 15 d'aquelle jornal) confesso que fiquei envaidecido por me surprehender nado e criado nas ruinas apagadas d'uma cidade historica. (*Nota 8.ª*)

Quer dizer: — Participei dos orgulhos com que se orgulhou toda a gente da nossa terra, ao saber que a antiga cidade Eminio tivera os seus fundamentos, precisamente, nas mesmas terras onde hoje se levanta, esbelta e linda, a Agueda dos nossos dias e dos nossos amores.

Dispensem-me a fineza de acreditar que não levei os meus enthusiasmos patrioticos até ao ponto d'expansão a que os levaram certos dois patricios nossos,

honrados e laboriosos mercanteis, os quaes, ainda antes de Velloso tratar do caso em lettra redonda, chegaram a assignalar um «lindo e airoso palhabote» com o nome de *Eminium*, que foi lançado á agua, na barra d'Aveiro, em 15 de julho de 1858, com as mais ruidosas solemnidades.

Não concorri tão pouco para que a opinião do nosso patricio Velloso, por si ou por extranha sugestão, tivesse a consagração official que teve, quando as armas do municipio d'Agueda se enfaixaram com a legenda temeraria *A Romanis Aeminium.*

Mas... que demonio! — Como bom patriota, o orgulho cá estava.

Ensinavam-me que a nossa terra, modesta e ignorada como era, provinha em linha recta d'aquella antiga cidade da Luzitania, cuja primitiva edificação se attribue, nada mais, nada menos do que aos celtas, turdulos e gregos, no dizer das chronicas.

Não me era preciso mais nada.

E puz-me a phantasiar, então:

Havia de ter sido aqui — quem sabe se na soleira roida do meu proprio portal... — que as cohortes sanguinarias de Junio Bruto esmagaram, ao poder omnipotente da sua ferocidade lendaria, todos os indomaveis orgulhos das gentes de Talabrica! Foi aqui por certo — talvez na Viella-dos-Padres ou na Rua-do-Barril... — que o imperador romano, Flavio Valerio Constancio, «invicto, augusto, pontifice maximo», passou em revista os legionarios do seu exercito na vespera tragica de alguma grande batalha! Foi por aqui, sem

duvida — com um pé na lomba crespa do Randam e outro nas gandaras do Joinal — que os poderosos exercitos romanos fizeram roteiro, quando iam calar a revolta d'algum povo insubmisso da Lusitania com o argumento formidavel das suas lanças!

... E com esta vaidade fiquei; e, a digerir este falso orgulho, adormeci por espaço d'um quarto de seculo, que tantos foram os annos decorridos desde as sabbatinas do meu pobre latim até aos dias d'hoje.

Não sei se succedeu a mesma coisa a toda a gente da nossa terra. Não sei se, depois da opinião de José Maria Velloso, outras opiniões ou outras noticias tiveram força para interromper as tradiccionaes cavaqueiras da Praça e para fazer que algum dos nossos patricios duvidasse da legitimidade e da authenticidade das informações historicas sobre tal assumpto.

Só o que sei é que, depois de dormido e redormido sobre o caso — pois que só agora, (novembro de 1901) por necessidade de organisar os apontamentos para este livro, tive ensejo d'occupar-me do estudo d'aquelle problema de geographia-historica — acordei por fim do pesadello em que mergulhara, e, de certo modo sebresaltado, reconheço que a nossa terra d'Agueda nada tem de parentesco com a antiga Eminio dos romanos.

*

Bem a meu pezar, o sonho d'Agueda-Eminio desfez-se d'encontro á prova de documentos indiscutiveis.

Muito embora as armas do nosso Paço Municipal continuem a clamar, com toda a sua auctoridade official: *A Romanis Aeminium!* — como quem diz, orgulhosamente, lá de todo o alto da cimalha: *Fui chamada Eminio pelos Romanos!* — Agueda nada tem de commum com essa velha cidade.

Quem lhe chamou assim, em lettra redonda, foi o nosso patricio José Maria Velloso, arrastado pela opinião corrente da sua epocha, que assentava um pé no texto das chronicas e outro na tradicção. Foi elle quem, nos patrioticos arrebatamentos da sua alma de poeta, entendeu reivindicar para Agueda os privilegios de cidade historica que os chronistas lhe vinham outhorgando pelos seculos fóra.

Filho d'Agueda, tendo por ella todos os affectos carinhosos d'um filho que se honra do seu berço, o poeta da lenda da *Bicha Moira* não poude furtar-se aos ingenuos orgulhos de se presumir nascido nas ruinas historicas d'uma grande cidade...

Compete-nos louvar-lhe a memoria honrada. Porque, muito embora illudido, as suas illuzões foram as illuzões do seu tempo. — A legenda *A Romanis Aeminium* nasceu por certo d'um devaneio poetico da sua alma impressionavel; mas o germen d'essa legenda estava, havia muitos seculos, incubado no latim rançozo das chronicas.

*

* *

2.—O Itinerario d'Antonino Pio e os commentarios de Caio Plinio Segundo.—Agueda-Eminio? — André de Revende e a procissão dos Chronistas.

D'entre os velhos chronistas e mineiros de curiosidades historicas, não ha nenhum que conteste a existencia d'uma antiga cidade, de nome Eminio, em terras da Lusitania. Affirma-se mesmo — não sei dizer se em face de quaesquer documentos historicos, se sob a sugestão de simples tradicções vulgares — que esta cidade foi edificada pelos celtas, turdulos e gregos, «370 annos antes de Christo, os quaes construiram a sua primitiva ponte.»

Para documentar a existencia d'essa cidade nos dominios territoriaes de Roma antiga, lá está o *Itinerario* de Antonino Pio, *Iter ab Olysipone Bracaram Augustam*, com toda a sua veneranda auctoridade de documento rigorosamente historico, cujo latim não offerece duvidas a ninguem sobre este ponto. O latim velho d'esse documento e os seus tantos seculos d'incorruptibilidade chegam de sobejo para fallar de cathedra no assumpto.

Mas sobre quaes devam ter sido, sob o ponto de vista geographico, as terras da velha Lusitania, onde

*

assentaram os primitivos fundamentos d'Eminio, ha opiniões diversas.

*

Caio Plinio Segundo, que nasceu 23 annos depois de Christo, ao fazer a descripção chorographica da Lusitania e referindo-se á estrada militar romana de Lisboa a Braga, conforme o *Itinerario* d'Antonino, diz: — *Flumen Vacca, Oppidum Talabrica, Oppidum et flumen Aeminium, Oppidum Conimbrica*; o que, trocado em meúdos — e salvo o devido respeito que devo á memoria do meu mestre de latim e á sua palmatoria impiedoza... — parece querer dizer isto: — *Rio Vouga, Cidade Talabrica, Cidade e rio Eminio, Cidade de Coimbra.*

A' excepção do primeiro ponto geographico, citado no texto — *Flumen Vacca*, rio Vouga — que não pode offerecer duvidas algumas, a interpretação dos tres restantes tem sido variamente discutida.

Assim, discute-se se *Talabrica* corresponde a Aveiro se a Cacia; discute-se se *Aeminium* corresponde a Agueda se a Coimbra; e discute-se ainda se *Conimbrica* corresponde a Coimbra se a Condeixa-a-Velha.

Averiguar se a antiga *Oppidum Talabrica* corresponde a Aveiro ou a Cacia nada nos importa para o nosso caso.— Importa-nos apenas saber o que respeita ás cidades *Aeminium* e *Conimbrica*, porque é sobre a situação chorographica d'estas duas antigas cidades romanas que a discussão offerece interesse á nossa terra.

Vamos, pois — e que os ceus nos inspirem, para supportar de bom animo os enfados d'esta jornada ingloria — rezumir as opiniões que se referem especialmente ao assumpto.

*

Os chronistas que traduzem litteralmente o texto de Plinio, sem bem repararem na confusão das distancias que o *Itinerario* accusa, affirmam que a antiga cidade *Aeminium* corresponde a Agueda, como affirmam consequentemente que a antiga *Conimbrica* corresponde á actual cidade de Coimbra, não concedendo ás preciozas ruinas de Condeixa-a-Velha outros fóros além dos que lhe podem pertencer como simples *castrum* ou *crastum* romano, especie d'acampamento militar.

O primeiro chronista que nos apparece, possuido d'este preconceito, é André de Rezende, *De Antiquitatibus Lusitaniae.* Um texto d'esta obra confirma absolutamente a existencia d'Eminio no mesmo local onde hoje é a Villa d'Agueda: — *Fuit autem Aeminium eo loci ubi hodie est oppidum dictum Agatha seu Agueda.* (Eminio foi no mesmo logar onde hoje é a cidade chamada Agatha ou Agueda.)

Esta opinião é incondicionalmente perfilhada por outros chronistas, portuguezes e alguns extrangeiros, em cuja lista figuram os nomes de Duarte Nunes de Leão, Frei Bernardo de Brito, P.^e^ Antonio Carvalho

da Costa, João Hardino, Leitão Ferreira e bastantes outros.

Vou transcrever em seguida as referencias que estes auctores fazem ao assumpto, e permittir-me-ei a liberdade de fazer essas transcripções em linguagem moderna para facilitar-lhes a leitura e a interpretação. *(Nota 9.ª)*

— «... o rio Agueda, que leva tanta agua como elle (Vouga) se mette no mar em Aveiro, despojando do nome e das aguas ao Agueda, que antigamente se chamava *Eminium*, assim como tambem se chamava uma cidade pela qual elle passava, que já foi episcopal...» — (D. N. de Leão, *Descripção do Reino de Portugal*, edic. 1610, pag. 36.)

— «... recolhendo em si as aguas (o Vouga) de muitos rios, principalmente do Agueda, que os antigos chamavam *Eminium*...» — (Frei B. de Brito, *Geographia Antiga da Lusitania*, t. 1.º da *Monarchia Lusitana*, fls. 5, *in fine*.)

— «E que Aveiro conservasse desde então o nome de Talabrica, situada nos Turdulos antigos, junto ao rio Vouga, se prova do Itinerario do Imperador Antonino Pio, que a demarca duas leguas e meia d'Eminio, hoje Agueda.» — (P.ᵉ Antonio C. da Costa, *Chorographia*, t. 2.º, pag. 128).

— Eminio. Hoje o seu nome é

Agueda.» — (João Hardino. *Interpretatione et notis ad Plinii*, ediç. 1685, t. 1.º, pag. 492.)

— A antiga Eminio, sobre cujas ruinas, ou a pouca distancia d'ellas, succedeu a pequena povoação d'Agueda, no termo da villa d'Aveiro, foi cidade episcopal.» —(Leitão Ferreira, *Catalogo dos Bispos de Coimbra*, nas *Mem. da Acad. da Hist. Port.*, pag. 75.)

*

Ao fim de todas estas citações, que podiam ser ainda copiozamente acrescentadas, não é difficil ver como todos os chronistas que apontei se cingem á traducção litteral do texto de Plinio e são incondicionalmente conformes com o modo de dizer d'André de Rezende.

Nenhum d'elles nos fornece um documento de novidade. — Com um pé no texto de Plinio e outro no texto de Rezende, Agueda-Eminio não é um problema: — é um facto arrumado.

Ora foi por certo, em virtude d'esta affirmação soberana, que o senado d'Agueda atirou para a frontaria dos Paços-Municipaes — 1860-1863 — a orgulhosa e ingenua proclamação: *A Romanis Aeminium!* — Á *Escola Popular* accorreram as pennas de dois cavouqueiros d'antigualhas, que, secundando os brios do municipio, gritaram tambem: *A Romanis Aeminium! (Nota 10.ª)* — E toda a Agueda d'esse tempo, talvez ao

repicar festivo do campanario, exclamou num grande envaidecimento: *Fui chamada Eminio pelos Romanos!*

*

* *

3. — Latim contra latim! — Uma descoberta archeologica. — A lenda da Ti' Agueda é como a taboa d'um naufrago...

Se não fosse uma interessante discussão, levantada sobre o assumpto pela commissão archeologica do *Instituto de Coimbra* (sessões de 5 de julho e 6 de novembro de 1873), e na qual intervieram o Doutor Filipe Simões e Miguel Osorio de Castro, ainda agora estariamos assistindo ao desfilar apparatoso d'essa interminavel procissão de chronistas, a cortejar o texto de Plinio... Ainda agora estariamos a venerar a memoria d'aquelles patrioticos senadores do nosso municipio, para quem o *A Romanis Aeminium* teve foros de palavra-de-rei.

Mas não. O texto de Plinio está hoje absolutamente desmentido. Absolutamente e indiscutivelmente — embora a solução do problema não seja muito de molde a lisonjear os orgulhos mais ou menos aristocraticos de quem, como nós, se julgou um dia com legitimo sangue de turdulo, celta, e grego...

Para documentar este desmentido e demonstrar

exhuberantemente o erro que fez d'Agueda a herdeira historica d'Eminio — a que as chronicas, como viram, attribuem as honras de cidade episcopal — podia eu trazer para aqui o nome de diversos eruditos, portuguezes e extrangeiros, com a noticia bibliographica das obras que se referem ao assumpto. — Podia, por exemplo, transcrever e apreciar as duvidas que se offerecem sobre a interpretação da palavra *Aeminium (Minium?)* que, no parecer do Doutor Filippe Simões, está errada no proprio texto de Plinio: podia citar tambem a interessante discussão que se levanta ácerca das distancias confuzas entre Talabrica, Eminio, e Conimbrica, á face do mesmo texto; e podia apontar ainda a opinião do douto patriarcha de Lisboa, D. Francisco de S. Luiz, quando tenta demonstrar que o *Itinerario* d'Antonino não faz menção de pequenos rios, como o rio Agueda, mas só de rios de longo curso que desembocam directamente no mar.

Mas tudo isto para quê?

Basta citar apenas, para encurtar a dissertação, um documento d'alto valor que faz prova cabal e indiscutivel contra esse velho erro que chegou a ser um preconceito.

Refiro-me á lapide descoberta em 1888, num predio contiguo ao arco do Collegio-Novo, em Coimbra, cuja inscripção vem transcripta na *Revista Archeologica*, de Borges de Figueiredo (vol. 2.º, pag. 66 e 125.)

Essa inscripção é a seguinte:

— «At augmentum rei publicae, nato diletoque principi domino nostro Flavio Valerio Constantii, pio, felici, invicto, augusto, pontifici maximo, tribunitia potestate, patri patriae, proconsuli, civites aeminienses.

Eis a traducção:

— «Ao que nasceu para incremento da republica, o amado principe, nosso senhor, Flavio Valerio Constancio, pio, feliz, invicto, augusto, pontifice maximo, com o tribunicio poder, pae da patria, proconsul, os cidadãos de Eminio» (*dedicam este monumento*).

Borges de Figueiredo, em face de tal documento, escreve as seguintes palavras sensatas, cuja affirmação cathegorica não pode deixar de calar fundo no espirito de quem lê com olhos de ver, desapaixonadamente:

— Temos, pois, finalmente, um monumento epigraphico, testemunha irrecusavel da existencia de *Aeminium* no local da moderna Coimbra, monumento que exprime um voto dos seus cidadãos ao imperador Constancio I.

Ora esta pedra, ao inverso d'aquellas que cáem ao poço, foi pedra que veio á tona d'agua e a cujo embate violento e inesperado sossobraram de vez todos os chavecos dos chronistas. O proprio texto de

Plinio, a despeito das suas cãs seculares, naufragou tambem no torvellinho revolto que essa pedra fez á flor da agua empoçada.

Não sou eu só quem o diz. E' o proprio sr. Antonio Francisco Barata, erudito bibliographo, quem — depois de ter quebrado o aço mais fino da sua penna em deféza d'Agueda, como herdeira d'Eminio — me escreve as seguintes palavras, cuja transcripção vou fazer sem solicitar venia especial, porque ellas honram a probidade scientifica de quem as escreve:

> — O assumpto soffreu modificação com o apparecimento de uma lapide romana em Coimbra. Já lá vão muitos annos sobre o escripto, *Carta a Soromenho*: não me lembro do que escrevi. Conservo lembrança de o caso ser nebuloso a todos.

Nesta ordem de ideias, já o mesmo sr. Barata, numa apreciação que fez ás *Cidades Mortas de Portugal*, de Borges de Figueiredo, onde se debatia o mesmo assumpto, disse o seguinte em folhetim do *Progresso do Alemtejo* (n.º 162, de 18 de Abril de 1885):

> — ... tenho sustentado que a situação da *Eminium* fôra nas margens do Agueda... e todavia não sei onde ella estava.

Quer dizer: o snr. Antonio Francisco Barata, passados 16 annos sobre o seu folheto em que defen-

dia com tenacidade e enthusiasmo a opinião corrente d'Agueda-Eminio, começava já a transigir um pouco, ainda antes da descoberta da lapide do Collegio-Novo em Coimbra.

Ora estas affirmações, por parte do erudito bibliothecario da Bibliotheca d'Evora, significam uma delicada *amende-honorable* com os seus antagonistas d'outro tempo. E estou certo de que, se o nosso patricio Velloso tivesse conhecimento da descoberta d'aquelle monumento, não teria duvida em modificar as suas opiniões — muito embora essa modificação pudesse contender com algumas das mais patrioticas passagens do seu poemeto.

Entretanto, como poeta, poderia continuar a dizer, ao referir-se á nossa terra:

« Esta plaga tão formosa,
Onde foi Eminio airosa,
Onde Agueda agora está.»

Nada perderia com isto a sua reputação de poeta, porque as chimeras mais bizarras dos poetas estão acima, muito acima, de qualquer monumento de calcareo vulgar que tente embaraçar-lhe os vôos.

*

E eis aqui está, meus amigos, como um pedaço de pedra — «com $1^m,30$ d'alto, por $0^m,46$ de largo» — desbanca do throno orgulhoso da sua auctoridade um

texto latino com 19 seculos d'existencia! Aqui está como a legenda municipal da nossa terra, que pretendia estribar-se no ferro macisso d'um documento inexpugnavel, não pode ser acceita agora senão como um simples devaneio de chronistas com a chancella official d'um senado ingenuo!

Mas que importa isso ao viver humilde da nossa terra? Que lhe importam essas nobrezias heraldicas, de cujo pergaminho nada resulta que lhe possa dar mais alma do que ella tem!

O «patrio ninho» do poeta da *Bicha-Moira* ufana-se com mais razão de ser mãe de filhos de tal quilate, do que d'uzar e disfructar honras que nada valem em confronto com o legitimo orgulho que lhe cabe por saber ser mãe de taes filhos!

E' por isso que, a meio d'este capitulo pezado, onde os textos se baralham e confundem como os fogos-fatuos á flor do coval d'um morto, o meu coração se compraz em esquecer para sempre tudo quanto as chronicas lhe ensinaram, para aconchegar com dobrado carinho aquella lenda simples e delicada que fez d'Agueda o senhorio e herdade d'uma velhinha.

Pois que é preciso mais do que essa lenda, tão suave e tão carinhosa, para patentear ao coração da gente como se formou e tomou alentos o primeiro nucleo de pescadores e pastores á beira do velho rio? Que é preciso mais do que essa tradicção ingenua de tantos seculos, para que o primeiro balbuciar d'este povoado ribeirinho esperte e captive a sentimentalidade de todos nós?

As lendas são tecidas no tear do coração, bem n'o sei. Como tecedeira namorada, o coração ha de bater-lhes o fio ao sabor dos seus affectos...— Mas, por mim, antes me quero ver enleiado na teia quebradiça d'uma lenda, do que desvairado, de cabeça a arder em febre, nas veredas sem pizo d'uma charneca deserta e maninha...

E a lenda da Ti' Agueda é tão linda, é tão amoravel...

*

Havia uma cabana de pescadores, perdida nos areiaes da banda d'aquem do rio. Sorria-lhe defronte uma choça de pastores, das bandas d'além, agazalhada pela ramagem sombria dos amieiros.

Pescadores de cá, pastorinhas de lá...

Não havia ponte ainda, é certo. Mas havia poldras bastas á flor da agua; e um namorado nunca se arreceiou d'atravessar uma corrente a vau, quando traz os olhos enfeitiçados d'outros olhos que o desvairam.

Veio, em certa manhã d'estio, o desfecho lirico do primeiro beijo, furtado a medo, á sombra dos amieiros...

Surprehendidos, os paes, que tinham outras obrigações a cumprir, deixaram os dois namorados suspensos no enleio d'aquella surpreza.

E, então, a Ti' Agueda, que vinha a ser a avó commum d'esses dois lares fronteiros — avó, pelo muito amor com que os amava — veio a terreiro, dis-

cretamente, aureolada d'aquella virtude celestial que só as velhinhas e as fadas teem, e logo achou artes maneirinhas de ajuntar e acamar as alpondras do rio, para encurtar-lhes a passagem...

E toda a gente fica sabendo como se acazalou o primeiro cazal.

*

Ha nada mais simples? ha nada mais lindo? ha nada mais digno de nós todos, ó gente da minha terra, do que ir buscar a primeira raiz da nossa genealogia aos amavios discretos d'essa velhinha da lenda que é a nossa avó do coração?

Quem ha ahi, em terras d'Agueda, que se acanhe por ventura de a cortejar e de a salvar com affectuoso respeito, se adregar de se encontrar com ella, á beira do rio, a fiar na sua roca ou a comer a sardinha do seu conducto?...

*

*   *

4. — Agatha: — o Sardão e o Crasto? . —

Mas ha ainda, sobre este problema, uma outra hipothese, que, a despeito da lenda da Ti' Agueda, não pode deixar de ser citada aqui como complemento d'este estudo.

Averiguado, como ficou — ao menos quanto a nós — que a actual Villa d'Agueda nada tem de commum com a antiga *Eminio*, e sabendo-se pela chronica que houve uma cidade com a denominação de *Agatha*, pergunta-se: — Agueda corresponderá a essa velha cidade?

Alguns auctores, citados neste capitulo, não affirmam d'um modo absoluto que Agueda seja, geographicamente, a legitima herdeira d'Eminio; pois dizem que Eminio *foi em Agueda ou nas suas proximidades*. Outros ainda vão mais longe, insinuando que *Eminio foi na margem sul do rio Agueda.*

Sardão?... Crasto?...

Nas velhas cartas geographicas, Agueda não apparece indicada, ao passo que em todas ellas figura o Sardão. Porque? — E' muito provavel que este facto seja devido exclusivamente a que a velha estrada romana passava pelo Sardão, segundo todas as presumpções. Quanto á sua importancia historica, nada encontro nos documentos que a ella se refiram. É um ponto chorographico, e talvez mais nada.

E o Crasto? — Não se terá acazo originado da existencia d'um *crasto, nas proximidades d'Agueda e na margem sul do rio*, a tradicção da existencia d'uma cidade romanà por estes sitios? E, demonstrado como ficou que *Eminio* corresponde á actual Coimbra, a tal cidade *Agatha* não pretenderá substituil-a, na tradicção vulgar, para satisfazer a mesma tradicção? (*Nota 11.ª*).

Meus caros patricios, nada sei dizer-lhes com segurança.

Oiço fallar vagamente na descoberta de moedas romanas, ahi pelas alturas da Corga do Randam, que fica sobranceiro ao Sardão.— É verdadeiro o facto?

Responda quem tiver auctoridade para o fazer. Por mim confesso-me um pouco enleiado, perante a hipothese da cidade *Agatha*; mas nenhuma solução encontro com que possa responder ao problema. Porque não é, decerto, com estes vagos rumores de tradicção vulgar, sem outros elementos d'auctoridade provada, que nós poderemos assegurar que a cidade *Agatha* foi em Agueda, no Sardão, ou no Crasto.

E, assim, teremos que rezignar-nos a ficar com a lenda da Ti'Agueda; e supponho que não ficaremos mal de todo. Ao menos, resta-nos a certeza de que ninguem haverá nunca que venha perturbar a phantazia ingenua d'essa lenda com qualquer pedaço d'alfarrabio velho.

Porque as lendas, ingenuas que são e innocentes, nada teem a temer da auctoridade dos documentos. Tudo tem o seu logar.

III

1. — As manhas dos calceteiros e as legendas historicas... para uso dos chronistas. — Historia antiga: os Condes d'Agueda.

Como não fosse muito facil, aos chronistas que abraçaram a opinião d'André de Rezende, estabelecer a transição historica da cidade Eminio para a actual Villa d'Agueda, sem a migalha d'um documento que d'algum modo certificasse a existencia d'aquella velha cidade nas terras onde hoje assenta a nossa, que fizeram elles então?

Invocaram o lendario poder d'exterminio dos barbaros do norte, e, sem mais averiguações, escravos sempre da mesma obsessão, attribuiram-lhe desde logo a completa assolação da cidade romana.— Pouco mais ou menos como os calceteiros das ruas que tratam de occultar o defeito do seu trabalho a poder de terra e areia que vão esborralhando sobre a calçada que fazem.

Ora, se nós não tivessemos já posto de parte, absolutamente, a hipothese d'Eminio-Agueda, ver-nos-

iamos agora obrigados a acceitar de bom animo esta nova hipothese. Sim; ver-nos-iamos obrigados a acceitar, como bom, mais este desacerto dos chronistas, transigindo muito embora com a absoluta carencia de documentos. — *Hic Troja fuit*, diriamos nós.

E, então, ahi aquedariamos, por este livro fóra, a fazer pesquizas sobre a vida e obras do bispo Elarzo ou Gelazio que assistiu em 412 ao concilio bracarense, e ainda sobre o talhe de lettra d'outro bispo Possidonio, *eminiensis ecclesiae episcopus*, que assigna as actas do 3.º concilio de Toledo... Ahi aquedariamos nós, á procura das razões administrativas que levaram o imperador romano, Theodomiro, a supprimir em 569 o importante bispado d'Eminio... Ahi aquedariamos ainda a indagar como e porque, 20 annos passados sobre aquella data, o mesmo bispado se constitue de novo, e, logo em 675, passa para a jurisdicção do bispado de *Conimbrica*, perdendo todos os seus historicos privilegios de séde episcopal, por mandado de Wamba...

Mas, não. O achado precioso da lapide do Collegio-Novo, em Coimbra, dispensa-nos d'essa tarefa ingrata. A nossa modesta e querida Ti'Agueda nada tem que ver com as mitras mais ou menos opulentas dos Gelazios e dos Possidonios, nem com os capacetes guerreiros dos Theodomiros e Wambas...

*

Vamos, pois — mas sempre, o mais longe que seja possivel do campo arido das hipotheses — indagar o que dizem as chronicas sobre os tempos primitivos d'Agueda.

Mas, ai de nós! Nem, por muito buscar e rebuscar na poeira dos alfarrabios, se descobre coisa que geito tenha. E' tudo vazio, tudo no ar, sem um cunhal de cimento historico em que se apoie, de leve que seja, a illuzão d'um alicerce — cavoucos sem fundo, com as paredes de lôdo inconsistente a desmoronarem-se a cada enchadada que se lhes dá...

Entretanto, aqui transcreverei as raras noticias que pude arrebanhar, sem por forma alguma quebrar lanças em defeza da authenticidade dos documentos em que se apoiam, que são nenhuns. Passagens de chronicas, referencias vagas, notas mais ou menos curiosas, e nada mais.

Como taes, ellas ahi vão, em bruto, para entretem da alma, que não para satisfação e alimentação d'ella.

Assim: — No *Portugal antigo e moderno*, diz-nos o bom do Pinho Leal que, depois de ter soffrido o imperio de varios dominadores, Agueda foi resgatada do poder dos moiros, em 739, por Dom Affonso I, rei d'Oviedo e Leão, e por seu irmão Dom Frucia ou nome que o valha.

Ora, não cuidando d'indagar o que foi Agueda, quando sujeita ao imperio dos seus varios dominadorei, quizeramos saber ao menos o que ella foi e o que ella fez ao tempo da dominação arabe.

Não se consegue apurar quasi nada. O poemeto da *Bicha-Moira,* cujos episodios fazem a sua evolução tocados sempre pela phantasia do poeta, falla-nos d'Agueda ao tempo da dominação arabe. Mas versos são cantigas, como diz o outro; e não é com versos que a historia se faz, imparcial e serena, pela razão muito simples e muito velha de que a alma dos poetas não é de molde a ageitar-se passivamente dentro da armadura de ferro d'um documento. O poeta e o chronista são dois inimigos irreconciliaveis.

Por isso em nada faltarei ao respeito que devemos ao poeta da *Bicha-Moira,* não transcrevendo aqui, neste capitulo d'investigação, nenhuma das suas referencias *historicas.*

Ora, ao rebusco pelas chronicas, parece que, sob o dominio das gentes da Moirama, um regulo de Coimbra, Albacem-Hibem-Allamar, investiu no condado d'Agueda, mediante o tradiccional tributo, um certo senhor christão que a governou em nome d'elle. Parece ainda ter havido outro conde d'Agueda, Dom Arias, cazado com Dona Aldara, de quem nasceu S. Rozendo, canonizado em 1195, e os quaes a chronica apônta como chefes da antiquissima familia dos Souzas, de Portugal.

Nada mais se apura com respeito a esses tempos escuros.

Mas, depois de resgatada do poder dos moiros, pelo rei d'Oviedo e por seu irmão Dom Frucia, o que dizem as chronicas a respeito da nossa terra?

Apenas isto, resumido pela penna ingenua de

Pinho Leal: — «Quando a resgataram, acharam-na quasi despovoada, e então povoaram-na.»

Parece um versiculo biblico... — E nisto ficámos.

*

De todo o largo ciclo historico, que vae da dominação arabe á constituição da monarchia portugueza, a chronica, como vêem, apenas nos presenteia com dois *Condes d'Agueda*, que mal chegam para enfeitar o registo nobiliarchico da nossa terra. Um d'elles — não se sabe se por miseria, se por escrupulo do chronista — nem nome tem. E' o conde *Trez-Estrellinhas*, representante e tributario d'Allamar em terras d'Agueda...

O outro, ao menos, trouxe nome e mulher para as paginas das chronicas — Dom Arias, casado com Dona Aldara. E, assim, deixou-nos margem para poder collar as azas da phantasia á hipothese de que a nossa aldeia de *Casal-d'Alvaro* pode porventura dever o seu nome a uma corrupção de *Casal-d'Aldara*. O *Casal d'Aldara* ficaria, assim, dentro d'esta hipothese, sendo como uma granja ou uma villa de recreio, ao poente d'Agueda, onde a dona e senhora de Dom Arias viesse espairecer nos seus dias de melancolia...

Seja assim?

Está bem de ver que isto é somente para não desaproveitar de todo a vaga informação das chronicas

que trouxe o nome de Dona Aldara, bem lindo por signal, até ás paginas aridas d'este capitulo.

Porque, da existencia de taes condes nada se apura para enfeite d'esta noticia; a não ser que a gente d'Agueda pretenda attribuir-lhe a raiz historica d'essa longa dinastia de nobres sem nobreza, que, em nossos dias ainda e na nossa terra, são conhecidos pelo *sobriquet* heraldico de *Condes da Venda-Nova*...

*

* *

2. — Agueda na historia de Portugal. — Foraes

Uma vez no dominio da historia portugueza — com Dom Affonso Henriques, de montante em punho, desbaratando por esse Portugal abaixo as gentes da Moirama — que nos dizem d'Agueda as chronicas do tempo?

Vae a gente folheando e refolheando documentos, e o nome d'Agueda não nos apparece nunca, a perturbar d'alegria ou de tristeza o nosso coração de patriotas!

Nem sequer o Rei-Lavrador, que cobriu de pinhaes todas as gandaras e areias das costas de Portugal, se lembrou de dispensar um salamim de penisco para arborisar e enriquecer os latifundios das nossas terras.

Pedro-Crú lá foi mordendo o coração dos matadores da Linda-Ignez, sem que ao menos um d'esses matadores se lembrasse, já não digo de ter costella d'Agueda, mas de se refugiar em qualquer coito dos donatarios da nossa terra...

Nada! nada! — A primeira dinastia, com toda a sua collecção de Affonsos e Sanchos, passou por Agueda como o gato por brazas.

E, passada a primeira, preparava-se a segunda para passar tambem do mesmo modo, se Dom Manuel se tivesse esquecido de dar foral a quanto *bicho-careta* de villas e aldeias ha dentro da actual circumscripção concelhia d'Agueda.

A derrota da India não nos procurou nem achou. Emquanto os navegadores desfraldavam velas e bandeiras triumphaes a caminho do Oriente, Agueda pelos modos andava entretida a armar os guelrichos e os côvos, alli á bocca do Ribeirinho, por mão dos seus pescadores e barqueiros que decerto deviam ter arcaboiço e alma de sobejo para ir tambem naquella gloriosa derrota.

Não foram; ou, se foram, a chronica do tempo entendeu esquecer-lhes os nomes.

Nem mesmo, mais tarde, na descoberta da Terra-Nova, que se deve aos filhos d'Aveiro, nossos vizinhos (Vilhena Barbosa, *Cidades e villas da Monarchia Portugueza)* se encontra o mais ligeiro signal do nome da nossa terra.

Nessas epochas brilhantes de descobertas e conquistas, ao lado dos nomes de Pero da Covilhan, de

Diogo de Azambuja, de Pero d'Alemquer, não temos alma d'encontrar um Vicente d'Agueda, um Thomé da Paredes, um Jacintho da Borralha, que levassem o nome das suas terras para o pantheon da historia.

Nada! Ninguem! — Andava tudo a lavrar; andava tudo a pescar...

*

Mas o logar e as terras d'Agueda existiam; e a sua existencia não era por tal forma ignorada e inutil, que — ou por instancias dos seus habitantes, ou por necessidade d'organisação administrativa — Dom Manuel não as honrasse com fóros e regalias.

Assequins teve foral em 15 d'agosto de 1514; *Aguada-de-Baixo, Forcada,* e *San'Martinho,* em 23 do mesmo mez e anno; *Aguada-de-Cima,* em 12 de setembro, idem; *Castanheira-do-Vouga,* em 16 de junho, idem; *Vallongo e Brunhido,* em 20 de março de 1516.

Mas que seccura de noticias! — dirão os meus amigos.

Foi só o que consegui saber. Nem pretendo saber mais.

Se alguem, um dia, se julgar com forças bastantes para espiolhar no pergaminho d'esses foraes o que D. Manuel disse das terras a que respeitam, vá alli á Torre do-Tombo, que elles lá devem estar armazenados — estante tal, gaveta numero tantos...

Se a nossa terra d'hoje pudesse lucrar alguma coisa com a consulta e decifração d'esses apodrecidos

documentos, vamos lá que talvez me resolvesse a ir lêl-os. Mas o sol que allumia a sua vida d'agora tem outra luz e outro calor. Além de que, os frades acabaram, e a lendaria paciencia benedictina acabou com elles; não é verdade?

*

Entretanto, a titulo de simples curiosidade, vou transcrever do *Livro dos actos da Camera d'Assequins,* na parte que se refere ao anno de 1826, uma noticia que respeita ao foral d'aquella antiga villa, em cuja circumscripção municipal se comprehendia parte do *logar de Agueda.*

Tendo sido nomeado o Dr. Joaquim Gabriel Soares da Graça, de Recardães, adjuncto do Senado d'Assequins, para, em commissão do Provedor da comarca d'Aveiro, organizar as respostas aos quesitos que, pela *Junta da Reforma dos Foraes,* haviam sido officialmente expedidos ao mesmo Senado, da sua resposta constam estas informações:

1.ª — A villa d'Assequins tem Foral que se conserva no archivo da Camara; 2.ª — Este Foral foi dado por D. Manuel em 15 d'agosto de 1514; 3.ª — Ao tempo em que o Foral foi dado, havia na villa d'Assequins *20 $^{1}/_{2}$ cazaes;* 4.ª — Todos os fóros, *eiradégas,* etc. eram pagos ao «Excellentissimo Conde da Ponte, como Donatario da Corôa»; 5.ª — Os direitos da Corôa, em 1826, do concelho d'Assequins, andavam arrendados por 330$000; 6.ª — Além dos cazaes que pagavam fôro á Corôa, havia, no districto da villa de

Assequins, um cazal da Igreja d'Agueda, outro da Serenissima Casa de Bragança, e outro da Corôa, o qual estava incluido no tombo da Villa de Recardães.

*

E por aqui me fico. — Os senhores comprehendem muito bem que, se eu fosse transcrever tudo quanto os Foraes dizem, chegaria ao fim do capitulo sem forças para arrostar com outro.

IV

1.º — Agueda e Agadão: — um bocado de grammatica. — No paiz das hipotheses.

Já agora — visto como, para se completar qualquer estudo monographico, se torna necessario esmiuçar, até aos ultimos pormenores, todas quantas referencias ha dispersas pelos documentos ou pela tradicção — devo dizer-lhes o pouco que sei sobre as origens do nome da nossa terra.

Pinho Leal, seguindo a opinião de que a actual Villa d'Agueda é a unica e legitima herdeira da antiga Eminio da Lusitania, diz que lhe «parece que o seu primeiro nome foi *Anegia,* e depois *Agatha.*»

Por que bullas a palavra Agueda se gerou d'*Anegia,* não o diz Pinho Leal em todos os volumes do seu *Portugal antigo e moderno.* Nem elle nem nenhum dos chronistas que pude consultar.

Por seu lado, o nosso patricio Velloso contenta-se com explicar a origem do nome Agueda pela maneira que se segue:

— «Nós pensamos que este nome é apenas um diminutivo d'Agadão. O rio Agueda tem a sua nascente nas fontes do Alfusqueiro e do Agadão. Agadão é uma area montanhosa, que se não circumscreve precisamente a sueste d'Agueda. D'ahi desce o rio. Porque não ha de, pois, o Agadão ter dado um bocadinho do seu nome á sua filha perdilecta.»

Ficará, por ventura, explicada assim a origem do nome da nossa terra? Não, por certo. Porque, á hipothese de Velloso que considera o nome Agueda como um simples diminutivo do nome de Agadão, o menos que pode succeder é contrapôr-se-lhe de face a face a hipothese de que o nome Agadão é um augmentativo do nome Agueda — o que não quer dizer bem a mesma coisa, ao menos chronologicamente.

Hipothese por hipothese; ou melhor, phantazia contra phantazia.

E é muito de notar, nesta conjunctura, como os veneraveis orgulhos patrioticos do poeta da *Bicha-Moira*, que vão sempre de guião desfraldado, briosamente, por toda a sua obra litteraria, arrefeceram precisamente no ensejo que melhor campo lhe patenteava para dar vazante larga áquelles orgulhos tão nobres. Porque, a braços com uma hipothese, como elle estava — sem outro signal de vida que não fosse o calor natural que lhe dava o seu coração enternecido de patriota — ninguem poderia estranhar que o poeta

se esforçasse em reivindicar para a sua terra, zelosamente, todas as primazias que coubessem dentro d'essa hipothese. E, d'entre essas primazias, offerecia-se naturalmente esta: não dar a Agadão as honras de prioridade sobre a nossa terra, considerando-a como augmentativo d'Agueda; mas sim enfeitar Agueda com as honras de radical primitivo d'onde Agadão rebentou, como um galho torto rebenta d'uma haste graciosa... — Era mais um padrão d'honra que o poeta legava ao seu *patrio ninho*, como elle uzava dizer.

E' claro que não ficava explicada a origem do nome Agueda; mas, ao menos, ficava-se a gente meio desvanecida d'orgulho com a hipothese de que a nossa terra tinha um nome por tal maneira lindo, que até um rio ignorado das montanhas, talvez filho d'algum pastor mithologico, tomou uma indigestão d'elle e se ficou chamando Agadão em signal de memoria...

O nosso patricio, porém, não o entendeu assim. Quaes fossem as razões que elle, acaso, invocava para considerar Agueda como um diminutivo d'Agadão, não sei. Quer-me parecer, entretanto, que não teria outras além d'aquellas que se podem invocar para admittir a hipothese contraria.

Agueda é um diminutivo d'Agadão? Agadão é um augmentativo d'Agueda? — Qual dos nomes tem prioridade chronologica?

Respondam como quizerem, na certeza de que, d'essa resposta nenhuma elucidação resulta para a origem da palavra. Nenhuma elucidação, nem nenhum

beneficio ou prejuizo para quem responder. — Ficaremos na mesma.

*

* *

2.— «Anegia», Terra da Boa-Fortuna.— «Agatha» e «Agda»

A hipothese do vocabulo *Anegia*, dado como raiz fundamental da palavra *Agueda*, não sei que valor possa ter. Oiço dizer que *Anegia* é uma palavra grega. Será. O que não ouvi dizer a ninguem, ainda, foi como d'*Anegia* se fez *Agueda*.

Entretanto, Vellozo, no seu estudo d'investigação ácerca da nossa terra, affirma que Agueda, *em grego*, quer dizer *terra da boa fortuna*.

Ora este *grego*, citado por Vellozo, será o vocabulo *Anegia*, citado por Pinho Leal? — Sendo-o, resta-nos ainda investigar quaes foram os factos historicos ou lendarios em que a tradicção se firmou para chamar a Agueda a *Terra da Boa Fortuna*.

Para ter um nome d'este feitio poetico, seria preciso que Agueda, nos monumentos da sua historia ou da sua lenda, tivesse qualquer facto em relevo que justificasse d'algum modo os enfeites baptismaes d'aquella nomenclatura.

Mas a historia primitiva d'Agueda nada diz; a sua lenda e a sua tradicção esfarraparam-se como se esfarrapam as sedas velhas.

Como explicar, pois, a concordancia d'aquelle nome tão graciosamente significativo com a vida habitual da nossa terra, que ninguem ousa affirmar se foi de boa ou má fortuna no tempo em que lhe chamaram assim?

*

Restam-nos os vocabulos *Agatha* e *Agda*, que Pinho Leal, bizarramente, tambem offerece como raizes etimologicas do nome da nossa terra.

Ora estes, sim: estes escrevem-se quasi com as mesmas lettras do alfabeto, e têm, a bem dizer, o mesmo timbre e o mesmo geito d'andar.

Fructos do mesmo galho, não ha duvida.— Se não são o nome de baptismo da mesma criatura — *Agatha*, *Agda*, e *Agueda* — são pelo menos o nome de trez irmans gemeas, concebidas do mesmo ventre. E, embora esta phenomenal fecundidade não seja lá muito de acreditar á primeira, num simples caso de etimologia, em nada nos deve repugnar que qualquer d'aquelles dois vocabulos de forma antiquada seja o radical legitimo da palavra *Agueda*.

De mais a mais, os nomes são lindos... — E, nisto, como em tudo, meus amigos, quando, em face d'um problema confuso, a sciencia fraqueja e dá parte de doente, não ha nada como invocar a phantasia, impressionar o coração, e pedir-lhe o seu conselho.

Para que se criaram, no paiz das chimeras e das illusões, os sonhos e os devaneios dos poetas?

Nas *Cidades Mortas de Portugal* (*Boletim da So-*

ciedade de Geographia, 5.ª serie, n.º 2, pag. 79) diz Borges de Figueiredo:

—«... o nome primitivo da villa foi inquestionavelmente *Santa Agatha*, e não simplesmente *Agata;* e, tendo esta dama morrido em prisão no anno 251 e sido canonisada logo, espalhando-se notavelmente a fama dos seus milagres... o nome da Santa foi dado á povoação ainda no III seculo.»

Uma Dama, uma Santa, a legar o nome á nossa terra! — Chego a ter pena de que o nosso Velloso não tivesse lido as *Cidades Mortas de Portugal*, para estimular com esta curiosa informação a sua alma impressionavel de poeta, e ir logo, de caminho, agasalhar o sarcophago d'essa Dama com o setim do seu pavilhão patriotico ou cahir de joelhos no altar d'essa Santa a agradecer-lhe o precioso legado que nos deixou...

*

Ácerca do vocabulo *Agda*, como radical originario do nome da nossa terra, dá-nos Pinho Leal esta informação curiosissima:

—«... no Languedoc (França) ha uma cidade episcopal e porto de mar, sobre o rio *Erool*, chamada *Agda*.

> Não longe d'Agueda, no antigo concelho d'*Eixo*, comarca d'Aveiro, ha uma freguezia chamada *Eirol*. Isto tem-me feito scismar. Quem me diz a mim que alguns nautas francezes que subiram o Vouga e depois o Agueda (pela barra d'Aveiro) puzessem a esta villa, em tempos remotos, o nome d'Agueda, pela tal ou qual similhança que tivesse com a sua *Agda*, e á freguezia d'Eirol o nome do seu *Erool*?»

Tudo pode ser. E esta hipothese, como explicação da origem historica da nossa terra, não está em desharmonia por forma alguma com os seus misteres habituaes de ha muitos annos, intimamente ligados á serventia do seu rio, como são a pesca e a navegação.

Trata-se de nautas francezes; e os marinheiros do mar largo, quando embocam pelos rios de pequeno curso, tornam-se barqueiros e pescadores.

Ora pescadores e barqueiros são os homens d'Agueda.— São, ou foram: porque as industrias da navegação e da pesca na nossa terra estão hoje numa decadencia miseravel.

*

E eis tudo quanto se sabe e quanto se tem escripto sobre o assumpto, de que eu tenha conhecimento.

Pondo de remissa a hipothese de Velloso, que não tem valor algum linguistico, fica de pé a hipo-

these dos vocabulos grego, latino, e francez como presumiveis radicaes originarios do nome *Agueda*.

Mas o *Anegia* grego e o *Agatha* latino surgem-nos, no campo da hipothese em que estamos, absolutamente desacompanhados de qualquer informe sufficientemente documentado que lhe dê realce e justifique a sua concordancia historica com o actual nome da nossa terra. — São como dois espectros de magica velha, que passam ao fundo da scena com o proposito só de entreter a vista do espectador.

Outro tanto não succede, ao meu parecer, com o vocabulo *Agda*, por traz do qual irradia o fulgor brilhante d'um documento muito curioso, cuja authenticidade não pode ser contestada senão por virtude d'outro documento, que ninguem adduziu ainda.

*

Mas quer isto dizer, por ventura, que tenho como averiguado que o nome actual da nossa terra deriva do vocabulo *Agda*?

Não. Já agora sairei d'este capitulo como entrei, embora levemente abalado pela verosimilhança historica d'esta ultima hipothese. Nem ao menos me privarei de lhe chamar hipothese — hipothese, sómente — para não me enganar a mim mesmo e não quebrar a firmeza em que estou de não acceitar nenhuma em absoluto.

Porque, como estão vendo, d'hipotheses partimos e a hipotheses chegamos por fim — tudo vago, tudo

em conjecturas, tudo mais ou menos á flor da phantasia, com um documento só que mal chega para firmar os nossos passos incertos e vacillantes.

E, assim, fica tudo nas nuvens, fica tudo no ar... — A' phantasia d'um poeta, os vocabulos que citei como radicaes do nome *Agueda* podem servir á maravilha para urdir uma lenda e enquadral-a num poema. Outro tanto não deve succeder perante o discernimento critico de quem, nestes delicados assumptos historicos, pensa e escreve, terra a terra, esforçando-se por não se afastar nunca da authenticidade provada dos documentos e da tradicção.

V

1. — No tempo dos Francezes. — O heroe do Ventozo, e o «Triste-de-mim.» —

Na auzencia quasi absoluta de documentos, este capitulo, como os restantes capitulos d'este livro que tratam da historia d'Agueda até 1850, é defficientissimo. O que não quer dizer, com referencia especial ao assumpto d'esta pagina, que a historia das invazões francezas, na nossa terra, seja por tal forma interessante que valha a pena a gente lamentar-se de que os documentos não abundem. Não.

O periodo guerreiro das invazões não deixou vestigios de consideração. Foi nuvem que passou, ao de leve, sem fazer estragos de maior. Pelo menos a tradicção popular pouco ou nada diz da chronica de Agueda nesses tempos — o que revela sufficientemente que a historia das invazões francezas não chegou a crear raiz nas terras do nosso concelho.

Alguns documentos apparecem, entretanto, e a elles

faço referencia no texto, por d'algum modo interessarem á vida regional d'Agueda.

*

Comecemos por não dar conta do boato mais ou menos insistente que attribue aos francezes a profanação da egreja da Villa d'Agueda e o roubo do altar de prata do Senhor-Jesus. E' um mero boato que carece absolutamente de confirmação.

E, registado o cazo como um boato innocente, vejamos quaes os vestigios historicos aproveitaveis para fazer, em escorço, a historia dos francezes em Agueda.

Ha por lá, perdidas no coração de muitos velhinhos, noticias tragicas das invazões; mas a nenhuma d'ellas podemos tambem dar credito, para que este trabalho d'investigação historica não perca logo de principio o ar d'austeridade que lhe convem.

O *Maneta*, de Paredes, que assistiu em pessoa á batalha do Bussaco, e que falleceu em julho de 1881, com os seus lindos 105 annos d'idade, trazia sempre a sua velha patrona de soldado cheia d'anecdotas da guerra, que, depois de bem escovadinhas e joeiradas, tinham alma para encher um livro... — Não havia, por certo, de ficar-lhe atraz aquelle heroico e aventureiro velhinho do Prestimo, que falleceu no logar do Ventozo, com 111 annos d'idade, e se chamou João Ferreira de Vasconcellos. Depois de se cazar quatro vezes (o que, só por si, faz a biographia historica d'um homem) foi bater-se na guerra do Roussillon, tendo

assentado praça aos 16 annos, em 1793, num batalhão nacional d'infantaria. Não havia de ficar atraz ao *Maneta*, não... Porque elle andou por terras de Hespanha e de França; tomou parte na batalha do Vimieiro, onde os francezes soffreram uma derrota memoravel; entrou na batalha do Bussaco e das Linhas de Lisboa, ao tempo em que Massena invadira o reino: — por signal que esta ultima batalha tinha-a annotada no hombro com duas cicatrizes gloriosas... E, como se tudo isso fosse pouco ainda para encher a biographia honrada d'um alferes, lá vamos mais tarde encontral-o, no posto de capitão da 4.ª companhia do Regimento 22.º do senhor Dom Miguel, no Cerco do Porto, em Souto Redondo, á lambada aos malhados!... Com setenta annos d'aventuras aos hombros, calculem lá as lindas historias que esse velhinho não teria para contar! (*Soberania do Povo*, n.º 927, de 8-3-1888.)

*

Mas uma anecdota, que toda a gente da nossa terra conhece, é aquella do *Triste-de-mim*, a quem o rapazio perseguiu até aos derradeiros dias da sua vida. E, como é uma anecdota alegre, ella ahi vae:

A alcunha do *Triste-de-mim* foi ganha, segundo por lá se contava, em plena batalha do Bussaco, quando a fuzilaria era mais atrevida e as balas assobiavam aos ouvidos dos heroes.

Estava o bom do nosso patricio no seu posto d'honra, já se vê, com a escopêta a vomitar ferro para

cima do inimigo, quando uma bala certeira veio de lá e lhe derrubou um camarada da fileira.

— Oh ! demonio ! — disse elle, de si p'ra si.

E, procurando, *estrategicamente*, e *airozamente*, evitar a triste sorte do seu camarada, tratou logo de fingir-se incommodado dos intestinos, de dirigir-se ao sargento da companhia, e de fallar-lhe assim com estas queixosas palavras :

— O' meu sargento, dá-me licença d'ir alli ?...

E, contorcendo-se muito, de mãos na barriga, como para assignalar bem, e com propriedade, a razão porque pedia a licença, conta-se que o bom do homem obtivera uma resposta violenta, sublinhada com uma coronhada nas costas :

— Ah ! seu mariola ! Já p'ra a fileira !

Ao que o pobre do soldado, contorcendo-se sempre, ainda retorquiu, com lagrimas na voz :

— Ai ! Triste de mim !...

... Ora não se sabe se o *Triste-de-mim* alliviou acto continuo do mal que o atacou... O que se sabe é que, ao fim da batalha, o bom do homem tinha litteralmente borrada toda a sua baixa-de-soldado. — *Triste-de-mim* perante os camaradas, perante os superiores, perante os patricios... *Triste-de-mim* perante a Historia !

*

* *

2. — Assequins, Casal d'Alvaro, e Recardães: — documentos historicos.

Fique, entretanto, o caso do *Triste-de-mim*, reduzido como merece ás proporções de simples anecdota, porque é muito natural que o soalheiro da nossa terra seja o unico responsavel pela invenção d'esse caso pittoresco...

E vamos lá aos francezes.

Como já se disse, raros são os vestigios historicos das invasões pelas terras do actual concelho d'Agueda. Conta-se que os francezes andaram por aqui, em roubos e assaltos pelas propriedades; mas nada de precizo se consegue apurar com honras de acontecimento historico.

Profanações? sacrilegios? assassinios? — Talvez que houvesse um pouco de tudo isso. Entretanto, para não cahir outra vez no dominio da anecdota e da tradicção local (em que, diga-se de passagem, o soldado da invasão franceza é sempre um ousado galanteador, ao menos no parecer das velhinhas lá da terra...) vamos agora ver o que os documentos dizem sobre o assumpto das invasões.

Temos em primeiro logar, a 22 de julho de 1808, uma sessão extraordinaria do Senado d'Assequins, a convite do doutor José Pedro da Costa Barradas, Juiz de Fóra de Recardães, á qual assistiu o povo d'aquella villa e concelho, e onde foi apresentada uma proposta

da iniciativa do mesmo Juiz de Fóra, para o fim de se averiguar «se querião voluntariamente dar algum donativo pera ajuda da despeza da Relligião, da Patria, dos nossos filhos e Bens.» Ao que todos responderam que «darião voluntariamente hum terço da contribuição que antiguamente se lhe tinha posta... e que munto mais darião... se não foce o grande pezo e despeza que este Povo todo tem sofrido com as pasagens das tropas...»

Tropas francezas? Pode ser. — Porque no Auto e Conferencia do Senado, a 24 de fevereiro do mesmo anno, logo se deliberou propôr, para commandar as ordenanças da companhia da villa d'Assequins, o Capitão-Mór da mesma villa, Luiz Antonio d'Albuquerque da Fonseca Araujo, «pella boa aseptação que tem merecido aos Povos d'esta capitanoria Mór, pello seu bom comportamento, dezenbarasso e inteligencia, que tem mostrado, e pella presteza com que se opôs com o seu Sargento Mór Manuel d'Oliveira Escada a cortar os Viveres do Inimigo na ferente das referidas companhias pellas estradas desta visinhança...»

Como esclarecimento, é bom dizer-se que esta proposta do Senado d'Assequins foi remettida ao General Governador das Armas da Provincia da Beira Alta, o qual, para cumprimento do Real Decreto do Principe Regente Nosso Senhor, de 11 de fevereiro, pedira uma relação das pessoas d'aquelle concelho que estivessem em condições de bem commandar as ordenanças da villa.

*

Ora este vestigio historico da invasão franceza em terras d'Agueda é reforçado pela «Conferencia da Camera, Nobreza, e Povo, das Villas de Casal d'Alvaro e Recardães», effectuada em 26 de julho de 1808.

Sob a presidencia do mesmo Doutor Barradas, deliberaram os officiaes da Camara e toda a mais gente reunida em sessão «concorrer com o segundo terço da contribuição que lhes havia sido imposta pello intruso governo Francez» para as necessarias despezas do Estado; acrescentando que «mais darião senão fosse o vexame que tem sofrido com a passagem das Tropas.» — Isto, diziam elles, «pello munto que amão o nosso Principe Regente, a Relligião, e a Patria.»

Temos, pois, que, pelo menos, nos antigos concelhos d'Assequins, Casal d'Alvaro e Recardães — e, consequentemente em Agueda — os francezes se faziam notar aqui pelos vexames com que sobrecarregavam os povos. O modo de dizer d'aquelles documentos refere-se evidentemente á passagem das tropas francezas. Não era o exercito portuguez que vexava os povos dos nossos sitios; se o fosse, Assequins, Casal d'Alvaro e Recardães não accorreriam tão voluntariamente a pagar os seus impostos adiantados.

*

Mas não foi sómente em 1808 que assim succedeu. — Um despacho de Lord Welington (*Correio Braziliense*, tomo v), dirigido a Lord Liverpool, e datado de 30 de setembro de 1810 (tres dias depois da bata-

lha do Bussaco) refere-se ao destino que tiveram as forças dizimadas pela refrega; e diz que os francezes, em 28 d'agosto, haviam movido «um grande corpo d'infantaria e cavallaria em marcha sobre a estrada que vae de Mortagua para as montanhas que correm na direcção do Porto.» E Welington acrescenta: «Julgando possivel que (o inimigo) trabalhasse por envolver a nossa esquerda, por este caminho, havia ordenado ao coronel Trant que marchasse com a sua divisão de milicias para o Sardão, com a intenção de que elle occupasse estas montanhas.» O coronel, Nicolau Trant, por contratempos inesperados, «não alcançou o Sardão, senão aos 28 pela noite, depois de o inimigo estar de posse do terreno.»

A este tempo estava o *Triste-de-mim* em apuros, outra vez...

Mas ha ainda outro documento, que, embora bastante vago ácerca das povoações e logares a que se refere, nos elucida até certo ponto sobre o estado a que chegou esta região ao tempo das invasões francezas.

E' um edital, datado do Quartel-General de Coimbra em 5 de fevereiro de 1811, no qual se dizia: — «Tornando-se cada dia mais urgente a necessidade em que se acha o Inimigo pelo que respeita a viveres, não se pode duvidar que elle faça alguma tentativa para passar o Mondego na primeira occasião, afim de se apoderar dos Gados e Trigos que foram transportados para o norte deste Rio; e ainda que huma grande parte destes generos tenha sido transportada

para o Vouga, comtudo, como ainda restão alguns que podem tentar o Inimigo a effeituar a passagem do Rio; Ordeno, como um meio preponderante a impedi-lo de o fazer, que no prefixo tempo de oito dias contados da data deste, todos os Bois, Cavalgaduras, Cabras, Carneiros, etc. assim como todo o Trigo, e Depositos de milho sejão transportados para o Norte do Rio Vouga.»

O proprietario que não cumprisse esta ordem seria preso e confiscado nos seus bens. Para a hipothese de não se fazer o immediato transporte dos gados e generos para o norte do Vouga, accrescentava ainda o edital: — «... serão destruidos por Destacamentos que mandarei sahir a examinar as Villas, Logares, Montes e Pinhaes, aonde possam estar occultos. Os Povos d'estas visinhanças devem desde longo tempo saber por experiencia, que os Francezes não procuram senão os logares onde possam encontrar viveres, e por consequencia os honestos habitantes do Campo que tiverem amor ás suas Familias, suas Mulheres, Irmãs ou Filhas, evitarão o serem violadas, ou degoladas aos seus proprios olhos, diminuindo os motivos que podem attrahir o Inimigo a approximar-se das suas habitações.»

*

Nicolau Trant refere-se á *experiencia de longo tempo* que os habitantes das visinhanças do seu Quartel General, entre o Mondego e o Vouga, tinham com respeito ao modo de proceder das tropas francezas. Roubos, violações, assassinios...

E nada mais é preciso dizer-se para fazer ideia das tristes condições em que os povos se achavam ao tempo d'essas guerras. Certamente que a nossa terra, collocada na estrada de Lisboa ao Porto, nada tinha a seu favor que a exceptuasse da triste condição das outras.

*

* *

3.— Apontamentos para a historia politica de Agueda, antes de 1850.

Não é facil fazer-se, por agora, a historia politica de Agueda, nos tempos que se seguem á invazão franceza. Ao bater á porta d'um patricio nosso, (José Ribeiro de Souza de Figueiredo, fallecido em 13-1-904) logo topei com as primeiras difficuldades, quando pretendi colher da sua memoria excellente quaesquer dados historicos que me servissem de guia na urdidura d'esta pagina especial. E esse nosso patricio, pela sua idade, pela sua illustração, e tambem pela historia da sua propria familia, era quem estava naturalmente indicado para me fornecer o melhor e o mais precioso de taes apontamentos.

E' que ainda estão vivas algumas das principaes familias de aquelle tempo; e ainda ha, em terras de Agueda, quem se cuide talvez e muito sinceramente nas eras revoltas dos *malhados* e dos *caipiras*, por si ou pelos seus mortos.

Nestas condições, se eu fosse a pôr neste livro

todas as informações e curiosidades historicas que pudesse arrebanhar de porta em porta, a chronica politica da nossa terra, desde a invasão franceza até 1850, não poderia deixar de ser um amontoado de coisas apaixonadas, com a forca miguelista e o chuço da patuleia, ameaçadoramente, ao fim de cada periodo.

Não a farei, pois. Outros que venham fazel-a um dia, se quizerem e puderem, quando as paixões forem apagadas de todo. — Entretanto, para de alguma forma preencher a lacuna d'esta pagina, ahi vão alguns raros apontamentos colhidos aqui e alli, *á la diable.*

1820: — «A revolução, começada no Porto em 24 de agosto de 1820, alastrou-se depressa a todo o reino. Em Agueda obedeceu-se logo á junta provisional do supremo governo, installada n'aquella cidade.

No dia 2 de setembro d'aquelle anno reunia a camara de Assequins, para em sessão prestar juramento, fidelidade e obediencia á junta provisional do governo supremo do reino.» (*Soberania do Povo*, n.º 669, de 23-8-1885).

Do respectivo livro, existente no archivo municipal, consta a acta da mencionada sessão.

«Aos trez dias do mez de setembro de mil oitocentos e vinte: n'esta villa de Assequins e casas da ca-

mera d'ella, onde vieram o juiz ordinario e dos orphãos, civel e crime, e vereadores, com assistencia do procurador do concelho, que o presente anno servem na mesma villa e todo seu termo, por S. M. F. que Deus guarde, etc. E logo pelo dicto juiz ordinario e dos orphãos foi dicto que, em virtude d'um officio ou ordem que tinha recebido do juizo de correicção, vinda da junta provisional do governo supremo da cidade do Porto, determinava n'este acto dar juramento ao clero, nobreza e povo d'esta mesma villa, na forma ordenada na mesma ordem, assim como elle tambem o queria receber na forma que determinam as mesmas ordens que foram lidas n'este acto, o qual com efeito recebeu da mão do vereador mais velho, e depois o deferiu a elle vereador e a todos os membros que compoem esta camera, e a todas as mais pessoas que n'este acto assignam e que juraram aos sanctos evangelhos obediencia á junta provisional do governo supremo do reino que se acaba de instaurar e que em nome de el-rei nosso senhor dom João sexto ha de governar até á installação das côrtes que deve convocar para organisar a constituição portugueza; juram obediencia a essas côrtes e á constituição que fizerem, mantida a religião catholica romana e a dinas-

tia da serenissima casa de Bragança; e disseram que desempenharia o quanto em suas forças coubesse e tudo o mais que lhe era encarregado. e debaixo dos termos restrictos em que a referida junta era installada; e de como todo o sobredicto foi feito com todo o socego e tranquillidade, mandou o dicto juiz e mais officiaes da camera lavrar o presente auto que assignaram com a dita nobreza e povo seu juramento. —E eu João Soares Liberal, escrivão da camera que o escrevi. — Silva; Manuel Francisco Rino, vereador; João Henriques Ferreira da Costa Oliveira, vereador; Manuel Francisco, procurador do concelho; P.e Pedro Constantino Dias de Payva; P.e José Pereira; Manuel Henriques Ferreira da Costa Oliveira: Luiz Barreto Torres de Figueiredo; Antonio Gomes Soares; Manuel Pinheiro; Joaquim de Oliveira Netto; José Rodrigues Bastos; Amancio Rodrigues das Neves; Manuel Rodrigues Bastos; Domingos Marques; Manuel de Souto; Francisco Rodrigues dos Anjos; José Henriques; Germano Antonio; Bernardino Pereira; José Ferreira da Silva; José Pedro Soares; João Ferreira; Manuel Rodrigues de Figueiredo; Manuel Gaspar; Manuel Duarte Henriques; Antonio da Silva Robusto (assigna de cruz) »

*

Este documento veio publicado no n.º 669 da «Sob. do Povo», e foi fornecido á redacção por Manuel José de Sá e Mello.

1823: — A 16 de junho d'este anno, em cumprimento de um officio do Doutor Corregedor da comarca, no qual se communicava a acclamação de D. João 6.º na cidade de Aveiro e se rogava que se procedesse á mesma acclamação na villa de Assequins, a camara reuniu, e, conforme consta da respectiva acta, procedeu-se á cerimonia da acclamação e juramento com toda a solemnidade. Nesta sessão, declarou a Camara que já no dia 10 d'esse mez determinara que se lançassem pregões publicos para que o povo se reunisse no dia 11 para aquelle effeito: e, nesse sentido, tinham sido dadas as respectivas ordens ao official de porteiro, Luiz Alves, que era do «logar de Agueda». Mas, como aquelle dia, que era de semana, tivesse sido mal escolhido para tal solemnidade, por não se poder contar com o concurso e assistencia do «Povo d'esta Villa e Concelho na maior parte Lavrador e andar empregado na Lavoura e seifa do Pão», a mesma camara deliberou mandar lançar novos pregões em que marcava o dia da festa para o domingo seguinte. — Por signal que o tal amigo Luiz Alves (era de Agueda, e basta...) não esteve para se dar á trabalheira de executar as ordens recebidas, pelo que, substituido em tal encargo pelo Alcaide do Juizo,

logo os senhores camaristas — muito justamente, aliás — o «houverão e declararão por suspenço.»

A acclamação e juramento vieram a ter logar finalmente a 16 de junho, com o concurso do clero, nobreza e povo, como era do velho estilo das pragmaticas officiaes. O que tudo cumprido solemnemente, foi no mesmo acto encarregado o Alcaide de logo nesse dia notificar «os moradores desta Villa e Concelho para que estes trez dias successivos á noite puzessem Luminarias por tam applauzivel motivo de acclamação, *pena de seis mil reis e logar de Cadêa ao que o não fizer segundo suas pocibilidades.*»

Assistiram a esta solemnidade as seguintes pessoas: — Antonio Francisco Rino, vereador presidente; João da Costa Leite, e Manuel Pereira, vereadores; Antonio Gomes de Almeida, procurador do concelho; João Henriques Ferreira da Costa Oliveira, juiz ordinario; Bernardino Pereira, juiz substituto; P.e José Pereira; Manuel Henriques Ferreira da Costa Oliveira; P.e Joaquim Antonio Ferreira da Costa Oliveira; Capitão Joaquim José Pereira Guimaraens; Antonio Ferreira Socena; José d'Oliveira Netto; José Ribeiro Guerra; José Ferreira da Silva; José Dias Bastos; Manuel Duarte Henriques; Manuel Joaquim Rodrigues dos Anjos; Manuel Rodrigues da Silva; Carlos José da Silva; etc., etc.

Extinctos os ruidos festivaes d'esta solemnidade, começam agora, pelos modos, a complicar-se as coizas da politica local. Desconfio mesmo que aquella passagem de o official Luiz Alves não querer fazer os pregões publicos da acclamação de D. João 6.º já levava a sua gota de agua no bico...

Assim: como anteriormente á festa solemne d'essa acclamação, tivesse havido, em plena egreja de Agueda, a 3 de novembro de 1822, juramento da Constituição Politica da Monarquia Portugueza, decretada pelas Côrtes Constituintes — isto por força da lei de 11 de outubro do mesmo anno — o livro das actas da camara de Assequins accusa logo estes trez factos que são de certo valor para a reconstituição da historia politica do concelho:

1.º — Tendo reunido a camara (30-6-1823) a fim de, em cumprimento da lei de 10 de junho do mesmo anno, avizar a camara precedente para tomar posse dos seus logares, o escrivão informou que não podia proceder ao necessario avizo, porque o Juiz precedente, Agostinho Jacintho da Silva, da Rua da Ponte, do logar de Agueda, «se achava prezo na cadeia desta Villa por culpas que lhe foram formadas no Juizo de Fora, da Villa de Recardaens»: o vereador mais velho, Luiz Gaspar, do Ameal, «se achava auzente para as partes do Alemtejo»: o procurador do concelho, José Francisco Caroucho, tambem se achava auzente: e apenas rezidia neste concelho o vereador mais novo, José Rodrigues Curto. — Em vista de tal informação, a camara deliberou consultar Sua Mages-

tade sobre o cazo «para determinar o que fosse do Seu Real agrado.»

2.º — Em outra sessão (7-7-1823), á qual assistiram o procurador do concelho Antonio Gomes de Almeida, e o juiz ordinario João Henriques Ferreira da Costa Oliveira, do Gravanço, a camara, em observancia da carta de lei de 20 de junho, declarou publicamente «que nenhum delles empregados hera nem pertencia a sociedade alguma secreta e das mencionadas na mesma Ley»: que até «ignoravão os nomes de similhantes sociedades»; e que, por ultimo, «se obrigavão, sob a obrigação de suas pessoas e bens, a não pertencerem a ellas daqui em diante.»

3.º — Ainda em outra sessão (22-9-1823), já com assistencia do procurador do concelho, José Francisco Caroucho, e sob a prezidencia do Juiz ordinario, foi determinado «que os actos camararios que se achavão escritos no livro antesedente.... em os quais a officialidade das Ordenanças deste Districto, o Senado da Camera, e o clero, nobreza e povo desta Jurisdicção, havião jurado e prestado obediencia á Junta Provisional» fossem reduzidos a cinzas e havidos por nullos: isto, em observancia do officio «que havião recebido do Doutor Corregedor desta Comarca.» Os quaes actos foram effectivamente queimados com solemnidade, na presença do Senado, pelo alcaide da Camara, Manuel Rodrigues de Figueiredo.

1824 — Reina a paz em terras de Agueda — á vista dos documentos, pelo menos. As acclamações e

juramentos estão suspensos, por agora. As *novas justiças* de Assequins tomam posse dos seus cargos, e, de mão espalmada sobre os Santos Evangelhos, juram guardar em tudo «o serviço de Deus e o de Sua Majestade Fidellissima, que Deus Guarde, segredo de justiça e ás partes seu Direito.»

Posto o que, logo tratam, muito comezinhamente e muito praticamente, de proceder á arrematação do «assougue do Butareo», o que denota de certo modo que aquillo agora vae tudo em boa paz e de barriga farta... Com *baca* duas vezes por semana, a 50 reis o arratel, Agueda descansa e trata de palitar os dentes.

Por ventura, o mais que haverá a fazer em todo o anno (vou com o que dizem os documentos) é uma ou outra *correição da raposa*, para o que bastará ao respectivo Senado lançar o pregão publico do estilo e passeiar-se officialmente, em cortejo, até ás poldras de Bulfiar, com o senhor Procurador do concelho á frente. Uma vez ahi, tratará de cortar «arbustos na margem do Rio deste termo e na ferente de hum quartão de terra de Joaquim Ferreira, do Ribeiro de Bulfiar, desfazendo-lhe todo o tapume que pode impedir a passagem do Rio...» ou coiza similhante. Depois do que, e «segundo o uzo e costume de todos os annos... o dito Procurador, atirando pedras até meia veia do Rio, em sinal de concervação da posse deste concelho até á mesma meia veia da agua», dará por bem havida esta correição, e logo o Senado de Assequins e todo o Povo que alli foi para testemunhar o acto solemne regressarão ás suas cazas.

De acclamações e contra-acclamações, nada dizem as actas de 1824.

— — —

1825: — No dia 29 de junho d'este anno, deu-se «o encontro do Marnel, junto do Vouga, entre o exercito liberal e as forças de D. Miguel. Os dois exercitos tinham-se batido na Cruz de Mouroços em dia de S. João, retirando o exercito liberal sobre o Porto, d'onde se refugiou na Galliza, depois de abandonado pelos officiaes que tinham vindo no *Belfast*, que os conduziu á Inglaterra.» (*Sob. do Povo*, 29-6-1893.)

— —

1826: -- Depois de devidamente empossadas dos seus officios, as novas justiças de Assequins tratam logo de proceder á nomeação de um novo official de porteiro, a qual recae em Antonio Pedro Malhão, «morador no Barril d'Agueda, termo de Paus.» É-lhe arbitrado o ordenado annual de 2:600 reis — «metal pago em dois pagamentos, semestralmente.»

Pois logo neste anno quiz a má sorte do Malhão que esses tristes proventos lhe fossem arrancados do corpo a poder de trabalho. Foi o caso que, não fallando já nas restantes e variadas obrigações do seu cargo, elle teve que se haver, pelo menos, com a proclamação de dois pregões publicos de largo alcance politico, o que decerto lhe deixou os seus pulmões de submisso e honrado funccionario em estado de, só em

drogas de botica, consumirem o dobro de aquelle mesquinho ordenado.

Foi, primeiro, a proclamação de Sua Alteza Real a Serenissima Infanta Dona Izabel Maria (24-7-1826), seguindo-se-lhe logo, a 31 do mesmo mez, o Auto de Juramento da Constituição, com muitos vivas a El-Rey D. Pedro quarto Nosso Senhor.

Assistiram a esta sessão solemne e assignaram o respectivo auto as seguintes personagens: — Bernardino Pereira, juiz ordinario; Manoel Ferreira da Costa, e Manoel Antonio Ferreira Gonçalves, vereadores; José Francisco Pereira, procurador do concelho; Manuel Gaspar, e José Francisco Caroucho, almotaceis; Luiz Antonio d'Albuquerque da Fonseca Araujo, capitão-mór das ordenanças da villa de Assequins e Districto; José Ferreira Bicho, Professor de primeiras Letras do Lugar de Agueda; João Ferreira Bento, Alcaide da Villa; Antonio Pedro Malhão; Antonio Gomes Soares, escrivão da camara; José d'Oliveira Netto; Antonio Alves; José Dias Bastos; Agostinho Manuel da Silveira Corte Real; José Marques da Fonte; José Ribeiro Guerra; Manuel José Cardoso; João Ferreira; Manuel do Souto; Amancio Rodrigues das Neves; José Joaquim Thomaz; José Bento; João José Pereira; José de Almeida; Verissimo de Oliveira; Francisco da Silva; Luiz Duarte; Manuel Simões Pavão; João Henriques; e Luiz da Silva.

Os quaes, todos, ao fim da sessão, se dirigiram em cortejo á egreja matriz de Agueda, onde foi cantado

um solemne *Te-Deum*, como adiante se dirá mais de espaço.

1827-1830: — Falta o livro das actas da camara de Assequins, respeitante a este periodo. Apenas me foi permittido saber que, em 1831, exerciam as justiças do senado, as seguintes pessoas: — José de Oliveira Netto, juiz ordinario; João Thomaz, e Jeronimo de Oliveira, vereadores; e Antonio José Ferreira de Figueiredo, escrivão.

E, a proposito — muito embora o assumpto não se preste a caber bem neste capitulo — ahi vae a noticia das formalidades uzadas annualmente na constituição das *justiças novas*, o que não deixa de offerecer certa curiosidade.

Havia duas categorias de vereadores — *de pelouro* e *de barrete*. Aquelles eram de nomeação do corregedor da comarca; estes de eleição do clero, nobreza e povo.

Em todos os fins de anno, procedia-se solemnemente á abertura de um cofre, que estava fechado com tres chaves dentro da arca da camara, e onde se guardavam os *pelouros* das Justiças. Aberto o cofre, tirava-se de dentro a *sacca dos pelouros*, a qual estava cosida e lacrada com todos os cuidados. Aberta esta por sua vez, logo um *rapaz pequeno* mettia a mão lá dentro e escolhia á sorte um dos *pelouros*, que vinham a ser pequenos *escriptos* ou *pautas*, lavrados pelo proprio punho do corregedor e devidamente envolvidos em *cêra*. Cada um d'estes pelouros continha os

nomes das justiças que haviam de servir em cada anno do triennio.

Se acaso algum dos nomes sorteados correspondia a pessoa que já não existia, estava ausente, ou por qualquer circumstancia impedida de exercer o logar, procedia-se então: em acto seguido ou numa sessão proxima, á eleição do *vereador de barrete* que havia de substituir aquelle *vereador de pelouro*. A eleição era feita por listas, as quaes eram guardadas dentro dum *barrete*, e donde, ao fim de tudo, eram extrahidas e lidas por sua ordem. — Proclamado então o eleito, estava constituida a camara nova.

Ora deve ter sido desta *eleição de barrete*, que se originou — para mais tarde fructificar assombrosamente! — a muito fallada e muito vulgar *eleição de chapellada*, que, sob o regimen novo do constitucionalismo, chega a assumir fóros de instituição social...

...E, com esta observação innocente, está fechado o parenthese.

1831: — A *Soberania do Povo* de 12-8-1888 publicou a seguinte lista de prezos politicos que, na data de 1831, existiam nas cadeias de Aveiro e que pertenciam ao actual concelho de Agueda: — Adriano de Santiago Pires Monteiro, academico, de Aguada de Cima; Agostinho de Oliveira Santiago, carpinteiro, *idem*; Antonio Ferreira Rez, sapateiro, de Agueda; Antonio Ferreira da Silva Assucena, alfaiate, da Borralha; Antonio Joaquim Pereira Pinto, academico, de Barrô; Antonio Joaquim Santiago Pires Monteiro,

advogado, e sua mulher, de Aguada de Cima; Antonio José d'Almeida, escrevente, d'Agueda; Bernardino Simões Conceição, cirurgião, de Bellazaima; Caetano Cabral da Silveira Arez, escrivão, de Espinhel; Francisco Rodrigues de Carvalho, do Sardão; Francisco Rodrigues da Silva, tenente coronel de milicias, da Castanheira; Francisco Santiago Monteiro Pires de Castro, alferes de ordenanças, de Aguada de Cima; Henrique Ferreira Assucena, lavrador, da Borralha; João Rodrigues Pereira Coelho, d'Agueda; Joaquim José da Costa, carpinteiro, de Barrô; Joaquim José de Pinho, cirurgião, *idem*; Joaquim Pedro Soares Camarrão, sapateiro, de Agueda; Joaquim Pinheiro Brardo, canteiro, da Borralha; José Cassiano Dias da Silva, filho-familia, da Castanheira; José Gonçalves de Araujo, negociante de Agueda; José João, ferreiro, de Aguieira; José Marques Pereira, do Sardão; José dos Santos Oliveira, capitão de ordenanças do Carqueijo; Luiz Antonio d'Albuquerque, capitão-mór, de Agueda; Manoel Ferreira Assucena, sapateiro, da Borralha; Manoel Gomes Martins, proprietario, de Aguieira; Manoel d'Oliveira Lopes, filho-familia, de Agueda; Angelica Delfina, taberneira, solteira, de Aguada de Cima.

1832: — Cá temos agora, mais uma vez, a camara d'Assequins, em sessão solemne, por signal que a ler e a publicar o manifesto de D. Miguel. — O facto, em si, pouco ou nada diz de interessante para a historia politica do tempo. Por D. Miguel ou por D. Pedro, os

homens da nossa terra iam cumprindo officialmente o seu dever de cidadãos portuguezes — o que não quer dizer que, extra-officialmente, as coisas corressem em tão boa paz como pelos documentos se vê...

A acta, que se refere ao assumpto, diz assim:

> — «Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e trinta e dois, aos vinte e dois dias do mez de Abril, do dicto anno, nesta villa d'Assequins e Casas da Camera della, em publico acto de camera, o Juiz Presidente, Manoel João, e o Veriador mais velho Manoel Rodrigues de Bastos, e o veriador mais novo Francisco Rodrigues Curto, e o Procurador do concelho Manoel José Pereira, mandarão ler e publicar a todo o Povo deste Districto que se achava prezente o Manifesto de *Sua Magestade o Senhor Dom Miguel Primeiro* (estas palavras estão riscadas no manuscripto da acta). E logo eu Escrivão, o li, » etc., etc.

A acta nada mais diz de interessante; nem ao menos se refere ao regosijo publico que porventura houve a assignalar ò facto. Só lá mais para diante é que este *publico acto de camera* deu de si, como se verá.

1834: — Liberdade! *M. M.* «um perseguido que se recorda, no ultimo quartel da vida, d'aquelle mau

tempo da sua viçosa mocidade», disse no n.º 453 da *Soberania do Povo* (1883) o seguinte:

— «Em 8 de maio de 1834 raiou n'esta villa e concelho de Agueda o sol da fraternidade, da egualdade e da liberdade, porque uma brigada do exercito libertador, commandada pelo barão de Pico de Celeiro deu entrada n'esta villa pelas sete horas da manhã... Não podemos deixar em silencio dois individuos d'este concelho, que n'aquella epocha fizeram serviços a tal cauza (*miguelismo*) e já não vivem, recebendo mais beneficios dos liberaes do que dos seus! Dos liberaes só existem ainda, por felicidade, quatro: um que foi prezo, dois homisiados, e um emigrado, excedendo todos a edade de 76 annos.

A 18 de maio do dito anno, fez-se a acclamação de D. Maria 2.ª, que nesse acto foi reconhecida como «legitima Rainha destes Reinos de Portugal e Algarves e seus Dominios», e á qual se prestou «a devida obediencia, assim como ao governo do Senhor Dom Pedro Duque de Bragança». No mesmo acto ractificou-se o juramento prestado á Carta Constitucional.

Assignam o respectivo auto, além dos officiaes da camara: — Luiz Monteiro de Castro, escrivão; Antonio Pereira da Silva (+); Carlos José da Silva; José Ferreira de Almeida Pereira; Manoel Henriques Ferreira da Costa Oliveira; P.º José Pereira; P.º Joaquim Anto-

nio Ferreira da Costa Oliveira; Antonio Gomes de Almeida; o medico do partido, Alberto Almeida Soares; José Marques da Fonte; José Ferreira da Silva; Antonio Ferreira de Campos; Domingos Joaquim Soares; José de Almeida Pereira; Manoel Rodrigues de Bastos; José de Almeida; Manoel de Oliveira Netto; Bernardino Pereira; Antonio Ferreira; Antonio Ferreira Socena; João Ferreira d'Almeida Pereira; Francisco José de Noronha; Antonio Pellicas; Manoel José Pereira; Verissimo de Oliveira; João Martins; José Francisco Velhinha (†); Luiz Rodrigues Samico (†); João Henriques (†); José Rodrigues Salgado (†); Manoel Duarte (†); José Fernando Pereira (†); Manoel Pereira da Costa (†); Jeronymo de Oliveira Dias (†); João Fernando Simoens (†); e João Marques (†).

Passado pouco tempo sobre o acto da acclamação de D. Maria 2.ª, compareceu, na sessão camararia de 2 de junho do mesmo anno, o Delegado da Policia, João Baptista de Figueiredo Pacheco Telles, e, em cumprimento das instrucções recebidas do Sub-Perfeito da comarca de Aveiro, foram por elle demittidos o Juiz e Vereadores em exercicio «por suspeitos», visto terem servido «no intruso governo do uzurpador.» Em substituição d'estes, foram pelo mesmo delegado nomeados para Juiz Presidente, Bernardino Pereira, e para Vereadores, Carlos José da Silva, e Manoel Henriques; para Procurador-Fiscal, Antonio Gomes de Almeida; e para Procurador do concelho, Manoel Henriques Ferreira da Costa Oliveira. Foi tambem de-

mittido, por suspeito, o escrivão da camara, Luiz Monteiro de Castro, e nomeado em seu lugar Miguel Bernardino Vianna de Mello, que já servia o logar d'escrivão do Publico e Orphãos.

*

Decorrido o periodo a que se referem os factos ahi colleccionados, e que, como viram, foram todos colhidos ao *pisca-pisca* pelos velhos documentos, Agueda continua a debater-se no jogo das mais encontradas paixões da politica.

O que houve? o que se passou?

Talvez se pudesse responder a estas perguntas, se, como já tive ensejo de dizer, a chronica fosse facil de fazer-se, sem que cada facto d'ella não patenteasse desde logo a paixão de origem que havia de trazer comsigo. Odios, perseguições, torpes vinganças: os *malhados* em guerra aberta com os *caipiras*, roendo-se os figados e anavalhando-se pelas costas; as prisões de Almeida, lá ao longe, de enxovias patentes, sempre fartas e sempre esfomeadas...— Havia de ser um lindo farrapo de chronica, não ha duvida; mas não serei eu quem se abalance a fazel-a, agora. Basta, como vago esclarecimento d'esses tempos tenebrozos, que eu lhes diga isto que é de origem official:

Em portaria de 5-7-1839, dirigida ao Administrador Geral interino do districto de Aveiro, a Rainha, accusando a recepção do officio d'esta auctoridade, em que são extractadas as participações sobre occor-

rencias criminaes do districto, diz que «não pode deixar de deplorar as que tiveram lugar nos concelhos de Cambra, Agueda, e Feira.» *(Colleção de Leys).*

*

E, agora, como fecho d'este capitulo — que eu não desejo findal-o, sem deixar o nome da nossa terra em condições de merecer sempre as simpathias de quem o pronuncie, muito embora de passagem e com certa indifferença — archive-se n'esta pagina um farrapinho pittoresco da sua chronica, que vale muito pelo que diz e pelo que ensina á gente d'hoje.

Quando o regimento de caçadores n.º 8 marchava de Coimbra para o Porto (18-5-1846), o povo armado na ponte do Marnel fez que aquelle corpo não continuasse a ficar na causa do governo de Lisboa. Quem n'essa occasião se dirigiu ao regimento, lendo uma declaração energica em nome do povo, foi o nosso patricio José da Silva Ruella. O major d'esse regimento era Joaquim Rodrigues da Costa Simões, o qual se suicidou em Evora (1851), sendo já tenente-coronel, diz-se que desgostoso pelos successos do Marnel.

Narra a chronica do tempo que aquelle regimento foi esperado no Marnel «por uma paizanada mal armada e peior disciplinada, pertencente ao concelho de Agueda e aos de Aveiro e Albergaria, sob o commando de João Carlos do Amaral Ozorio (Visconde de Almeidinha), a quem o commandante do dito batalhão mandou entregar 4:000 cartuchos embalados e mil pedernei-

ras. Deixaram-lhe as armas, mas a troco d'uma declaração escripta, em que o commandante e mais officiaes se obrigavam a não hostilisar a revolução.» (*Soberania do Povo*, n.º 1388, de 15-9-1892).

O facto d'este aprisionamento foi considerado como uma grande victoria para o partido popular. Na *Revolução de Setembro*, de 30-5-1846, lê-se o seguinte:

—«Entre os heroicos feitos praticados pelos portuguezes na presente lucta da liberdade contra o despotismo, não pode passar sem especial menção o procedimento denodado dos bravos habitantes do concelho de Agueda e Vouga. —Ameaçados no dia 18 pelo batalhão de caçadores n.º 8, que, desesperado, pretendia levar tudo a ferro e fogo, os povos de Agueda e Vouga correram ás armas; e, fazendo dos seus peitos um muro de bronze, suspenderam a soldadesca e obrigaram o batalhão a submetter-se ao grito nacional. —Honra e louvor aos illustres cavalheiros... que primeiro appareceram com 40 homens para fazer frente ao inimigo; honra e louvor aos srs. Ferreira de Albergaria, Pereira Pinto *(medico)*, Xavier Castello Branco, e Vellozo, que dirigiram seus concidadãos em tão nobre acção.»

E nada mais. Fique este bocado de lindo sol, triumphal e glorioso, a illuminar todo o escuro tragico da

*

noite em que por ventura mergulhou a nossa terra nos malfadados tempos das luctas constitucionaes.

*

* *

4.—*O concelho d'Agueda nos primeiros dias da sua vida.*

Quando o velho Senado d'Assequins, entretido ainda com a arte ingenua de se constituir annualmente por *pelouro* ou de *barrete*, conforme o estilo do antigo regimen, viu entrar pela porta dentro o Delegado da Policia, em nome do Sub-Perfeito da comarca, a intimar-lhe a dissolução e extincção, os senhores calcùlam como haviam de ficar tristes e desolados aquelles honrados capitães-móres, sargentos-móres, vereadores, e procuradores do concelho, que eram a fina flôr dos homens-bons da villa. Calculam decerto com que lagrimas saudozas, os velhos senhores das justiças se haviam de ter despedido para todo o sempre d'aquellas suas varas simbolicas que tanta nobrezia e tanta gravidade lhes imprimiam ás figuras.

Mas... mandava quem podia. E, em nome de quem lo-mandava, alli estava o Delegado da Policia, João Baptista de Figueiredo Pacheco Telles.

Se o tradiccional *mastro-de-Assequins* tivesse alma

para fallar, que maguado sermão de lagrimas elle prégaria então! Se o altivo e carcomido pelourinho, hoje arruinado de todo, tivesse sabido comprehender até onde iria a aniquilação das suas velhas e honradas tradicções, como elle se deixaria morrer e desconjunctar logo, pedra a pedra, para que não restasse uma areia de granito a fallar d'elle pelos tempos fóra! — Nunca mais os senhores Presidentes do Senado poderiam transportar-se ás poldras de Bulfiar a fazer a *correição da rapoza!* Nunca mais se procederia, na Praça da nobre Villa de Assequins, áquella movimentada e pittoresca arrematação do *assougue do Butareu*, com o official de porteiro, de ramo verde na mão, a affrontar os lanços de quem lançava! Nunca mais o velho Senado poderia vir por essa estrada velha de Assequins, em procissão, até á igreja d'Agueda, a fazer o seu *Te-Deum* em honra dos novos reis do seu querido paiz!

Tudo morto! tudo aniquilado para sempre!

*

Agueda acordou então. Foi no dia 23 de outubro de 1834.

Aquillo, agora, já não ficaria mais á mercê dos concelhos que d'antes a governavam — com um *quartão* de terra na jurisdicção d'Assequins, outro na de Paus, outro ainda na de Aveiro...

Nada d'isso. Agueda para os d'Agueda! Era de direito; era de lei.— Lá estava o Decreto de 9 de

Janeiro de 1834 a dizel-o nas palavras mais claras que jamais Agueda tinha lido por cima.

E, então, appareceu logo, aceiadinha e lavadinha de fresco, uma Commissão Municipal, prompta para dar as cartas sobre a administração das coizas publicas. E appareceu logo um Provedor, de ponto em branco, encartado de bacharel, prompto para fiscalisar a policia e devassar os crimes. E appareceram logo, tambem, um Secretario da Camara, um Recebedor, um Commissario de Policia, um Escrivão, um Official de Diligencias, Cabos de Policia...—todo o funccionalismo, emfim, que era precizo apparecer para pôr nos eixos e em movimento a nova roda da administração municipal!

No breve espaço d'uma sessão, estava essa roda a funccionar regularmente — e tão regularmente, que, logo ao fim de dois mezes, em janeiro de 35, ao effectuar-se a primeira eleição municipal, appareceu o primeiro *protesto* tambem, para bem publicamente se patentear como estava em vigor definitivo o novo regimen constitucional com todos os seus vicios d'origem e de organisação.

*

Vou transcrever, na integra, o *Auto de Posse e juramento dado ao Prezidente, Fiscal, e Vereadores da Camara Municipal do Novo Concelho d'Agueda*, pois que este documento, referindo-se ao primeiro acto da vereação municipal da nossa terra, assignala

uma data importante da sua historia. — É a primeira hora de vida do nosso concelho.

— « Anno do Nascimento de N. Senhor Jesus Christo de 1834 aos 23 de outubro do dicto anno, n'este Concelho Municipal de Agueda, e casas do Ex-Desembargador José Patricio Diniz, que servem de Paço do Concelho, aonde eu Escrivão e Secretario vim com o Presidente da Commissão Municipal interina da Villa de Assequins, Bernardino Pereira, e os Vereadores Carlos José da Silva, e Manuel Henriques, e o Procurador Fiscal, Antonio Gomes d'Almeida. Sendo prezentes os Membros da Nova Camara Municipal do Concelho de Agueda, o Prezidente o Doutor Joaquim Ignacio de Lima Meirelles ; o Fiscal Joaquim Augusto Xavier Castello Branco ; e os Vereadores José Bento Ribeiro de Magalhães ; Joaquim de Mello Pinto Leitão, e Luiz Antonio de Albuquerque ; Logo o dito Prezidente interino deferio o juramento dos Santos Evangelhos aos ditos Membros de baixo do qual jurarão = Manter a Carta Constitucional da Monarchia Portugueza, observar as Leis, e cumprir exatamente as obrigações de seus cargos. = E d'esta maneira a Commissão Municipal interina os houveram de posse de seus cargos, e o juramento por prestado,

entrando logo no exercicio de suas funções na conformidade do artigo 21 do decreto de 9 de Janeiro do corrente anno. E para constar mandarão fazer este auto que assignarão. Eu Miguel Bernardino Vianna de Mello, Secretario interino, o escrevi e assigno. »

Aqui deixo tambem assignalados, como é devido, os nomes das primeiras auctoridades e funccionarios do concelho:

Provedor: — Dr. Antonio Luiz Mendes Pires;
Secretario da camara: — Miguel Bernadino Vianna de Mello;
Commissario de Policia: — Jacintho Rodrigues Brèda;
Escrivão da Policia: — Antonio José de Almeida;
Recebedor: — Bernardino José de Mello:
1.º official de diligencias da Camara e Provedoria: — André de Freitas;
2.º official de diligencias da Camara e Provedoria: — José Gomes Pereira.

Em menos de um mez (de 23 d'outubro a 22 de novembro de 1834) estava tudo a postos — Camara, Provedoria, Policia, e Recebedoria. Só faltava casa propria para installação dos Paços Municipaes. Mas não tinha duvida. Lá estava, ás ordens e á renda, a

casa de residencia do velho Desembargador José Patricio Diniz, com as installações indispensaveis para accomodar a *gente nova*.

E, posto isto, toca a trabalhar!

*

* *

5. — Divisão administrativa, judicial, e militar do concelho d'Agueda, antes do regimen constitucional.

Dentro da actual circumscripção do concelho d'Agueda estão comprehendidos os seguintes 14 concelhos ou julgados do antigo regimen: — Aguada de Cima, Aguieira, Assequins, Barrô, Brunhido, Casal d'Alvaro, Castanheira do Vouga, Ois da Ribeira, Prestimo, Recardães, Segadães, Serem, Trofa, e Vouga. Pertencem tambem ao concelho d'Agueda algumas povoações, que, no antigo regimen, estavam comprehendidas nas circumscripções dos concelhos d'Aveiro e Paus, como eram, por exemplo, dentro da actual freguezia d'Agueda, os lugares das Barreiras, de Paredes, de Souralvo, e parte da propria villa d'Agueda, a qual se achava distribuida por 3 concelhos ou julgados differentes (Assequins, Aveiro, e Paus.)

Para melhor se comprehender a divisão territorial do actual concelho d'Agueda no antigo regimen, consul-

te-se o seguinte quadro que foi elaborado em face de uma serie de mappas muito curiosos, coordenados pelo extincto secretario da camara municipal, Manoel José de Sá Mello, e publicados em 1881, nos numeros 211 a 226 da *Soberania do Povo*. Este quadro indica minuciosamente as sédes do *concelho* ou *julgado*, da *comarca*, e da *capitania-mór*, a que pertenceram as povoações de cada uma das freguezias que constituem o actual municipio d'Agueda.

ANTIGA DIVISÃO TERRITORIAL DO CONCELHO DE AGUEDA

Fregue-zias	Povoações	Concelhos ou julgados	Comarcas	Capitanias-móres
Agadão	Alcafaz	Castanheira do Vouga	Feira	Ovar
	Aljão	»	»	»
	Bertufo	»	»	»
	Bouldêa	»	»	»
	Catraia de Baixo	»	»	»
	Cazêlho	»	»	»
	Cóvo	»	»	»
	Felgueira	»	»	»
	Foz	»	»	»
	Guistola	»	»	»
	Guistolinha	»	»	»
	Lazaro	»	»	»
	Lomba	»	»	»
	Louza	»	»	»
	Povoa da Urgueira	»	»	»
	Povoinha	»	»	»
	Reconco	»	»	»
	Sobreira	»	»	»
	Valle de Figueira	»	»	»
	Valle do Castanheirinho	»	»	»
	Villamendo de Baixo	»	»	»
	Villamendo de Cima	»	»	»

Freguezias	Povoações	Concelhos ou julgados	Comarcas	Capitanias-móres
Aguada de Baixo	Aguada de Baixo	Barrô	Aveiro	Sangalhos
	Borralha	»	»	»
	Landeoza	»	»	»
	Passadoiro	»	»	»
Aguada de Cima	Aguada de Cima	Aguada de Cima	Aveiro	Aguada de Cima
	Aguadalte	»	»	»
	Bostello	»	»	»
	Cabeço Grande	»	»	»
	Cadaval	»	»	»
	Forcada	»	»	»
	Forno	»	»	»
	Pisão da Forcada	»	»	»
	Povoa de Baixo	»	»	»
	Povoa de S. Domingos	Aguada de Cima e Aveiro	»	Aguada de Cima e Aveiro
	Povoa do Valle do Trigo	»	»	»
	San Martinho	Aguada de Cima	»	Aguada de Cima
	Valle Grande	»	»	»
	Valle do Lobo	»	»	»
	Valle da Moleira	»	»	»
Agueda	Agueda	Assequins, Aveiro e Paus	Aveiro e Barcellos	Assequins e Oïs da Ribeira
	Alhandra	Assequins	Aveiro	Assequins
	Amoial	»	»	»
	Assequins	»	»	»
	Atalho	Recardães	»	Recardães

Agueda	Barreiras	Paus	Barcellos	Ois da Ribeira
	Bolfiar	Casal d'Alvaro	Aveiro	Recardães
	Borralha	Recardães	»	»
	Brejo	»	»	»
	Candam	»	»	»
	Chapado	Casal d'Alvaro	»	»
	Cheira	»	»	»
	Gandara d'Assequins	Assequins	»	Assequins
	Giesteira	»	»	»
	Gravanço	»	»	»
	Massoida	»	»	»
	Oiteiro de Paredes	Paus	Barcellos	Ois da Ribeira
	Paredes	»	»	»
	Raivo	Assequins	Aveiro	Assequins
	Randam	Recardães	»	Recardães
	Rio Côvo	Assequins	»	Assequins
	Salgueiro	Recardães	»	Recardães
	San Pedro	Assequins	»	Assequins
	Sardão	Recardães	»	Recardães
	Souralvo	Aveiro	»	Assequins
	Valle do Sobreirinho	Assequins	»	»
	Vista-Alegre	»	»	»
Barrô	Azenha	Barrò	Aveiro	Sangalhos
	Barrò	»	»	»
	Carquejo	»	»	»
Bella-zaima	Alvarim	Aveiro	Aveiro	Assequins
	Bellazaima do Chão	»	»	»
	Bellazaima-a-Velha		»	»

Freguezias	Povoações	Concelhos ou julgados	Comarcas	Capitanias-móres
Bellazaima	Cêpos	Aveiro	Aveiro	Assequins
	Côrça	»	»	»
	Feridoiro	»	»	»
	Povoa de S. Domingos	Aveiro e Aguada de Cima	»	»
	Povoa do Valle do Trigo	»	»	»
Castanheira do Vouga	Avelal de Baixo	Castanheira do Vouga	Feira	Ovar
	Avelal de Cima	»	»	»
	Castanheira do Vouga	»	»	»
	Falgarinho	Prestimo	Aveiro	Assequins
	Falgaroza	Castanheira do Vouga	Feira	Ovar
	Falgozelhe	»	»	»
	Funtão	»	»	»
	Guilhão	»	»	»
	Massadas	»	»	»
	Redonda	Recardães	Aveiro	Recardães
	Residencia-Parochial	Castanheira do Vouga	Feira	Ovar
	Serra de Baixo	Prestimo	Aveiro	Assequins
	Serra de Cima	»	»	»
	Talhadas	Castanheira do Vouga	Feira	Ovar
	Valle d'Anga	»	»	»
Espinhel	Arrôta-Velha	Cazal d'Alvaro	Aveiro	Recardães
	Azenhas	Ois da Ribeira	Barcellos	Ois da Ribeira
	Barroca	Cazal d'Alvaro	Aveiro	Recardães
	Cazainho de Baixo	Aveiro	»	Aveiro

Espinhel	Cazal d'Alvaro	Cazal d'Alvaro	Aveiro	Recardães
	Espinhel	Ois da Ribeira	Barcellos	Ois da Ribeira
	Gôcha	»	»	»
	Morangal	»	»	»
	Oronhe	Segadães	Aveiro	Recardães
	Paradella	Recardães	»	»
	Piedade	Ois da Ribeira	Barcellos	Ois da Ribeira
	Vascos	»	»	»
Lamas	Lamas	Aveiro	Aveiro	Aveiro
	Pedações	»	»	»
	Villa Verde	»	»	»
	Vouga	Aveiro e Vouga	»	Aveiro e Vouga
Macieira	Carvalho	Prestimo	»	Assequins
	Macieira	»	»	»
	Ribeiroz	»	»	»
	Urgueira	»	»	»
Macinhata	Beco	Vouga	»	Vouga
	Carvalhal de Baixo	»	»	»
	Carvalhal de Cima	»	»	»
	Carvoeiro	Recardães	»	Recardães
	Cavadas de Cima	Vouga	»	Vouga
	Chans	Recardães	»	Recardães
	Cova	Vouga	»	Vouga
	Gandara de Serem	Serem	»	»
	Jafafe de Baixo	»	»	»
	Jafafe de Cima	»	»	»
	Lameiro	Vouga	»	»
	Lombada	Recardães	»	Recardães

Freguezias	Povoações	Concelhos ou julgados	Comarcas	Capitanias-móres
Macinhata	Macida do Beco	Vouga	Aveiro	Vouga
	Macinhata	»	»	»
	Meza	»	»	»
	Povoa de Chôchos	Aveiro e Vouga	»	»
	Roxio	Vouga	»	»
	Serem	Serem	»	»
	Sernada	»	»	»
	Soutello	Vouga	»	»
Ois	Ois da Ribeira	Ois da Ribeira	Barcellos	Ois da Ribeira
Prestimo	Adosferreiros	Vouga	Aveiro	Vouga
	Adosferreiros do Baixo	»	»	»
	Barrosa	Prestimo	»	Assequins
	Cabeça do Cão	»	»	»
	Cambra	»	»	»
	Carvalhal	»	»	»
	Cazal	»	»	»
	Chão da Ribeira	»	»	»
	Chouzinha	»	»	»
	Lourizella	»	»	»
	Penalta	»	»	»
	Pouzadas	»	»	»
	Prestimo	»	»	»
	Rio de Maçãs	»	»	»
	Salgueiro	»	»	»

Prestimo	Sernada	Prestimo	Aveiro	Assequins
	Sernadinha	»	»	»
	Serrascoza	»	»	»
	Valle d'Egua	»	»	»
	Valle do Lobo	»	»	»
	Varziella	»	»	»
	Venda-Nova	»	»	»
	Ventozo	»	»	»
Recardães	Cazainho de Cima	Paus	Barcellos	Ois da Ribeira
	Chouza	»	»	»
	Crasto d'Além	Recardães	Aveiro	Recardães
	Crasto de S. Jorge	»	»	»
	Espertina	»	»	»
	Ferreiroz	»	»	»
	Fujacos	»	»	»
	Ponte	»	»	»
	Povoa da Carvalha	»	»	»
	Povoa da Egreja	»	»	»
	Povoa das Laceiras	»	»	»
	Povoa da Martha	»	»	»
	Povoa do Poço	»	»	»
	Randam	»	»	»
	Recardães	»	»	»
	Sardão	»	»	»
	Vergedas	»	»	»
Segadães	Aldeia d'Almiar	Segadães	»	»
	Carvalhaes	»	»	»
	Coval	»	»	»

Freguezias	Povoações	Concelhos ou julgados	Comarcas	Capitanias móres
Segadães	Fontinha	Segadães	Aveiro	Recardães
	Palhaça	»	»	»
	Lapas	»	»	»
	Segadães	»	»	»
	Simalhas	»	»	»
	Trofa	»	»	»
	Valle dos Moleiros	»	»	»
Travassô	Almiar	Segadães	Aveiro	Recardães
	Cabanões	»	»	»
	Travassô	»	»	»
Trofa	Cheira	Aveiro	Aveiro	Vouga
	Covellas	»	»	»
	Crastovães	Trofa	»	»
	Cruzeiro	»	»	»
	Figueira	»	»	»
	Fonte	»	»	»
	Mourisca	Aguieira, Trofa e Vouga	»	»
	Palhaça	Trofa	»	»
	Trofa	Aveiro e Trofa	»	»
Vallongo	Adofernando	Vouga	Aveiro	Vouga
	Aguieira	Aguieira e Vouga	»	»
	Aldeia	Vouga	»	»
	Arrancada	»	»	»

Vallongo	Brunhido	Brunhido	Aveiro	Recardães
	Cadaveira	Vouga	»	Vouga
	Carvalhal da Portella	»	»	»
	Carvalhosa	Brunhido e Vouga	»	»
	Cavadas do Baixo	Vouga	»	»
	Formontões	Aveiro	»	»
	Lanhozos	Vouga	»	»
	Lovegadas	»	»	»
	Moutêdo	»	»	»
	Oitoiro	»	»	»
	Paço	Brunhido	»	Recardães
	Pedra-Salgueira	Vouga	»	Vouga
	Povoa do Espirito Santo	Brunhido	»	Recardães
	Quintan	Vouga	»	Vouga
	Redonda	»	»	»
	Ribeiro	Brunhido	»	Recardães
	Roxio	Vouga	»	Vouga
	Sabugal	»	»	»
	Salgueiro	»	»	»
	Sobreiro-Chão	»	»	»
	Toural	»	»	»
	Vallongo	»	»	»
	Voiga	»	»	»

VI

1. — *Politica velha.—As primeiras paginas. — 1834.*

Mal se installou a primeira Commissão Municipal interina de Agueda, na conformidade do decreto de 9 de janeiro de 1834, logo o *Miguel Ardun*, do Sardão (Miguel Bernardino Vianna de Mello, secretario interino do novo municipio) pegou da sua experimentada penna de pato, e, em obediencia ás ordens do Presidente, tratou de lavrar a *Saúdação da Nova Camara d'Agueda a S. M. Fidelissima Dona Maria 2.ª*.

E fel-o, com esta redacção pittoresca:

—«Real Snr.ª: — A nova Camara d'Agueda que hoje acaba d'instaurar-se, abrasada em puros desejos de Sua Legitima Rainha, leva aos pés de V. R. Magestade, os Sinceros votos

de regozijo, respeito, e fedelidade, pelo Augusto ascesso ao Trono destes Reinos. Ella, e seu Povo inda quando gemião agrilhoados na dura escravidão uzurpadora, sofrião com inato valor os seus rigores, na bem fundada esperança, que n'um dia de paz, e de luzes o Libertador da Patria, o Herôe dos Herôes, Vosso Augusto Pai (cuja perda já mais deixará de magoar nossos coraçoens), nos outorgaria a Carta Constitucional da Monarquià, e Colocaria no Trono a V.ª R. Magestade para a executar, e por ella ncs reger. Consumou-se a avidez das nossas esperanças; agradecidos a tantos excessos d'amor, e penhorados de tão altos Sacrificios, repectimos os protestos de respeito, e gratidão as Cinzas de Vosso Incomparavel Progenitor; e os de fedelidade, e defeza á Pessoa de V.ª Magestade, Seus Inauferiveis Direitos, e á Carta Constitucional, a que de boa-mente hipotecamos nossas pessoas, vidas, e fazenda.

Deus Guarde a V.ª R. Magestade por dilatados annos, para gloria, e fortuna da Nação Portugueza. Agueda em Camara, 29 de 8br.º de 1834.»

*

Ora, uma vez hipotecadas «as pessoas, vidas e fazenda» da camara e do povo da terra, com toda a fidalga cortezia que era propria dos bons patriotas e dos

melhores constitucionaes, logo surgiu, nos fins de dezembro de aquelle mesmo anno, a cerimonia da primeira eleição municipal.

A eleição correu tranquilla, sem incidentes. — Pelos modos, os *caipiras* tinham-se sumido por encanto...

Mas, na sessão de 4 de janeiro do anno seguinte, quando a camara nova se dispunha a tomar posse dos respectivos logares, os vogaes da commissão interina, Joaquim Augusto Xavier Castello Branco, Joaquim de Mello Pinto Leitão, e José Bento Ribeiro de Magalhães, apresentaram o seu protesto contra a validade de aquella eleição, allegando os seguintes fundamentos: — Não fôra previamente annunciado o dia certo para o acto eleitoral; — a lista dos escrutinadores não fôra devidamente approvada; — não compareceu o respectivo Parocho; — e o vogal eleito, Dr. Joaquim Ignacio de Lima Meyrelles, tinha parentesco proximo com os vogaes eleitos, Bernardino José de Mello e Manoel Gomes Martins.

O protesto foi acceito. — A despeito d'isto, porém, a camara nova não se dispensou de tomar posse dos seus logares, conservando-se em exercicio até ao dia 6 de junho, que foi quando o Provedor do concelho, Dr. Antonio Luiz Mendes Pires, se apresentou na sala das sessões, a intimar, por ordem superior, a immediata dissolução da camara eleita.

O alvará do Perfeito do Doiro, Visconde de São Gil, que mandava executar o aviso regio que respeitava ao assumpto, era do theor seguinte:

—«... Determina: Que o Provedor do concelho de Agueda passe á Salla das Sessoens da Camara Municipal do mesmo concelho, e intime á Camara o Alvará que com esta Portaria lhe é remettido, pelo qual a referida camara he dissolvida em conformidade do art.º 27 do Decreto n.º 23 de 16 de maio dc 1832, e faça constar aos Membros que formavão a Camara antecedente que deve instaurar-se outra vez em Camara provisoria para proceder immediatamente a nova elleição segundo o Decreto de 9 de Janeiro de 1834, servindo em todos os mais actos municipaes até que a Camara novamente elleita se ache definitivamente constituida.

*

* *

2.º—*Os odios antigos em retirada...—O que foi a politica-velha d'Agueda.* — «*Abaixo o governo! Viva o governo!*»

Prompto! — Estava escripta a primeira pagina de toda essa chronica pittoresca d'Agueda, em que a *Politica velha*, com as suas intrigasinhas familiares e os seus despiques mais ou menos turbulentos de philarmonicas indigenas, tece e destece dia a dia toda uma intrincada teia de coisas imprevistas, que ora vão

até ás supremas culminancias da epopeia, ora cáem de cadeiras no chão-raso do mais ridiculo *Hissope*.

Caipiras e *malhados* vão fazer acordar perante as urnas eleitoraes do novo regimen todo o odio classico que os separou em epochas heroicas. Ha alguns, *malhados* principalmente, que ainda não puderam lavar-se bem das podridões que as enxovias miguelistas lhes pegaram ao fato.

Agora, na urna, vão saldar-se todas as contas. Alli é que ellas se pagam!

Entretanto, como os tempos mudassem e as fumaceiras da guerra civil se dissipassem de todo, ao sopro d'um vento novo, as arremettidas não passam de assòmos sempre frustrados, fogo-de-vistas com uma ou outra peça de effeito, pontarias altas... *(Nota 12.ª)*

O velho odio politico estancou. Poisaram as aguias...— Succedeu em Agueda o que succedeu em todo o paiz. A urna eleitoral do novo regimen, com todos os seus defeitos e vicios originarios — desde a muito cantada corrupção das consciencias, até ás manobras classicas da mistificação eleitoral...— trouxe comsigo este beneficio: desviar as attenções d'uma tragedia para os episodios burlescos d'uma farça.

Perdeu-se em magestade o que se ganhou em commodidade.

*

Aquelle protesto contra a primeira eleição municipal d'Agueda — que, aliás, pode muito bem significar, ao menos exteriormente, um exagero de louvavel es-

crupulo constitucional, na interpretação e applicação dos novos principios — é como a simphonia-d'abertura de essa peça espectaculosa que vae representar-se em Agueda.

A peça mette musica, conspirações, *batotas*, tiranias, palhaçadas — toda uma amalgama de coisas varias, a que os caracteres das personagens imprimem feições tipicas. Ha drama, ha farça, ha lagrimas, ha cabriolas. Ao lado das figuras mais nobres, de animo firme e de aspirações fortes, arrasta-se toda a arraia-meuda dos comparsas, galopins, regedores, amanuenses... Os clamores mais profundamente e mais convictamente revoltados são muitas vezes acompanhados a pifaro de sabugueiro. E, quando a scena se commove de *fond-en-comble*, á passagem melodramatica duma grande paixão, surge sempre do alçapão do tablado a figura grotesca d'um galopim ou d'um *maitre-d'affaires* eleiçoeiro, cuja entrada vae fazer desfechar a passagem da peça na mais ruidosa e na mais irreverente das gargalhadas.— E' o *Zé-do-Forno* a bater sola por essa imprensa fóra...

*

Não se pode affirmar em verdade que a politica velha da nossa terra, a despeito de todo o ar venerando que lhe imprimem certas figuras primaciaes da sua chronica, tivesse sempre um ideal nobre á volta do qual se fizessem as suas jornadas. Não. A *Pedra-do-Escandalo* não permittia que essa politica se des-

pojasse dos andrajos que lhe vestiram logo de principio.

A coisa era esta: — politica á portugueza! Orgulho contra orgulho, vaidade contra vaidade. De aqui nasciam os odios pessoaes, as campanhas violentas, os insultos, as pedradas traiçoeiras, as proprias philarmonicas.— *Rufa, Canario!*... E, quando uma philarmonica rompia de cá, a *esgalhar* o himno do seu partido, era certo haver grossa pancadaria no caminho, se a outra ousasse vir de lá ao seu encontro...

Que importavam lá os principios politicos? — o Ideal? Do que se tratava era de saber quem havia de ser o administrador da terra ou o presidente da camara. E, para isto, era preciso pôr em jogo todas as influencias pessoaes, subornos, dinheiro, galopinagem.

Quando, d'uma vez, nas Escadinhas historicas do Zé-da-Avó, se tratou de fazer um comicio popular contra o governo de então (que por signal caiu á mesma hora em que o comicio se abriu...), o Antonio de Mello, do Vouga, rompendo pela praça dentro com toda a sua gente, e, enthusiasmado pelos himnos e foguetes com que foi saudado, gritou de cima da egua:

— Abaixo o governo!

Mas, prevenido logo de que o governo já caira e que fôra chamado outro da sua feição partidaria, o velho Antonio de Mello tirou o chapeu, e, animado sempre ao calor do mesmo enthusiasmo, emendou:

— Viva o governo!

... Era a politica d'Agueda.— Iamos ter administrador *nosso!* Esperassem-lhe pela pancada...

*

* *

3.º — O «Ribeiro-das-Allegorias» na politica da terra.— «Silveiros» e «Canarios».—As musicas na rua. —Os homens: João Ribeiro.— 1840 a 1870.

Ha no cancioneiro politico do nosso concelho, guardado na memoria d'um ou de outro curioso de velharias, o vestigio d'um epigramma que se attribue ao Ribeiro, de Coimbra — aliás de Recardães, Manoel Domingos Ribeiro — e no qual a politica desordenada dos velhos tempos, em nossa terra, é simbolicamente expressa por estes versos de pé quebrado:

Agueda é um *tello*,
mettido numa *caldeira*,
á sombra d'uma *assucena*,
regado por uma *ribeira*.

Não estranhem a forma litteraria de estes versos. O Ribeiro de Coimbra, que tambem foi conhecido pelo *Ribeiro-das-Allegorias*, era fecundo em producções artisticas de aquelle feitio. Assim: — Collaborador da *Soberania* em 1879 — a especial convite da redacção (?)

— o Ribeiro publicou no n.º 8.º de este jornal as trez seguintes *allegorias* — em verso, como elle explicava — e, ácerca das quaes elle dizia, em *post-scriptum*, que nunca recusaria «nenhum recurso! que tenha por objecto realisar a civilisação, determinada pelo progresso!»

> «1.º — Academicos! insultados! por extrangeiros aqui! é cousa! que nunca se viu! e jámais se consentiu!
>
> «2.º—As cartas! não se atiram assim a Cavalheiros! — Retirada d'embaixadores! é o nosso dever primeiro!»
>
> 3.º — Fraternisa! Academia! desafronta completa para haver alegria! nesta quadra tão funesta!»

*

Mas passemos adiante sobre a figura litteraria do Ribeiro de Coimbra — depois de devidamente revindicada, a favor d'Agueda, a sua qualidade de cidadão nado e criado na freguezia de Recardães — e vamos lá a deslindar em prosa vulgar de Linneu o acrostico misterioso de aquelles versos em que um *tello*, uma *caldeira*, uma *assucena*, e uma *ribeira*, apparecem, *allegoricamente*, a qualificar Agueda por uma forma tão bizarra.

Segundo a tradicção e a chronica, o desenvolvimento de tal acrostico é o seguinte: — Agueda é o Joaquim Alvaro *Telles* de Figueiredo Pacheco, mettida

no Francisco *Caldeira* Leitão Pinto d'Albuquerque de Brito Moniz, á sombra do Antonio Ferreira *Sucena*, e regada pelo João *Ribeiro* da Rosa Magalhães; ou, mais singelamente ainda: — Agueda é o Joaquim Alvaro, Francisco Caldeira, Antonio Sucena, e João Ribeiro.

Quer dizer: Attribuindo a cada uma de estas quatro individualidades uma certa quantidade de influencia eleitoral e politica, ahi temos o que foi Agueda, de 1840 a 1870, em toda a sua tumultuaria desordem de campanhas e intrigas partidarias.

Para completar a *allegoria* do Ribeiro, façam desfilar ainda, a dois de fundo, as philarmonicas da *musica-velha* e da *musica-nova;* desfraldem-lhe ao meio o estandarte revolucionario do *Campeão;* esquadrinhem até ás entranhas o soalheiro pittoresco da *Pedra-do-Escandalo;* — e a politica velha de Agueda surgirá, d'entre as sombras da chronica, aos gritos e ás gargalhadas, descompostamente, tal como foi nos seus tempos de mais fresca nomeada.

*

Para melhor assignalar o caracter de essa epocha, ha ainda, no cancioneiro politico de Agueda, um outro vestigio litterario muito curioso, que é preciso exhumar a toda a luz, porque, talvez mais pittorescamente do que a propria *allegoria* do Ribeiro, elle nos diz até onde se estendiam as raizes do partidarismo regional, no meio de todo aquelle silvestre matagal de paixões que foi a politica velha.

As meninas do Barril
não comem senão farellos,
para poupar o dinheiro
para lenços amarellos.

Ora isto de *lenços amarellos* em que a cantiga falla, e de *lenços verdes* em que outras cantigas fallaram tambem, por despique, prende-se de perto com a distincção partidaria entre *canarios* e *silveiros*, que eram os dois grupos adversarios por aquelle tempo. — Havia então duas philarmonicas na terra, uma dirigida pelo Rodrigues Canario, e outra pelo Manoel Noronha da Silveira: a musica dos *Canarios*, e a musica dos *Silveiros*. E como, desde os mais velhos tempos até hoje, as mulheres d'Agueda jamais se dispensaram de metter o bedelho nas rixas e nos conflictos da sua politica, logo ellas trataram de manifestar publicamente, na côr dos lenços, qual era a sua affeição partidaria, que o mesmo era que dizer: a sua paixão politica. Trajava de verde quem era dos *Silveiros*, e de amarello quem era dos *Canarios*. O *amarello* ou o *verde* no lenço d'uma mulher valia mais do que quantos pavilhões guerreiros se desfraldassem na vanguarda d'um exercito.

Para quem trajasse de amarello, o lenço verde era o demonio que lhe apparecia; e o demonio era o lenço amarello, para quem trajasse de verde.

— «Desenvergonhada! Pedaça d'asna!»

Porta na lata da cara, e prompto!

—...Viva o senhor João Ribeiro, que é o pae dos pobres!

*

Ora, com esta simpathica investidura de Pae-dos-Pobres, o honrado patriota de Agueda, João Ribeiro da Rosa Magalhães, encheu toda uma epocha, 1840-1860, pelo seu nome e pelas lidimas qualidades do seu caracter.

— No tempo do João Ribeiro... — dizem os velhos.

E os velhos, quando fallam de esse homem-bom d'Agueda, põem nas palavras uma accentuação por tal forma maguada, que toda a terra ainda hoje se commove á evocação saudosa de esse nome.

Sempre de camaradagem com o povo, quer nas suas alegrias, quer nas suas desventuras, João Ribeiro apparece na historia da nossa terra como um simbolo de honra e de intrepidez.— Commandante do batalhão dos Voluntarios, administrador do concelho, recebedor da comarca, procurador á Junta Geral, elle foi sempre, acima de tudo, um luctador de nobres qualidades, simples, ingenuo, bom, insinuante, como o proprio povo, a cuja familia pertencia de sangue e coração, e a quem defendeu sempre contra o orgulhoso predominio dos grandes. (*Nota 13.ª*)

Assim, ao lado dos fracos que foram sempre os mais fortes: os odios e as invejas assaltaram-no no caminho, morderam-no, molestaram-no profundamente. Mas, muito embora ignorante das proprias passadas gloriosas que ia dando a caminho d'um ideal novo, aprumado e forte sempre, o seu coração não era de molde a quebrar aos primeiros assaltos. E, então, des-

bravando o caminho — impiedosamente, algumas vezes — a figura de João Ribeiro impõe-se no meio da politica velha de Agueda. Elle apparece com todo o aprumo dum homem raro que vem dizer alguma coisa de bom ao coração do povo que o acclama. — Assim, a politica nova, com todo o amor patriotico que a caracterisa, tem no nome de João Ribeiro, o tronco da sua primeira dinastia.

Ha, entretanto, ao lado delle, outros homens que a tradicção aponta com respeito, e cujos traços moraes não se apagam ao soprar dos ventos mais contrarios. O Visconde velho da Borralha, o José Bruno da Ponte, o medico Pereira de Barrò, o dr. Pinho de Jafafe, os Sucenas de Agueda, o Visconde de Aguieira. (*Nota 14.ª*) Mas, o João Ribeiro, dentre todos, ficou em relevo na chronica da politica velha, talvez porque o povo soube entendel-o e tratal-o de mais perto. Dos outros, alguns, como o medico Pereira de Barrô, estavam já um pouco fóra do seu tempo, vivendo na saudade duma vida que se extinguia, chorando epochas gloriosas de martirio; outros, como o dr. Pinho de Jafafe, olhavam já muito para além do seu tempo, na ancia duma vida nova. — Só João Ribeiro teve a sorte de viver no seu tempo e de irmanar-se com a gente de elle, alma por alma, como se fossem todos uma alma só.

— No tempo do João Ribeiro...

Ahi por 1856, o Prior de Vallongo veio queixar-se a Agueda de que o povo lá da freguezia não lhe consentia disfrutar os commodos da residencia e do

passal. O Administrador de esse tempo, João Ribeiro em corpo e alma, montou no seu cavallo, deu a direita ao queixoso e entrou por esse Vallongo dentro, sem pau nem pedra.— Quem vem lá? — interrogou o povo, assomadamente. — É o João Ribeiro! — E, entre alas respeitosas, o Prior, com toda a confiança, lá foi tomar conta da freguezia que, num instante, á voz de João Ribeiro, se mudara no mais humilde rebanho de almas.

— No tempo do João Ribeiro...

Em 1860, attribuiram-lhe a intenção dum grande crime. João Ribeiro estacou, de assombrado. E, emquanto não recuperou o sangue frio, todo o concelho, pelas gazetas do tempo, desfilou em cortejo, a desfolhar os elogios mais generosos que é possivel mandar a casa dum homem a quem se imputa a responsabilidade dum grande crime. Ao fim de tudo, liquidado o caso, quando a gente esperava que elle bradasse por vingança contra os denunciadores, João Ribeiro abraçou-se aos amigos e chorou!

Estes dois factos da politica velha exemplificam, a traço fugidio, o que era a indisciplina das coisas publicas em Agueda, por esse tempo, e servem tambem para revelar o temperamento e o caracter de João Ribeiro.

*

Para rematar esta pagina do capitulo, arquive-se aqui a noticia breve dos nomes de alguns homens que representaram Agueda em côrtes por esse tempo:

— Antonio Luiz de Seabra, Fernando Caldeira, Francisco Antonio de Rezende, João José Vaz Preto Giraldes, José Estevão Coelho de Magalhães, Luiz Antonio Rebello da Silva, e Manuel Firmino de Almeida Maia.

Qual a divida contrahida por Agueda para com estes seus representantes no parlamento? Materialmente ou moralmente, Agueda ficou, por ventura, hipothecada, na sua saudade e na sua gratidão, á memoria de esses homens?

É de crêr que os nossos deputados alimentassem, a favor do circulo, as melhores intenções. A chronica, porém, ignora qual o signal com que elles corresponderam á dedicação dos eleitores.— Parece que, quando foi do traçado da estrada real de Lisboa ao Porto (entre 1850 e 1860), houve quem, perante o governo, cuidasse do assumpto. O que não está bem averiguado, ao menos á vista curta do chronista, é se esse cuidar foi por bem ou por mal dos interesses de Agueda .. Consultando-se os documentos da epoca, afoga-se a gente num oceano revolto de relatorios e pareceres. A imprensa jornalistica apanhou uma formidavel indigestão de prosas varias. Quem era por Agueda? quem era contra Agueda? O campanario local repicou desabaladamente; desde a raiz dos alicerces, as tendas e as boticas estremeceram, aos gritos das mais ardentes discussões; toda a Agueda pôz o seu nome, por extenso ou de cruz, nos variadissimos abaixo-assignados que subiram até ás altas regiões do poder, a proposito do caso... E de ahi? — Sabe-se

(e vamos lá que já não é pouco saber-se isto, para elucidação da passagem) que a tal estrada — se não fosse a attitude energica dos povos de Agueda, perante o então ministro das obras publicas, Carlos Bento, que chegou a vir á nossa terra por esse tempo — seguiria directamente da Borralha ao Ameal sem passar pela Villa!...

E os senhores deputados? — Ha alli nomes que enchem as mais lindas paginas da nossa historia parlamentar. Tribunos de forte envergadura e coração de oiro; caracteres honrados, de aquella simples honradez de outras eras que assombra as gerações de hoje! Como taes, a veneração de Agueda nunca lhes faltou nem faltará por certo.

Mas, na qualidade de *nossos deputados*, que lhes devemos nós?

Ao citar aquelle caso da estrada-real, a chronica não pretendeu, nem por sombras, deprimir ninguem. Foi só por aproveitar a informação dos documentos, e, de certo modo, por esclarecer a passagem, que, como estão vendo, ficou de todo por esclarecer. Quem era por Agueda? quem era contra Agueda? — *Dicant paduani*... (E vae aqui o latim, em memoria de João Ribeiro, que, segundo a tradicção, era homem para trocar todo o campo de Assequins por um bocadinho de latim, quando elle se prestasse a encabeçar ou a rematar um communicado para o *Campeão das Provincias*...)

....

Entretanto, a estrada lá passou por onde tinha de passar e por onde era de justiça que passasse.

E, visto como se fallou na estrada real de Lisboa ao Porto, um dos raros beneficios que Agueda recebeu do governo desse tempo, a chronica não pode ir adiante, sem registar desde já o favor que a nossa terra deve ao sr. José Dias Ferreira pela construcção da ponte nova da Villa. Foi um importantissimo melhoramento, que todos nós sabemos reconhecer, attestar, e agradecer. *(Nota 15.ª)*

*

* *

4. — *Visconde de Aguieira e o partido constituinte. — A primeira jornada do partido progressista. — Politica-nova : — 1879.*

A morte de João Ribeiro (4 de agosto de 1873) pôz nos corações dos seus leaes correligionarios um grande desalento. Á saudade pelo querido amigo alliou-se a dôr profunda pela perda do cidadão. — Era alguem que desapparecia, alguem, cuja individualidade assumira as mais graduadas preponderancias sociaes num meio, que, muito embora pequenino e de viver estreito algumas vezes, sabe bem apreciar quanto vale um caracter.

Foi sobre aquella saudade e sobre aquelle desalento que calaram muito fundo no coração de Agueda,

que a influencia politica do Visconde de Aguieira se affirmou positivamente e decididamente. Consolidou-se então o partido constituinte, levando ao parlamento, em legislaturas successivas e em absolutas treguas eleitoraes, os seguintes deputados:—Fernando Caldeira, José Dias Ferreira, Visconde de Carregôso, e o proprio Visconde de Aguieira.

Ora do Visconde de Carregôso (Gomes Brandão) disse a *Soberania do Povo* em 7 de setembro de 1879:

> —...«Este fez-nos o proveito de esmola para os pobres, o proveito de 30$000 reis!»

Os quaes 30$000 reis (não se leve a mal que a chronica diga tudo quanto sabe) foram dados pelo Visconde, para pagar a importancia duns tristes bilhetes do theatro onde se deu um espectaculo a beneficio dos pobres de Agueda.

E nada mais se apura da biographia de este illustre deputado, pelo que toca ás pessoas e coisas da nossa terra, a qual biographia, em tudo o mais, pode muito bem ser uma biographia excellente, e como tal a chronica a tem, visto nada saber que lhe demonstre o contrario.

Mas, dos outros o que se diz?

A gente de Agueda, sob a direcção politica do Visconde de Aguieira, chegou a ter pelo snr. José Dias Ferreira um enthusiasmo mal contido. Porque?

Ora aqui teem os senhores uma pergunta a que

ainda hoje, não é facil responder. A chronica, se fosse obrigada a formular uma resposta, e se, para documentar o bom juizo della, tivesse que recolher de bocca em bocca o que toda a Agueda julga dos motivos que podem justificar aquelle enthusiasmo, talvez que chegasse ao termo da tarefa sem conseguir desobrigar-se della com geito e com proveito.

Á porta dos velhos constituintes, bradar-lhe-iam:

— Viva o sr. Zé-Dias!

Á porta dos velhos progressistas, bradariam por sua vez:

— Abaixo o Zé-Dias!

E os primeiros justificar-se-iam assim:

— Tudo quanto ahi está de bom, a elle se deve!

E os segundos acudiriam logo:

— Tirem-lhe a ponte nova, e não fica um biquinho de alfinete para saldo dos beneficios recebidos...

É ainda a politica de algum dia a empanar o sol claro que agora bate de chapa nas terras de Agueda.

Nestas condições, a chronica só póde e sabe dizer isto: — É incontestavel que o sr. José Dias Ferreira, durante bastante tempo, exerceu uma alta influencia nos espiritos como nas urnas eleitoraes de Agueda.

Falta de homens na nossa terra que nos representassem dignamente no parlamento?

Mas o nosso querido patricio Fernando Caldeira? — Em 1896, na revista litteraria de Lisboa, *Branco e Negro*, escrevi:

«Da vida material do Poeta — o seu nascimento,

a sua jornada pela Via-Latina e pelo Terreiro-do-Paço — nada direi. Não tenho apontamentos, nem já agora os vou colher. Porque essa vida é absolutamente absorvida pela sua outra vida espiritual, que foi tudo nelle. Cartas de bacharel, diplomas officiaes, nada valem, quanto a mim, na bagagem dum verdadeiro Artista; são malas pesadas a que a critica costuma reservar a tarifa das pequenas velocidades... E se, porventura, o vamos encontrar nó parlamento, feito cabo de guerra do sr. José Dias, ou no governo civil dum districto a manejar eleições, quero crer que os seus discursos parlamentares foram madrigaes á visinha da trapeira e que os seus officios ao administrador do concelho foram bellos sonetos liricos. O programma politico do seu partido não conseguiu empoeirar o caminho largo por onde o Poeta fazia a sua jornada sentimental; e os planos do sr. José Dias, os seus brilhantes discursos, toda a sua politica, são, na derrota de Fernando Caldeira, simples espinheiros bravos de que elle apenas viu as flores para as cantar em verso...— Discursos no parlamento, não sei se chegou a pronunciar alguns. Mas, se tal commetteu, a sua primeira phrase não deixaria de ser assim:

«Lembras-te a noite em que me viste, triste?...»

E a redacção da sua correspondencia official deveria ter esta forma singular: — um alegrete de crisantemos em papel Tojal, assignado: *Fernando Cal-*

deira, governador civil do districto e Poeta da «Mantilha.»

. . . .

Falta de talentos, de virtudes, de tradicções? Não. — Falta de alma para a politica, pois que toda ella era ao serviço da poesia. E ainda bem, por honra da literatura portugueza!

*

Posto o que, retomemos agora o fio da palestra:

No cortejo funebre de João Ribeiro haviam enfileirado todos os seus amigos dedicados; e a dedicação provada de estes amigos não podia nem devia contentar-se com a simples manifestação commovente da sua saudade. Por isso, mal disperso o cortejo funebre, que a gente velha de Agueda relembra a cada hora como uma apotheose grandiosa e solemne, cuidou-se logo de cumprir até á ultima linha o honrado testamento espiritual do querido morto.— O nome de Albano de Mello, então, apparece na chronica de Agueda, logo pronunciado expontaneamente por cem boccas.

Entretanto, as luctas partidarias, dada a desigualdade de forças entre constituintes e progressistas, não tinham neste momento razão de ser. Camara municipal, juntas da parochia, confrarias, regedorias, estava tudo de pedra e cal com o Visconde de Aguieira. Era preciso esperar. E esperou-se resignadamente.

Mas, neste meio tempo, e a despeito das mais

decididas e mais provadas dedicações por bem servir a sua causa partidaria, o grupo constituinte de Agueda teve o maú sestro de affirmar-se á luz da chronica local como uma desvairada confraria de ingenuos, cuja desorientação mal podia ser contida pelo esforço e pelo valor de alguns dedicados mordomos. Ser ou não ser administrador do concelho, camarista, regedor, vogal da junta parochial... — eis a questão! Ora está bem de ver que, de volta com este problema politico de trazer por casa, vinham logo de trás da porta, no saquitel das surprezas, os pequeninos interesses pessoaes, os caprichos e os amúos de botica, ambições bem ou mal justificadas, um nicho de cobrador de congruas para este, outro de official de diligencias para aquelle... Porque a politica de Agueda, então, era isto, pouco mais ou menos: — o administrador do concelho, ao olimpico mecher do dedo do Visconde, a fazer politica de campanario; a camara municipal, a ouvir as anecdotas do *Senhor-Sá*, e com um tal interesse por signal, que até se conta que algumas vezes os zeladores do senado se abstiveram de encoimar os amigos de ella, só porque não desejavam que o processo das coimas fosse lá interromper a bella da cavaqueira; o regedor da parochia, em febres intermitentes de politicagem eleitoral, a ameaçar com o *Sardão* todos os barqueiros e regateiras da Praça que nem sempre estavam de boa catadura para dar vivas á Christina... *Et voilà!*

O resto era tudo *Pedra-do-Escandalo* e mais *Pedra-do-Escandalo*. Não havia a estrella dum ideal...

— Ora, adeus! A vida é de quem melhor a leva. Pansa p'ra o ar, e viva lá o sr. Zé-Dias por muitos annos e bons!

Até que, num certo momento historico, o novo partido progressista, a gatinhar ainda, mas já farto e refarto de aquelle longo entremez, deu-lhe para acordar um dia mal humorado e gritou de lá:

— Ás armas!

...E diz a chronica que este brado famoso rompeu, primeiro, lá das bandas de Alquerubim — de entre a papelada azul dumas *réplicas-juridicas* e a lombada velha dum *Correia Telles*...

*

Ahi pelos começos de 79, a politica local apresentava as seguintes figuração e disposição scenica: — Dominava o partido constituinte em toda a linha. Os progressistas, combalidos ainda do golpe profundo que a morte de João Ribeiro lhes dera, lá se iam agremiando em torno do novo chefe, fazendo tirocinio para os combates de algum dia. Entretanto, por agora, e não obstante o rijo pulso do *arraes-da-companha*, o tirocinio do partido novo mal passava de timidos exercicios de cabotagem, sempre á vista das *Escadinhas-do-Zé-da-Aró*, com muita vontade de metter a prôa ao largo, mas sem monção de vento que lhes enfunasse as velas...

Lá por Lisboa, o deputado Visconde de Aguieira gosando a paz dos seus triumphos, flanava de braço

dado ao seu amigo José Dias. Como era pouco dado ás delicias da côrte, sempre nostalgico da vida bucolica do seu solar, Agueda não era bem o seu circulo eleitoral; era, p'ra alli, uma urna de lata velha que soava a rôto por bem das suas naturaes vaidades de morgado. E pouco mais. Com a urna de Agueda debaixo das mãos, só lhe conhecia os votos, pelos modos; as almas, ao que parece, nem por ouvir dizer sabia do seu paradeiro, quanto mais das suas aspirações e do seu sonho. Ora... Aspirações para que? sonhos de que?

Em dadas circumstancias, devemos concordar que um diploma de deputado chega a ser um carrêgo. É por isso que, ao lado de aquelles que se honram deveras com elle, ha muitas pessoas que o usam por salvar as tradicções familiares, satisfazer o proprio orgulho, e tambem um poucochinho por exhibição de janotice, como quem dependura da *chatelaine* do relogio um berloque de preço...— Ora a chronica de Agueda informa que o nosso deputado não era muito de geito a tomar logar entre os primeiros. E, assim, que pretendia Agueda delle? o que era Agueda perante o commodo pessoal do seu deputado?

Favores?... É de crer que as suas intenções, a tal respeito, fossem sempre em bem que nem-ja em mal. Mas, que demonio! as coisas não se lhe ageitaram adrêde, para que taes intenções pudessem resultar boas, com o correspendente beneficio. Culpa delle, ou culpa de quem o importunou com pedidos? — A chronica não sabe responder, e passa adiante.

O Visconde não morria de amores por Lisboa — o que, aliaz, ninguem lhe pode levar a mal, visto como tal geito de não morrer é muito de toda a gente de Agueda, desde o doutor Fulano ao alfaiate Sicrano. — Agua do Botareu, ás pipas. . .

Mas parece que, de aquelle geito do Visconde, resultou em parte o mau successo de algumas das suas pretensões. — O que é certo, porém, é que, a despeito de tudo, os influentes politicos do seu partido não deixavam de o venerar no throno, um pouco talvez por saberem que o Zé-Dias estava ao torno. E, tanto assim, que a *Pedra-do-Escandalo* chegava a interromper a sua tradiccional má-lingua, só por se regosijar de tão honrosa representação. E toda a Agueda sabe que, quando a *Pedra-do-Escandalo* tal fazia — ella, que era por esse tempo uma instituição classica da opinião publica local — nada mais se tornava preciso para consagrar um homem.

*

A camara de Agueda, um pouco á imagem e similhança do nosso representante em côrtes, lá ia arrastando, cahin-cahá, a sua indolencia tradiccional. Não que o orçamento não dava para festas, valha a verdade. Apezar de que, com um poucochinho de energia, amor patrio, e outras virtudes de bom tempèro, seria possivel recolher e amealhar algum pataco das sobras do orçamento, embora mesquinhas. Amealhar ou negociar por fóra, em bons termos, como mais

tarde se fez ao tempo dos progressistas. — Mas, pelo visto, a paz pôdre da politica de então, com os seus regalos e commodidades, não dava tempo a pensar nisso. Nem a camara tinha mais que fazer... Nada. Quem viesse atrás, que fechasse a porta.

Deve dizer-se aqui, em honra da verdade, que, graças talvez aos disvelos burocraticos do *Senhor-Sá*, o orçamento municipal não soffria um abalo no seu equilibrio: receita por despeza, e viva lá o honrado capitão do Batalhão de Agueda! Tudo o mais era musica celestial; e isto de musica, em que não entrasse o *serpentão* do *Salvador Galhêta* e o *rufo* do Canario, quem era que lá na terra a entendia?

Accrescenta a chronica do tempo que a camara municipal não usava dar-se por muito rogada em attender as solicitações dos municipes, ao menos quando ellas traziam a chancella de qualquer graúdo politiqueiro da familia. — Valha-nos Deus com as ingenuidades da chronica! Pois onde ha ahi, na nossa terra como nas outras, camara municipal que assim não seja? Para os amigos, mãos rotas; para os outros, é a cantata do estilo: — «Vão á porta do visinho, que não ha cá pão na cèsta.» — E, se não quizerem ir, que roam pedras.

Em taes condições e perante este commodo processo de arrastar os tristes dias da vida, já se vê que o administrador do concelho não era ingenuo nenhum que se aventurasse a enveredar por outros caminhos mais difficeis de caminhar. Nada... Administrador vae com os outros, como a Maria do proloquio po-

pular. E, se algumas vezes desandou destes caminhos commodos, foi só para satisfazer a sua paixão de caçador, que o dizem muito afficionado e muito distincto.

Mas, fosse lá como fosse, Agueda estava então no gòso dumas deliciosas ferias politicas. Não se adeantava uma linha na historia do progresso, é certo... Mas, que demonio! Para que serve isso, quando a vida corre regalada?

Entretanto, contra este parecer, as *Escadinhas-do-Zé-da-Aró*, trataram de forjar o seu plano, e não estiveram lá com meias medidas.— Veio para a rua a *Soberania do Povo*.

— Que era aquillo? — perguntou a *Pedra-do-Escandalo*.

E as *Escadinhas-do-Zé-da-Aró* não se dignaram responder, á primeira. Mas, quando a *Pedra-do-Escandalo*, mais exaltadamente, como era do seu feitio, entendeu reforçar a pergunta, pedindo esclarecimentos sobre os assômos violentos daquelle *papel*, logo as *Escadinhas-do-Zé-da-Aró* lhe mandaram um signal de resposta, atirando para a *Soberania* com um alegre *suelto* em mangas de camisa, em que o regedor da parochia e os seus foguetes de nove respostas foram chamados á auctoria da gargalhada... Não se percebeu a resposta. Entretanto a *Pedra-do-Escandalo* ficou de pé atrás. De pé ou de lingua, como quizerem...

Antes de ir adiante, porém, deve dizer-se aqui o que significam na politica do tempo esses dois logares simbolicos, cuja nomenclatura me vae cahindo dos bicos da penna:— Entre os constituintes e os

progressistas da terra, não houve só uma pronunciada distincção de principios e de programmas: isso era o menos. O que houve sempre, bem assignalada e bem caracterisada, foi uma profunda distincção topographica: a Praça-Velha em opposição á Praça-Nova, constituintes de lá e progressistas de cá.

Encravada na Praça-Velha, como centro politico, havia a *Pedra-do-Escandalo;* para resistir ás suas machinações e arcar de certo modo com a sua má-lingua, a Praça-Nova tratou de inventar as famosas *Escadinhas-do-Zé-da-Aró*, de riso alegre e de ironia em riste.—Era o soalheiro tradiccional de Agueda, distribuido por dois campos inimigos, cada qual com o seu pavilhão desfraldado, teimando ambos em desfraldal-o o mais alto e o mais enthusiasticamente que podiam; era, em moldes novos, aquillo dos *Canarios* e *Silveiros* de antigas eras, rufando em som de batalha, a caminho das urnas eleitoraes; era a mesma alma de Agueda, a luctar comsigo propria, contradizendo-se nas manifestações exteriores do seu sincero amor patrio.

Com estas originalidades de enscenação pittoresca, ia começar o espectaculo. A *Soberania do Povo* era o contraregra.

E o espectaculo foi assim, com este prologo:

As *Escadinhas-do-Zé-da-Aró* sollicitaram do nosso deputado que se empenhasse por que a correspondencia postal de Lisboa viesse directamente de Oliveira do Bairro para Agueda. Cousa pouca, como vèem; e aquella sollicitação era uma verdadeira ironia. Mas,

fosse ou não fosse, ha quem diga que o deputado levou o pedido até á Babilonia das obras publicas. E, uma vez na Babilonia — difficuldades, contratempos, opposições... oh! — o deputado, depois de suar as estopinhas, escada abaixo, escada acima, respondeu: — «Não vão malas. Paciencia.»

Mas foi logo, de caminho, tratar a valer de compensar aquelle desastre, solicitando, por conta propria e da gente da sua affeição partidaria, um beneficio para a terra, coisa de vulto que fizesse esquecer o fracasso das malas.

O que succedeu? — A estrada de Tondella esteve por um triz a ser desviada do unico traçado que convinha a Agueda; e esta solução, por muito que agradasse aos povos do norte do concelho e á politica local dominante, representava a preterição das mais instantes reclamações do commercio da Villa, que assim se via privado dum meio directo de communicação com a Beira Alta.

Pelo que, as *Escadinhas-do-Zé-da-Aró* resmungaram logo:

— Entendido.

*

O deputado era assim — por bem, que não por mal, decerto. Questão de má estrella, dizem.

E a camara? — Ora, os senhores já estão fartos de saber como aquillo por lá andava. (*Andava,* não digo bem: como aquillo por lá *estava parado,* é que é.) Agarradinha sempre ás abas do frak do Visconde

— tão agarrada, que até parecia ter-se-lhe installado na algibeira, como um lenço de assoar... — ella gastava todo o seu tempo e todo o seu engenho em dar-lhe vivas. *Viva o nosso deputado p'ra aqui! Viva o nosso deputado p'ra alli!* O resto, tirante um ou outro despachosito para subsidio de lactação ou para reconstruir um muro derruido pelas enchurradas do inverno, era pouco mais de nada.

E o administrador? — Sempre de vigia ás tradicções da politica velha, perdel-o e achal-o era na peugada dos outros. Isto, e a bater moitas por essas gandaras fóra, nas delicias do seu *sport* perdilecto.

— Papagaio real, quem passa?

— É o snr. Administrador que vae á caça.

... Entrementes, governo a terra. Constituiu-se o gabinete-Braamcamp (maio de 1879.)

E agora? — Ficou tudo como de antes. O deputado veio para Agueda, em ferias: á camara municipal pouco lhe faltou para o vir esperar ao meio do caminho, de estandarte alçado, calção e meia, barbinha escanhoada de fresco; e, então, o administrador, mal disparado o ultimo cartucho da caçadeira, eil-o ahi vae sentar-se á secretária do gabinete, para metter no rol dos cabos de policia um vogal da junta da parochia de Travassô. — Como dizendo todos, deputado, camaristas, administrador:

— Cá estamos! P'ra que vivam!

Com regeneradores ou progressistas no governo, a Praça-Velha armava ainda uma vez o pavilhão da victoria. E, pelos modos — para assignalar esta ex-

travagante passagem das politicas indigenas, que, por signal, não é unica na chronica da terra nem das outras — até alguns commerciantes e proprietarios da Praça-Velha requereram á camara «a demolição dos casebres e pardieiros, sitos em frente dos paços municipaes» para installar o mercado da Villa. Para o que, elles mesmos offereciam o capital necessario, a 6 por cento (*S. do Povo*, n.º 32.º).

Assim, o novo mercado ficaria alli como um monumento, a attestar pelas idades fóra o quanto valia a politica da Praça-Velha naquellas confusas epocas historicas.— O projecto, porém, não passou. As *Escadinhas-do-Zé-da-Avó* desengraçaram com elle, e fizeram que as regateiras da Praça-Nova, o mercado de sempre, mostrassem de lá a sua lendaria lingua de prata.

Por seu lado, a *Soberania* atirava-se á camara, como San Thiago aos moiros. E os seus violentos clamores foram até ás ultimas raias do concelho. — Mas não é preciso escrever aqui tudo quanto se disse e fez então. Basta saber-se apenas que essa memoravel campanha, atiçada ao fogo dum grande enthusiasmo, fez estacar na sua jornada de triumpho todo o partido constituinte do concelho, o qual logo se deu por mal ferido — á uma, pela irreverencia das palavras a que não estava habituado, á outra, pela crueldade dos ataques com que foi attingido.

Entretanto, como a fumaceira da labareda não fosse bastante para asphixiar ninguem, o Visconde

de Aguieira preparava-se de novo para receber dos seus conterraneos o diploma de deputado.

— Que estopada! — diziam as suas commodidades.

— Que gloria! — cochichavam os seus orgulhos.

E, nisto, o *Diario do Governo* avisou o paiz de que as eleições teriam logar no dia 18 de outubro de 1879.

Quem era o deputado por Agueda? — perguntou a *Soberania*, fingindo-se muito inquieta. — Pinheiro Chagas? Visconde de Aguieira?

Segundo se disse, ao Visconde não se lhe dava de ceder o circulo a favor de Pinheiro Chagas, se a Covilhã teimasse em não acceitar bem a candidatura de este. Mas, ao fim de tudo, ficou de pé a candidatura do Visconde.

Entretanto, o tal 18 de outubro foi-se approximando, e a Praça-Velha esfregava as mãos de contente.

— Quem ha ahi que se atreva a disputar-nos a eleição? Camara nossa! Administrador nosso! Regedores nossos! *Mezas* nossas! Quem será o atrevido?

E, vae ao depois, na vespera da eleição, todas as *Escadinhas-do-Zé-da-Avó* sahiram para a rua, a manobrar. De assombro, a *Pedra-do-Escandalo* não teve alma de dizer palavra. Limitou-se a empatar as vasas, com unhas e dentes — e tres tostões por cada voto. Com um homem perdido ninguem se metta!

. . . .

Chegou o domingo; nove horas da manhã. Lá estavam as urnas. — Ora alli é que ellas se jogavam!

E jogaram. A partida foi dos progressistas, com grande surpreza de parte a parte. *Deputado eleito:* Dr. Antonio Alves Pereira da Fonseca.

— É o *Chato Zé do Cão* — disse a *Pedra-do-Escandalo.*

— Pois é — disseram-lhe as *Escadinhas-do-Zé-da-Avó.* — Mas cão ou cadella, é nosso.

Quer dizer: — Os progressistas ganharam a partida. E verdadeira partida foi ella; partida para uma longa jornada de triumphos, em que todos os obstaculos seriam vencidos á custa da tenacidade e do enthusiasmo de essa meia duzia de homens que arrancharam um dia em torno da bandeira da *Soberania!*

*

* *

5. — A victoria da politica-nova. — Os homens e os tipos. — «André Gil» — A passagem do «Barriga-de-Agua.» — 1884.

Depois desta primeira derrota, os constituintes, desorientados, tentaram readquirir as posições perdidas. Por seu lado, os progressistas tratavam de conservar as suas, ao mesmo tempo que se esforçavam por ganhar terreno novo.

Nestas circumstancias, o periodo que vae de 79 a 1892 foi todo cortado de luctas bravas, para as quaes não havia necessidade de escolher campo; tudo ser-

via. Nas juntas de parochia, nas commissões de recenseamento eleitoral, nas proprias confrarias e irmandades, a politica rabiou como uma serpente assanhada.

Da parte dos constituintes, só o Visconde de Aguieira e os Sucenas de Agueda podiam aguentar-se de pé, com alma, perante os ataques dos adversarios. E se, ao lado do Visconde, houvesse meia duzia de correligionarios do valor eleitoral dos Sucenas, a liquidação do partido seria demorada ainda por alguns annos. Mas não. Na desordem da primeira derrota, toda a gente queria mandar; qualquer minusculo galopim se cuidou talhado desde logo, e pela força das circumstancias, para marechal. Por isso, muitas vezes, a palavra-de-ordem do Visconde deixou de ser ouvida e respeitada. Agora, os velhos mandões já não se contentavam com as honras de simples anspeçadas. Era preciso subil-os de posto, tel-os em conta e em respeito. Mas o Visconde, ferido de morte, mal podia ter confiança naquella nova maneira de ser. Estavam-lhe os dias contados. — Que se cumprisse o destino!

Nesta quadra da politica local, a data de 29 de junho de 1884 assignala um facto culminante, pois que elle representa a victoria definitiva da politica-nova sobre as ruinas do partido constituinte.— Houve então uma eleição notavel, a mais movimentada e a mais interessante da chronica local. Os dois partidos, depois de terem andado de aldeia em aldeia a prégar a guerra, defrontaram-se finalmente num formidavel duello, sem treguas nem cartel, medindo-se de alto a baixo como dois gladiadores num circo.

Foi por este lindo tempo que *André Gil*, o fino e delicado chronista politico da *Soberania*, agitou o seu tagante de fios de seda, e dia a dia, sem descanso, açoitou vaidades, açoitou orgulhos, e riu, riu, riu, com uma gargalhada caustica que ainda por muito tempo escaldou o peito de quem foi attingido por ella.

Estiveram no mais arriscado daquella batalha, evidenciados a toda a luz e nella empenhados de alma e coração, as velhas casas de Aguieira e da Borralha, dois incontestaveis reductos de influencia eleitoral, os Sucenas de Agueda, que foram os mais esforçados e dedicados correligionarios do partido constituinte, e outros muitos por todo esse concelho além. — Da banda do partido progressista, muita dedicação, muita firmeza, muita disciplina, e, acima de tudo, a confiança certa numa epoca proxima de victoria e de triumpho. O doutor Baptista de Paradella, o doutor Albano, o doutor Pinho de Jafafe, o doutor Matheus de Barrò, os Mellos do Vouga, o Custodio de Brunhido, os Marques da Meza, o Pad'Zé Pinto, o Feijão, o Sebastião de Travassò, todos elles, do norte ao sul do concelho, trabalharam com a mesma alma e o mesmo empenho na guerra formidavel contra a influencia dos adversarios. De cabos-de-guerra, devotamente dedicados á causa do partido novo, lembro-me agora do Manuel Alla, do Zé-Réz, do Firmino das Botas, e de quantos mais, que, por seus enthusiasmos e intransigencias partidarias, alcançaram então as esporas de oiro de esforçados luctadores.

Nesta disposição, marchou tudo para o campo da

batalha. E as urnas do concelho apanharam uma das mais formidaveis indigestões de que reza a chronica. — A' liquidação da refrega, apurou-se isto: — Victoria progressista, por 133 votos de maioria.

*

A esse tempo — lindo tempo que já lá vae tão longe! — era eu, como quasi todos os estudantes da nossa terra, *correligionario* do partido novo. Não tinhamos voto?... Deixal-o. Mas tinhamos entrada franca em todos os conciliabulos do partido. As *Escadinhas-do-Zé-da-Avó* eram nossas. Assim, com esta investidura, entravamos desassombradamente em todos os soalheiros mais inacessiveis da politica da terra, para os agitar, para os convulsionar, para os intrigar, para os desmanchar, em bem ou em mal, conforme fossem dos *nossos* ou contra os *nossos*. Tinhamos tambem, alguns de nós, um cantinho modesto da *Soberania*, onde cada qual, com o seu panno de bandeira, prégava a cruzada contra os *turcos*... Em prosa, em verso, berrando e cantando, cabe-nos um farrapo de gloria com que o partido progressista se cobrio nessa jornada eleitoral. — É nosso esse farrapo. E é com orgulho, e com muita saudade tambem, que eu hei de guardar sempre o pedacinho que porventura me coube na partilha, para memoria desse dia que já lá vae, mal esquecido, ha coisa de 20 annos!

*

E' sabido que, a meio dos episodios mais graves da sua chronica, a nossa terra não pode privar-se nunca de semear o seu alfobre de alegrias, etiquetando tudo com o sinete especial do seu soalheiro pittoresco. Neste particular, a chronica de 84 é duma singular fecundidade.— A tia *Roza-Bicha* a clamar contra o *imperio romano* dos constituintes; o *Zé-Chicha* e o *Zé-Duarte* a fazerem calculos sobre a victoria provavel dos seus correligionarios politicos, empiscando o olho, á porta da Administração; o *Zé-da-Aró*, alli pela Praça-Nova, aos abraços a todos os seus *nobres amigos*; o *Firmino-das-Botas*, com todo aquelle Gravanço na mão, como o outro da comedia; o *Haremos-de-fallar*; o *Barriga-de-Agua*...

Mas vamos cá ao *Barriga-de-Agua*, como amostra, e ao caso pittoresco do seu *rapto*:

Progressista por dedicação pessoal, constituinte por apertos financeiros, com quem havia de votar o *Barriga-de-Agua*, se a propria burra de Buridan não soube resolver a collisão da agua e da cevada?...— Ás unhas do crédor, lá foi de rodilhão para dentro dum quintal da Rua de Baixo, onde eram aquartelados, de sentinella á vista, os constituintes de pouca confiança. (Exactamente como succedia com o quintal do doutor Albano, que, em vespera da eleição, armou em abarracamento de campanha, para aquartellar os progressistas que soffriam do mesmo mal.)

Lá esteve, pois, o bom do homensinho toda a santa noite. O *Zé-da-Avó*, desalentadamente, exclamou:

— Acabou-se! É menos um...

Mas não foi.— De madrugada, o *Barriga-de-Agua*, que por signal era compatricio do *Triste-de-mim*, lá arranjou maneira de vir até ao Campo da Cancella, a espanar e a passeiar a bacalhoada da ceia. Os senhores entendem... E, uma vez no campo, encoberto pelas bandeiras do milho, appareceu-lhe de cara alguem dos progressistas que ia alli, no seu encalço, para trocar com elle as ultimas e definitivas palavras. Não foi preciso muito. O *Barriga-de-Agua* atirou-se-lhe logo aos braços, sem que fosse visto pela sentinella constituinte, que o acompanhara e que ficara de longe por precaução higienica... De repente, pela Rua da Capella acima — agarra! prende! mata! — o *Barriga-de-Agua*, empoleirado numa carripana providencial, de calças na mão, conseguiu finalmente realisar o querido sonho de toda aquella sua noite de incertezas:— mudar de quintal!

*

Este caso do *Barriga-de-Agua* assignala bem a feição alegre da politica eleitoral de Agueda: só por si, elle chega talvez para dissipar aquella tradicção menos justa que tem pretendido attribuir á nossa terra o ar sombrio dum campo de batalha onde as eleições por ventura se fazem a chuço.

Não. Aquillo é tudo picado de alegres clareiras, com gargalhadas, com foguetes, com musicas — com *vivas* e *morras*, tambem, é certo, lá de quando em

quando; mas sem odios que cristalizem no coração de ninguem, sem injurias, sem assaltos.

A chronica de Agueda mal sabe fallar hoje das violencias com que porventura se assignalaram certos periodos revoltos da sua politica, para sómente fallar dos seus incidentes alegres, dos seus tipos, das suas anecdotas, das suas excentricidades... — E' só isso o que vae ficando: e ainda bem, por honra de Agueda e da sua gente.

*

* *

6.— Albano de Mello.— A ultima pagina.— 1892.

Depois de 1884, a politica nova affirmou-se, dia a dia, no seu decidido empenho de bem servir Agueda. E como, para conseguir isto, se julgasse necessario liquidar de vez todos os naturaes resentimentos partidarios, o partido progressista, procurando ajustar os preceitos da sua disciplina aos moldes classicos da melhor cortezia, não teve duvida em acceitar e patrocinar a candidatura do proprio sr. José Dias Ferreira, indo em signal de paz ao encontro dos seus antigos adversarios. Os mesmos progressistas intransigentes de hontem a elegerem o chefe do partido constituinte! — Por signal que, perante este novo estado de coisas, alguns constituintes da terra, desorientados e talvez desconfiados das pazes que se lhes offereciam tão ga-

lhardamente, planearam e executaram por conta propria muito interessantes marchas e contra-marchas no seu modo de ser partidario. Navegaram pela *regeneração*, pela *republica*... Mas, em nenhum caes aonde aportaram, foram capazes de prender uma amarra segura. Falta de timoneiro? mar encapellado? Não sei.

Agueda, entretanto, lá ia, alegre e tranquillamente, no caminho da sua vida, sem perturbações nem desalentos, graças á orientação patriotica de esta politica nova, cujos altos beneficios se devem, indiscutivelmente, a Albano de Mello. Porque (é preciso dizel-o, antes de ir mais longe) tudo quanto ahi está de bom, na politica nova de Agueda, pertence á biographia deste homem.

Foi elle quem ordenou as primeiras batalhas contra a politica velha de Agueda; foi elle quem deu o exemplo de não esmorecer nem arripiar caminho nunca, só porque a sorte algumas vezes desamparou a sua gente; foi elle ainda quem, rodeado enthusiasticamente de bons e leaes camaradas, dispoz por fim a politica local em ordem a affirmar-se, perante os governos deste malfadado paiz, como uma força disciplinada e certa, cujas energias de alguma coisa valem na vida desses mesmos governos.

A velha politica de Agueda soffria de um grande mal de nascença. Era *caseira* de mais. As iniciativas gastavam-se todas em guerrilhadas de visinhos, dize tu, direi eu, de porta a porta, sem a luz dum ideal que fosse como um claro sol a alagar de esplendor

todo o concelho. Por muita e boa vontade que houvesse de alevantar a vida local no sentido de a enobrecer de algum modo perante a politica geral do paiz, o soalheiro da terra, com todas as suas pittorescas tradicções, não o permittia. A recordação do que foram, num dos periodos mais desordenados da politica de Agueda, as *Escadinhas-do-Zé-da-Aró* e a *Pedra-do-Escandalo*, dá bem a ideia de como essa politica se fez. As almas mais lavadas e mais sãs traziam sempre comsigo, no cabaz das miudezas, todo o soalheiro da terra a peiar-lhes o vôo.

Ao iniciar, porém, da politica-nova, o mal, se não se curou radicalmente, foi entretanto energicamente attenuado e é de esperar que seja um dia combatido de todo. Deve-se este grande beneficio ao esforço e á energia dos homens que, desde 1879, votaram á causa publica de Agueda toda a sua alma patriotica.— Quem poderá, pois, acoimar de lisonja o gravar aqui o nome do homem que, por amor de Agueda, poude e soube congregar aquelles esforços e aquellas energias, tão valiosas e tão desinteressadas, no sentido de acreditar a nossa terra como uma força politica?

*

Dispostas as coisas de Agueda, por forma a estabelecer e sellar as pazes num cordeal abraço entre progressistas e constituintes, ainda uma vez a peçonha da politica envenenou as boas intenções dos homens.— Um dia, o sr. Dias Ferreira, quando estava

no governo com a presidencia do conselho (1892), esqueceu-se de corresponder, como devia, á boa-fé do accordo, em virtude do qual o concelho de Agueda lá estava ao seu dispôr, para equilibrar a votação das assembleias eleitoraes do circulo de Aveiro. E, então, Agueda, que deu sempre o cavaquinho por pôr os pratos na meza com toda a semcerimonia, tratou logo de apanhar pelos cabellos o primeiro ensejo, para fazer saber ao mesmo sr. Dias Ferreira que lá tinha recebido a noticia imprevista ácerca da sua attitude da ultima hora, e que agradeceria breve.

O agradecimento foi nestes termos: — Como tivesse, alli á mão de semear, a eleição de deputados de 23 de outubro, em que o mesmo snr. Dias Ferreira se dava a confiança de mais uma vez appellar para o suffragio dos seus correligionarios e alliados, Agueda foi para a urna (por signal que ainda não eram 9 horas da manhã, segundo dizem...) e prompto! — Cortado em toda a linha! Liquidado!

— Aqui de el-rei contra a chapellada! — gritou o Administrador.

Mas, com chapellada ou sem ella, o antigo deputado por Agueda, o chefe constituinte, o presidente do conselho de ministros, arriscou-se a ficar fóra do parlamento, se não lhe acodem, lá de S. Thomé, com um circulosinho ao seu dispor...

Houve commentarios; houve discussões; apellou-se para os tribunaes; as gazetas politicas fizeram um grande arruido de retorica. — Mas o que ficou de tudo isso, além da profunda convicção de que Agueda

procedeu nobremente, foi aquella gazetilha do *Diario Illustrado*, em que a derrota do presidente do conselho foi cantada assim:

...Chega o dia da eleição,
Não apparece ninguem!
Mas uma invisivel mão,
Por cada um, deita cem.
E, quando a urna se abriu,
Toda a gente se espantou!
—Foi o Albano de Mello
Quem tudo isto tramou!

Ora, a despeito de não serem da lavra do sr. Dias Ferreira os chistosos versos desta gazetilha, a *Soberania do Povo*, com o fim de pôr o preto no branco, foi-lhe respondendo, directamente, pelo sim, pelo não:

—«Agueda fez um acto de coragem. Não foi uma precipitação da ultima hora, não foi uma occulta declaração de guerra traiçoeira; foi uma resolução justa, necessaria, lealissima, e boa.» (30-10-1892.)

Perante tal affirmação, tão peremptoria e tão á queima-roupa, parece que o sr. Dias Ferreira — a quem ella se dirigia com todos os matadores e com todos aquelles adjectivos de vizeira erguida... — mandou logo o seu correio de ministro ao poeta da gazetilha, a recommendar-lhe que tratasse de metter

a viola no saco. O homemsinho dos versos callou-se; e, por sua vez, o sr. Dias Ferreira foi cuidar de desanuviar-se de aquelle imprevisto pezadello da eleição de Agueda, entregando-se todo, desde logo, ás locubrações do seu tão celebrado imposto sobre o carapau que o immortalisou como ministro da fazenda... Entretanto, o redactor politico da *Soberania* lá ficou, e parece que ainda lá está hoje, á espera da resposta do sr. Dias Ferreira...

*

E prompto. Fechado este incidente, desappareceram de vez todos os vestigios que por ventura ainda restavam da tradicional politica velha de Agueda.—Os dias de hoje, na vida da nossa terra, são todos de uma suavidade primaveril, sem um farrapo de nuvem que lhe interrompa o sol vivificante e claro. Quem poderá agora, com segurança, marcar na carta topographica de Agueda os logares onde assentaram outr'ora os alicerces da *Pedra-do-Escandalo* ou das *Escadinhas-do-Zé-da-Aró?*... Quem, por muitos tratos que dê á imaginação, poderá comprehender, hoje em dia, como o *rufo* do *Canario* conquistou fóros de simbolo no meio desordenado da politica velha de Agueda?...

E' de oiro o sol que nos alumia; e, ao seu bemdito alumiar, o coração tudo esquece. — Agora, quando, de tempos a tempos, *p'ra que viva a Carta!* a urna eleitoral falla de lá, por obediencia á pragmatica do cons-

titucionalismo, toda a nossa terra escuta com respeito e com confiança o que a urna diz, por saber que ella falla sempre de Agueda e por Agueda; não se ouve lá um nome que não seja o d'um patricio e d'um amigo. É tudo gente da terra, creada á sombra das suas arvores, aquecida ao lume dos seus lares — tocada da agua do Botareu.

E ainda bem! — Os *Carregosos*, simples deputados ornamentaes, vão hoje esquecidos de todo... Agueda comprehendeu agora que é necessario *regionalisar* a sua politica, affeiçoal-a patrioticamente aos seus interesses, de maneira a poder contar com os seus bons officios, sempre que os solicite.

Por isso, desde 1892, ahi temos no parlamento a gente da nossa terra, a gente de Agueda — que o é do sangue ou do coração — toda empenhada nas suas prosperidades de ella, antepondo aos seus interesses proprios tudo quanto respeita ao progresso material ou moral de Agueda.

Mas, nesta phase da politica-nova d'Agueda, a chronica não pode entrar ainda. Se entrasse, seria preciso fazer calar o coração, para que as suas fallas commovidas não perturbassem o são criterio do chronista. Além de isso, como esta chronica não pode ser de forma nenhuma um diario de impressões e affectos pessoaes, onde caberia fallar então da amizade que prende o chronista aos homens que dirigem actualmente a politica local, sou obrigado a ficar-me por aqui, na esperança de que alguem virá um dia completar este capitulo.

VII

1. — Agueda na imprensa. — O «Campeão das Provincias» e os outros. — Litteratura d'azorrague. — Os pasquins eleitoraes.

Antes de haver na nossa terra qualquer vestigio de imprensa jornalistica, isto é, anteriormente ao anno de 1870, já as politicas do sitio não se davam por satisfeitas com ser commentadas e discutidas no acanhado parlamento dos soalheiros indigenas. Mais ou menos mascarados, e mais ou menos assomadiços sempre, os correspondentes de Agueda encheram columnas e columnas de prosa cerrada por essas gazetas do tempo.

O *Campeão do Vouga* e, mais tarde, o *Campeão das Provincias* — um côvado de papel a estender-se por todo esse districto fóra! — chegou a ser um porto franco de exportação para as paixões politicas de Agueda. Mas, além do *Campeão*, onde jaz o tombo historico de toda uma epocha de politica mais ou me-

*

nos turbulenta das terras de Riba-Agueda, vieram outros *campeões*, o *Braz-Tisana*, o *Nacional*, o *Portuguez*, a *Epocha*, o *Asmodeu*, a *Imprensa*, e ainda o *Districto de Aveiro*, todos elles empenhados, de penna e coração, na missão de alimentar o fogo em ala das nossas retaliações partidarias.

Agueda era fallada por todos os cantinhos de Portugal, graças á paixão dos seus correspondentes e chronistas, e graças tambem á condescendencia de quem lhes estampava a prosa inflamada em lettra redonda. (*Nota 16.ª*).

A esse tempo, a litteratura politica da nossa terra poucas vezes vinha para a rua de gravata ao pescoço; como ella vinha, era sempre em mangas de camisa. E, assim, n'este lindo preparo, a «secção communicante» do *Campeão* lá ia annunciando e esparralhando pelo mundo as novas mexeriqueiras da nossa terra. Chegou a ser de tal especie o valor inedito de essas mexeriquices, que até d'uma vez, um tal *Eco-do-Colcorinho*, que não tinha de Agueda a mais meudinha gotta de sangue, se deu ao prazer de metter o bedelho nas coisas de Agueda, talvez com o intuito de fazer aprendizagem neste vastissimo campo de manobras que foi o jornalismo-politico da nossa terra por aquelles tempos...

*

A prosa era á vara larga! Nada de cortezias! — O que não quer dizer, de todo em todo, que essa litte-

ratura não tivesse algumas notas accentuadamente ingenuas e simpathicas, certas delicadezas de forma e de critica, que lhe dão, ao menos exteriormente, o ar de quem vae de casaca e claque por cima de uma estrumeira...

Aqui temos, para exemplo, *Lucifer*, um correspondente misterioso que data o seu communicado do *Lago Stygio,* e que vem de lá, com o seu rir satanico, a dizer coisas impiedosas, mas artisticamente torneadas d'estilo, ácerca de certo escandalo famoso em que se pretendeu envolver o nome de João Ribeiro. Aqui temos tambem o *Piolho-Viajante*, em «passeio pelo concelho d'Agueda», a chamar a um clinico da terra todos estes lindos nomes que parecem catados por mão experimentada numa licção de phisiologia social: «molecula desorganisadora e dissolvente, de infecção mephitica e miasmatica, enviada pelo corpo cathedratico de Coimbra, com o nome antipathico de flato...» Aqui temos ainda (e este era sapateiro, vejam lá!...) o *Zé do Forno,* José Miguel da Silva, que, ao meio das mais crueis arremetidas contra um celebrado galopim de Segadães, não se descuidou, por honra da litteratura, de o presentear com o mimoso epitheto de «menino bochechudo das gentilezas d'Alquerubim.»

Eram ovos molles em nata de veneno...

*

Tudo isso, porém, que representa um *tour-de-force* de educação jornalistica e de processo litterario, nau-

fragava a cada hora, de encontro ao assomo e á rudeza de palavras, com que o *Campeão das Provincias* e os mais *campeões* que andavam na refrega usavam fallar das coisas politicas de Agueda.

O menos que uma pessoa conseguia ser, nos bicos da penna d'um correspondente seu adversario, era isto, de uma assentada: «farçola, tolo ruim, capacho, batido, rôto e safado!»

Ora, de aqui para baixo, só a tiro, e em montaria!...

Um dos mais esforçados e valorosos influentes politicos das terras do Vouga foi assaltado nas chronicas da epocha por toda esta alcateia de epithetos, em lettra redonda: «collosso de immoralidade, lobo devorador, verme, serpe maligna, bicho peçonhento.»

E era tudo assim — á bordoada, de trez em pipa...

Foi tal e tanta a sanha de maldizer dos adversarios por escripto — para que não se perdesse, no tempo, uma pitada de aquelles fedores historicos...— que, se acaso os *campeões* arreiavam alguma vez com a carga da *má-lingua*, logo a nossa terra acudia ao contratempo, fazendo circular em pasquim todas as prosas do seu rico odio partidario. E, então, fortulhavam pelas esquinas da terra pasquins com o feitio litterario de um que surgiu em 1861, em appello aos «eleitores municipaes do concelho d'Agueda.»

Tratava-se, ahi, de pôr em exposição toda a vida publica e particular d'um Vereador, que era, a esse tempo, a alma d'um partido local. E o pasquim eleitoral diz que elle «fez os muros da sua quinta á custa

do municipio; ficou com uma fornada de cal e com as ferramentas das obras; tirou da estrada publica para dentro das suas casas duas pias de pedra *que eram nossas;* calcou os fracos e dominou pelo terror; é homem sem honra nem palavra!» — E, isto tudo, com o nome escarrapachado, com o nome e com os titulos, sem lhe faltar uma virgula... — Vae até a affirmar d'uma maneira cathegorica que, se alguem lhe «comprar o trigo por 600 reis e lh'o não tirar logo, e se alguem houver que lhe dè por elle 610, faltará ao contracto como um negro!» E, remechendo desgrenhadamente todo o vastissimo glossario das injurias: «Miseravel! Uzurpador! Ladrão! Assassino!» — eil-o ahi vae, o pasquim, sem cortezia nem pudor, com todas as lettras do nome d'um cidadão, para as paginas da chronica!

*

Entretanto, e a despeito de todo este desvairamento de estilo, eu cuido que a politica da nossa terra, por aquelle tempo, como sempre, não era bem aquillo que hoje se lê na prosa incendiaria dos documentos. Não era, por certo. Os odios que essa prosa accusa dissipavam-se depressa. Porque, ao fim de tudo, diz a tradicção que, de essas perturbações violentas do jornalismo partidario de Agueda, mal restavam leves nuvens de fumaceira que se perdiam a um sopro de vento fresco... — Passada a eleição, venha de lá esse abraço! Esquecia o pasquim, apagavam-se as fogueiras da indignação, e as «secções

communicantes» dos *campeões* ficavam algumas semanas ás moscas, sem que o proprio *Zé do Forno* se dispuzesse de novo a bater a sola da sua prosa nas costas do *menino bochechudo das gentilezas d'Alquerubim...*

*

* *

2. — Escola Popular. — *Semanario litterario, instructivo e noticioso. — Directores e proprietarios: José Ferreira da Silva e Castro, e José Soares de Figueiredo e Castro.* — Publicou-se o primeiro numero em 7 de Maio de 1870, e terminou a publicação em 25 de Maio de 1871.

De formato pequenino e aspirações modestas, a *Escola Popular*, com a sua redacção no povoado de Paredes e os seus leitores perdidos de raro em raro por esse mundo de Christo, representa, na chronica da nossa terra, alguma coisa d'original e d'ouzado.

Cuido que, ao tempo do seu apparecimento, o *Campeão das Provincias* e o *Districto de Aveiro* eram as unicas gazetas do districto, a cobrir todo o paiz do Vouga com a prosa apaixonada dos seus correspondentes locaes. E, assim, a *Escola Popular* deu a Agueda a honra de ser, no districto, a primeira villa que sahiu para a rua em lettra redonda.

E sahiu galhardamente, é preciso que se diga. Programma modesto e simples. Mas o que a *Escola Popular* disse, soube dizel-o, se não com alma de

verdadeiro apostolo, ao menos com boa consciencia e com boa grammatica. Nas curtas 52 semanas que viveu, esse pequenino jornal de aldeia soube viver vida honrada, embora obscura.

Consola-nos fallar assim da primeira gazeta de Agueda, fazendo justiça a quem se sacrificou para lhe sustentar a vida curta e a quem nella experimentou a sua penna que, ao depois, se enobreceu e honrou.

*

É pela *Escola Popular* que se perpetúa o nome d'um dos homens mais simpathicos e mais trabalhadores da nossa terra, José Soares de Figueiredo e Castro, professor humilde da escola d'Agueda, caracter honesto e simples de homem de bem. É ainda, á leitura da *Escola Popular*, que o temperamento encontrado do *Medico-Bicho*, Dr. José Ferreira da Silva e Castro, se nos patenteia numa das suas modalidades mais simpathicas, trabalhando e evidenciando-se longe das intrigas da politica partidaria.

Á *Escola Popular* coube tambem a honra de publicar as primicias litterarias de outros patricios nossos, o que não pode passar despercebido para a chronica de Agueda.

Assim, foi por meio de ella que o poemeto da *Bicha-Moira*, de José Maria Velloso, se tornou conhecido e amado por toda a gente dos nossos sitios. Ao correr dos seus versos, a alma de esse desventurado e obscuro poeta abriu-se de par em par, aos

olhos curiosos de quem sabe apreciar leituras sãs, e toda a Agueda se possuiu d'um sincero amor pelo poeta que tão amoravelmente se votou de alma e coração a exhumar as suas lendas mortas. Foi tambem alli que Velloso publicou, além de alguns outros pequenos trechos poeticos dispersos, a sua monographia sobre a Villa de Agueda, por onde se conhece a alma patriotica de esse homem-bom da terra, que, do seu humilde banco de professor de primeiras letras, bem pudera ter grangeado com o seu talento as mais elevadas prebendas da vida official.

Fernando Caldeira, outro distinctissimo poeta de Agueda, que falleceu no momento em que o triumpho se dispunha a consagral-o definitivamente pelo muito que se esperava dos seus talentos artisticos, alli nos apparece tambem, logo aos primeiros numeros da *Escola Popular*, com uns versos liricos, *Sou triste,* onde bem se adivinha já toda a ternura, toda a bondade, todo o aristocratico parnazianismo do poeta das *Mocidades.* São ainda versos de estudante, de namorado ingenuo (12 de maio de 64), cuja alma começa a definir-se pelos affectos e pelos carinhos que vota ás coisas simples.

Que o peixe viva,
cante festiva
suave
a ave,
viceje a flor,
dobre d'ardor
e força
a corça.

Harpa — soa !
Rola — voa...

Mas eu feliz !...
Virgem, não quiz
o Ceo ;
se eu
tive alegria,
é que te via...
Fugiste...
Sou triste !

Que distancia entre a ingenuidade menineira de estes versos e a graça espiritual de essas lindas peças dramaticas, *Mantilha de Renda* e *Madrugada*, que tiveram as honras de ser acclamadas no theatro portuguez !

É ainda, nas columnas da *Escola Popular*, que outro homem da nossa terra se affirma e se impõe como um denodado jornalista, que, a meio das luctas mais encontradas do partidarismo local, e a meio das campanhas mais rudes da politica portugueza, tem sabido conservar sempre, cada vez mais firme e mais decidido, aquelle gracioso geito litterario que se accusa logo no seu artigo sobre a historia das *Cruzadas*. — Refiro-me a Albano de Mello, que é hoje, e sempre, toda a alma da *Soberania do Povo.*

Outros nomes de patricios nossos apparecem ainda na *Escola Popular:* Jayme da Silva Ribeiro, Prior João Chrisostomo da Veiga, Prior João Gomes dos Santos, Manuel Rodrigues da Silva Pinto, e então, o *Senhor-Sá* (Manuel José de Sá e Mello) — esse pautado

e disciplinado *Senhor-Sá*, que, até a fazer charadas, se accusa, imperturbavelmemte sempre, o homem mais circumspecto e de mais correctas palavras que tenho encontrado no mundo.

Era o Petronio da burocracia indigena — o codigo do Bom-Tom, servido por molas de relogio. As suas charadas e os seus logogriphos parecem-se muito com elle: o estilo é o homem! Porque o *Senhor-Sá*, ao serviço da burocracia, como ao serviço da litteratura do seu tempo, não soube ter nunca uma palavra ou um gesto que não fossem medidos a rigoroso compasso e previamente vestidos conforme a delicada disciplina das pragmaticas mais exigentes.

Fallado ou escripto, o *Senhor-Sá* é sempre o mesmo tipo de homem, sem um desvio, através de todos os 73 annos da sua existencia. Almoço ás 8, jantar ás 4, barba aos sabbados... — o *Senhor-Sá*, com todas as singularidades do seu feitio, chegou a ser um tipo mais indecifravel do que algumas das charadas que fez.

Este nome só por si dava um capitulo excellente, de notas pittorescas, se o *Agueda* pudesse prender-se com investigações biographicas. Não pode. Por isso o nome do *Senhor-Sá* vem aqui por incidente e só por incidente se falla nelle. (*Nota 17.ª*)

*

O artigo de apresentação da *Escola Popular* abre com estas palavras de *La Farelle*: — «*En trois mots,*

moraliser, éclairer, et dilasser le peuple, voilà le triple object que devrait se proposer une litterature vraiment digne d'être appellèe populaire.»

E, quasi ao fim do mesmo artigo, dizem os redactores que o subscrevem: «— O nosso pensamento, o nosso fim e as nossas aspirações, resumem-se nas tres palavras do illustre publicista francez que acima citamos: *moralisar, instruir e recrear.*»

Para moralisar e instruir, muitas pennas accorreram logo, cheias de enthusiasmo e de fé. Para recreiar, cá temos o *Senhor-Sá,* no rodapé da *Escola Popular,* todo elle devotado á chinezice artistica de enfiar charadas em rosario. Foi elle, quem lá na terra, primeiro e com mais meticulosidade litteraria, cultivou essa secção especial de recreio, fazendo prodigiosas prestidigitações de palavras e de ideias, que eram, pelos modos, todo o seu regalo d'esse tempo. De esse tempo, que vae desde 1857 até 1870, entre os seus 30 e 50 annos de idade: porque já em 1857, pelo menos, o *Senhor-Sá* tinha a obsessão artistica da charada.— É o *Almanack de Lembranças* quem o diz no seu n.º 7.º, correspondente áquelle anno.

Pois, no transcurso de aquelles vinte annos, os enthusiasmos do *Senhor-Sá,* pelo que respeita á arte exotica de fazer charadas, não esmoreceram. O 1.º numero da *Escola Popular* apparece logo com esta, de cara, para recreio de quem pode recreiar-se a decifrar chinezices:

Terás de ser aqui apenas uma,
Comquanto possas ser inda mais cem — 1
Posto que valhas meia duzia certa,
Por ora isso só serás tambem. — 1
Mas esta, que sosinha se apresenta,
Dez vezes cinco, e uma apoz, contem. — 1
Metade d'um milhar, mais a primeira,
Ha em ti, d'uma só não indo além. — 1
Quinhentos, e depois uma segunda,
Eis quanto d'esta ultima provêm. — 1

Toda esta conta-de-caixaria, em verso, traz o seguinte conceito, cujos primeiros versos traduzem bem toda a hieratica gentileza das fallas do *Senhor-Sá:*

Esmerado cavalleiro,
Dama mimosa e prendada,
Quem terá, se vós não tendes,
O todo d'esta charada?

E o conceito é *Civilidade*, diz o n.º 2 da *Escola Popular.*

Civilidade! — a unica dama por quem o *Senhor-Sá*, com toda a sua fleugma de frade, se bateria em duello, se alguem ousasse faltar ao culto que se lhe deve...

*

Ao fim dum anno, a *Escola Popular* morreu; e morreu como nasceu, humildemente, sem ruidos. No seu n.º 52, correspondente a 25 de maio de 1871, despediu-se por estas simples palavras: «Com este numero termina o anno d'este jornal e termina tam-

bem a sua publicação». Agradece aos assignantes, aos collaboradores, e a todos a quem deveu «auxilio, protecção e conselho».

E assim acabou o primeiro jornal de Agueda.

*

* *

3.— Soberania do Povo.— *Jornal bi-semanal.* — *Redactor principal, Albano de Mello.* — Publicou-se o 1.º numero em 1 de janeiro de 1879.

As tradicções da velha politica de Agueda — com os odios, lá ao fundo, a ferverem, e o João Ribeiro a despachar communicados para o *Campeão*...— dissiparam-se de todo, ao apparecer na rua um rapaz da terra, a apregoar:

— É a *Soberania do Povo!*

Estava feita a revolução — uma revolução profunda nos processos e na litteratura politica de Agueda.

O pregoeiro da gazeta nova trazia na garganta, sem o saber, um vibrante clarim a annunciar uma alvorada de triumpho. — *Alleluia!*

Ao toque de esse clarim, desfizeram-se as sombras da noite, rompeu o sol por detrás dos montes, um grande banho de alegria tonificou as almas. E Agueda, imprevistamente, surprehendeu-se a caminhar por uma estrada nova, cantando, com um fresco ramo de flores na fita do chapeu...

— É a *Soberania do Povo!*

E esse pregão foi até á alma do povo, dispertando-o e commovendo-o. A enxada, com que elle andava a cavar a horta, tremeu-lhe nas mãos. Os barqueiros, os lavradores, os pescadores, suspenderam as suas tarefas, para ouvir melhor esse grito revolucionario que era a proclamação solemne do seu direito.

Vaidades e orgulhos, se ficaram de pé, retrahiram-se por detrás dos muros velhos, com os olhos vesgos a espreitar através da sombra que os encobria...

*

Foi no dia 1 de janeiro de 1879 — uma data que o povo de Agueda não deve esquecer nunca, por sua honra.

E não esquece, decerto. Porque, acalmados os primeiros sobresaltos, elle comprehendeu bem que, ao seu lado, trilhando o mesmo pizo aspero, e exposto a todas as variações da fortuna, caminhava agora alguem que lhe fallava com sinceridade: alguem, que se propunha semear de flores a terra sáfara em que elle marcava passo desde ha muitos annos, sem entender, o pobre de Christo! que, debaixo da estôpa grosseira da sua camisa, estava o arcaboiço d'um cidadão.

Apegado á terra como um poste, sem outras alegrias que não fossem o pão da sua cesta e os gravêtos da sua lareira, mal comprehendendo o que era isto de governar e administrar um paiz, o povo cortejava

o senhor-morgado e o senhor-regedor da sua parochia, sem se julgar com direito de ser reciprocamente cortejado.

Isso das eleições... os morgados lá as faziam e lá as baptisavam. — Presidente da camara, Doutor Joaquim Alvaro Telles de Figueiredo Pacheco...

— Só o nome valia um morgadio!

E o povo da nossa terra, ao passar á porta dos Paços-do-Concelho, tirava o seu chapeu, humildemente, como se fosse a passar por diante da propria egreja matriz...

*

Veio a *Soberania do Povo* acordal-o. E por tal maneira fallou, que as suas palavras produziram-lhe na alma o effeito d'uma sentença d'absolvição.

Não era só um *campeão* novo que apparecia nas boticas. Não. Era o ensinamento e a proclamação d'um direito, a affirmar-se n'um grito de revolta.

Os Paços-do-Concelho — onde uma camara estava a matar o tempo com palestras ociosas, encoimando os inimigos para lisongear os amigos — eram tambem uma casa do povo e não só um palacete para hospedar as vaidades e os orgulhos de quem quer que fosse.

Entre um barqueiro e um cavador, chegou a comprehender-se isto: — O recenseamento politico não é um rol de nomes, é um cadastro de cidadãos; o voto não é um fôro a pagar, é um direito a registar e a respeitar.

— É a *Soberania do Povo!*

*

Quando a gazeta nova ousou passar á porta dos senhores morgados, houve lá dentro um assombro. Mal ouvidos os primeiros protestos que ella gritava desassombradamente, o orgulho e a vaidade tentaram erguer o colo como a serpente pisada no atalho.

Houve pragas, houve arremessos, houve uma surda explosão de odio velho.

Mas os melodrammas do odio tinham tocado o seu desfecho; o panno cahira.

Ainda se distinguiam, lá ao longe, os derradeiros compassos dos himnos guerreiros, com que as philarmonicas partidarias da nossa terra se accomettiam. Os *silveiros* e os *canarios* tentavam mostrar os dentes, ainda. O *serpentão* do Salvador Galhèta rouquejava de lá, com ás bombas pêrras do azebre.

Mas tudo isso ia desfallecer em breve, ao cantar rebelde dos himnos novos.

— É a *Soberania do Povo!*

(E o Zé-Chicha, que era já, a esse tempo, uma reliquia historica do velho partidarismo regional, mordia o bigode significativamente...)

*

Arregimentou-se gente nova para a lucta. O nome do chefe foi acclamado logo, nos alvores da jornada. E essa acclamação fez-se na praça publica, num grande

abraço cordeal, sem programma e sem protocollo, ao impulso natural dos corações.

Não houve formalidades eleitoraes. O sol andava alto, a esclarecer os recantos mais escuros.

— Toca a marchar!

Foi o proprio chefe quem empunhou a bandeira do partido novo. E essa bandeira era feita d'um pau grosseiro de carvalho com uma tira da *Soberania* no cimo.

— Para a frente!

E as aldeias de Riba-Agueda, então, agora uma, logo outra, abeiraram-se dos caminhos para ver desfilar o regimento novo dos voluntarios. E era lindo de ver como ellas, ao attentarem na galhardia marcial do seu desfile, logo se iam enfileirando atrás do regimento, arrastadas na mesma corrente de enthusiasmo e a cantar a mesma canção.

Os morgados sorriam desdenhosamente por detraz dos botareus desconjunctados do seu orgulho; os senhores-da-terra procuravam amesquinhar as energias e a lealdade da gente nova que ia passando e cantando.

Mas esse canto, impetuoso e impiedoso, não se calava de encontro aos orgulhos tradiccionaes de ninguem.

*

A *Soberania do Povo* — a primeira gazeta da nossa terra, pela correcção e probidade dos seus processos jornalisticos — foi, indiscutivelmente, a af-

firmação d'uma força disciplinada em face da velha oligarchia que dominava a politica: — a proclamação solemne d'um direito nas barbas dos proprios usurpadores!

É por isso que, para fazer-lhe a historia, se torna necessario percorrer todas as *ètapes* da politica d'Agueda, a contar de 1879, em cujos episodios e refregas mais ou menos agitadas a *Soberania* occupa sempre os primeiros logares.

Chamo a attenção de quem lê para o capitulo onde se trata da *Politica nova* de Agueda, porque é ali, naturalmente, que esse estudo se faz, embora muito incompleto.

Nestas paginas apenas registarei as notas monographicas que respeitam á indole e conducta do jornal, para que, de futuro, se conheça com segurança o que foi, na historia da imprensa portugueza, essa modesta gazeta de provincia que findou ha pouco os seus vinte e cinco annos de vida honrada.

*

O 1.º numero appareceu sem indicação alguma de nomes, tanto com respeito ao corpo da sua redacção como da sua collaboração.

Sobre o assumpto, a *Soberania* apenas disse isto no seu primeiro artigo do fundo: — «Os homens que se congregaram para fundar esta empreza são, quasi todos, membros do nobre partido progressista: alguns d'elles não assentaram ainda praça nas fileiras dos

partidos: mas um laço commum os prende a todos: é o amor da liberdade, o amor da patria, uma extrema dedicação por esta terra, em que nasceram, e um desinteresse que nenhum homem honrado deixará de reconhecer-lhes.»

Todos filhos d'Agueda, todos dedicados, do fundo da alma, ao progresso e ás prosperidades d'esta terra!

Assumiu a direcção do jornal, desde o primeiro numero, o conselheiro Albano de Mello — então simples bacharel formado em Direito e advogado nos auditorios da nossa comarca, como diria o *Senhor-Sá*, se isto escrevesse...

Com alma e pulso de verdadeiro jornalista, educado nos mais rasgados principios da escola democratica, cerebro são em corpo são, severo mas justo, implacavel mas sereno — todo o trabalho jornalistico da *Soberania do Povo* constitue o mais honroso padrão da sua vida publica.

E nada mais devo dizer, que m'o não consente a modestia do primoroso jornalista. Por aqui me fico, pois. Mas fico em pena, por ter de me calar precisamente no instante em que todos os bons corações de Agueda, a par do meu, se dispunham a voar de alto, para, de lá de cima, desfolharem as flôres mais ternas do seu affecto sobre a cabeça de esse homem-bom da nossa terra.

*

Qual o programma da *Soberania do Povo?*

—«Nasce este jornal em berço humilde e com modestas aspirações. Levantando bandeira nos arraiaes do progresso, tem elle por missão defender todas as conquistas da civilisação moderna, prestar homenagem a todas as dedicações civicas, animar todos os intuitos generosos em favor do engrandecimento do paiz, e adquirir a sympathia e a estima dos homens de bem.» *(Sob. do Povo n.º 1).*

Qual a sua linha de conducta?

—«Temos uma medida, que servirá para tudo e para todos: essa medida é a nossa dignidade, esclarecida pela razão e aconselhada pelo bom senso. Com ella jámais transigimos; com ella jámais transigiremos.» (*Idem*).

E, como a politica das aldeias é, as mais das vezes, uma politica de odio pessoal, resta-nos vêr como a *Soberania* encarou esse problema melindroso:

—«Em uma terra de provincia, as questões pessoaes são sempre perigosas, porque acarretam odios profundos e até desordens repugnantes. D'essas questões temos nós fugido e fugiremos sempre.» (*Soberania do Povo* n.º 51)

*

E eis ahi fica, numa mancheia de linhas breves e sinceras, todo o escorço de um grande e generoso programma! Eis ahi fica o traçado do caminho novo, sobre o qual, sem um desvio e sem uma fallencia, se havia de fazer essa longa jornada de todo um quarto de seculo, de pavilhão desfraldado sempre aos ventos da fortuna!

Cumprindo religiosamente o seu programma, a *Soberania do Povo* tem sido sempre, na confusão das pugnas mais encontradas, um exemplo de lisura e de delicadeza. Os seus proprios clamores e protestos, que não teem sido poucos a gritar nessa travessia, vestem sempre um peitoral de setim sobre o aço polido das armaduras quando é preciso ir até á alma vária do grande publico.

E, assim, disciplinada, sem o despotismo d'uma palavra de ordem que entorpeça a marcha de quem quer que se aliste como collaborador do jornal, a *Soberania do Povo* lembra um corpo de guerreiros da idade media, lanceando e versejando, com um ramalhete de malmequeres na ponta da lança.

— É a *Soberania do Povo!*

... E ahi está como, a poder de alma e de coração, um pequeno jornal de aldeia consegue impôr-se, e ser lido, e ser respeitado por quem lê. *(Nota 17.ª)*.

*

*   *

4. — Fogo Vermelho — «*Jornal semanal, politico, diabolico, profundamente revolucionario e levadinho da breca.*» — *Redactor, Dr. Palhito Cylindrico.* — Publicou-se o 1.º n.º em 29 de dezembro de 1884.

A meio das mais batidas refregas da politica partidaria da nossa terra, ao tempo em que o grupo-constituinte se ia desmembrando e enfraquecendo, o *Fogo Vermelho* rompeu de lá, trocista e alegre, a arremessar ironias e epigrammas para cima de todos os telhados. Não houve fidalgo nem plebeu, doutor nem cavador, proprietario nem jornaleiro, a cujo deitar e levantar da cama o *Fogo Vermelho* não desse, bizarramente, a honra da sua assistencia espiritual, cantando, rindo, beliscando, aos pulos, aos piparotes, aos guinchos, como um diabrete na pelle d'um *garroche,* que ao mesmo tempo trouxesse na cabeça um capacete de luctador romano e nas alpergatas um acicate de papelão com rozeta de oiro...

Mal elle rompeu de lá, ás piruetas, como o *Tição-Negro* da farça, todo o nosso concelho, desde o salão nobre do municipio até á viella mais humilde, se desmanchou n'uma gargalhada immensa. Não houve tenda nem botica cá pelas nossas terras, onde o *Fogo Vermelho* não entrasse, a toque de assobio ou de clarim, ousado e irreverente, para pregar o rabo-leva da satira ás costas mais ou menos em linha de

toda a gente. Elle foi como o porta-estandarte do Epigramma, o Pregoeiro da Ironia, inexoravel, caustico, impiedoso — uma *Pedra-do-Escandalo*, do avêsso, delicada sempre, espiritual.

O seu arsenal de campanha era simples e complicado ao mesmo tempo: — uma durindana de latão, e um arcabuz de cortiça!

Ás suas prosas e aos seus poemas, desordenados e tumultuarios, com uma rajada de vento-suão a desgrenhal-os, enroscava-se a cauda nervosa dum demonio. — O artigo, o communicado, a gazetilha, a noticia, o commentario, o folhetim, o proprio annuncio, era tudo salpicado de ironias, com um nariz de papelão a cada canto.

Carnaval, carnaval sempre! Um carnaval de chocarrices e motejos que se aguentou em pé de guerra desde 1884 até meados de 86, cantando por essas ruas fóra o *Je suis le sans-cullotes!*

Em todo esse tempo, não se perturbou nunca, nem chegou a consumir a farta provisão de gargalhadas que trazia na patrona de lata. A rara prosa arrepelada dos seus protestos e das suas revoltas vinha sempre para o meio da rua vestida de polichinello. Um vulcão a rugir dentro dum assobio.. — Ás pedradas apaixonadas com que o atacaram, pelas esquinas, o *Fogo Vermelho* ria: aos melindres de quem se cuidava alvejado e ferido pela alfinetada dum *suelto*, o *Fogo Vermelho* ria sempre.

A rir e a cantar, o *Fogo Vermelho* cumpriu gahardamente a sua missão, derruindo o castello-feudal

de todas as vaidades e de todos os orgulhos politicos com uma explosão de bombas chinezas...

*

Porque, no meio da politica local do seu tempo, ao *Fogo Vermelho* coube esta missão delicada: — extremar os campos adversarios a poder de gargalhadas.

O que parecia branco, ficou sendo branco: o que parecia preto, ficou sendo preto. Mas isto, realmente, sem ambiguidades, sem incertezas, sem duvidas de nenhuma especie.

Extremados, porém, os dois campos adversos, ficou ainda o *Fogo Vermelho*, imperturbavelmente sempre, a rir e a assobiar canções facetas. E, só ao termo duma formidavel campanha — em que ás vezes, diga-se tudo, as gargalhadas vinham em cachão, numa arremetida violenta, com gritos á mistura — é que o *Fogo Vermelho* se deixou morrer. Morreu, quando o novo ideal da politica de Agueda se impoz definitivamente a todos os corações, e os intransigentes, os tradiccionalistas, os fanaticos da *religião velha*, extenuados de luctar em prol d'uma causa ingrata, vieram, de lenço tabaqueiro a drapejar em signal de paz, solicitar treguas, dispondo-se desde logo a passar com armas e bagagens.

Ao roçarem, porém, pela cova do *Fogo Vermelho*, estou certo de que nenhum de elles passou sem exclamar:

— Que Deus te tenha em gloria!

E, se assim exclamaram, foi ainda com certo receio de que o diabrete resuscitasse, para, pela derradeira vez, os correr á gargalhada, impiedosamente...

*

O programma jornalistico do *Fogo Vermelho?*

Ninguem o soube nunca: a propria redacção não cuidou de sabel-o, quanto mais de definil-o.

Houve, é certo, pretensões de o expôr algum dia — meia duzia de ideias, embrulhadas num cartucho de palavras sonorosas. Mas, ao ser apresentado o projecto de esse programma, logo todo o corpo da redacção desatou a cantar esta quadra exotica:

Rebentou na folha nova
Fogo vermelho, incendido;
Foi talvez erro de prova,
Violento, e enraivecido.

E o tal *fogo vermelho* deu titulo á gazeta; e a tal *folha nova* (*Folha Constituinte*) deu-lhe ensanchas para viver. Vida attribulada, aos primeiros vagidos, com o amparo de condescendentes subscripções, sem eira, nem beira, á matroca — redigido em Agueda, impresso em Oliveira d'Azemeis, em Coimbra, ou em Lisboa, conforme os ventos da fortuna, aos baldões da sorte... — Jornal de estudantes, em ferias, sem mezada...

E assim começou, e assim chegou a disfructar

vida propria e independente — casa alugada e mobilada, tipographia montada, um quadro tipographico com director d'officinas e um aprendiz *á latere,* prelo, editor, e taboleta na varanda!

Entretanto, a auctoridade ia-o vigiando sempre. E mal o *Rebentou* estoirava á esquina da Praça-Velha ou coisa assim, logo o alcaiote da Administração ou o cabo-chefe da regedoria se punham á espreita e á escuta, com o *anno do nascimento* em aberto!

O himno do *Fogo Vermelho* era, aos ouvidos dos Pinas-Maniques da terra, um grito sedicioso — a *Marselheza* da gargalhada. Chamava-se o *Rebentou,* que era assim como começava a lettra desordenada do himno. O *Rebentou...* Tal e qual, e salvo o respeito, como as enciclicas pontificias, em que as palavras iniciaes do texto lhes servem d'epigraphe.

As auctoridades de então, mais ou menos picarescamente, desmancharam-se em devassas para que o maldito *Rebentou* se enfreiasse e nunca mais o *Fogo Vermelho* lhe desse azas para voar. Não o conseguiu nunca. As devassas administrativas só serviram para reforçar e redobrar as gargalhadas.

*

Teve duas series a gazeta: — a 1.ª foi desde 29 de dezembro de 1884 até 17 de fevereiro de 1885; a 2.ª foi desde 31 de maio de este anno até meiados de de 1886. Entre a 1.ª e a 2.ª serie, appareceu a *Troça,* pretendendo enfeitar-se com as esporas de honra que

pertenciam ao *Fogo*. Não vingou; ficou-se no 1.º numero.

Na sua apresentação, depois de convenientemente regularisado, o *Fogo Vermelho* disse isto, a modo de quem formulava um programma:

> — «... será principalmente um jornal de combate, onde se remexerão todas as podridões que infestam este pobre concelho, e que nós havemos de remover com todo o poder dos nossos cauterios formidaveis.»

E, logo adiante:

> — «Tanto barulho havemos de fazer, que, ou os constituintes hão de virar a casaca, ou então o povo ha de os apupar rijamente, e só Cabeça de Cão ou a Macida será refugio sufficiente para os livrar de tanto fiasco e de tanta assuada.» —

Programma isto?

Seja. — Porque, nem por muito espiolhar, se encontra nada que melhor e mais caracteristicamente defina a attitude da gazeta. Rir e berrar; nem mais nem menos.

As satiras irreverentes do *Fogo Vermelho* ganharam para o partido progressista da nossa terra este epitheto menos delicado — «um partido de garotos». Mas, como o epitheto por maneira nenhuma cabia aos seus chefes nem aos seus soldados — gente duma só

fé e duma só lei — logo os redactores do *Fogo Vermelho*, sempre á gargalhada, se empossaram d'elle, nobremente, e, dependurando-lhe um foguete na cauda, recambiaram-no, devidamente etiquetado, para o campo contrario com o contrapezo d'uma gazetilha e o endosse sobre o sacador...

Depois do que, como sempre, ficámos todos na mesma, amigos e inimigos. Era dos livros.

*

Não venho exhumar as coisas defunctas, em ar de quem porventura se desagrava por si e pelos seus camaradas de campanha.

Não. Onde isso já vae!... — O odio fez-se fumo e o fumo dissipou-se. Sopraram ventos novos. A *Pedra-do-Escandalo* é uma lenda, hoje. Ao afago dum sol claro, todos os corações se enleiaram no mesmo affecto. Paz! Os balcões das tendas e boticas concertaram treguas; e estas treguas vão-se confirmando plenamente, a todo o correr dos 16 annos que já lá vão sobre o *Fogo Vermelho*.

Não venho acirrar despeitos. Quem falla nisso? — Venho apenas, neste livro que eu pretendo fazer como um espelho da vida social da nossa terra, marcar um dos periodos mais desordenados e mais pittorescos da politica local, e evocar pelo coração a mais linda temporada da minha propria vida de estudante.

Ah! meus velhos inimigos politicos! Que tiroteio de pragas com que se feriram os nossos com-

bates! Quantas arruaças! Quantos desvarios! Quantos dislates!

Tenho aqui o *Fogo Vermelho*, em volume, com uma encadernação simbolica. Ao lel-o, as minhas gargalhadas estancam a cada passagem para que o coração se desoprima das saudades que o afogam. — É que está aqui, no desalinhado tumultuario d'estas prosas e d'estes versos, todo o poema em folha d'uma mocidade que não torna! Por isso o leio, por isso o guardo na minha estante, entre os livros de estima mais particular — com toda a devoção, com todo o carinho, porque está alli quasi todo o diario ingenuo da minha vida de rapaz.

Não é assim, meus velhos camaradas de redacção?

Velhos... — Não sou eu quem vol-o chama; é o proprio *Fogo Vermelho*, com os seus 16 annos de defuncto, quem nos faz velhos a todos.

*

* *

5 — Folha, Reformador, e Jornal Constituinte. — *Na agonia d'um partido.* — ***A republica em Agueda.***

Apesar de todos os desastres e de todas as deserções, o partido constituinte da terra entendeu tentar um esforço derradeiro para defender a integridade dos seus reductos historicos. Mal disciplinado e combalido, na desorientação das derrotas que vinha

soffrendo, sem alma que triumphasse de esse soffrimento, veio a *Folha Constituinte* (1884, novembro) acudir-lhe na agonia que se annunciava por mil formas.

O receituario, porém, de este clinico da ultima hora não teve artes de reanimar o enfermo. Pelo contrario. A cada medicamento prescripto, o cliente decahia a olhos vistos.—Ha até quem diga que a *Folha Constituinte* fez a figura de aquelle cantado Esculapio dos epigrammas de Bucage, á cabeceira do enfermo, a quem a cura matou antes que o mal o matasse...

Deve dizer-se, pois, sem o mais leve intuito de maledicencia, e apenas por amor á verdade, que o medico não soube usar de todas as precisas cautellas no tratamento do enfermo. O seu receituario peccou sempre por exagerado, applicado como foi em doses maximas e contra todas as comesinhas indicações do formulario technico, sem aquella delicadeza profissional que leva os verdadeiros clinicos a tentearem pouco a pouco o caminho dos diagnosticos...

*

E, assim, a *Folha Constituinte*, chamada como um medico para a cabeceira d'um doente, viu-se na singular extremidade de se revestir de clerigo para ungir um moribundo; e, como clerigo, pode dizer-se que foi ella ainda quem responsou o partido constituinte á beira da cova...

O processo litterario das suas criticas apaixonadas, a fallencia ou a decrepitude das suas ideias partidarias, a falta de confiança nos homens e nas coisas, tudo isso fez que a *Folha Constituinte* arrastasse, desde os primeiros tempos, uma vida cheia de attribulações, sempre de pés para a cova, sempre a decahir dia a dia. — Se os arraiaes contrarios não obedecessem á mais escrupulosa disciplina; se nesses mesmos arraiaes a esperança do triumpho proximo não se fosse definindo a cada jornada que passava; se alguns constituintes de bom nome e de bom senso não conjurassem o perigo sempre imminente; Agueda teria soffrido por esse tempo uma das suas mais profundas perturbações sociaes.

Na responsabilidade editorial da *Folha*, andavam envolvidas ainda, por uns vagos vestigios de disciplina politica, personalidades de certo valor partidario, cuja presença irritava de algum modo o velho odio latente. As auctoridades do tempo não sabiam ou não podiam guardar-se em respeito perante o cachoar desordenado de aquella levada. E, assim, nas ondas de ella, algumas almas boas se deixaram arrastar, e se afogariam decerto, se a *Folha* não se afogasse primeiro num grande mar de indifferença publica...

(Não é sem magua que me vejo obrigado, por dever de critica desapaixonada, a deixar aqui esta nota na chronica da nossa terra; o que não quer dizer que essas palavras, com toda a sua aspereza exterior, não sejam escriptas cautellosamente, sem o signal d'um nome, e que ellas signifiquem porventura a má

vontade de quem escreve. — O amor da verdade vale muito para quem assigna esta chronica. É por isso que esta pagina o fez suar, ao escrevel-a.)

*

Litterariamente, a *Folha Constituinte*, a meio da derrocada do seu partido — que a tia Rosa Bicha classificava de *queda do imperio romano*... — conseguiu enfeitar de epithetos grotescos a gente que se propoz defender. Pertencem ao tradiccional glossario politico de esse tempo os *Verdelhas*, os *Caiporas*, os *Estadulhos*, os *Bernardos*...

Prestou tambem á nossa terra este inestimavel obsequio: — com o cantado artigo do seu numero 7.º «*fogo vermelho, incendido, violento, e enraivecido...*» talhou a primeira camisa com que o *Fogo Vermelho* veio para a rua. Porque o *Fogo Vermelho*, na sua origem, é um rebento da *Folha Constituinte*. Mas, emquanto esse rebento germinou e fructificou em fructos de oiro, o tronco velho da *Folha* apodrecia a toda a hora.

E apodreceu, até que morreu. Os esforços empregados para a amparar na queda (e este amparo pretendia reverter a bem do partido constituinte) foram desastrosamente succedidos.

O *Reformador* e o *Jornal Constituinte* herdaram da *Folha* quasi todos os maus legados que houve em seu testamento: os azedumes da linguagem, o desvairado soalheiro da critica, a desorientação mal aventurada das campanhas.

Estas duas gazetas, de vida breve, sem registo que lhes assignale as datas do nascimento e da morte — como as futilidades esquecem!...— andaram pela terra ao serviço das causas mais extravagantes. Entraram de amores com o sr. José Dias, cartearam-se de namorico com Antonio de Serpa; e, quando a gente mal se precatava, vae encontral-as um dia a carregar de tinta vermelha todo um programma de republicanice serodia e ephemera!

Foi isto ahi por setembro de 1891, quando os jornaes republicanos do paiz noticiaram a fundação dum centro republicano em Agueda, á custa das ultimas migalhas do velho partido constituinte, que, desorientadamente, em naufragio, tratava de se agarrar á taboa de salvação... Por signal (vá lá a nota da terra...) que, entre os adherentes á causa do republicanismo, figurava um cocheiro da casa real que vivia ha annos no nosso concelho, «recebendo pontualmente os seus ordenados.» — Este cocheiro da casa real faz todo o epigramma dessa *republicasinha manhosa*, como diria o Antonio Brinco.

*

Sem o enlevo dum ideal e sem uma palavra de ordem, a *Folha*, o *Reformador*, e o *Jornal Constituinte* — tres gazetas distinctas e uma só collaboração verdadeira — não conseguiram deixar atrás de si mais do que a vaga memoria do nome.

Foram trez gazetas que passaram por a gente,

*

sem outro valor que não fosse dar uma pagina, mais ou menos interessante, para a chronica de Agueda, o que a chronica tratou agora de fazer, desalinhavadamente, mas imparcialmente, e sem outro proposito além de bem informar quem a lê.

*

* *

6.— *A arraia meuda da imprensa de Agueda.— Muita parra e pouca uva...*

Quer ao lado, quer no cortejo do *Fogo Vermelho*, outras gazetas vieram a lume, na preoccupação de imitarem o seu espirito leve e gracioso, ou com o proposito occulto — quem sabe lá?...— de honrar a terra, na personalidade equivoca e mal apercebida dos seus redactores. Com epigraphes mais ou menos extravagantes, tivemos os *Pingalim* (1883), *Vesicatorio* (1884), *Petiz Buliçoso* (1885), *Trinta Diabos* (1886), *Brados* (1887), *Aguedense* (1888), *Timbre* (1891), *Povo* (1894): e, então, para compôr o ramo, a *Fé Catholica*, a rezar o seu terço beato para as bandas da Borralha. Houve ainda o *Judas*, num sabbado de alleluia, a querer espertar num quarto de hora de bom humor toda aquella alegria esfusiante que deu lenda ao *Fogo Vermelho*.

E houve ainda...— Mas não se chega a averiguar com precisão o nome, a data, e o programma de

todos quantos jornalecos meudos houve pela nossa terra. Era um, em cada anno; e, se os ventos não mudassem de rumo, Agueda, por aquelle andar, bateria o *récord* da imprensa jornalistica, como algum dia bateu o *récord* da americanice no seu noticiario pittoresco.

Não chegou a isso; e bom foi.— Quasi toda aquella arraia meuda da imprensa da terra entrou na vida, côxa de corpo e de espirito. Quando um jornal se dizia «independente, jocoso e *noticiario*», era certo que não noticiava nada, nem tinha graça, nem independencia nenhuma; quando outro pretendia fazer acreditar que «não mettia colhér no caldeirão da politica» logo a gente ficava sabendo que o novo galucho das milicias jornalisticas jámais seria capaz de matar a fome com outra especie de rancho.

E, por aqui fóra, tudo nasceu e tudo morreu, em breves minutos, sem um espirro que se ouvisse á porta da rua.

*

Ora eis aqui está, singelamente exposta, toda a chronica da imprensa de Agueda. (*Nota 19.ª*).

É bem de ver que algumas das informações recolhidas nesta pagina apenas servirão para satisfazer a curiosidade dos investigadores de coisas minimas. E para mais nada.

Mas a chronica, com ser de Agueda e para Agueda, não podia furtar-se a fallar de tudo isso, como fez, com certo vagar e pausa.

VIII

1.—População do concelho de Agueda.—Estatisticas comparadas dos nascimentos, obitos, e emigração.

Esta pagina foi, toda ella, organizada em face do *Censo da população do reino de Portugal no 1.º de dezembro de 1890* e dos annuarios de estatistica especial do movimento de população. — Á data em que escrevo, não é possivel fundamentar este estudo em documentos de data mais recente, o que, a despeito de isso, não é muito de importar, se considerarmos que o lapso de tempo que decorre desde 1890 até agora não é bastante para dar margem a quaesquer alterações de valor no modo de ser de uma pequena região, como é o concelho de Agueda. Além de que, e em face dos raros esclarecimentos que pude colher particularmente, não tenho duvida de affirmar tambem que o movimento da população do nosso concelho, a contar de 1890, deve ter sido normal e regularmente compensado, entre natalidade, obituario, e emigração,

pois que não pode accusar-se o apparecimento de quaesquer factores que alterassem notavelmente o estado social e economico do nosso concelho.

Outra observação convem fazer com referencia especial ao *Censo da População*.— Todos sabem como a responsabilidade da organisação desse documento — o qual, á falta de melhor, vae tambem servir de ponto de partida para os nossos estudos sobre os problemas da emigração e instrucção — pertence quasi exclusivamente ao recenseado, sem que as disposições penaes da lei possam compellil-o a ser exacto e consciencioso nas suas informações. Porque, como a illustração do povo portuguez ainda está longe de chegar á perfeição de o extirpar de aquelle espesso e velho preconceito que o levou a considerar o *boletim-de-familia* como a guarda-avançada dos legionarios do Fisco, segue-se que o tal recenseamento da população raras vezes corresponde á verdade. — Não ha meia duzia de chefes de familia, lá por esses casaes montesinhos de Macieira-de-Alcôba, que tenham o desassombro de dizer ao alcaiote official os seus nomes, estados, idades, e profissões, com todas as lettras, sem verem logo, ao de cima das suas cabeças aterradas, formar-se uma nuvem de pezadellos e ameaças, de cujas dobras tragicas rompe toda uma negra legião de fiscaes-do-sello, sob o commando do snr. inspector, com o *anno-do-nascimento* na mochila...

Se lhes puzerem, assestada contra o portal do cazebre, a bocca ameaçadora da mais formidavel *Krupp*, o montanhez de Cabeça-de-Cão não recuará um passo

sem se defender! Se lhe cercarem a lavrada com um cordão de artilharia, elle não abandonará de medo a rabiça do arado! — Mas, se o fizerem encontrado com o alcaiote da Administração — no logar mais excuso que seja, ahi onde se possa matar um homem sem testemunhas.. — o serrano succumbe logo e torna-se por tal maneira pusilanime, que os proprios agentes do fisco não podem furtar-se á compaixão e ao dó.

Nesta conjunctura, porém, o montanhez não deixa de defender-se. Pode permittir, sim, que o despojem do seu chuço ou da sua roçadoira; elle mesmo se offerece submissamente a esse desarmamento cobarde. Mas o que não se consegue delle, nunca, é convencel-o de que o agente do recenseamento, por exemplo, não é irmão-gemeo do recebedor da congrua. E então... mente: mente como um cão. — São os restos do chuço e da roçadoira que lhe ficaram apegados á alma.

Ora o que se diz dos serranos pode dizer-se tambem dos ribeirinhos, sem com isto querer offender os brios duns e doutros, ou imputar-lhes responsabilidades que lhes não cabem. Porque, no fim de contas, o unico responsavel d'aquelle facto é o Fisco ou quem o cria e amamenta, sem querer attender, acima de todas as mais considerações, que a caixa-forte do thesouro não se fez só para se applicar como ventoza insaciavel ao pé-de-meia das economias domesticas, mas tambem, e principalmente, para se exgotar a beneficio da instrucção e do bem-estar economico do povo.

Ergam um templo ao *A-B-C*, com 365 velas em cada altar! Ponham ao lado do prior da aldeia, caritativo e amoravel como a egreja de Christo o quer, um vigario da instrucção, carinhoso, affavel, dedicado, fanatico pelos deveres do seu sacerdocio! — E ver-se-á, então, como na floresta espessa dos preconceitos e dos prejuizos, o montanhez, o ribeirinho, toda a gente bizonha das nossas terras, se illumina do sol claro e bemdito que rompe atravez de todas as espessuras! Ver-se-á como o homem rude dos montes e dos campos se purifica e se enobrece, na comprehensão clara dos seus direitos e dos seus deveres! Ver-se-á como, da concha dura d'aquelle kagado, se extrahe a labareda d'uma alma!

*

Mas perdoem-me a divagação. — Todas essas considerações vieram a pêllo, para dizer que, no seu actual estado de illustração, o povo portuguez (que não é só o povo de Agueda) está convencido de que o *boletim-de-familia*, para os effeitos do recenseamento da população, é o pae-putativo do *bilhete-da-decima*...

D'esta velha e falsa convicção resulta naturalmente a desvirtuação dos trabalhos do recenseamento, cujas deficiencias e inexactidões não ha dedicação official que as suppra convenientemente.

Exactos ou não, não temos, porém, outros elementos de que nos utilisemos. E, em attenção ao seu caracter official, somos obrigados a ver no *Censo da Po-*

pulação do reino de Portugal o mais indiscutivel e o mais inabalavel documento da especialidade.

Apontadas, como ahi ficam, as cautellas com que devemos abordar o objecto d'este capitulo, exempto fico de responsabilidades no que possa haver de temerario ou de menos verdadeiro ácerca das conclusões a tirar das estatisticas.

Porque este capitulo do *Agueda* não vae ser uma simples compendiação de quadros estatisticos, a secco — algarismos sobre algarismos, sem a nota dum commentario que lhes dê alma. Não. Um algarismo é sempre uma esphinge. O numero que elle representa pode por ventura assombrar os espiritos, pela sua amplitude ou pela sua mesquinhez; mas, em geral, não os elucida convenientemente, sem que se lhe despregue a mascara e se lhe colem azas para voar.

Que nos importaria a nós saber, por exemplo, se o nosso concelho tem ou não tem 18:745 habitantes no seu territorio, se não tivessemos maneira de saber tambem que essas 18:745 criaturas do Senhor teem ao seu serviço 37:490 braços robustos para trabalhar e não só 18:745 boccas para comer? De que nos serviria possuir o conhecimento isolado d'aquelle numero, se não pudessemos descobrir, dentre essas 18:745 almas, quaes são aquellas que o luar da instrucção allumia e quaes as que não sabem balbuciar a oração do *A B C?*

Sim. Saber que o nosso concelho tem 18:745 habitantes não é tudo. O que nos deve importar, principalmente, para caracterisar com a possivel precizão

os diversos aspectos do seu viver economico e social, é estudar e comparar a sua população com a população dos outros concelhos do districto, indagar se essa população augmenta ou diminue no correr dos tempos, qual o estado da sua instrucção, emigração, e criminalidade, e qual, emfim, a riqueza agricola, industrial e commercial, de cujos filões são mineiros esses taes 18:745 habitantes do concelho de Agueda. Sem o estudo critico destes problemas, do nosso trabalho nada mais resultaria do que uma procissão espectral de algarismos, atravez das charnecas, com um chocalho de cortiça a badalar á frente... *(Nota 20.ª)*.

*

* *

2.— *População e Emigração.— **Estatisticas comparadas dos concelhos de Agueda, Albergaria, Anadia,** e Arouca.— O «Chapeleiro Velho.»*

Nos 16 concelhos de que se compõe o districto de Aveiro (reporto-me ao anno de 1890) o total da população de facto é de 287:437 individuos, com a seguinte distribuição:

Agueda	18:745	Ilhavo	10:762
Albergaria	12:585	Macieira de Cambra .	11:351
Anadia	17:408	Mealhada	9:929
Arouca	16:427	Oliveira de Azemeis .	27:693
Aveiro	23:668	Oliveira do Bairro .	8:928
Castello de Paiva . .	9:867	Ovar	24:783
Estarreja	32:759	Sever do Vouga . .	8:443
Feira	43:245	Vagos	10:844

Todos os concelhos do districto podem ser classificados em 3 grupos distinctos: — pertencendo ao 1.º grupo os concelhos de população superior a 20:000 almas (Aveiro, Estarreja, Feira, Oliveira d'Azemeis, e Ovar, com um total de 152:148 habitantes); ao 2.º grupo os concelhos de população superior a 12:000 e inferior a 20:000 almas (Agueda, Albergaria, Anadia, e Arouca, com um total de 65:165 habitantes): — ao 3.º grupo os concelhos de população inferior a 12:000 almas (Castello de Paiva, Ilhavo, Macieira de Cambra, Mealhada, Oliveira do Bairro, Sever do Vouga, e Vagos, com um total de 70:124 habitantes.)

Para o nosso cazo, porém, apenas importa tomar em consideração os concelhos do 2.º grupo — Agueda, Albergaria, Anadia, e Arouca — cuja população total é, como acima se vè, de 65:165 habitantes.

*

O estado civil da população do concelho de Agueda, em 1890, é representado pelo seguinte quadro:

SOLTEIROS		CAZADOS		VIUVOS	
Varões	Femeas	Varões	Femeas	Varões	Femeas
5:235	6:632	2:632	3:094	349	803

Totaes: — 8:216 varões, e 10:529 femeas; 11:867 solteiros, 5:726 cazados, e 1:152 viuvos.

Para avaliar desde já qual o movimento da população do concelho, em relação ao movimento dos concelhos do seu grupo, conforme a nossa classificação, veja-se o quadro que se segue e donde consta o numero de nascimentos, obitos, e emigrantes, de cada um dos 4 concelhos, nos annos de 1886-1890.— Vae incluida neste quadro a estatistica da emigração, porque ella é um factor importantissimo a tomar em consideração pelo que respeita, principalmente, ao movimento da população do nosso concelho. Adiante se verá como a emigração em terras de Agueda, com todos os maus caracteres dum vicio regional, é uma das causas efficientes, da estagnação economica, senão do abatimento progressivo, do nosso concelho.— O *oidium* nas vinhas e a *rosca* nos milhos não são tão prejudiciaes, talvez, como o vicio de emigrar...

ANNOS	AGUEDA			ALBERGARIA			ANADIA			AROUCA		
	Nascimentos	Obitos	Emigrantes	Nascimentos	Obitos	Emigrantes	Nascimentos	Obitos	Emigrantes	Nascimentos	Obitos	Emigrantes
1886	512	385	119	365	277	47	526	319	52	495	334	84
1887	501	344	202	375	255	58	487	248	76	563	248	133
1888	538	307	180	377	245	47	564	292	125	535	271	114
1889	525	281	175	394	223	39	538	325	183	566	311	135
1890	551	369	235	381	337	68	504	316	243	502	328	197
Total	2627	1686	911	1892	1337	259	2619	1500	679	2661	1492	663

A media annual dos nascimentos, obitos e emigrantes, de cada um dos 4 concelhos, nos annos de 86-90, pode avaliar-se, em numeros redondos, pelo quadro seguinte, que não é mais do que o complemento em resumo do quadro anterior:

	Nascimentos	Obitos	Emigrantes
Agueda	525	337	182
Albergaria . . .	378	267	52
Anadia	524	300	136
Arouca	532	298	132

Reduzindo ainda á ultima expressão os elementos estatisticos destes quadros, de maneira a pôr a media annual dos nascimentos em confronto com a media annual dos obitos e emigrantes — estabelecendo assim um flagrante contraste entre as *causas de augmento* e as *causas de decrescimento* da população, nos mesmos 4 concelhos — chegamos finalmente a esta evidencia desoladora, pelo que respeita ás terras d'Agueda:

	Nasceram	Morreram ou emigraram
Agueda	525	519
Albergaria	378	319
Anadia	524	436
Arouca	532	430

Do confronto destes elementos estatisticos não ha outra conclusão a tirar senão esta, que, com muito profunda e muito sincera magua, aqui estampamos: — Emquanto a media do augmento effectivo da população, em cada um dos outros concelhos, se pode avaliar em 83 almas, annualmente, *o augmento effectivo da população do concelho de Agueda, em cada um dos annos de 86-90, não vae além de 6 almas!*

Eis a triste e desoladora evidencia a que chegamos com o simples trabalho rudimentar das operações arithmeticas!

Para explicar de algum modo a estranheza deste facto, não é precizo, porém, invocar a intervenção de qualquer castigo biblico — Fome, Peste, ou Guerra; a propria estatistica demographica do nosso concelho nada accusa de alarmante nas causas da mortalidade. — O que se sabe, pela observação da estatistica obituaria, é que, ao passo que a media annual dos obitos, nos concelhos de Albergaria, Anadia, e Arouca, não vae além do numero 288, o nosso concelho de Agueda figura com o numero 337 na mesma estatistica. — *Mais 49 obitos, annualmente, do que nos outros concelhos!* — O que é evidente e esmagador de verdade, para quem medite com attenção naquelles numeros, é que a media da emigração do nosso concelho, em cada um dos annos de 86-90, ascendeu a 182 individuos, ao passo que, nos restantes concelhos indicados, não passou de 106. — *76 emigrantes, a mais, no concelho de Agueda!*

Quer dizer: — Levamos a palma da má-ventura

entre os nossos irmãos do districto: porque é uma triste gloria esta de se ser superior na gerarchia da desgraça...

*

Como se vê, além dos 337 obitos annuaes do nosso concelho, a emigração é representada annualmente pela media de 182 individuos — sem fazer reparo, ainda, na estatistica da emigração clandestina, a qual, se pudesse ser averiguada e esclarecida, viria augmentar aquella cifra consideravelmente.

Ora querem saber agora os meus patricios o que representam aquelles 182 emigrantes na economia do nosso concelho? Vou dizel-o em poucas palavras. E, para o dizer, nem quero tratar de indagar o que os economistas modernos affirmam sobre o valor ou preço monetario em que pode ser avaliado um homem — o *capital-homem*. Não. Farei o calculo muito rudimentarmente, terra a terra, soccorrendo-me apenas dos conhecimentos ao alcance de todas as intelligencias.

Assim: — Ninguem poderá accusar-me de exagerado se eu partir do principio de que um homem não vale mais de 100 reis diarios, o que representa um valor annual de 36:500 reis. Mas, como o valor de qualquer propriedade rustica ou urbana não pode ser computado pelo que ella vale num dado momento, mas sim pelo seu valor real num certo numero de annos, com dobrada razão o valor dum homem não deve ser computado senão pelo seu valor real durante

um certo lapso de tempo. E, nestas condições, não exagero por certo se estender esse lapso de tempo a um periodo minimo de 20 annos — dentro do qual ha ensejo de se exercer e valorizar, quer moral, quer materialmente, o melhor das actividades e das energias humanas.

Segundo este raciocinio, pois, que não pode em verdade ser acoimado de inconsequente, um homem tem o valor real de 730:000 reis — uma mesquinhez ridicula que não chega para comprar uma parelha de *Alter*... Mas demos de barato que assim seja. Sabem a quanto monta a exportação annual do *capital-homem* no nosso concelho, em face do preço que lhe arbitrámos e em face da media annual dos emigrantes? — Nada mais, nada menos, do que reis 132:860$000, annualmente, o que representa, num curto periodo de 10 annos, uma diminuição de riqueza na importancia de 1.328:600$000 reis.

Quer dizer: — Os 182 emigrantes, que saem do nosso concelho sem uma moeda na algibeira (porque os ultimos ceitís lh'os espremeram no emolumento e sello dos passaportes...) levam comsigo, de 10 em 10 annos, nada menos de *mil contos* de reis para fóra das nossas terras!

*

E não venham para cá argumentar com meia duzia de emigrantes ricos que regressam ao nosso concelho. Não. Essa importação de valores não com-

pensa por forma nenhuma a exagerada exportação de capital que o nosso concelho faz annualmente.

O regresso de cem emigrantes, pelo que respeita aos seus haveres, faz-se nesta proporção: — 1 rico por 99 pobres.

Quem lhes poderia dizer isto, melhor do que eu — se tivessem herdado o privilegio da burra de Balaão — eram os gericos de Avelãs-de-Caminho, sobre cujos albardões se transportam habitualmente esses farrapos da mizeria social que são os emigrantes ao regressar á nossa terra!

Porque o cazo é este: — O emigrante abala de *char-á-banc*, e regressa... de burro. E' o destino! As excepções são raras, como sabem, e em nada destroem os calculos feitos.

Mas ha mais: — Ao abalar, o emigrante de Agueda deixa atraz de si um maguado còro de soluços e de ais que é cantado lugubremente pela familia que elle abandona na mizeria; ao tornar do Brazil, quando torna, acompanham-no as proprias lagrimas que vem chorando, de vergonha, por se reconhecer o unico cauzador da mizeria em que torna.— Então, se a nossa terra, em vez de ser mãe carinhosa, como é, de todos os seus filhos, se mudasse em madrasta austera, prompta sempre a desagravar-se das affrontas que os filhos lhe fazem quando emigram na febre das ambições, como se carregaria de tristeza o quadro tragico do regresso dos emigrantes!

Vi duma vez, na Praça-Nova de Agueda, um esboço rapido desse quadro, quando dois emigrantes,

ao entrarem na Villa com os seus dois pobres bahús de folha onde vinha toda a riqueza do seu enxoval de *brazileiros*, succumbiram de amargura, ao serem recebidos sob um chuveiro de ironias e de chascos com que as vinte ou trinta regateiras do mercado entenderam sublinhar-lhes a mizeria em que regressavam...

*

Afóra os que tornam ricos ou ao menos solidamente remediados, ainda comprehendo um emigrante, assim como o *Chapeleiro* da Venda-Nova — o *Chapeleiro-Velho*, que, com as suas repetidas idas e tornadas ao Brazil, chegou a bater o *récord* da emigração...

Apparecia elle, uma tarde, pela Rua-das-Hortas abaixo, com a trouxa da roupa ás costas:

— Aonde é a ida, ó *Chapeleiro?*

— Vou alli, ao Brazil...

Passados poucos mezes, apparecia o *Chapeleiro*, das bandas de Além-da-Ponte, montado no seu gerico de Avelãs, de *cache-nez* ao pescoço e papagaio na mão:

— Donde é a vinda, ó *Chapeleiro?*

— Venhò alli, do Brazil...

E, nestas idas e tornas, gastou o *Chapeleiro* da Venda-Nova todos os alegres dias da existencia. Demorava-se em Agueda o tempo bastante para acudir ás despezas da partida; demorava-se no Brazil o tempo indispensavel para ganhar para as despezas do

regresso. Mas, a despeito de tudo, nunca o *Chapeleiro* se esqueceu de que Agueda era afinal a sua terra de sempre, o seu ninho, o porto dos seus affectos, nem se deixou contagiar, nas curtas estadas lá pelo Brazil, daquella brazileirice pedante que nos recambia alguns dos nossos patricios com esse ridiculo sutaque de fallar sobre que as ironias de Camillo tanto brincaram .. E' que elle era de Agueda e por Agueda, sempre, em toda a parte onde estivesse. Não lhe succedeu nunca esquecer-se dos amigos que por cá deixava — como ao Thomaz de Recardães, que, em dois breves mezes de ausencia, logo teve artes de se esquecer do nome dos mais intimos amigos...

*

Mas *Chapeleiros*, com as honras duma tradicção tão original e tão patusca, não houve mais do que um na nossa terra; os outros não conseguiram herdar-lhe as *virtuosidades*... Porque o mais que elles conseguem, na razão de 70 %, é demonstrar aos que ficam que o Brazil — o Brazil das suas mal guiadas esperanças — não passa de ser uma succursal do cemiterio de Agueda.

São cinco, quasi invariavelmente, os estadios por que passa, em nossos dias, o emigrante da nossa terra, antes de abalar:-- livra-se das sortes; casa: baptisa o primeiro filho; empenha a ferramenta do officio ou uma territa no campo; e gasta todo o dinheiro do penhor nas despezas do passaporte. — São os cinco

sacramentos do emigrante; como quem diz, cinco passos sacramentaes a caminho da desventura.

Isto é corrente, isto chega a ser normal — um facto de todos os dias que pode ser verificado por toda a gente.

Ha coisa de 10 annos, parece que a emigração tende a derivar para as possessões da Africa portugueza, principalmente Angola, Lourenço Marques, S. Thomé. Mas esta derivação é quasi insignificante. O Brazil continua a ser o Eldorado enganador do meu patricio. — Oxalá que os seus enganos possam algum dia converter-se em realidades, e que os seus sonhos e as suas ambições se rebatam em cheques sobre o Banco de Londres, muito embora a nossa terra não chegue a participar dessas opulencias ideiaes! *(Nota 21.ª).*

*

* *

3.— Instrucção.—Uma chaga em aberto.—Caixa Escolar de Soccorros.

A alturas tantas duma das ultimas paginas, perguntei eu de que nos servia saber que o nosso concelho tinha 18:745 habitantes, se não pudessemos averiguar desde logo, de entre todas essas almas, quaes são aquellas que a luz da instrucção alumia e quaes as que não sabem balbuciar a oração do *abc.*

Vamos procurar responder a essa interrogação. E,

muito embora a resposta em nada lisonjeie os nossos orgulhos patrioticos, consolemo-nos ao menos com o espectaculo que as estatisticas da instrucção nos offerecem de triste por esse Portugal além. E' uma falsa consolação, essa, bem sei... Mas que posso eu dizer de mais consolador, para attenuar de qualquer maneira a magua que me assalta ao considerar o estado desolador da instrucção na nossa terra? Que outras e melhores desculpas hei-de invocar com que possa explicar o facto vergonhoso de, nos 18:745 habitantes do concelho, haver, nada mais, nada menos, do que *14:678 que não sabem ler nem fazer o seu nome?*

Esta grande vergonha da nossa terra é uma pequenina parcella das vergonhas deprimentes de todo o paiz. Se assim não fôsse, se o nosso concelho aguentasse, só por si, com as graves responsabilidades de aquella vergonha, sem que o paiz e os seus governos o alliviassem della, melhor seria então que o dedo de Deus, inexoravelmente, riscasse Agueda dos mappas do mundo!

Mas, não. Agueda não está sozinha no meio das sombras. Os seus 14:678 analphabetos enfileiram na legião espessa daquelles tenebrozos *oitenta-por-cento* com que se representa a percentagem dos analphabetos em terras de Portugal. A noite de Agueda é a noite de todo o paiz. — Quando surgirá, a fender as baêtas negras dessa noite, o luar purissimo da instrucção? Quando é que Portugal, todo o Portugal ignorante das nossas aldeias rudes, poderá saber, á custa da propria alma, sem que a tradicção o ajude com a luz

esmorecida das suas velhas candeias, o que os *Luziadas* dizem do que essa alma foi?

*

Entro no assumpto, como quem entra na negrura duma floresta, em cujos desvãos tragicos a nossa imaginação só vê espectros e vizões phantasticas. E, como quem vae dominado dum grande medo, caminharei sempre, sem olhar para a banda, por cima de toda a folha, de corrida, com os olhos da alma alevantados para a escassa réstea de luz que cae do alto e que assignala talvez o raiar de aquella estrella feiticeira onde a Esperança mora. — Porque, ao atravessar as trevas desta noite, nenhum de nós, por muito incredulo ou desalentado, deve perder a esperança de que o dia surja em breve, triumphalmente, com um ruidoso cantico de victoria a acordar as almas!

Quereis saber, então, como as espessuras daquella noite são carregadas, ao poder implacavel da evidencia mais singela? — Eis o quadro, um quadro em borrão, ás manchas largas:

Numa população de 18:745 habitantes, como é a população do concelho de Agueda (1890), apenas sabem ler, ou ler e escrever, *4:067 individuos!* O numero de analphabetos sobe, portanto, á vergonhosa cifra de *14:678!*

Vejamos tambem — para graduar de certo modo os beneficios que resultam immediatamente da instituição da escola primaria (essa porta de oiro, que leva á

caza de Deus...) — qual a frequencia e aproveitamento dos alumnos na idade escolar, com referencia ao anno de 1890, por cujo *Censo* nos estamos guiando sempre.

Idades	Numero total de individuos	Sabem ler	Sabem ler e escrever	Analphabetos
6 annos	384	5	73	306
7 »	369	-	106	263
8 »	413	3	116	294
9 »	380	2	136	242
10 »	447	6	149	292
11 »	328	4	138	186
12 »	453	6	139	308
Totaes	2:774	26	857	1:891

Da simples inspecção deste quadro estatistico se vê que, em 2:774 individuos, de 6 a 12 annos de idade, havia, em 1890, *1:891* analphabetos, e sabiam ler, ou ler e escrever, apenas *883* — o que dá uma media de 27 alumnos frequentando com aproveitamento cada uma das 32 escolas do concelho

*

A que attribuir esta mizeravel desproporção? — Não, por certo, ao desleixo ou incompetencia do respectivo professorado, ao qual os poderes publicos não

podem regatear louvores; não, tambem, á reluctancia por parte das familias em mandarem os filhos á escola.

A meu ver, ha apenas os dois motivos seguintes a invocar, que, de certa maneira, justificam aquella vergonha: 1.º — o reduzido numero de escolas no meio duma população tão densa como é a população do concelho; 2.º — a carencia de meios necessarios, por parte das familias, para occorrer ás despezas da frequencia escolar.

Como vimos, a população do concelho de Agueda, dentro da idade escolar, era, em 1890, de 2:774 individuos. Partindo da hipothese de que todos elles frequentavam as escolas, teriamos em cada uma das 32 escolas do concelho uma media de 86 alumnos. — Nestas condições, poderá um professor, por muito bem remunerado que seja, exercer, dignamente e com vantagens de aproveitamento, o seu ministerio profissional perante um tão avultado numero de alumnos? *(Nota 22.ª)*.

E' sabido que não. E, quanto a mim, a despeito da minha falta de conhecimentos especiaes sobre o assumpto, ou talvez por isso mesmo, não me repugna crer que a accumulação daquelles 1:891 analphabetos se deve em primeiro lugar á falta de escolas bastantes que os comportem e os eduquem. Sem fazer reparo na solução dos problemas higienicos, pelo que diz respeito a um grande numero de installações escolares do concelho, uma frequencia escolar, que vá além de 30 alumnos por cada escola, é sempre um inconveniente gravissimo para a diffuzão regular e

vantajoza do ensino, 32 escolas para 2:774 individuos, não deve ser! — A prova deste desacerto, cujas culpas só ao governo cabem, ahi está patente na exagerada percentagem de analphabetos com que o nosso concelho concorre para engrossar os *oitenta-por-cento* do analfabetismo nacional. *(Nota 23.ª)*.

Alarguem o numero de escolas; dupliquem-no ao menos, por agora. E ver-se-á como a cifra dos analfabetos se reduz e se extingue talvez: ver-se-á como as manchas daquelle quadro negro se desvanecem dia a dia e se franjam de oiro.

Mas a quem supplico eu? — Não é aos homens-bons da nossa terra, que tão bem sabem amoldar a ascendencia que resulta do seu valor politico ao amor que devem e votam aos seus progressos moraes e materiaes. Não. Dos seus bons officios e do seu esforço, no sentido de melhorarem a instrucção do nosso concelho, posso eu attestar com todos os justos louvores que merecem e de que a minha alma agradecida é capaz. — Felizmente que o repicar do campanario politico, em Agueda, não se faz por impozição de regedorias mesquinhas, como na maior parte das terras portuguezas. Na area do nosso concelho, o galopim entrou nos dominios da lenda. E, muito embora, noutros tempos, a politica da nossa terra — a famosa politica de Agueda! — se enleiasse por vezes em campanhas mais ou menos apaixonadas, a escola primaria foi sempre respeitada do tiroteio, e o facho de luz que rompe das suas poucas janellas não se apagou nunca sob as nuvens da polvora...

Mas a quem supplico eu, então? — Oiço dizer, desde pequeno, que ha ahi, algures, um governo, ao alto do paiz, a que, nos curtos entreactos das farças eleitoraes, não são de todo estranhos os problemas economicos da instrucção publica. Oiço dizer... E, com o ouvi dizer, me contento por agora, porque este livro não tem o proposito de pedir contas estreitas a esse tal governo, que vem a ser, incontestavelmente, o responsavel unico desta deprimente e aviltante vergonha nacional.

*

O segundo motivo que apontei, para justificar o exagerado numero de analphabetos que ha no nosso concelho, é a carencia de meios necessarios, por parte das familias, para occorrer ás despezas da frequencia escolar. Porque — todos o sabem — os preceitos rudimentares da higiene infantil devem dar o braço aos preceitos da instrucção elementar. Para illuminar o espirito, ao menos sufficientemente, é preciso que o corpo seja criado e cuidado com o aceio indispensavel.

Mas a decencia e a limpeza duma roupa, por muito modesta que seja, absorvem o producto de 15 jornaes dum cavador; esses 15 jornaes, a 240 reis diarios, são 3:600 reis. — Ora o que ha de esse cavador comer na segunda quinzena do mez?

E' certo que um pobre estudantinho da aldeia não preciza de roupas novas todos os mezes. Coitado delle! A roupa que lhe compram pela Paschoa entra pelas Paschoas seguintes como se fosse novinha em

folha... — Mas nem por isso o orçamento familiar deixou de desequilibrar-se pela quebra daquelles 15 jornaes que foram precizos para mandar o filho á escola pela primeira vez: nem por isso, esse mizeravel orçamento deixa de desequilibrar-se, a cada *alfabeto* ou *taboada* que tem de se comprar para que um filho acompanhe sempre, e sem vergonha, os seus camaradas de classe.

E era tão nobre e tão lindo equilibrar o orçamento desse pobre cavador, sem que o seu filho fosse privado de aprender a ler, escrever e contar! Era tão nobre e tão lindo conseguir, em pouco tempo, que os filhos de cada cazal rustico pudessem, elles mesmos, fazer e refazer as contas do proprio orçamento familiar!

Uma simples *Caixa Escolar de Soccorros* faria esse grande milagre. Bastaria que, daquelles 18:745 habitantes do nosso concelho, uma terça parte concorresse com uma quota mensal dum *vintem* para o fundo dessa Caixa. Teriamos assim 6:248 socios com uma importancia annual de quotas no valor de reis 1:499$520.— Quer dizer: á despeza de 240 reis, que cada socio teria de pagar annualmente, corresponderia um beneficio inestimavel a favor do progresso moral da nossa terra!

Mas o fundo da *Caixa Escolar de Soccorros* subiria ainda a uma somma mais consideravel, annualmente, pois que a caridade de alguns daquelles subscriptores não se limitaria por certo á mesquinhez da quota que lhe arbitrámos no calculo. E, nestas condições, podemos affoitamente dizer, sem sombra de

exagero, que, num prazo de dez annos, a *Caixa Escolar de Soccorros* se habilitaria com o fundo bastante, para, com o proprio rendimento das quotas cobradas durante aquelle periodo (15 contos de reis, approximadamente) occorrer a todas as despezas dos estudantes pobres e do proprio material escolar do nosso concelho.

Ah! que se fosse possivel emprehender esta cruzada e chegar ao fim della, sem desfallecimentos, como a gente se poderia então orgulhar de ser de Agueda — de ser desta linda terra portugueza que rasgaria a primeira porta nos muros dessa fortaleza lôbrega onde a ignorancia se entrincheira ha tantos seculos! — Quem ha ahi, dentre a terça parte dos meus patricios, que não possa dispôr dum vintem mensal e dum bocado de boa vontade a favor da instrucção? (*Nota 24.ª*)

*

*   *

4. — *Criminalidade.* — *O «Manuel Marques Carriço.»*

Para desfecho deste capitulo, que muito profundamente deve ter opprimido de penas a alma delicada de todos os meus patricios que o estão lendo com olhos de ver, reservei de proposito o estudo estatistico da criminalidade na comarca de Agueda. Porque este estudo vae revelar-nos consoladoramente como o espectro negro da criminalidade não caminha a par e

passo com o espectro negro do analfabetismo; vae revelar-nos como o numero dos analfabetos nem sempre se coaduna com o numero dos delinquentes. — Se acceitassemos de animo leve o parecer temerario dos poetas e philosophos que deparam com um criminoso todas as vezes que encontram um cego de espirito, os criminosos de Agueda teriam que ser computados annualmente em 14:678, que a tanto monta a cifra dos analfabetos do concelho. Seriam muitos mais ainda, pois que os limites da circumscripção comarcã vão muito além dos limites da circumscripção concelhia.

Mas não é assim, felizmente. Pois que, a despeito da falta de instrucção, a alma do nosso povo não deixa de possuir virtudes fortes, embora rudes, que a couraçam contra os mais bruscos assaltos das paixões. Ha, é certo, nas terras de Agueda, 14:678 individuos que não sabem ler, por si, aquellas doces palavras dos *Mandamentos da Lei de Deus*, onde se compendiam todos os deveres da alma humana, segundo os altos ensinamentos da religião christã. Mas entendem-n'os, porque os decoram com o coração. — Pode um cego não saber evitar o barrocal dum caminho; mas o que elle sabe sempre evitar (porque a falta de vista corporal lhe é mizericordiosamente compensada com a agudeza delicada da alma) é o desvio da propria dignidade.

*

A estatistica da criminalidade na comarca de Agueda ensina-nos que, de 1891 a 1895, o numero

indicativo dos reus condemnados foi apenas 155:—107 homens e 48 mulheres! — Quer dizer: a media dos condemnados naquelle periodo de 5 annos não foi além de 31 reus em cada anno!

Confrontando estes numeros com os da estatistica criminal das comarcas de Albergaria, Anadia e Arouca (ás quaes cabem respectivamente os numeros de 413, 444, e 217), acharemos que a media de cada uma dessas comarcas é de 358 reus condemnados no periodo de 91-95, o que representa uma media de 71 reus em cada anno. Este confronto pode fazer-se, vantajosamente, com outras comarcas do nosso districto de população mais reduzida, como são evidentemente as comarcas de Castello-de-Paiva e Vagos, nas quaes a media annual dos reus condemnados é respectivavamente de 36 e 41. Podemos ainda, sempre com vantagem a nosso favor, levar mais longe este confronto. Assim: o quadro estatistico da criminalidade em todas as comarcas do districto, ao passo que distribue á comarca de Agueda apenas 155 reus condemnados no periodo de 91-95, faz da maneira seguinte a distribuição pelas restantes comarcas do districto: Albergaria, 413 — Anadia, 444 — Arouca, 217 — Aveiro, 606 — Castello-de-Paiva, 180 — Estarreja, 484 — Feira, 784 — Oliveira-de-Azemeis, 326 — Ovar, 622 — e Vagos, 207.

Fica-nos, pois, á cabeceira do rol, a nossa comarca de Agueda, com o seu pequeno numero de 155 reus condemnados durante cinco annos! — Ah! se estes numeros pudessem corresponder exactamente á ver-

dade dos factos, como o quadro seria de molde para nos alliviar e exaltar a alma no que ella tem de mais sagrado! Se a moralidade publica — o civismo, a honra, a dignidade dum povo — pudesse ser apreciada em algarismos, a estatistica criminal da nossa comarca seria um documento de honra dos mais excellentes!

*

O *Estudo estatistico da criminalidade em Portugal*, donde esses numeros são extraidos, é incontestavelmente o melhor livro que se tem publicado na especialidade, entre nós. Mas, com ser o melhor, não é um livro isento de defeitos e de defeitos capitaes; o seu proprio auctor, o distincto clinico de Lisboa, Alfredo Luiz Lopes, se confessa sem meios de os corrigir, porque elles são muitos e de origens muito diversas.

Mas, isentas desses defeitos não são por certo as estatisticas da populaçáo, emigraçáo, e instrucçáo; e, entretanto, porque não ha trabalhos perfeitos sobre estas materias, fomos obrigados a acceitar como verdadeiras todas ou quasi todas as suas affirmaçőes. — Quero dizer, com isto, que os erros e defeitos dos diversos quadros estatisticos, pelo que respeita ao nosso concelho e comarca, se devem talvez compensar; e, assim, computando como mesquinha a media annual de 31 reus condemnados na nossa comarca, não poderemos ao mesmo tempo ter como exagerado o numero de analfabetos que ha no concelho? — Este repa-

ro, note-se bem, não tem outro fim senão evitar que os nossos orgulhos patrioticos transponham as raias da continencia e comecem para ahi a cantar glorias sem se ver bem se essas glorias tem o alicerce seguro...

*

Nos preliminares do *Estudo estatistico da criminalidade* diz o auctor, com toda a sua auctoridade:

> — «Sociologicamente, não são os crimes previstos nos codigos penaes, os que mais perniciosos effeitos produzem. O faccinora e o ladrão prejudicam apenas um muito restricto numero de pessoas, e simplesmente contaminam com o seu exemplo os individuos predestinados para o crime; mas o funccionario immoral, o politico corrupto, o negociante desleal, o charlatão ousado, o ocioso rico, e a corteză impudica, arruinam, desmoralisam, e pervertem a grande massa social.»

Viva Deus! A Giesteira, o Cazainho-de-Cima, o Randam, com os seus simples delictos de injurias e ferimentos á flôr da pelle, nem, por ouvirem dizer, sabem o que vem a ser isso de ricos ociosos e cortezãs impudicas... Desde 1850 — salvo um ou outro crime de paixão, que logo esquece — os registos cri-

minaes da nossa comarca pouco mais apontam, digno de nota, além daquelle cazo tragico e misterioso do

Manuel Marques Carriço
que matou a Carlota,
entre S. Martinho e Aguada,

como se dizia ao tempo, na trova dos cegos...

Funccionarios immoraes, politicos corruptos, charlatães ousados, cortezãs impudicas... — Ora o que sabes tu disso, ó velha regateira da praça de Agueda, de cujas *más criações* de linguagem provém quasi todo o mesquinho cortejo dos delictos da nossa terra? O que sabeis vós disso, ó alegres velhinhos piteireiros das romarias, que saciaes as mais tenebrozas paixões da vossa embriaguez com duas bofetadas a tempo na cara de quem se riu de vós?

*

Mas o proprio *Estudo estatistico da criminalidade* diz-nos quaes os crimes vulgares da nossa comarca: — ferimentos e offensas corporaes, furtos e subtracções. Quer dizer: com 8 dias remiveis, sellos e custas do processo, está o negocio liquidado.

E, sobre esta boa nova, vou fechar o capitulo, pondo em confronto os dois quadros estatisticos da instrucção e da criminalidade que acabamos de estudar: — Numa população de 18:745 individuos, contam-se 14:678 analfabetos, o que faz tristeza; mas, a par de

esses 14:678 analfabetos, juntos aos do concelho de Sever-do-Vouga em que aqui não se fallou, ha apenas 31 reus condemnados por anno, o que faz alegria.

Se este facto não significa qualquer coisa de excellente a attribuir á alma do nosso povo, que melhor poderemos dizer em bem dessa alma, a qual, muito embora suffocada quasi de todo nas trevas da ignorancia, tem a consciencia por tal forma educada que sabe evitar tão dignamente o assalto das paixões?

IX

1. — *Crenças e devoções.*

Por tradicção e inclinação natural, as crenças do povo de Agueda são profundamente sinceras; e tão sinceras, que elle chega a ter orgulho de essas crenças.

Desta forma, ellas constituem, a par dos costumes regionaes, uma das feições mais singulares do seu viver.

Se fosse possivel, de um dia para o outro, alumiar o povo da nossa terra com toda a luz duma razão esclarecida, todo o seu lindo ar de humildade se perderia logo. As suas novenas, as suas promessas, as suas procissões piedosas, os seus votos e penitencias — tudo isso que vem dos corações simples, como um allivio para estancar as dores deste mundo — logo seria profundamente prejudicado: as flores dos altares murchariam nas jarras, as ermidas cahiriam de abandono, os cruzeiros vestir-se-iam com samarras de musgo, e o proprio Senhor-dos-Passos da nossa terra, invocado a toda a hora por quem, de perto ou

de longe, se vê em perigos, para alli ficaria na solidão fria da sua capella, sem um padre-nosso que o fizesse estremecer na sua immobilidade de estatua.

Mas, de todo esse aniquilamento, que proveito viria para o povo da nossa terra?

Ai, deixae-o lá, senhores philosophos! Deixae-o lá, nas nevoas doiradas da sua ingenuidade, vivendo um pouco, á moda antiga, daquella doce resignação que as palavras simples de Jesus lhe semearam na alma! Deixae-o lá, na sempre disvelada e sempre terna confiança de que o ceu é a casa de quem tem fé e o inferno a toca negra de quem vive no peccado!

Se conseguem prival-o disso, algum dia, nunca mais o viver do povo da nossa terra poderá dar ensanchas a que os seus emigrados chorem de saudades cá por longe, quando a recordam! Nunca mais a vista do seu lindo campanario, posto ao cimo do Adro como um guião de damasco branco, semeará alegrias no coração de quem lá chega, á terra!

Assim, com as suas crenças e com as suas velhas devoções, muito embora simples e ingenuas, o povo da nossa terra, nas relações estreitas do seu viver social, não é um bando desvairado de gentes, á porfia, em guerra aberta, a ver quem mais anda e melhor caminha. Não. É algu̅ma coisa de melhor e de mais captivante:—um rancho alegre de almas, vivendo todas na simpathia reciproca dos sentimentos mais carinhosos, soccorrendo-se e amparando-se.

É assim que o conheço, e foi assim que o amei sempre.

*

Para avaliar de certo modo a constancia e a firmeza intransigente das suas crenças, devo dizer desde já que o povo de Agueda prima em cumprir escrupulosamente todos os mandamentos da egreja.— Sem a missinha domingueira e sem o confesso annual, nem a alma se lhe salva...

E, então, a sua obediencia religiosa, em face desses preceitos, leva-o muitas vezes até tocar as raias da intolerancia.

Assim, duma vez, em Ois-da-Ribeira, um lavrador menos cuidado parece que se esqueceu de que estava em quinta-feira da Ascensão, e foi-se até ao campo a lavrar uns leirões de terra. Pois, senhores, foi o bastante «para que alguns seus companheiros lhe pregassem com a charrúa, carros e carretas — os utensilios da lavoira — ao rio.» *(Sob. do Povo,* 29-5-1892.*)*

É que trabalhar ao dia santo offende a Deus.— Para prova, lá está ainda, encantado na lua, com a sua foicinha de aço e o seu molho de silvas bravas ao hombro, por toda a eternidade, aquelle mau homem, que, sem respeito pelo mandamento da egreja, foi roçar um cômoro em pleno dia de domingo. Lá está ainda, e lá estará sempre, para castigo delle e exemplo dos outros... Todo o povo de Agueda o vê distinctamente...

Mas, para attestar ainda a intolerancia desta boa

gente, ha uma *praga* no glossario regional que diz bem quanto a sua alma se revolta contra aquelles que não obedecem cegamente aos preceitos da egreja: — *Quem não jejua em vesperas de Natal, ou é burro ou animal.*

O epitheto, com que esta praga popular classifica todos aquelles que ousam faltar ao preceito do jejum em vespera do Natal, foi colhido á certa nos farrapos oratorios de qualquer sermão de prégadores intolerantes, missionarios ou coisa assim, que passavam de antes lá pelas ermidas do nosso concelho, e onde, por memoria da sua predica, conseguiram deixar coisas daquelle feitio.

O preceito do jejum já lá estava, desde que Agueda era Agueda; a phrase, porém, é de elles, com a inteira responsabilidade da intolerancia que traduz e do disparate que significa. — *Burro ou animal* é uma phrase caracteristica.

Mas, seja como fôr; o povo aproveitou-se della para seu uso cazeiro, á falta de melhor que, em tal lance, exprima a sua propria intolerancia.

*

* *

2. — O Natal e as Novenas-do-Menino. — Á lareira: o jogo do «par-ou-pernão.» — A Missa-do-Galo.

As festas do Natal, na nossa terra, não teem aquella doce poesia tradicional de que se revestem nas aldeias do Norte. Não ha *consoadas*; não se faz a *meia-noite*, nem tão pouco se queima o *cêpo-furtado*, como é d'uso em certas aldeias de Traz-os-Montes, Beira-Baixa e Alemtejo. Se algum vestigio ha de essas antigas festas tradiccionaes, raras são as familias que persistem no seu culto.

A poesia do Natal, em Agueda, como que se desperdiça toda nas Novenas piedosas que o precedem. — Conservo dessas Novenas a recordação mais saudosa.

Nos velhos tempos do meu *a-b-c*, mal de mim se lá faltasse! — de mim e de todos os meus companheiros de escola. De nada valia que a madrugada fosse chuvisquenta ou ventosa. As Novenas-do-Menino eram, nessa temporada do anno, como a nossa primeira licção do dia. — Era preciso dal-a. Porque, os senhores sabem, *estar bem na egreja* era o primeiro passo que de antes se dava na educação duma pessoa... E, como assim fosse, paes, mães, e professores, tudo levava a gente ás Novenas-do-Menino, a ver como nos comportavamos na egreja e como acompanhavamos o côro devoto que lá se cantava.

O cantorio dessas Novenas, ao passar pelas nossas gargantas commovidas, era duma suavidade enternecedora. A minha alma — a desse tempo... — sabia entendel-a e sabia chorar naquella melodia melancolica. Hoje... outras haverá por lá que a entendam.

*

O senhor Padre-Cura, no altar da Senhora-do-Rosario, era quem entoava as primeiras notas do cantico e dizia as primeiras palavras do verso. O resto ficava por nossa conta — por nossa conta e por conta do sacristão que regia o côro, batendo o compasso, quasi sempre, com uma vergastinha de marmeleiro nas orelhas dos mais *desinquietos*...

Ahi vão algumas lindas quadras da Novena:

Pastorinhas do deserto,
caminhae para Belem.
Vinde ver o Deus-Menino
nos braços da Virgem-Mãe.

Pastorinhas do deserto,
caminhae e vinde ver
a pobreza da lapinha
onde Christo vae nascer.

Vinde já, ó Deus-Menino,
vinde, não vos detenhaes ;
que a minha alma vos espera,
já não pode esperar mais...

A melodia destes versos era entoada em *terceiras*, numa melopeia arrastada; e o senhor Padre-Cura,

que se tinha na conta de bom cantor, era quem *botava por cima*, não confiando de ninguem essa responsabilidade de execução que muito o lisonjeava.

No intervallo de cada uma das quadras, havia o estribilho da cantiga, ou o *ritornello* musical, como cuido que se diz em linguagem technica. Esse estribilho era preenchido por um côro unisono de homens e por outro de mulheres.

Os homens diziam assim:

Vinde, ó pastores,
com summo prazer!
Redemptor do mundo,
está para nascer!

E as mulheres, logo:

Vinde, ó pastores,
com summa alegria!
Redemptor do mundo,
nasce de Maria!

A seguir ao estribilho, cantava-se uma *Avè-Maria* e uma *Gloria-Patri*, assim á maneira de musica com *perguntas* e *respostas*, como o povo diz, em que os homens perguntam e as mulheres respondem.

Por fim, ao remate das loas que eram muitas e todas lindas, cantava-se pausadamente o *Bemdito*, já noutra toada mais alegre, como que a preparar-se a gente para despertar do extaze em que adormecera.

E, para desfecho de tudo — ai! parece-me que estou a ouvir neste momento esse cantico vibrante e

cheio de alma! — resoava então por toda a egreja a mais alegre e triumphal *Salvè-Rainha* que eu conheço no florilegio popular da musica religiosa. — Era um allivio, era um desafogar do coração, era como uma abada de sol que se despejasse sobre a alma da gente!

E o proprio sol, na verdade, ao termo das derradeiras notas desse cantico, apparecia-nos, a rir, através das frestas da capella-mór, como a querer apanhar de ouvido a musica sem egual daquella linda *Salvè-Rainha*...

*

Sem a ruidosa alegria das *consoadas* minhotas, a hora da *Missa-do-Gallo* é esperada ao borralhinho da lareira, por essa noite branca de dezembro. Em alguns lares, lá apparece um ou outro *magusto* em familia, o pratinho das *filhóses*, uma *plangana* de bacalhau a fumegar nas travessas, a cabacinha da agua-pé...

Mas a forma mais vulgar por que a vespera do Natal se assignala entre o povo dos sitios é assim:

Ajuntam-se as familias á lareira: patrões e criados, já se vê, que, na nossa terra, de mais a mais em noite do Natal, ninguem soube nunca ao certo o que é ser patrão ou ser moço dentro das portas duma casa...—O lume é egual para todos.

E, como isto assim seja, patrões e criados, rapazes e velhos, tratam de levar a noite a jogar o jogo tradiccional do *Par-ou-Pernão*, a pinhões.— Pega-se duma mancheia de pinhões, e pergunta-se ao parceiro

do jogo: *par ou pernão?* Se o parceiro responde *pernão* quando o numero dos pinhões calha em *par*, ou se diz *par* quando elle calha em *pernão*, está bem de ver que quem assim desacerta não tem outro remedio senão dar o jogo por perdido e pôr para alli tantos pinhões quantos o outro tem na mão. Vinte? trinta?... O que se quer é que sejam ás duzias, para animar o jogo e levar a noite de paleio!

Os mais novos da familia, esses lá se vão abotoando com o farto quinhão de pinhões que lhe coube na distribuição e com todos os mais que vão cahindo das mãos dos jogadores, no enthusiasmo de cada partida.

Emquanto uns jogam, outros, ao canto da lareira, com o seu martello-de-chumbo, vão quebrando os pinhões na pedra do lar.— O martello é de industria caseira: um vintem de chumbo derretido dentro dum bocado de canna, um cabo geitoso previamente adaptado a um orificio da mesma canna, e prompto. Podem vir pinhões, que o martello-de-chumbo não se rende ás primeiras grosas!

*

Lá para essas onze horas, *tão-badalão*, ouve-se na torre a primeira chamada para a *Missa-do-Gallo*.

E logo se põe termo ao jogo, e logo toda a gente do sitio e das aldeias do arrabalde trata de accender o seu lampeão ou a sua pinha, e lá vae tudo, alegremente, no arripio da geada, de levante para a egreja. — Ao bater a meia noite, começa a cerimonia.

Mas a *Missa-do-Galo*, na nossa terra, não tem nada de original por que se destaque. Mais cantada ou melhor rezada, é a missa de toda a parte onde ha devoção e onde ha apêgo ás tradicções da religião christã.

Ao fim della, os rapazes do meu tempo, quando passavam pelo balcão ou pelo poleiro da *casa-dos-priores*, ainda gritavam:

— O' Prior, dá cá o galo!

Mas o velho Padre Zé Estimado mal os ouvia já, a essa hora da madrugada... *(Nota 25.ª)*

*
* *

3. — *Os Reis. — As pragas populares do cancioneiro.*

Rodadas umas noites sobre o Natal, ahi temos nós a festa dos Reis-Magos, com o seu sabor accentuadamente popular. Porque a festa dos Reis, como as do S. João e S. Pedro, é quasi exclusivamente uma festa ao ar livre e uma festa do povo.

Aos bandos, a rapaziada da nossa terra vae de rua em rua e de porta em porta, por esses logares do arrabalde de Agueda, cantar os Reis.

Ora esta peregrinação não é apenas o cumprimento tradiccional duma devoção. Que eu saiba, nunca os ranchos dos *Reiseiros*, em nossa terra, foram cantar os Reis á porta de ninguem, que lhes não sorrisse a

esperança de serem contemplados com *alguma coisinha p'r'ós Reis,* como lá dizem. E essa alguma coisinha ha-de ser uma linguiça, um salpicão, uma tijella de feijões, um chapeu de castanhas — coisa que seja digna de reis e de quem lhes perpetúa a lenda biblica...

E é, sob este aspecto, que a tradicção da festa dos Reis se vae conservando através dos tempos, na nossa terra, mais ou menos pura.

Aquella *alguma coisinha p'r'ós os Reis* consideram-na os *Reiseiros* como uma contribuição annual que obriga a todos. E para que ninguem se exima do seu pagamento, lá está o cancioneiro dos Reis, com as suas *pragas* pittorescas, a chamarem todos os moradores de Agueda ao cumprimento do velho dever.

Ahi vão algumas quadras do cancioneiro regional de Riba-Agueda, em que a inspiração não abunda. Publico-as apenas com o fim de completar esta noticia, e tambem porque em alguns dos seus versos, como são os da primeira quadra transcripta, ha certos vestigios da boa sintaxe classica:

Ó' da casa, nobre gente,
escutae e ouvireis;
ouvireis a gente honrada,
que vos vem cantal-os Reis.

Os trez Reis foram guiados
pela estrellinha da guia;
lá estavam esperando
quando a Virgem pariria.

Pariria um menino,
cujo nome era de Rei;
salvador de todo o mundo,
redemptor da nossa lei.

Ao fim destas e de outras quadras, os *Reiseiros* ficam esperando a esmola. Se ella é de agradecer, o *bem-haja* acode logo ao coração dos contemplados e é expresso com as mais delicadas louvaminhas:

Esta casa cheira ao vinho;
Aqui mora algum anjinho!

Mas, se a esmola é mesquinha — coisa duma cebola ou duma batata... — as despedidas são assim, com este chuveiro de pragas:

Esta casa cheira ao breu;
Aqui mora algum judeu!

Esta casa cheira ao alho;
Aqui mora algum dialho!

E, por fim, a toda a força:

Esta casa cheira ao unto;
Aqui mora algum defuncto!

E toca a fugir, antes que acirrem de lá o cão...

*

Duma vez — nunca me ha de esquecer! — fomos um rancho de cantadores cantar os Reis a Assequins.

Logo de entrada, ajoelhámos no cabanal da casa do Escadinha, e despejámos para alli — com vozes piedosas, já se vê — tudo quanto sabiamos de mais lindo no cancioneiro dos Reis.

Em resposta, deram-nos isto:

— Não pode ser, meninos...

Ora, entre os *meninos* do rancho, dava-se a circumstancia de estarem trez ou quatro, em cujas veias girava o sangue do velho Patricio Sachôna, que foi, nem nada mais nem nada menos, do que aquelle celebrado *Centurião*, cujo acto de indisciplina e teimosia historica, na scena tragica do Calvario, vae contado adiante, por miudos, como elle requer e é de justiça.

Ao ouvir daquelle recado, tentou-se ainda, muito urbanamente, commover o coração do velho Escadinha com palavras humildes, para que elle emendasse a esmola que nos mandou dar. Mas o Escadinha, descendente dos antigos homens das justiças de Assequins, tinha palavra de rei, pelos modos. E, então, como elle não accedesse ás nossas humildes rogatorias, fez-se-lhe fogo com a polvora toda!

> Esta casa cheira ao unto;
> Aqui mora algum defuncto!

Nisto, o moço dos bois gritou de lá:

— Ai cheira?...

E, logo, em tropel, toda a casa do Escadinha, criados e criadas, trancas, farpões, ancinhos e manguaes, veio de escantilhão pelo balcão abaixo... Agora o vereis!

... Não parámos senão ao pé da Cancella de Agueda — um kilometro pelo ar!

*

E aqui está a festa dos Reis, conforme a tradicção e os velhos usos.

Morto o Escadinha, outros Escadinhas ficaram, para responder daquella forma a quem os canta... Mas o fundo poetico e religioso da tradicção não se desvanece, só porque algumas casas da nossa terra cheiram a *breu*, a *alho*, ou a *unto*, como se diz nas cantigas. Não. *Cantál-os-Reis* é ainda uma devoção, a que, principalmente, os rapazes de Agueda prestam o seu culto mais ou menos sincero. E essa devoção, revestida de toda a poesia, lá vae conseguindo atravessar annos sobre annos, sempre linda, sempre fresca, sempre com o mesmo primitivo ar de tradicção biblica...

*

* *

4. — A Procissão da Cinza. — San Francisco «sarrotado» e a Tia Maria do Adro. — O «Anjo-Papudo». — Adão e Eva.

As imagens que figuram na Procissão da Cinza, em nossa terra — todo um capitulo do *Flos-Santorum*, em esculptura, de vulto ou de roca — são, durante o

anno, confiadas á guarda e cuidado dos *terceiros* de San Francisco. Pelos modos, não cabem na sacristia da *ordem*. A *Santa Rosa Morta* para casa dum, a *Santa Rosa Viva* para casa de outro, os *Bons-Casadinhos* aqui, *San Francisco a receber as chagas* além — todos têm o seu boleto tradiccional. Este encargo constitue para algumas familias uma verdadeira e muito sincera devoção; e, nesta devoção, as imagens são piedosamente vestidas, limpas, e tratadas á custa dos devotos. Pois que, ao contrario do que se usa dizer de certa communidade monastica em que a ordem era rica e os frades poucos, a ordem de San Francisco, em Agueda, é pobre e os santos são muitos... A devoção, porém, da gente da terra, acode ao desequilibrio orçamental da *ordem*, tratando e cuidando das imagens com verdadeiro carinho religioso.

*

A proposito, oiço contar que uma tal Tia Maria do Adro tinha a devoção de aboletar em sua casa o *San Francisco sarrotado*, que vem a ser, nada mais nada menos, do que o *San Francisco ressuscitado*.

Ora a Tia Maria, segundo parece, não era muito abonada de meios: e, embora a serguilha do habito de San Francisco não exigisse grandes gastos para o renovar, as magras economias da velha não davam para tanto — o que (diga-se em boa memoria da ti'Maria) era muito de contrariar as suas devoções religiosas.

*

Em certo anno, como o habito daquella imagem estivesse o que se chama pela hora da morte, e a Tia Maria do Adro não lh'o pudesse substituir por sua conta e risco, deliberou a *Ordem-terceira* excluir da procissão o *San Francisco sarrotado.*

A boa da velha chorou: e as suas lagrimas foram de raiva — de raiva e de pena tambem: á uma, pela desfeita que faziam ao santinho da sua particular devoção: á outra, porque ella parecia-lhe estar já a ver as amarguras que o seu rico San Francisco havia de sentir quando soubesse que os *irmãos* delle andavam de *paleio* pela rua, e elle p'ra alli, sem habito e sem alegria!...

Ah! mas elle era isso?... E tratou, então, de se vingar: — Quando a procissão lhe passou á porta, em 4.ª feira de Cinza, a Tia Maria lá andrajou o santo com o que achou mais á mão, (dizem que com a propria capa e o proprio avental della...) foi pol-o ao postigo, e, a cada imagem que passava por defronte, ella mesma se encarregou de ir dizendo, em nome de San Francisco:

— Adeus, ó S. Roque! Bons dias, ó Santo Ivo!...

É de presumir que o syndico da *Ordem* tomasse logo as suas providencias. Mas o povo riu, e a Tia Maria do Adro desforrou-se da propria miseria que não lhe consentia tratar de San Francisco como era da sua devoção.

— Pois então, (resmungava ella) só por serem pobresinhos, segue-se de ahi que os santos não têm direito de espairecer e de passeiar as ruas?...

*

O que havia de antes a notar de original na Procissão da Cinza era isto: — o *Anjo-Cherubim*, a que o povo chamava o *Anjo-Papudo*, com toda uma montra de joalharia semeada pelo pescoço, pelo peito e pelos braços: e as comicas figuras de Adão e Eva, trocando-se galanteios e momices grotescas que eram de fazer rir as pedras...

Para o papel de *Anjo-Papudo* escolhia-se sempre um rapazote espigado, dos seus doze annos, desempenado e de boa estampa, com figura de dar nas vistas. Cobriam-lhe os braços de pulseiras e annilhas, o pescoço de gargantilhas e cordões de pezo, o peito de joias de toda a côr e preço, com as proprias orelhas a derreiarem ao carrêgo duns brincos espectaculosos; entrajavam-n'o com um vestido farto de rendas e enfeites, collavam-lhe nas costas duas grandes azas estrelladas de lantejoilas, encaracolavam-lhe a cabelleira postiça em caracoes phantasticos... — e eil-o ahi ia, o *Anjo-Papudo*, ensaiado e embonecado pela tia Josefa Guerra, todo sereno e todo cheio de não-presta, com uns graves modos de figura apocaliptica, a evocar o Anjo que expulsou Adão e Eva do paraizo terreal com uma espada de fogo... — a qual espada, por signal, vinha a ser de latão, nas mãos do *Anjo-Papudo* de Agueda.

Adiante do *Anjo*, e vestindo as suas tunicas escorridas de serguilha ou de panninho, todas pespon-

tadas de folhas de hera, seguiam Adão e Eva, duas personagens decorativas — Eva, a comer uma laranja soffregamente, e Adão, de enxadão ao hombro, á espera de que a companheira o mimoseasse com um gômo, como era dos livros. A partilha da laranja, no decurso da procissão, era acompanhada de momices e tregeitos pittorescos que o rapazio da terra sublinhava com as gargalhadas e com os commentarios mais irreverentes... — E os senhores já estão a ver que aquillo de vir uma laranja á balha, em substituição da maçã tradiccional, era porque no inverno não se encontravam facilmente maçãs que fartassem o estomago das Evas...

Não engasgava. Mas era o mesmo: o povo beato não reparava nessa insignificancia, como não reparava tambem, nem hontem nem hoje, no facto de a *arrore-do-peccado* ser representada por um *loireiro*...

E' o caso da cantiga popular:

> Eu fui á figueira aos figos,
> atasquei-me de cerejas;
> veio o dono da gingeira:
> Ó rapaz, deixa os melões...

Ora tudo isso acabou já; e acabou bem e a tempo. — Agora faz-se a scena com *anginhos*, que é mais decente e de mais compostura...

Mas a memoria dessa passagem é que não se extinguiu de todo. — Ha ainda em Agueda uma grande familia de *Adões*, que são certamente vestigios genealogicos de algum *Adão* da Cinza que se tivesse notabi-

lisado. *Adões* e *Adôas* até...— tal foi a celebridade desse primitivo tronco da familia!

*

* *

5. — *As Almas-Santas.*

Na temporada da quaresma era uso, entre a gente de certos povos de Riba-Agueda (Borralha, Recardães, e não sei se mais algum), andar-se de casa em casa, de noite, a *ementar as almas.* — *Augmentar as almas*, dizia-se por lá, o que deve significar a commemoração dos defuntos.

Na *ementa das almas*, que durava oito dias, se não estou em erro, os devotos andavam aos grupos e cantavam:

Á porta das Almas-Santas
bate Deus a toda a hora.
Almas-Santas lhe respondem:
que quereis, meu Deus, agora?

Quero que deixeis o mundo
e que venhais para a gloria.
—Ó meu Deus, quem nos lá dera!
Ó meu Deus, quem nos lá fôra!

O cantico prolongava-se ainda com todo um lindo rozario de lôas velhas; mas apenas me foi possivel

recolher essas duas quadras desirmanadas do cancioneiro.

A devoção tradiccional da *ementa das almas*, ao menos em Agueda, extinguiu-se de todo ha coisa de 30 annos já. Ignoro se ella se faz em outras terras do concelho.

*

* *

6. — Os Passos. — Os milagres do «Velhinho». — O «Senhor-p'ra-Assequins». — A Visitação.

O Senhor dos Passos é a imagem de mais devoção que ha na nossa terra. — Prover de azeite a lampada da sua capella: tocar o *sacabucha* na sua procissão; acompanhal-o *de joelhos* até á ermida de Assequins; pegar no seu andor; alumial-o com uma vela de cera do nosso *altôr;* ir amortalhado na sua procissão; — tudo isso são votos correntes que o povo dos nossos sitios faz ao ver-se preso duma grande afflicção. Mesmo de longe, os milagres do Senhor-dos-Passos são invocados a cada hora. E' assim que poucos *brazileiros* da nossa terra voltam dos *Brazis*, que não tragam na âlma, de mistura com todas as suas desilluzões, uma promessa ao *Velhinho*, pelo menos.

Não ha por lá *rosca* no milho, que o *Velhinho* não seja logo apeiado do *ceu* da sua capella, para vir, em piedosa procissão, de campo em campo, chamar a

chuva e esconjurar o bicho. E, então, para as almas crentes e devotas, não têm conta os milagres que o Senhor-dos-Passos faz neste particular...

Esta tradiccional devoção pelo poder milagreiro do *Velhinho* mais se acrisola, ainda, ao chegar o dia da sua festa que calha em domingo de Lazaro. — E' então que toda a Riba-Agueda acode, dos povoados do arrabalde e de cinco leguas ao redór, para vir aos pés do Senhor-dos-Passos cumprir o seu voto mais humilde e mais piedoso. E o povo, com toda a sua crença antiga nos milagres do *Velhinho,* consegue dar á festa o aspecto mais maguado e mais caracteristico.

*

A *Noite-dos-Passos*, com a sua procissão pela estrada de Assequins, desde a egreja da Villa até á capella da Senhora-da-Graça, é toda ella cheia do mais lindo e mais commovedor espectaculo de que tenho conhecimento; pois, na verdade, não sei de terras portuguezas onde essa procissão se revista de tanta poesia.

E' toda a Villa, é gente do concelho, é gente de muito longe — tudo a presencear esse lindo e piedoso cortejo e a commover-se profundamente do espectaculo estranho e original que a vista lhes dá.

Ao fundo dos oiteiros das Chans e da Bicha-Moira, o leito da estrada coalha-se de lumes. — São os brandões velhos da Irmandade do Senhor-Jesus, as tochas, as lanternas, os cirios, e todos esses coloridos novellos de luz nas mil velas dos devotos, a estenderem-se por ahi fóra como uma tira da Via-Lactea que se

descozesse do ceu... Os oiteiros de envolta, o Adro, as Chans, S. Pedro, a Borralha, o Randam, põem nos postigos ou nos beirados de cada cazal uma pinha ardente de lanternas. E essas migalhinhas de lume, que são outras tantas almas, de joelhos, tremulinam á flôr da agua empoçada, acrescentando-se e multiplicando-se por tal forma, que toda a bacia do Valle-de-Agueda, desde o seu fundo verde até ao cabeço dos oiteiros que o cercam, é uma cheia-grande de luz a trasbordar! —São as mães em ancias, diante dos filhos, com o sarampo; são os paes, mirradinhos de saudades, a lembrarem os filhos que andam na tropa ou sobre as aguas do mar; a ti' Zéfinha do Atalho a rezar pelo rapaz que foi para o Brazil; o João da Viuva, que não teve carta no ultimo paquete, mas que tem lá dentro uma coisa que lhe diz que a primeira carta que vier ha de ser de preto, com más novas dentro do sobrescripto; ainda a Mariannninha das Chans a rezar pelo neto que anda para padre (a poder de quantos sacrificios, sabe-o ella!) e que confia que Deus lhe faça a esmola de o levar a bom termo dos seus estudos... Ha tambem rapariguinhas ingenuas, que, ao assomar dos dezoito annos, se voltam para o Senhor-dos-Passos, a rogar-lhe que acalme as febres da sua mocidade em flor com o achado dum noivo que seja honesto e temente a Deus; rapazes, por sua vez, que lhe imploram, de coração solteiro e deserto de amor, outro que o despose e se emparelhe com elle para levarem a cruz da vida, aos beijos...

Entretanto, pelos campos encharcados das ultimas

invernadas, as rans coaxam: e o coaxar monotono das rans, ao passar da procissão, funde-se no murmurio das orações que todos os devotos vão rezando. —E' um ribeirinho de musica que vae desaguar num grande mar de lume: mas um ribeirinho de aguas puras, em cujo fundo se vê distinctamente o alveo de areia branca sobre que elle vae correndo...

E' assim, conforme a evocação ingenua mas desapaixonada da minha alma, que essa linda procissão de aldeia assume um ar magestoso de devoção antiga, com o sino grande do Senhor-Jesus, lá do campanario, a despejar soluços de bronze para cima das almas... E' assim, com todo esse revestimento feerico de luzes e de orações piedosas, que essa procissão, ainda agora, me passa á porta da alma, na Noite-dos-Passos...—Pois que é assim tambem que toda a gente da nossa terra a vê passar, magestosa na sua simplicidade, imponente na modestia do seu aceio, cheia de virtude e cheia de pureza, através desta vida negra que todos vivemos!

*

Recolhida a procissão na capellinha de Assequins, logo de ahi desabelham, aos ranchos, os devotos da *Visitação-dos-Passos*.

Onze horas da noite. Todo o Valle-de-Agueda se apagou. O balbuciar baixinho das rezas assignala a passagem dos devotos que vão agora visitar os Passos.

Ahi vem o Almiro da Borralha; e, atraz do Almiro ou do Manuel Céguinho, (que poucos, como elles, sa-

biam conduzir e manter as boas regras duma devoção) ajuntam-se em bando homens e mulheres que *respondem* á sua reza.

O primeiro *Passo* era de antes á entrada da Cancella, na estrada velha de Assequins — o *Passo-dos-Apostolos*, com Jesus no horto e os apostolos a dormirem p'ra alli, encostados ás ripas do palanque...

— «...Esta primeira estação representa o lugar, «em que o Nosso Salvador, depois da agonia do «Horto, no qual suou gottas de sangue que chegaram «a regar a terra, sem piedade lhe descobriram os «ossos de entre a carne, patenteando-os rubros de san-«gue...— Padre Nosso, Avè-Maria...»

E a voz tremula do Almiro da Borralha chegava a commover os mais indifferentes pela sinceridade das crenças que ella accusava.

— «... Teceram logo uma corôa de setenta e dois «espinhos, e, pregando-lh'a na sagrada cabeça, reben-«taram de novo setenta e dois rios de sangue...»

E uma beata do bando, em deliquio espiritual, com a voz embargada por um soluço profundo, gemia lá do escuro: *Ai!*...— E o ai da beata ia, de bocca em bocca, a desafogar o coração simples de todo o bando: *Ai!*...

Ao fim de tudo, percorridos os *Passos* do João Ribeiro, dè Além-da-Ponte, do Crespo, e todos os mais a que a rubrica ingenua das cartilhas chama «a contemplação em particular dos tormentos da Paixão e Morte de Christo», seguia-se, já na egreja, «a consagração em geral» dos mesmos tormentos.

O mestre-de-cerimonias da *Via-Sacra* dizia assim — tudo de cór e de enfiada, que era de mais devoção:

— «Sete quedas deu o nosso amorosissimo Jesus desde o Horto até casa de Annaz!»

E os devotos, em extase, *respondiam*:

— «Louvado seja p'ra sempre tão bom Senhor!»

Tornava o director, de lá:

— «Seis mil quatrocentas e setenta e duas feridas teve em seu santissimo corpo!»

E o côro, logo, sempre em voz carpida:

— «Louvado seja p'ra sempre tão bom Senhor!»

E pela Cartilha fóra —... «144 pontapés, 6:666 açoites, 109 suspiros»... — até que o mestre-de-cerimonias rematava:

— «As lagrimas que chorou foram seiscentas mil e duzentas!»

E todo o bando *respondia*, por fim:

— «Louvado sejaes, meu amado Jesus, que, para nos salvar, tanto padeceste, até que déstes a vida por nós!»

*

E outros bandos vinham, e veem ainda agora, na cerimonia da *Visitação-dos-Passos*, finda a qual tudo debanda, cada malta para o seu povoado. Os caminhos da Borralha, de Paredes, de Recardães, do Ameal, enchem-se então de córos religiosos, dum accento profundamente dramatico e dorido, como se em cada alma de peregrino e penitente tivesse caido, a arder, uma lagrima de Nossa Senhora.

O' meu Senhor do Calvario,
vossa cruz é de oliveira!
Sendes a mais linda rosa,
que teve aquella rozeira!

E a rozeira deste lindo cantico, que vem a ser a propria Nossa Senhora, nem mais nem menos, lá está na capellinha da Boa-Morte, a chorar e a rezar pelo rozario das suas lagrimas...

*

* *

7. — «Cinco-reisinhos p'ra os Passos»...—A Judeia de Agueda. — «Arrepende-te, Centurião!».

Cá estamos agora em pleno Domingo-de-Passos, com o sino grande do Senhor-Jesus, *á-capucha,* a despejar badaladas tristes para cima de todo o Valle-de-Agueda. A voz do sino, cavada e rouca, despenha-se do campanario, ruidosamente, e vae, ladeira-abaixo do Adro, como uma levada caudalosa de soluços a arrancar dum peito ferido... Parece que, ao passar deste dia na nossa terra, se condensa á flòr de todas as coisas uma neblina de tristeza que nem o vento das primaveras tem alma de desfazer.— Anda tudo de luto carregado, homens e mulheres, em sincera obediencia ao preceito da egreja.

Entretanto, a perfumar o ar de tristeza que se espalha pela terra, o aroma fresco do junco e da herva-

doce espalha-se pelas ruas, a botar o pregão ingenuo duma festa de aldeia... Passam taboleiros de folares á cabeça das padeiras, e os cartuchos de amendoas encastellam-se nos balcões das mercearias.

— Vá lá, meninas! Meia-quarta da *torrada*, que veio agora mesmo de Coimbra!

Em outro tempo, houve em Agueda quem fabricasse a amendoa coberta com todo o geito e arte de quem sabia. Um lume bem esperto, o tacho de cobre bem lavadinho e bem baloiçado...— e a amendoa-da-terra não receava que a de Coimbra lhe viesse disputar a primazia em qualidade. A industria, porém, foi esmorecendo até morrer; e a receita da boa amendoa-da-terra perdeu-se de todo, ao fechar a cova das velhas doceiras de Agueda, que as houve por lá de grande nomeada.

*

Desde todo o amanhecer, que o rapazio da villa, com as suas bolsinhas de chita pendentes do pescoço, anda por essas ruas a perseguir quem vae no seu caminho:

— Cinco-reisinhos p'r'os Passos.

O peditorio tradiccional dos *cinco-reisinhos* tinha, no meu tempo, estes dois fins: — era, com essa colheita de pequeninas esmolas, que nós forravamos pé-de-meia para comprar umas *tréculas* novas para a Semana-Santa; e era ainda, a pedir a esmolinha para os Passos, que os afilhados, decerto sem darem por isso, preveniam os respectivos padrinhos de que a

Paschoa estava a cair de ahi a duas semanas. e que elles, os mesmos afilhados, se mantinham no proposito de não prescindir do velho direito-do-folar que a tradicção lhes garante...

— Cinco-reisinhos p'r'os Passos.

E sorria-nos a esperança de que as nossas *tréculas* haviam de ter um jogo inteiro de tres maços, e que o nosso folar-da-Paschoa havia de ser do *grandôr* da roda dum carro...

— A sua benção, meu padrinho.

— Deus te faça um santo, afilhado.

E os padrinhos sorriam; sorriam os afilhados. A Festa, assim, tocava-se dum religioso ar de bondade que escorria de todos os corações...

*

Lá para essas quatro horas da tarde, a irmandade do Senhor-Jesus, solemnemente encorporada em procissão, dirige-se de novo á ermida de Assequins, aonde vae buscar a imagem do Senhor que para lá foi de vespera em camarim fechado. Vae a philarmonica, vão as lanternas, os *ciriaes*, as cruzes...

Mas, alto lá!

Cabe agora aqui abrir um parenthese muito especial, para fallar dessa historica e celebrada *Judeia de Agueda*, cujo passamento toda a nossa terra presenceou com lagrimas mal contidas. E' que a abolição dessa tradiccional costumeira, tão profundamente enraizada no modo de ser das coisas de Agueda, signi-

ficou como a queda tragica dum pedaço de ceu-velho, onde se insculpira desde tempos remotos um dos capitulos mais originaes e mais pittorescos da propria vida da nossa terra. A *Judeia* era um retalho da vida regional: a sua tradicção caracterisava de certo modo uma das mais interessantes feições dessa vida.

A' sua morte, em 1881, muito embora a *Soberania do Povo* se arrogasse o direito, em nome da terra, de dizer que felizmente «já podiam estranhos ver a procissão dos Passos em Agueda, porque não ficavamos envergonhados com a sua apreciação», todos nós comprehendemos o grande esforço que a propria *Soberania* teve de empregar, para que o seu provado amor patrio não se erguesse de lá a protestar contra aquelle modo de dizer; todos nós comprehendemos como ella, com todos os seus justos orgulhos de bem pensar e bem fallar, se trahiu, ao fazer o pregão dessa falsa conquista no caminho do progresso, que vinha a ser o corte violento duma das mais lindas e mais pittorescas tradicções do povo.

Porque era de todo o povo do concelho a posse dessa tradicção secular. Não havia parochia com bom pé-de-altar, onde os *judeus* dos Passos, na solemne investidura das suas fardamentas caprichosas, se não impuzessem como uma instituição lendaria, veneravel e inviolavel. Em Vallongo-do-Vouga, por exemplo, tambem houve disso, com todo o seu colorido scenico de entremez popular. Por signal, que já em 1858, o *Campeão das Provincias* ousava, pela penna dum «indignado devoto das *Margens do Vouga*», pedir ao

Vigario Geral de Aveiro que acabasse de vez com «aquellas irreverencias de momices theatraes».—Ah! o progresso! o progresso!

Mas o caso foi que as vozes dos «devotos indignados» conseguiram, a poder de tempo, aniquilar toda a *Judeia* do concelho, com tal gana e de tal arte, que hoje mal restam, na memoria dos contemporaneos, vestigios dessa tradicção secular.

A *Judeia* de Agueda morreu. Mas a sua nomeada espalhou-se de tal sorte pelas vizinhanças do concelho, que, ainda agora, toda a gente da terra se vê assaltada constantemente por esta *scie* cruel e sem termo:

— És de Agueda?... Basta!

Bem quer a nossa terra desviar as attenções e furtar-se ao castigo desta allusão que chega a dar-se ares de menos lisonjeira! Bem se esforça ella por fazer com que qualquer outra terra das suas vizinhanças a substitua na sua mofina sorte de perseguida pelas linguas do mundo! Nada consegue.— As velhas tradicções locaes já tentaram um dia desviar os motejos populares, alli, para a nossa vizinha Moirisca, quando a consagraram como depositaria historica dos ossos de Pilatos e lhe disseram assim, pelo latim macarronico do *Palito Metrico*: — *Si per Moiriscam transiris, non poscas ossa Pilati*. A despeito da *praga* que lhe rogaram, aquelle lindo povoado do nosso concelho não se deu por molestado, apezar do muito que se conta e diz sobre a sanha com que os seus velhos ferreiros e prégueiros accomettiam quem lhes

atirava á cara com a tal historia dos ossos de Pilatos...

A propria villa de Ovar, com todo o seu enorme peccado de *enterrar o Senhor na areia*, defende-se de lá, e muito bem — que isto de enterrar um morto faz parte das obras de misericordia que a egreja ensina; e fazer-lhe a cova na areia ou na terra não é coisa que venha explicada nas cartilhas...

Agora matál-o... Só Agueda!

E vá lá uma pessoa livrar-se duma destas...

*

Ainda os vi. Ainda tenho bem presente e bem nitido na memoria todo o minucioso detalhe das suas figuras melodramaticas — os capacetes, os peitoraes de papelão prateado, as cabelleiras desgrenhadas, o zarcão das caracterisações, os narizes, as lanças, as espadas, as botas!... Principalmente as botas.— Ainda agora, não apparece por lá ninguem pela terra, calçado de botas de cano alto, que não seja tudo a convida-lo logo para entrar para a *Judeia*; e offerecem-lhe uma gorgeta de 12 vintens, um arratel de carne bem pesado, amendoas, e não sei que mais...

E' Agueda a fazer de conta que desdenha da praga que lhe rogam...

A *Judeia dos Passos*, antes de se encorporar na procissão, dava-se *rendez-vous* na eira velha do Crespo, alli á Viella-dos-Padres, onde o antigo armador cuidava de afinar os ultimos retoques de cada uma

das figuras. De alli, á terceira chamada do sino grande, sahia tudo, em forma, *Centurião*, á frente, *Sargento* atraz, e todos elles, muito no seu serio, *ordinario-marche!* sem attenderem ao assobio escarninho do rapazio que os perseguia até á porta da egreja.

Ao desfilar da procissão, os *judeus* tratavam de occupar o seu logar, atraz de tudo, como era de uso antigo; e, ao som dum passo-dobrado, tocado pela philarmonica, lá ia a *Judeia*, grave, solemne, feroz, a dar conta do seu papel.

Era ella quem imprimia toda a nota pittoresca á festa, encarando com orgulho e com desprezo os devotos, os penitentes, os proprios prégadores, que, ao sermão do *Pretorio*, em Assequins, ou ao sermão do *Encontro*, na encruzilhada da Cancella, usavam sempre da oratoria mais solemne para commover o auditorio.

— Jerusalem! Jerusalem!... — gritava o Padre Antonio do Correio.

Qual Jerusalem, nem qual carapuça! Ou bem que se era *judeu*, ou bem que se não era! — E faziam cada carantonha que era mesmo de arripiar as pedras!

*

Ora data por certo das suas eras notaveis de esplendor aquella conhecida anecdota do *Arrepende-te, Centurião!* que até já serviu de episodio a um lindo conto de Bento Moreno. Foi quando, duma vez, o *Centurião* da *Judeia* de Agueda, por birras que tinha

com o Padre João Borracha, de Ilhavo, aproveitou a representação do *Calvario*, para o provocar em termos taes, que a provocação ficou no glossario do povo a marcar uma epoca e a definir a tempera dum caracter assomadiço.

Ha quem pretenda ver naquellas birras um bocadinho de odio politico do tempo, de quando os *silveiros* e os *canarios* se accomettiam á unhada por essas eleições... Não sei.

Entretanto, o caso foi assim:

No *Monte-Calvario*, que era um tablado em amphiteatro, armado a preceito para a cerimonia, os judeus assentavam-se, preparando e ageitando os olhares ferozes da peça com que deviam encarar a multidão, mal se *rasgassem as cortinas*.

O bom do Padre Borracha, previamente ensaiado com o *Centurião* em todas as rubricas dramaticas do discurso, tratou de ir desenvolvendo a estafada sermonata, patheticamente, com o phraseado tragico do estilo, até á altura de exclamar num grande grito:

— Rasguem-se essas cortinas!

Correu o panno; e toda aquella cantareira de caras patibulares exhibiu-se de lá, a escaldar o povo com os raios do seu olhar orgulhoso, que até os mais indifferentes voltaram logo a cara de estarrecidos...

No patamar fundeiro do *Monte-Calvario*, o *Centurião* passeiava soberanamente, de lança erguida, com umas ruidosas passadas de sete leguas, que faziam gemer o taboado. De vez em quando, para carregar o tipo cinico da personagem, voltava as costas ao pu-

blico, e, orgulhosamente, fazendo gala das suas impiedades, encarava a cruz do supplicio com ares ferozes de arremeter. Todo o coração do povo batia sobresaltado, num assombro mudo:

E, logo o Padre Borracha:

— Arrepende-te, *Centurião*!

E o *Centurião* encolhia os hombros, arrogantemente.

— Arrepende-te, ó impio!

E o *Centurião*, voltava-lhe as costas, com tal descortezia e tal irreverencia, que estavam a pedir marmeleiro, se aquillo não fosse tudo da peça.

— Arrepende-te, ó malvado!

Aqui o povo punha-se todo em bicos de pés, para não perder uma migalha deste episodio final da cerimonia. Porque era nesta altura — ás tres vozes do prégador — que o *Centurião* tinha obrigação de arrepender-se, quebrando a lança com o joelho e prostrando-se por terra, em adoração da cruz.

Mas, naquelle anno, o *Centurião* não quiz saber de arrependimentos; e, fazendo ouvidos de mercador, continuou no seu passeio, sem a mais leve amostra de obediencia ás praxes e ás ordens do Padre Borracha.

Engasgado, o velho prégador, sem atinar por onde esticasse o fio quebradiço da oração que estava nas agonias, fez ao *Centurião* um signal intimativo por mimica; logo em seguida, como o *Centurião* não quizesse dar tento da intimação, o Padre Borracha supplicou, mandou emissarios ao *Calvario*, chegou a

appellar diplomaticamente para a auctoridade parochial...

E o *Centurião*, nada! — Surprehendido, o povo, talvez por cuidar que aquillo fossem modelos novos, olhava para o pulpito, olhava para o *Calvario*, com uma grande curiosidade de ver o desfecho da scena.

Nisto, o Padre Borracha, esbaforido, de tramontana perdida, passa o lenço tabaqueiro pelos bastos suores da fronte, e, com um gesto violento que arripiou de medo todo o auditorio, atirou ao *Centurião* com esta praga:

— Arrepende-te, ó cabeça de burro!

Qual! A teimosia do *judeu* era de granito velho. Passeava, passeava sempre; e a sua lança não quebrava, e o seu joelho não dava o mais ligeiro signal de dobrar-se.

A uma volta do passeio, porém, quando os emissarios do Padre Borracha, cautelosamente, conseguiram achegar-se do *Calvario* e pediram ao *Centurião*, em nome do prégador, dos livros santos, e do decôro publico, que tratasse de acabar com a brincadeira, elle estacou então de repente e só lhes disse isto — com o rabo do olho no prégador:

— Não me arrependo nem por seiscentos demonios!

E, a espumar, como um cão damnado:

— Ha de levar que contar p'ra Ilhavo:

E o Padre Borracha, esmagado ao peso de tanta descortezia e tanto desprimor, sem ninguem que o livrasse da onda de ridiculo que já começava a enca-

pellar por todo o ajuntamento, surdamente, tratou de se apear do pulpito á chucha-calada, sofraldou a batina, embainhou as despedidas, e, já no adro, atirou comsigo para cima do albardão da egua, e eil-o ahi vae, a todo o galope, a contar para Ilhavo de que raça era a *Judeia* de Agueda...

Correu, ao depois, que os mais devotos irmãos do Senhor Jesus, ao fim do escandalo, trataram logo de pôr o *Centurião* em lençoes de vinagre, a poder de muita somma de pancadaria que lhe deram com os brandões. E, se o não puzeram em lençoes de vinho, como é de boa medicina caseira, foi com o receio de o emborracharem ainda mais do que elle já estava... Mas o *Centurião*, teimoso sempre, no paroxismo da borracheira e da tosa real que apanhou, desvanecia-se todo de alegria, ruidosamente, por ficar com a certeza firme de que o Padre Borracha tinha levado que contar para Ilhavo, á farta...

E levou!

*

* *

8. — *Votos e promessas: a sacabucha, o pendão, e o andor. — Amortalhados e penitentes.*

Entretidos com a anecdota do *Centurião*, esquecemo-nos de ir acompanhar a procissão até Assequins, como era do nosso dever, para dar conta fiel de tudo quanto essa procissão tem de lindo e de pittoresco.

Agora já ella lá vem, de volta. — Lá se ouve a *sacabucha,* a apregoar o cortejo que se approxima: *Tou-tou...* Pelo som rouco que a *sacabucha* despede, fica logo a gente a ver a cara bochechuda de quem a toca.

Annos ha em que a promessa de tocar a *sacabucha* nos Passos é feita simultaneamente por dois e mais devotos. E, então, para que a promessa não deixe de cumprir-se com todo o escrupulo das boas almas que *promettem,* o juiz da irmandade resolve o conflicto, ordenando que os devotos toquem a *sacabucha* á-vez-á-vez. E os devotos, que se apresentam na procissão quasi sempre descalços, resolveram por seu lado acceitar as ordens do juiz, para não se verem obrigados a adiar de anno para anno o cumprimento dos seus votos.

Ora aquillo da *sacabucha* é uma grande corneta de volta, sem chaves, uma coisa estranha que vem a ter raizes em velhos usos do imperio romano, talvez aparentada em grau mais ou menos proximo com a *calhôrra* tradiccional de algumas terras da Beira-Baixa. Musicalmente fallando, porém, é que se não sabe o que aquillo é. Grunhir de porco? grasnar de pato? uivar de cachôrro?... Ninguem o pode dizer, ao certo.

A despeito disso, o *voto-da-sacabucha* é tudo quanto ha de mais sincero entre os devotos do Senhor dos Passos. Tão sincero, pelo menos, como é o outro voto de carregar com o pendão rico da irmandade — *Senatus populus que romanus!* — por essa estrada de Assequins fóra, que é de derrear os pulsos dum ca-

vador... Pois se calha de estar o vento da barra?— O que vale, ainda assim, é o auxilio dos dois *irmãos* do Senhor-Jesus que ladeam misericordiosamente o homem do pendão, segurando-o pelas borlas.

Por signal que, no meu tempo, (vá lá o parenthese...) era esse papel distribuido, por distincção e cortezia, ao *Senhor-Sá* e mais ao Manuel Alla, cada qual com o seu lenço atado á cabeça, para evitar o resfriamento das calvas que Deus lhes deu. E por signal tambem que estes dois ladeadores do estandarte, apezar de unidos na cerimonia dos Passos, traziam debaixo das respectivas opas dois corações, que, a despeito da sua tradiccional bondade, não tinham nunca monção de bater ao mesmo compasso.

Era o *Senhor-Sá* quem o expressava, assim:

—Não quero empestar-me com as drogas de aquelle boticario...

E esta phrase, com toda a certeza, foi a primeira e unica que sahio menos limada e menos justa da bocca do *Senhor-Sá*. Deus lh'a perdoará, como o bom do Alla lh'a perdoou sempre.

*

Temos ainda, a annotar, a tradiccional promessa de pegar no andor do Senhor-dos-Passos, que é, entre todas, a de mais devoção e a de mais apparato religioso. Geralmente esse voto é reservado para os que alguma vez na vida se viram assombrados pelo raio duma grande desgraça—naufragio, incendio, a morte

diante dos olhos. Como vão muito pertinho do Senhor-dos-Passos, cuidam estes devotos que, entre a mão espalmada do *Velhinho* e a cabeça humilde delles, ha certo fluido espiritual que os torna leves e lhes dá forças dobradas, a ponto de que mal lhes deixa perceber os suores que lhes escorrem da fronte...

A fechar a procissão, vem ainda, atrás do andor, em cauda, todo um bando pittoresco de *amortalhados*, com as suas tunicas alvas de cambraia, as suas velas illuminadas, os pés descalços pela lama.—Parece que isto já perdeu um pouco de moda, com o tempo e com os reparos da auctoridade, por virtude do exagero a que os penitentes levaram o rigor das suas penitencias.

Havia, principalmente na procissão de sabbado, quem fosse *de joelhos* em todo o percurso da procissão; havia tambem quem fosse *sem falla*; e havia ainda, e até, quem fosse a caminhar *de costas*... Tudo por voto e penitencia. A auctoridade, porém, entendeu que era preciso pôr côbro a esses exageros de devoção, e lá se vae perdendo no tempo esse trecho curioso da procissão dos Passos.

Entretanto, o que ella não conseguirá tão cedo é que esses votos se deixem de cumprir ás occultas, quando a procissão recolhe e os cabos de policia debandam... Ha de succeder-lhe o mesmo que lhe tem succedido sempre com a repressão dos votos grosseiros de certos penitentes de meia-fé, se não de fé-dobrada, que chegam a fazer depender dos milagres do *Velhinho* as coisas mais profanas deste mundo. Por-

que até duma vez — quando as politicas da terra, ahi por 1884, se exaltaram no conflicto duma eleição celebre — houve uma mulherzinha de Agueda que, no seu enthusiasmo pela causa do partido progressista, chegou a prometter ao Senhor-dos-Passos que iria *arrastada de joelhos* na sua procissão, se elle arranjasse com que os partidarios della alcançassem a victoria...

E, como elles vencessem, a devota-progressista lá foi, de noite, no cumprimento fiel do seu voto...

*

Como vêem, a chronica dos Passos de Agueda é toda ella semeada de devoções, a que a crença do povo, sempre ingenua, imprime os aspectos mais bizarros.

Mas o povo é sempre assim. Crenças e crendices misturam-se-lhe na alma, como se fossem raizes da mesma arvore. E o caso é que, dessa estranha mistura, que os theologos tratam de exconjurar a toda a hora, a poder de latim, os fructos da arvore, não sei porque, resultam sempre lindos, e sempre doirados do oiro mais fino — ao menos, para a alma dos humildes e dos ingenuos que vão provar desses fructos, sem cuidarem de saber se a arvore fructificou ao halito dum anjo se ao sôpro dum bruxo.

*
* *

9.—Na Semana-Santa.—A Procissão-dos-Ramos. — «O Vozone» e as «Trez Marias do Beú».— O «Descimento da Cruz».

Porque será que o Domingo-de-Ramos, na nossa terra, amanhece sempre radioso de sol e de alegria? No meu tempo de rapaz, nunca o Domingo-de-Ramos veio ao mundo, que não trouxesse comsigo um grande cortejo de alegria e de sol.

Porque será?

....

Lá vem as primeiras cruzes de alecrim e rosmaninho. De aqui a nada, com a chegada dos rapazes de Paredes, da Borralha, do Sardão, e de Assequins, o Adro vae fazer-se num bosque perfumado. — Ha algumas cruzes que são mais altas do que o mais esbelto guião da procissão! E ha-as estrelladas de camelias, de lilazes, de flôres-da-paschoa, e de lirios, que parecem mesmo jardins encantados a andar por seu pé, como nos contos de fadas... — Os rapazinhos mais pequenos, como seja barbaro carregal-os muito, apparecem então com as suas mólhadas de alecrim e de alfazema. Mas foi precizo que as mães os convencessem, primeiro, de que, mesmo assim, a virtude da benção-dos-ramos chegaria a todos.

Porque esse alecrim e essa alfazema, depois de benzidos e de consagrada a benção com as *trez-voltas*

do estilo ao cruzeiro do Adro, ficam tendo virtudes maravilhosas para applacar trovoadas, alimpar a peste, e exconjurar o feitiço do bruxedo. E, como assim seja, cada um dos devotos, ao fim da cerimonia, lá torna para casa, com o seu raminho-bento que vae ser guardado religiosamente ao canto do oratorio...

A Procissão-dos-Ramos, se não fosse a nota piedosa das cruzes de alecrim que os rapazes levam no cortejo, não passaria duma simples festa vulgar. Mas os perfumes desses ramos ingenuos, espalhando-se por toda a Villa, fazem com que essa procissão se exalte na devoção popular, evocando amorosamente uma das mais lindas e mais delicadas passagens da vida de Jesus, de quando, ao som vibrante das alegrias e das hossanas do povo, elle fez a sua entrada triumphal na cidade de Jerusalem.

*

E eis-nos, agora, em Semana-Santa, com toda a gente da terra a caminho da egreja, em peregrinação constante. Á passagem de cada cerimonia, trancam-se as portas de povoados inteiros; não fica ninguem em casa.— Elle é o *Lava-pés*, a *Paixão*, a *Adoração da Cruz*, o *Enterro do Senhor*, e, então, por essas ruas fóra, ao ar parado da noite, essas recolhidas e piedosas procissões da *Soledade*, do *Enterro*, e da *Paixão*, com o *Vozone*, as *Trez Marias do Beú*, e todas as mais figuras, de luto, a semearem lagrimas por toda a Villa... As velhas marchas-funebres da philarmonica cortam o ar de soluços.

O *Vozone* (*O Vos-Omnes qui transitis...*) é uma figura tipica da procissão. Escolhe-se de entre as tricanas da Villa quem tenha voz mais doce e mais bem timbrada; e, vestida de luto carregado, garanto-lhes que, por menos linda que seja e menos graciosa, logo o palminho do seu rosto, os seus olhos, o seu cabello, realçam por tal forma, que ella, ao menos durante a cerimonia, fica sendo a mais captivante rapariga da terra.

E a prova é que o *Vozone*, mal se apeia do *mòcho* donde canta, e mal acaba de comer a derradeira amendoa da gratificação com que lhe pagam a tarefa de cantar, logo encontra namorado que a requesta e lhe affiança a sua mão de esposo...

Com o *Vozone*, figuram na procissão as *Trez Marias do Beú*, como o povo lhes chama, tambem vestidas de rigoroso luto. — Por signal que, duma vez, fomos meia duzia de rapazes a substituil-as, só por cantar o lindo cantico lithurgico do *Euh! Euh! Salvator Noster!* que, por qualquer circumstancia, já não era cantado ha muitos annos. — Não nos deram amendoas; em compensação chamaram-nos *marmanjos* numa gazeta do Porto... O que tudo será em desconto dos nossos peccados, e pelo divino amor de Deus!

*

Não posso fazer aqui a chronica minuciosa das festas piedosas que constituem o cerimonial da Semana-Santa em Agueda, com todos os seus aspectos e

costumes regionaes. As figuras da orchestra com as suas biographias de soalheiro; as palestras da sacristia; as amendoas dos namorados que se jogam em tiroteio irreverente dentro do templo; o bater estridulo das *tréculas*, quando a *vela-menina* se apaga de vez; e, ao fundo de tudo, sempre sincera e sempre fervorosa, a devoção dessa gentinha do Senhor a acompanhar todo o cerimonial das festas num recolhimento piedoso que choca as almas mais indifferentes:—tudo isso, annotado e commentado como devia sel-o, daria um tomo de muitas paginas.

Entretanto, por se tratar duma cerimonia quasi esquecida, não passarei adiante, sem especialisar essa tradiccional festa do *Descimento-da-Cruz*, que tinha logar, em sexta-feira da Paixão, alli, em pleno Adro, e que era um vestigio grosseiro dos velhos autos que se representavam nos alpendres dos templos.

Ha já os seus 50 annos, pouco mais ou menos, que esta cerimonia se não realisa em Agueda. Eis a sua descripção, segundo as indicações fornecidas por quem assistiu a ella, ahi pelo anno de 1851:

Junto ao muro do antigo passal e do celleiro do Prior que ficavam fronteiros da egreja, armava-se o *Monte-Calvario*. Sobre o tablado, e ladeado pelo *Bom* e *Mau-Ladrão*, Jesus agonisava, crucificado; estavam tambem o andor da Virgem e as *Tres Marias*, com seus veus de luto.

Ao correr do muro do cemiterio, erguiam-se alguns tablados, construidos de proposito para a assistencia da gente fina da terra. O povo accomodava-se

pelo terreiro do Adro, em multidão compacta, apenas cortada por um arruamento aberto desde a porta da egreja até ao *Calvario*, bem policiado e bem guardado sob a vigilancia do regedor.

A um dos lados desta rua, erguia-se o pretorio de Pilatos, que tinha defronte o pulpito do prégador.

Lá estava já no *Calvario* toda a nossa conhecida *Judeia*, com o *Centurião* em evidencia.

O prégador, então, do alto do pulpito, punha-se a descrever a agonia tragica de Jesus, recordando e interpretando, uma por uma, as ultimas palavras do Crucificado, que se exibia ao povo «ainda com signaes de vida»... Á passagem das palavras «*Tenho sede!*» que o prégador gritava de lá, em tom commovido, logo um *judeu*, embebendo uma esponja em vinagre, a chegava aos labios do Crucificado... — Nesta altura da passagem, San João, de carne e osso, sahia da egreja, e, approximando-se da cruz, ia postar-se junto da Virgem.

Começava então o prégador a explicar as *Sete-Palavras* do Senhor na agonia, com toda aquella voz e todos aquelles gestos que a oratoria classica consagra. E, a cada uma dessas palavras, o povo fazia còro com as lamentações rethoricas do prégador, chorando em grita. Este chòro, mal o prégador annunciava a morte de Jesus — *Morreu Jesus! Morreu Jesus!* — attingia então as proporções escandalosas dum grande berreiro que abalava todo o Adro!

Morto Jesus, os *Judeus* tratavam de lhe arrancar as roupas, dividindo á sorte o despojo da tunica.— Neste momento, Maria Magdalena, chegando ao *Cal-*

vario e vendo Christo morto, chorava e arrepelava-se desesperadamente, indo logo rojar-se aos pés da cruz e abraçando-a pelo tronco. Mas, mal esta scena se ia passando, já os *Judeus* tratavam de cevar todo o seu rancor, crivando de lançadas os corpos do *Bom* e do *Mau-Ladrão*. No cadaver de Jesus, porém, não tocavam, porque lá estava o *Velho Testamento* a dizer aos homens: — «Não quebreis osso algum ao Cordeiro-Paschal!»

Entretanto, Longuinhos, o cego, que, pelos modos, não queria saber do que o *Velho Testamento* disse sobre o caso, pegava a este tempo numa lança, e, encaminhado por um guia, approximava-se da cruz, e logo, com a ponta da lança, rasgava o peito do Crucificado. Mas, como ao rasgar violento dessa chaga, o sangue espirrasse sobre os olhos do malvado, Longuinhos logo recuperava a vista, e, de braços abertos, em extase, ajoelhado por terra, no assombro do milagre, começava a apregoar o seu arrependimento.— O que tudo, vão notando, era feito por mimica previamente ensaiada, e com escrupulosa interpretação por parte das varias personagens que figuravam em scena...

A seguir ao arrependimento de Longuinhos, sahiam da egreja José de Arimathea e Nicodemus, apageados pelos seus servos, caminhando em direcção do pretorio, onde iam pedir humildemente a Pilatos que lhes fosse entregue o cadaver de Jesus para lhe darem sepultura. Concedida a licença, os bons homens dirigiam-se ao Calvario, munidos de martellos e escadas; mas, mal punham o pé no tablado, logo o *Centurião*,

com toda a sua gente, vinha de lá, ferozmente, e, em nome da lei, interceptava-lhes a passagem com as lanças.

Tornava José de Arimathea á presença de Pilatos, a solicitar uma ordem por escripto para que o *Centurião* não se oppuzesse á sua missão piedosa.

Estas diligencias eram feitas ao mesmo tempo que o prégador, inflamadamente sempre, ia exhortando o *Centurião* ao arrependimento, mostrando-lhe o milagre de Longuinhos.

Por fim, o *Centurião* arrependia-se. E nós já sabemos, pela anecdota do Patricio Sachôna, em que camisa de onze varas os prégadores se mettiam quando não podiam ter confiança na obediencia dos Centuriões...

Arrependido o *Centurião*, começava logo o *Descimento da Cruz*. Por escadas de mão, José de Arimathea e Nicodemus subiam acima do madeiro e tratavam de despregar a imagem de Jesus — o que levava o seu tempo, porque, a cada prego que cahia, o prégador tinha de dizer um longo trecho do sermão.

Ao fim de tudo, descido o cadaver de Jesus, depositavam-n'o nos braços da Virgem, envolviam-n'o no sudario, e encerravam-n'o no esquife.

Estava terminada a cerimonia. Como vèem, era a representação *fiel* da tragedia biblica do Calvario, com todas as minuciosidades e com todas as personagens, ao vivo... Só lhes faltava fallar, como diz o outro. — Mas, para isso, lá estava o prégador, que, a par da trabalheira monumental de estender a papa

do discurso através de quatro compridas horas, tinha que ser ao mesmo tempo um diligente e activo contra-regra, para que a representação não falhasse por falta de ordem.

O Prior José Estimado, nos seus tempos, teve fama de alta competencia para esta cerimonia. Echoam ainda, pelos pulpitos de Agueda e Vallongo, os mais trovejantes clamores dos seus sermões, a par do vozeirão lendario do Padre Joaquim de Souza Ribeiro que não lhe ficava atraz no alçapremar impavido da figura e no arrancar dramatico do gesto...

*

Agora, para sublinhar com todas as informações a cerimonia do *Descimento-da-Cruz*, tal qual ella corria em Agueda, deve dizer-se alguma coisa sobre o guarda-roupa das personagens.

O *Bom-Ladrão* e o *Mau-Ladrão* eram dois monos de palha mascarados — calça branca de linhagem, bota de cano alto, carapuço de barqueiro; *Pilatos* vestia capa de asperges; *José de Arimathea e Nicodemus* vinham de alvas e casúlas pretas, com grandes turbantes na cabeça; *San João* vestia á maneira de principe; è, então, *Magdalena*, muito em contrario do que as rubricas da liturgia historica lhe assignalam pela sua condição de arrependida, trajava de garrida sêda verde, e os enfeites das joias brilhavam-lhe por debaixo dos lindos cachos do cabello...

Do trajar dos *Judeus*, já nós sabemos as peças

principaes: capacete, peitoral de papelão, lança, e botas. Principalmente botas! Sempre botas! — Se ellas não fossem, talvez que a recordação da sua figura se nos tivesse varrido da memoria, mal o senhor Prelado veio de lá a pôr côbro de vez a toda esta irreverente peça.

*

Ai! meu amado Senhor do Monte-Calvario!

Vós bem sabeis como a gente de Agueda vos quer e vos estremece, apezar de todas essas comedias, que a historia da sua devoção accusa em tempos que não voltam!

Perdoae-lhe, pois. Ella saberá sempre respeitar-vos, com toda aquella crença piedosa, que só a muita ingenuidade da sua alma antiga desviou algumas vezes do seu verdadeiro caminho.

*

* *

10. — *Alleluia! — Judas — O folar-dos-afilhados.*

Em sabbado de Alleluia, ahi por essas oito horas da manhã, com a igreja toda ainda forrada de baètas negras, o senhor prior da freguezia, de ripanço e oculos, desce a todo o fundo do templo, e, ahi, sob as abobadas do côro, vae proceder á benção da agua.

Já lá o estão esperando, desde madrugada, as in-

fusas de barro do povo da freguezia, que vae trocar agua fresca da fonte por agua benta da pia. E essas infusas de agua benta destinam-se a ser guardadas no mais redolente loiro das cantareiras, para ser aspergida pelos lares em occasiões solemnes...

No reboliço que se faz, á distribuição da agua, algumas infusas quebram em cacos... Entretanto, não anda alli Sant'Antonio a quebrar as bilhas das namoradas. Não. Tudo aquillo é muito ingenuo e de muita crença. O amor das criaturas, no que elle tem de mais fragil e mais terreno, nada quer saber de aquellas infusas que se quebram, ao desgeito de quem as tem. É tudo por simples devoção e por simples credulidade.



Tilintam agora as campainhas. Pelo Adro, de mistura com o perfume das primeiras flôres, anda toda a alegria do povo a espanejar as azas ao sol. As proprias japoneiras do cemiterio parecem alegres.

De repente, dentro do templo, o senhor prior da freguezia canta:

— *Gloria in excelsis Deo!*

E as baêtas negras da egreja mudam-se logo em sanefas de côres garridas: as setteiras e frestas alagam-se de sol; desnudam-se as imagens; illuminam-se os altares. E, lá do alto do seu coreto, a philarmonica da terra enche todo o templo com o gritar vibrante dos metaes.

Rompe a *alleluia* pela egreja abaixo. — É um ra-

paz, vestido de ramalheiras verdes, como um *Maio*, que vae por essas ruas, á frente dum bando, tudo a gritar:

Enterra o bacalhau!
Gomita o polvo!

E dão-se as boas-festas, e a alegria dos corações ascende no ar, como um himno de victoria, a apregoar:

— *Alleluia! Alleluia!*

*

Com o seu ridiculo chapeu alto, a sua rabona de panninho escarlate, as suas barbas de estopa, *Judas*, enforcado ao alto, num laço de corda, prepara-se para rebentar, com todo o ruido duma formidavel indigestão de *bombas* e *rastilhos!*

Ahi vem n'a musica. Fogo!

Os repiques dos sinos, pelo ar, jogam as cristas com as bombas dos foguetes. A pancadaria da philarmonica atrôa a Villa. Os ultimos despojos do *Judas* estoiram em montão.

Viva Deus!

. . . .

E agora, meu padrinho, vá lá mandando o taboleiro para o forno, que o Domingo-de-Paschoa chega amanhã, e eu quero que o meu folar seja bem doce e bem fofinho...

X

1.— Crendices e preconceitos populares. As bruxas na nossa terra.

Onde ha ingenuidade, apparecem logo os *prejuizos de cabeça*, como diz o povo. Alma ingenua, alma crendeira. E as crendices e os preconceitos são tanto mais intensos quanto mais ingenua é a crença das almas.

Ora a alma do povo da nossa terra, pelo que respeita a educação intellectual, mostra-se bem ao claro como ella é naquelle quadro desolador que vae descripto noutro capitulo: — 14:678 analphabetos por 18:745 habitantes!

Que ha de fazer uma alma, assim, quando a misericordia de Deus, invocada a cada hora nas suas orações e nas suas penitencias, lhe não acudir de prompto? Que hão de fazer esses 14:678 analphabetos, de alma cega e coração em ancias, em quem a luz da educação não chega para dissipar as sombras do preconceito? Como hão de elles alliviar os seus terrores, quando, por exemplo, o demonio lhes apparecer na *encruzilhada dos trez caminhos?*

Muito simplesmente: — Ao poder milagreiro dos santos da sua devoção, ajuntam o conselho das mulheres de virtude e invocam a propria arte do demonio. Havemos de querer-lhes mal por isto?

Os preconceitos são sempre grosseiros, bem sei. Uma alma crédula é um morcego a olhar para o sol, de dentro duma toca... — Mas, apezar de grosseiros, esses preconceitos constituem sempre, no fundo da alma do povo, como que um deposito singular de coisas pittorescas sobre as quaes a flòr do sentimento abre as suas folhas redolentes.

As bruxas e os lobis-homens, com os seus contos cheios de misterio, fazem o entretem das lareiras, ao serão. — Que seria das pobres mães, se o *papão* não viesse em seu auxilio para lhes adormecer os filhos, ou se a *Maria-da-Grade* não estivesse sempre ao fundo dos poços para atemorisar as crianças quando ellas fazem maldades? Que seria das namoradas, no desespero do seu amor mal correspondido, se ellas não estivessem certas de que o amor lhes assistirá logo que as bruxas de Frossos, do Beco, ou do Sardão, lhes acudam com os seus exorcismos?

Além de tudo, através dos preconceitos e dos prejuizos da alma popular, apprehendem-se nitidamente muitas das singularidades caracteristicas da sua propria indole. Por esta razão, quando outras não houvesse, a chronica não deve passar por cima de toda a folha no que respeita aos preconceitos e crendices do povo da nossa terra. Fallar delles e annotal-os é photographar a propria alma do povo; e a alma do

povo é como um painel velho, cujas bellezas primaciaes estão muitas vezes no carregado das proprias sombras.

*

Ahi vae tudo quanto pude colher da tradicção.— Já não vive a Marianninha do Honorio... Com a morte dessa velhinha original, que foi mestra-regia em Agueda durante algumas dezenas de annos, morreram as mais lindas coisas que eu podia dizer-lhes aqui. Adiante.

Mas não hão de ser as bruxas do Beco e do Sardão — apezar de toda a sua notoria sabedoria na cura das molestias, desde a *folha-do-baço* até ao *genitivo*, como ellas apregoam — que me servirão de guia nesta jornada curiosa. Não. Podem muito embora continuar a fazer curas prodigiosas de anazarcas, febres-terçans, espinhela-caida, e terresmos, que o misterio das suas drogas e o latim barbaro dos seus exorcismos — *et pantenes, et ramparotes*... — nada tem que ver com isto. Soccorrer-me-ei apenas da tradicção vulgar, oral ou escripta, que só ella tem alma para encher um volume de curiosidades.

*
* *

2. — Curas virtuosas. — «Mal-do-sol, mal-de-defuncto», e outros males estranhos. — O «cãosinho de S. Domingos». — As queixas de peito. — As «sortes».

Temos, em primeiro logar, a cura de certos males vulgares, em que o sobrenatural intervem, pelos modos, com todo o seu poder — as *quebraduras*, o *mal-do-sol*, os *aguamentos*, o *mal-de-defuncto*, etc.

Assim, para curar as *quebraduras* dos meninos (hernias), que são um mal de nascença soprado pelas bruxas, o povo procede desta maneira:

Com um lanho de podão bem afiado, racha-se de alto a baixo a vara dum carvalho-cerquinho, tendo-se o cuidado de o não abalar pela raiz nem de o offender por qualquer modo. O carvalho deve ser tenrinho e novo; e, para que a operação seja coroada de bom exito, é preciso que ella se faça, pela festa de San João, á hora mistica da meia-noite.

Além da creança enferma, deve haver mais as duas seguintes indispensaveis personagens: — um menino que se chame João, e uma menina que se chame Maria, exigindo-se que ambos sejam immaculados na sua pureza.

Rasgada a fenda do carvalho-cerquinho, que deve ser feita por mão de pessoa de familia, João toma do doentinho, e, passando-o através dessa fenda, estabelece com Maria o seguinte dialogo curioso:

« — Toma lá, Maria.
— Que me dás, João ?
— Um menino quebrado,
que tornarás são ».

E o doentinho passa para os braços de Maria.— Em seguida, Maria, passando-o de novo para os braços de João, sempre através da fenda do carvalho, remata assim o ingenuo dialogo:

— Toma lá, João.
— Maria, o que me dás ?
— Um menino quebrado,
que tu sararás ».

Repete-se a operação tres vezes, que é a conta que Deus fez. Depois do que, o carvalho é cuidadosamente enleiado a toda a extensão do golpe que lhe deram. — Se o carvalho reverdecer de novo na primavera que vem, fica assegurada a cura do mal...

*

Para curar uma criança, quando as bruxas lhe botam *mau-olhado* — o que succede a cada passo, como sabem... — a mãe della ou alguma pessoa de familia leva-a em noite de luar a uma terra do campo onde haja *tres marcos*. Aguarda as doze badaladas da meia noite; e, ao bater da ultima badalada, assenta a criancinha em cada um dos tres marcos, por sua vez, e vae dizendo assim, em voz alta:

— «Marcos, que demarcais santos e santas! Demarcae este innocente do poder de Deus e da Virgem Maria!»

E, depois da cerimonia, o innocente, que andava *tocado do mau-olhado*, fica logo são. — Foram os *marcos* que fizeram a cura, apezar de não entenderem o que a pobre mãe lhes pediu. Nem elles, nem o proprio demonio, se lá estivesse...

*

Temos agora a cura do *mal-do-sol*, que é curiosa. Esse mal apparece nas criaturas, «quando o sol lhes entra na cabeça», o que não está bem averiguado como acontece.

Entretanto, o tratamento faz-se assim:

Sobre a moleirinha do enfermo, exposto á torradeira do sol, colloca-se um pannal de linho, convenientemente dobrado em muitas dobras; sobre o pannal deborca-se um copo de agua fria, com o fundo para cima, devendo ter-se o cuidado de que o doente não dê fé destes preparativos. Uma vez conseguido isto, recommenda-se ao paciente que se deixe estar quieto durante alguns instantes — neste preparo, ao sol.

Dentro do copo, á superficie da agua em debôrco, dá-se naturalmente a illusão do phenomeno da ebulição, visto como, por muitas dobras que o pannal tenha e por muito espesso que seja o seu tecido, o ar se insinuou através delle, penetrando no copo e deslocando algumas moleculas de agua.

Mas, já se vê, o curandeiro ou o benzilhão não querem saber disto, e tratam de espertar a attenção das pessoas presentes, dizendo-lhes assim:

— Olhem. Lá está a agua a ferver!... — E explica: — Era tanto o sol que o doente tinha encaixado nos miolos, que até a agua ferve!...

E, nessa *ferrura*, o calor do sol vae-se consumindo; e, como se consuma, o *mal-do-sol* desapparece...

*

Agora lá vae esta, que é da *Soberania do Povo*, de 26 de junho de 1891, donde a colhi, e onde, em numeros diversos, achei outras que figuram tambem aqui.— Trata-se dum remedio muito curioso para sarar uma molestia desconhecida:

> —«Um rapaz da Borralha tem a mãe enferma. Alguem lhe aconselhou a que fizesse uma preparação de terra das sepulturas e hervas aromaticas, e a desse á doente como remedio. O rapaz vae frequentemente ao cemiterio, arranja uma fogueira, queima a terra e as hervas aromaticas, faz rezas e benzeduras, e vae depois para a Borralha applicar á doente, não se sabe como, a preparação que o seu espirito fraco considera como remedio efficacissimo para a enfermidade de sua mãe.»

*

E já que estou com a *Soberania* ás voltas, lá vae mais esta, a que ella se referiu no seu numero de 21 de junho de 1894:

Um rapaz duma freguezia do concelho adoeceu gravemente dos olhos. Desesperado da medicina, recorreu a uma mulher de virtude que lhe aconselhou «que pedisse a tres Marias, donzellas, que lhe bafejassem os olhos, todos os dias de manhã, até ao seu completo restabelecimento.»

Já se vê que a *Soberania* tratou de agarrar o caso pelos cabellos, e não o deixou escapar-se pelas fendas da janella sem primeiro lhe fazer o commentario que merecia.

Isto foi ao tempo em que a bruxa do Sardão estava no auge da sua fama. E, francamente, se as mézinhas da sua pharmacopeia virtuosa eram todas daquelle preparado, não se comprehende bem como as justiças da comarca a tomaram de ponta até a levarem ao banco dos reus... — Oxalá que todas as bruxas fossem assim, e que a acquisição das suas mézinhas se pudesse fazer sem escrupulo por parte de quem as pode fornecer...

*

Mas, em contraste deste caso do mal dos olhos, cujo curativo se deve por certo ter feito a poder da muita poesia que encerra, a *Soberania* fornece-nos ainda, no seu numero de 3 de julho de 1892, um caso de *mal-de-defuncto* que é profundamente tragi-

co: — profundamente tragico e profundamente verdadeiro, na crendice popular.

Adoeceu uma mulher com o *mal-de-defuncto*. Foi assim: — Viu « uma visinha que morrera, e, á vista do cadaver, perturbou-se de tal maneira que adoeceu.»

Chamou-se o medico; mas esta chamada foi mais para tapar as bocas do mundo do que para utilisar os remedios da botica. De mais sabia a familia da doente que as praticas do doutor nada poderiam fazer diante desta molestia singular.— Porque a cura é assim (e quem assim não fizer nunca mais levanta cabeça nem come o pão de Deus): — E' preciso conseguir-se que o doente, sem que ninguem lhe ponha a vista em cima, tenha occasião de *ver outro defuncto;* isto, por detrás dum silvado, atrás da brecha dum muro ou da grêta dum portado, de qualquer forma, comtanto que ninguem veja o doente.

E, assim, com todas estas cautellas esse caso de *mal-de-defuncto* curou-se radicalmente. — E' o pello do cão applicado á ferida do mesmo cão...

*

Além dos remedios virtuosos que ahi ficam, muitos outros ha que o povo de Agueda põe em pratica a cada hora, por velho prejuizo da sua credulidade.

Assim: — quer-se curar a entorse de um pé? E' simples. — Deborca-se um pucaro, cheio de agua a ferver, no fundo duma bacia, tendo-se o cuidado de o não levantar. Sobre o fundo do pucaro, assim debor-

cado e convenientemente barrado de sal, assenta-se o pé doente, ao mesmo tempo que uma pessoa-de-sabença «cose em falso em um novello de fiado», proferindo estas palavras magicas:

Eu te côso,
Pé aberto,
E fios destorço...

Quer-se curar o *pé-dormente?* — Molha-se com saliva o dèdo pollegar da mão direita e faz-se com elle, sobre o peito do pé, tantas cruzes, quantas sejam precisas fazer-se até que o pé *acorde*...

Quer-se fazer estancar o *sangue-do-nariz?* — Põe-se o paciente em posição de bruços, e, sem que elle o perceba, colloca-se-lhe sobre as costas uma cruz feita de palhinhas seccas...

Quer-se substituir um dente quando cai? — Pega-se no dente, e, arremessando-o para detrás das costas, diz-se assim:

Dente fóra,
Outro melhor na cova...

Quer-se evitar uma data de *maleitas*, quando se vae nadar? — São precisas tres coisas: — não deixar de mergulhar desde que se mostre o umbigo á agua; comer uma bucha de pão secco, depois do banho; e arremessar um seixo ao rio, de ouvidos tapados, de forma que o som da queda na agua se não oiça...

E, assim, por esta forma e mil outras identicas, se curam os *soluços*, se extrahem *argueiros* dos olhos, e se dá remedio prompto a quantos males appareçam, sem que a medicina ou a cirurgia sejam chamadas.

O *cãosinho de San-Domingos*, que está na egreja de Agueda, num altar da direita, á porta-da-campainha, é de muita virtude para curar as sezões mais rebeldes. Chega a andar de casa em casa a acudir aos enfermos. E, assim, nesta peregrinação de virtude, San-Domingos vae ganhando a sua esmola, e o pescoço do cão vae-se enchendo de fitas vermelhas, por devoção de quem lhe deve algum milagre.

Tambem não tem mãos a medir, na distribuição dos milagres, a imagem de Santa-Agueda, cuja virtude é tudo quanto ha de mais excellente para debellar as *queixas-de-peito*. Numa casa de familia muito conhecida da nossa terra (*Soberania*, 26 de setembro de 1886) ha certa imagem daquella santa, em pedra, á qual as devotas, atacadas de doença do peito, vão humildemente limpar da poeira que a cobre «com as abas do collete ou do chambre.»

O proprio San-Pedro, lá na sua capellinha da Bicha-Moira, está sempre em sobresalto, por não saber como ha de guardar as suas velhas barbas venerandas dos puxões e repuxões que as raparigas casadoiras lhes dão a toda a hora, para que elle lhes faça o milagre de as casar depressa.

O que vale muitas vezes ao bom do santinho é o auxilio que lhe presta indirectamente a Senhora-do-Livramento, do Gravanço — que aquillo é um nunca

acabar de milagres para livrar os rapazes das *sortes*. E, vae então, como ella os livra e desembaraça daquelle tropeço da vida militar, logo San-Pedro, quando elles passam para as *novenas* do Gravanço, lhes põe ao lado uma eleita entre as suas devotas mais impertinentes... — Nem as raparigas da nossa terra sabem quanto devem á Senhora-do-Livramento...

*

Mas quedemo-nos por aqui na enunciação desses lindos milagres que mal vêm a proposito do assumpto especial deste capitulo. Contentemo-nos com passar á flor de toda a sua velha poesia, e, ao perfume della, retemperar a alma para ir mais longe na investigação dos preconceitos e crendices tradiccionaes do povo de Agueda.

Trata-se aqui de prejuizos e abuzões populares, no que elles têm de mais grosseiro. — Que os adivinhos, os curandeiros, as bruxas, os duendes, os lobis-homens, me acompanhem na jornada. Elles, e só elles.

*
* *

3.— Para exconjurar e arrenegar o demonio.— Orações e pragas.

Com todo o seu cortejo de superstições e preconceitos, a invocação do sobrenatural e o exconjuro do

demonio são feitos por processos curiosos. E, como até nas mais simples passagens da vida caseira, o espirito do povo não se dispensa de topar com prejuizos de toda a ordem, é preciso logo, por seu proprio governo, tratar de os varrer depressa a poder dos mais efficazes exorcismos.

Assim, ao deitarem-se os ovos ás gallinhas chocas, escolhe-se para esta tarefa melindrosa um rapazinho da casa ou da vizinhança, o qual, *com a fralda de fóra*, pega dos ovos, e, um por um, os vae collocando na cêsta do chôco. Entretanto, a cada ovo que arruma no palhiço do ninheiro, é preciso que o pequeno vá recitando em voz alta:

Rezemos uma Salvè-Rainha,
Em louvor de San-Salvador,
P'ra que saiam tudo frangas
E só um gallador!

Em côro, por todos os assistentes, são rezadas tantas salvè-rainhas quantos são os ovos a chocar.— Entretanto, se adrega de calhar que San-Salvador não satisfaça os rogos de quem lhe reza, sahindo a ninhada toda em pintainhos machos, o povo, como premio de consolação, não deixa de lhe agradecer o contratempo, porque uma ninhada de muitos frangos é indicio de bôda proxima na familia.

*

Para que a massa do pão levéde a seu justo tempo, não chegam a simples mistura do fermento e o auxilio da agua e do calor. — É indispensavel tambem que se abra uma cruz á flor da massa e que se lhe reze a Salvè-Rainha do estilo. Mas, se o *amúo* da levedura é suspeito de bruxaria, convem ainda, como recurso de effeitos seguros, estender por cima do pannal da massa as *calças-uzadas* dum homem, tendo todo o cuidado de que uma das pernas esteja virada do avêsso...

Por identicos processos, se faz ferver o môsto, e, assim, se exconjura o demonio, todas as vezes que elle vem metter a ponta do chavelho nas coisas desta vida.

Porque, logo ao principio della, as mães parturientes, que sabem como o *porco-sujo* as persegue a todo o transe, tratam de pôr em pratica todo o seu complicado receituario de virtude, para que nem o demonio nem as bruxas, que são as suas embaixatrizes na còrte do mundo, tomem conta da alma das criancinhas logo ao nascer.

Além de se accender a *vela-Maria* na alcòva da parturiente (o que é vulgarissimo em outras regiões do paiz) trata-se, ao primeiro rebate das dores do parto, de mandar tanger tres badaladas no sino grande da torre. O badalar do sino avisa os fieis da tortura dolorosa em que se debate naquelle momento uma alma christã: e, por cada lar até aonde as badaladas chegam, são pelo menos nove avè-marias que se rezem logo á Senhora das Dores do Calvario, pedindo o allivio da parturiente.

Mas nem todas se contentam apenas com este recurso, em que só a vida da parturiente é respeitada e encommendada á Senhora das Dores. A maior parte dellas, ao menos nas classes populares, não se dispensa de se envolver numa estola de padre, a mãe e o proprio filho quando nasce, para que o parto seja feliz e o filho não mòrra antes de se purificar nas aguas do baptismo. — Se a estola tiver servido já na celebração do sacrificio da missa, as bruxas, por muita tentação que tenham de prejudicar o parto e tocar o recemnascido de mau-olhado, ficam desde logo arrenegadas e lá se vão para o mar-coalhado onde não farão perca nem damno...

Quantas vezes a Maria Quiteria, no largo dobar dos seus 90 annos, com 60 de partera e 5 de rodeira-dos-expostos, não foi ella mesma tanger as trez badaladas do sino e pedir a estola ao prior-velho para acreditar a sua arte! — Não que, sem isso, não apanharia ella o regalo de muitas bòdas, como apanhou, nem teria tido occasião de manipular os afamados folares de Agueda, pasteis-de-amendoa, e outros bolos de nomeada, de que só ella e a Maria de Bellem souberam o segredo...

*

A enunciação dos *exconjuros*, com todo o seu glossario de pragas regionaes, cabe tambem neste capitulo, por serem uma das mais vulgares manifestações da crendice popular. — Pena é que, neste parti-

cular, me tivesse falhado o ensejo de fazer tudo quanto pode fazer-se ainda para que aquelle glossario se complete.

Entretanto ahi vae o que sei:

Quando uma pessoa, á lareira, é perseguida pelo fumo do lar em chammas, diz logo:

> Fumo p'ra lá.
> O Senhor p'ra cá.

Quando, ainda á lareira, a cinza se envolve em remoinho, é preciso arremessar-lhe logo com o que se tenha á mão, tamanco ou testo de panella, e se diga:

> Rebôche, rebôche,
> Vae-te embora
> Mais o demonio que te cá trouxe.

E reza-se o crédo-em-cruz e faz-se não sei que outros exconjuros, para que, conforme diz a crendice popular, «a serpente daquelle remoinho, sobre a qual cavalga o proprio demonio, não ouse arrastar alguma alminha christã nas suas rôscas malditas.»

*

Mas, tirante estas, ha ainda pragas doutro feitio que são muito de Agueda e aqui devem, pois, ter o seu lugar, para dizer de tudo um poucochinho pelo que respeita ao espirito do seu povo. São — como

classifical-as? — pragas de uso vulgar a que a crendice do povo não é alheia de todo.

Assim, quando alguem nos intercepta o sol a que nos aquecemos, roga-se-lhe logo esta praga:

A quem está deante do meu sol,
Empolinhas amarellas
Lhe nasçam pelas pernas;
O sangue a escorrer,
E o demonio a lamber.

E se, quando matamos a sede na veia dum regato ou na bica dum chafariz, alguem nos assobia, como se se tratasse de bestas de carga, roga-se-lhe então esta praga, que é toda de Agueda e só de Agueda:

Quem me assobiou
Mais burro ficou;
A cavallo nelle
Até Travassô;
E de ahi por *diente*
A cavallo na sua gente.

*

Em tudo, como estão vendo, a crendice popular se manifesta, por modos mais ou menos pittorescos. E nós já tivemos occasião de ver, ao tratar do cancioneiro dos Reis-Magos, como o povo dos nossos sitios sabe armar uma praga, sem lhe faltar em nada com o pittoresco litterario da forma. — Aquillo do

Esta casa cheira a alho,
Aqui mora algum dialho.

tem corda para todo um anno de pragas, sem haver necessidade de fugir ao modelo. É só mudar-lhe as rimas. Cabem alli dentro as injurias mais fundas e mais certeiras.

Entretanto, o que realmente valorisa essas pragas não é bem o seu poder de invocar um castigo para quem nos deprime ou molesta: mas sim a sua forma artistica e o seu sabor todo regional.

Qual seria a regateira de Agueda que urdiu aquellas pittorescas pragas da rua?

*

* *

4. — *Os mêdos e as almas-penadas.— O lobis-homem de Segadães.*

Para fechar agora este capitulo, em que as crendices e os preconceitos populares caminham hombro a hombro, seria preciso dar uma noticia ainda dos *mêdos*, *almas-penadas*, *lobis-homens*, e de todo esse cortejo tragico de duendes que povôa a imaginação simples do povo.

Envolvida no misterio nebuloso da sua lenda antiga, apparece-nos logo, alli para as bandas do Se-

nhor-do-Cruzeiro, de Paredes, a *Morte-em-pé* com a sua foice, a sua mascara horrenda de caveira, e não sei com quantas outras coisas mais que são de desgrenhar os cabellos de quem passa de noite, pela viella... Para os sitios de Abbadinhos, a caminho do Sardão, temos então aquelle outro *mêdo* da «porca com pintainhos e da gallinha com porquinhos», que é o velho papão de quem lá passa a horas mortas... E outros *mêdos*, muitos outros, qual delles mais tradiccional e mais pertinazmente apegado ao coração do povo, se espalham pelas viellas e gandaras das nossas aldeias, que nem todas as *alminhas* das encruzilhadas chegam para dissipar de vez.

Ha-os que são de toda a vida, desde que o povo é povo, como esses que ahi apontei ao de leve: e ha-os ainda, passageiros e ephemeros como os fogos-fatuos, que, mal surgem, logo se dissipam, graças ao poder da crença religiosa e graças principalmente ao esclarecimento dos prudentes.

Mas, como seria sem fim a enumeração de todos esses accidentes de mêdos e lobis-homens que povoam o concelho, apenas recolherei aqui, para amostra, um caso, aliás muito vulgar, de *almas-penadas*, que a *Soberania do Povo* contou em 14 de agosto de 1890.

— «Em Segadães morreu, haverá trez mezes, um lavrador rico, que quasi tocava os 80 annos. Os filhos herdaram alguns contos de reis em dinheiro, terras e pinhaes. Nos ultimos dias começou a espalhar-se que a alma do

fallecido andava a penar, á espera de que os filhos restituissem a muitos prejudicados a terça parte da herança que pelos modos não fôra ganha licitamente. A alma do finado, por uma estranha metempsichose, encarnara em diversos animaes que apparecem aos transeuntes nas gandaras, onde existem terrenos subtrahidos á publica fruição em vida do lavrador.»

E, vae, um homensinho de Travassô affirma logo que viu «um cavallo esguio, esqueletico, de grandes nodoas negras sobre a pelle branca, passar vagaroso e triste pelas florestas»; outro da Trofa vê «um jumento, alvo de neve, grande e anafado»; outro ainda, não sei se de Oronhe se do Beco, vê «um cabrito de forma exquisita que saltava á frente delle e se sumia por encanto.»

E, de tanta vez o affirmarem, os filhos do fallecido, aterrados com taes visões, trataram logo de prometter 100$000 rs. a quem ousasse fallar á *alma-penada* do defuncto, para que o encanto das suas penas se quebrasse.

*

E basta. — Fica ahi, nesta derradeira pagina do capitulo, o bastante para dizer da gente das nossas terras o que ella é nas infantilidades do seu espirito ingenuo. Junte-se essa mesma pagina ás outras que a antecedem, e ahi teem, verdadeiramente, o que é o

povo de Agueda, na grosseria dos seus preconceitos, crendices, e abusões, que de tudo isso lá ha um poucochinho, na alma delle, escondido, a bem dizer, da luz bemdita deste lindo sol da instrucção, que anda tão decahido do horizonte do seu progresso intellectual.

XI

1.— Romarias, arraiaes e entremeses.— O « Mastro de Assequins ». — As Alminhas da Areosa. — Albergueiros, Judeus e Pimpões.

Duma vez — foi em 5 de junho de 1892, nem mais nem menos — noticiou a *Soberania do Povo* que um rapaz de Agueda, o *Puxa*, querendo ir a certo arraial e não tendo viola para se fazer acompanhar, lançou mão deste expediente:

— « Sahiu de Agueda ás 11 horas da noite duma sexta-feira, em direcção a Coimbra, onde chegou ás 5 da manhã de sabbado. Comprou a viola, e sahiu d'alli ás 10 da manhã, chegando aqui (Agueda) ás 7 daquelle dia de sabbado.»

E a gazeta commenta:

— « 18 leguas andadas em tão curto espaço de tempo, mas venceu todas as difficuldades e arranjou viola! »

Ora tal commentario, com tamanhos espantos, na penna dum jornalista de Agueda, é tudo quanto ha de menos cabido e menos justo.

Pois então haverá criatura na nossa terra, que, nas condições especiaes do *Puxa* — com uma romaria pela frente, e sem viola para lá ir — possa dizer que daquella agua não beberá?...

*

A despeito de todas as freimas do seu trabalho quotidiano, as romarias são o comer e o beber da gente de Agueda. Supprimam-n'as, e Agueda morrerá á fome e á sede de alegria!

É por isso que, ao alliviar dos luctos da quaresma, mal recolhe a procissão da Resurreição, logo a nossa terra, pegando do seu varapau e temperando a sua viola, vae dar comsigo na Senhora-da-Graça, de Assequins, que é o primeiro arraial que lhe apparece á mão de semear.

O arraial é pequenino? — Não importa! Bastam-lhe o entremez e o *Mastro* tradiccional, para lhe dar toda a alegria que a nossa terra lá vae procurar.

Ora esse entremez da Senhora-da-Graça tem a sua nota tipica: — Não ha lá farça ou comedia que se dispense de metter sempre um burro ou um carneiro entre as personagens...

É da peça? é dos comediantes? — Não sei. É do entremez de Assequins; é do povo.

Assim como é do povo tambem — apegada ás ve-

lhas tradicções, cuja raiz ninguem me soube dizer até onde vae — aquella antiga costumeira do *Mastro-de-Assequins,* vestido de hera e de loireiro, que se ergue no largo da capella, em dia da Senhora-da-Graça, para se queimar com solemnidade na vespera de San-João.

A erguel-o e a queimal-o, a antiga e muito nobre villa de Assequins tem alli o vestigio de toda uma linda tradicção que se perdeu.

*

Mas, mal levantado o *Mastro*, logo a gente da nossa terra — para não fallar aqui senão das romarias de certo sabor regional — volta costas a Assequins, e ella ahi vae, em ranchos, por essa estrada fóra, até ás Alminhas-da-Areosa.

O modesto santuario das Almas fica no termo do antigo concelho de Aguada-de-Cima; e a sua festa — festa rija, arraial de barulho, com duas musicas ao desafio! — tem, alem de tudo o mais, esta nota pittoresca que é digna de ser archivada: — Refiro-me ao voto piedoso, que os lavradores do sitio fazem ás Alminhas, de ir, no dia da sua festa, dar trez voltas ao redór da ermida com as suas juntas de bois. E levam os carros, e os carros levam a familia dos lavradores, e toda a familia vae enfeitada de flores, que parece aquillo um canteiro de jardim em penitencia... De aguilhada erguida, os moços dos bois vão adiante, com a cinta vermelha de algodão a arrastar pela poeira

do adro. Em cima dos carros, os patrões vão rezando. — E' o velho culto pagão, a esfarrapar-se...

*

Antes de ir mais longe, é preciso que se diga — para satisfazer a curiosidade de quem não conhece de perto o que são os arraiaes festivos do concelho—que não ha por lá arraial nem romaria que não mettam logo duas *musicas* ao desafio. — Entre o estoirar dos morteiros e o desperdiçar mais ou menos á-grande do fogo-prezo, o desafio das philarmonicas é parte obrigada de todo o programma de arraial. Sejam ellas de Agueda, de Albergaria, de Fermentellos; sejam do cabo-do-mundo, muito embora. Arraial sem *desafio,* no concelho, é coisa que não faz sentido com a tradicção local.

Em tempos que já lá vão, as philarmonicas dos *Albergueiros,* dos *Judeus* e dos *Pimpões,* andavam sempre na baila por essas ruidosas romarias. E a chronica desses tempos aguerridos — porque muitas vezes o certamen musical desfechava em pancadaria real... — é das coisas mais pittorescas que por lá ha.

A musica de Agueda, então, que se teve sempre em conta de musica de fama, era quem, só por si, ao *rasgar* dos seus *ordinarios* celebres, bastava para se armarem os conflictos mais violentos. — Pois se tinha pela frente a de Albergaria?...

Albergueiros e *Judeus* eram cão e gato. Defrontados num arraial, mal chegavam ao fim da primeira

peça-de-harmonia, já os instrumentos andavam pelo ar, em dansa macabra, nas cabeças uns-dos-outros...

Agora tudo passou. Os tempos mudaram, e as philarmonicas de hoje, sem pôrem de parte os velhos orgulhos patrioticos, lá vão arranhando as peças do seu reportorio, sem quererem saber das responsabilidades tradiccionaes que lhes couberam em herança. Está tudo pôdre de paz! Nem os *Alberg ueiros*, nem os *Judeus*, nem os *Pimpões*, tratam de averiguar hoje em dia, ao fim dos *desafios*, quem é que *fica por cima*. Acabou-se tudo! O *rufo* do *Canario* estoirou as pelles... Cada qual, agora, que diga da sua justiça, conforme pode e sabe; e... viva a *musica* de Falgozelhe que tambem come o pão de Deus!

*

Os demais aspectos pittorescos dos festivaes do concelho resumem-se — á parte uma ou outra nota caracteristica que abaixo vae registada — na exhibição dos *andores* e dos *anjinhos* das procissões, que está tudo ainda com a primeira demão que o velho culto popular lhe deu. — A mesma piedade de mistura com a mesma ingenuidade; o mesmo fervor religioso de mistura com as mesmas devoções grosseiras.

Se assim não fosse, quero crer que todas essas ingenuas festinhas de orago perderiam desde logo o seu geito tradicional.

O que se quer é que seja tudo com muito apêgo ás tradicções antigas, sem exotismos nem enxertos, tudo

pelos moldes do Crespo-Velho nas ornamentações e do Laverco de Espinhel na parte musical. Arcos e escudetes com as suas grandes legendas devotas: *Biba a Sinhora da Gia!* — os homens dos guiões, regalados de arroz doce e seriedade — os do pallio, a flor da parochia, com as luvas pretas a estoirarem pelas costuras — e, então, o juiz da festa, *ora, toma!* todo cheio de *não-presta*, com o seu penteado, de rêgo ao meio, a desfazer-se em banha de cheiro pela fronte grave...

— Tudo no *reclim!* — como dizia o Antonio Brinco.

Zé-P'reira á frente, *amortalhados* atrás, e *sigam-n'os ciriaes!* que assim mesmo é que está na conta.

*

* *

2. — *San-Giraldo, de Bulfiar.— Votos e offertas.— O Soito-do-Rio.*

Por volta do mez de junho, ao pintar das primeiras cerejas, o San-Giraldo, de Bulfiar, acena de lá com as suas bandeiras.

Grande romaria vae ser! O sitio é lindo. O Agadão e o Alfusqueiro, vindos lá da serra, alli se beijam ao seu encontro; e, logo ao cantar desse beijo, as faldas da serra amaciam, os arvoredos copam-se de verde, perfilam-se as primeiras caneiras de milho.— Ahi começa o Valle-de-Agueda a espraiar-se...

Os romeiros são ás centenas, em romagem de muitas leguas de ao redor. Não que os milagres do Santo correm por todo o districto com tal fama, que o proprio San-Giraldo, de Azurba, apezar de todos os pregões que espalharam ao redor do seu poder milagreiro, não teve alma até hoje de fazer sombra ao modesto santinho de Bulfiar.

Depois, para captivar as graças e a protecção do San-Giraldo da nossa terra, bem pouco é preciso: — Um *tamanco-de-milho,* uma *telha-furtada* (offertada), uma cestinha de ovos, e logo o San-Giraldo de Bulfiar, no parecer credulo dos devotos, despeja, por cima das suas cabeças, todas as divinas graças de que elle é depositario fiel.

Em outros tempos, ahi por 1650, as offertas e os votos ao San-Giraldo fiavam mais fino, segundo diz a chronica. Houve quem visse lá «dezaseis ou dezasete Mortalhas penduradas nas Traves da dicta Hermida, e nas Paredes junto á porta muitos Braços, muitas mãos, muitos Pés, Pernas e muletas, e no Altar-mór Peitos e olhos de prata.»

Já se vê: o valor da esmola é maior ou menor, conforme a gravidade da molestia, para cuja cura se invocam os milagres do Santo. Assim, no tempo em que os devotos lhe offertavam *Peitos e olhos de prata,* o seu poder milagreiro «foy até livrar huma mulher de hum Chanchor que tinha no Peito.» Agora, a invocação do San-Giraldinho de *Vulfiar* é feita, quasi exclusivamente, para a cura dos *cravos;* e, como isto seja um mal de pouca monta, o valor das offertas

desceu até á mesquinhez da *telha-furtada* e do *tamanco-de-milho*...

*

O arraial de San-Giraldo faz-se todo no Soito-do-Rio, que fica a meia legua de caminho, entre Agueda e Bulfiar. Agazalhado pela fronda dos velhos carvalhos, com o rio a beijar-lhe as alfombras verdes dos cambalhões, o Soito-do-Rio é com certeza um dos mais originaes trechos de paizagem de toda a Riba-Agueda.

Quer na ida, quer na volta da romaria, alli aquedam os romeiros, dansando e merendando. As *botequineiras* e os *vendeiros* de Agueda armam tenda, a chamar a freguezia. Ao redor das violas de melhor nomeada, a gente moça dá-se as mãos, e toca a dansar por essa tarde fóra!

Mas a nota mais pittoresca de toda esta romaria é a linda jornada que se faz desde a Villa até ao Soito, de barco — os mastros embandeirados, as prôas enramilhetadas de ramalheiras verdes, os barqueiros cantando... Á volta do arraial, então, com os barcos e as bateiras em fila cerrada por esse rio abaixo — todos ao despique, para mostrarem qual traz comsigo mais alegria e melhor descante — a romaria do Soito assume todo o aspecto duma festa pagã, orvalhada de notas romanticas, como se no peito de cada romeiro palpitasse um coração de poeta... Quando o cair da tarde calha de ser tranquillo, sem bulir de folha nem franzir de agua, o cortejo dos romeiros pelo rio abaixo nem sei que romanticos episodios evoca, com todo

aquelle seu ar de barcarola antiga, sobre cujas alegrias em descante a noite vae estendendo as azas de seda...

*
* *

3.— Os Santos-Martires, de Travassô. — O Rei-Moiro, os Fradinhos, e os Nús. — Contra as « sortes »!

Mez de janeiro. O largo terreiro da egreja de Travassô empapa-se de lamaçal. Romeiros, aos milhares, atropelam-se naquella pateira de lama. Por vezes, a chuva e a tempestade pretendem calar toda aquella grande alegria que o arraial mette, mas os romeiros, pela muita devoção que os Santos-Martires lhe merecem, como que fazem parede contra as inclemencias de janeiro, e não ha invernadas que tenham alma de os esparralhar.— Lá estão as merendas fartas, sob o telheiro dos cabanaes, para fazer frente, com as suas tradiccionaes caçoiladas de arroz-de-forno, a quantos invernos se annunciam no *Borda-de-Agua!*

*

Ora aqui temos nós uma das festividades mais pittorescas e talvez a mais antiga de todo o concelho. Não sei se, já na ultima metade do seculo 9.º— quando Dom Affonso 3.º de Leão doou á sé de Co-

nimbriga a *tertiam portionem de villa travasolo inter agata et rauga* — a festa dos Santos-Martires existiria com todo o seu cortejo caracteristico de tradicções. E' muito possivel que, já por esse tempo, os *Fradinhos*, o *Rei-Moiro*, e os *Nús*, por lá andassem, por Travassô, cada qual na execução do seu papel grotesco, como é da velha chronica.

O *Rei-Moiro* do meu tempo, com toda a sua tragica figura, vestido de tunica amarella, e «com a sua espada flamejante» era um homem da Trofa que «ganhava cada anno um alqueire de feijão, alem de cama o mesa, na vespera e dia da festa.» (*Sob. do Povo*, 20-1-1881). — Os *Fradinhos*, de cabeça coroada, vinham a ser, em figuração grosseira, os proprios Santos-Martires de Marrocos, com o espadagão do *Rei-Moiro* sempre ameaçador sobre as suas cabeças. — Por sua vez, os *Nús* eram toda a gente que tivesse devoção de ir, naquelle lindo preparo, na procissão da noite, ao frio e á chuva de janeiro, em cumprimento de penitencias.

Ha mais de 20 annos que tudo isso acabou de vez, com grandes penas da gente de Travassô. Porque, ainda em 1881, quando o Vigario geral de Aveiro entendeu dar os ultimos golpes nessas velhas tradicções grosseiras, o dr. José Correia de Miranda, o padre José Tavares Camello, e outro, vieram para a *Soberania*, em carta, como que a quererem desculpar a grosseria de taes devoções, e a derramar saudades sobre o passamento dellas...

Ora leiam lá esse trecho da tal carta:

—«Os frades de Grijó, a quem antigamente pertencia a egreja, e que tinham aqui uma casa e quinta, onde, de quando em quando, vinham residir alguns delles, nunca se lembraram de a prohibir; e, depois dos frades, o bispo D. Manuel Pacheco de Resende, que tambem aqui residiu algum tempo, do mesmo modo se não lembrou nunca de a prohibir. O vigario geral José Joaquim de Carvalho Goes, homem esclarecido e zeloso, quando governou o bispado, veio aqui ver esta funcção, e, vendo-a, nada achou que reprehender e corrigir.»

Mas a tal funcção — ao menos no que ella tinha de mais grosseiro e de mais espectaculosamente ridiculo — desappareceu, por mandado e ordem dum prelado, que, em zelo e esclarecimento de alma, nada deve aos frades de Grijó nem aos outros, cuja honrada memoria o dr. Miranda e o Padre Camello invocaram em defeza do *Rei-Moiro* e das outras personagens mais ou menos *amoiradas*...

*

O que parece ter ficado de pé, sobre a cova revolta de todas essas tradicções, e a despeito de ordens superiores em contrario, foi a crença piedosa de implorar a protecção dos Santos-Martires para livrar os mancebos das *sortes*.

Santos *Mārteis* de Marrocos,
Consolae a triste mãe;
Livrae-lhe o filho das sortes,
P'ra não ir servil-o rei.

E então os rapazes, para fugirem ás sortes, lá se enfileiram na procissão, carregados de espingardas — ás dez e ás doze, em jangada sobre os braços estendidos horisontalmente — caminhando de costas para diante, com duas pessoas de familia que os ajudam a levar o carrêgo...

Outros ainda, para accentuarem melhor toda a devoção religiosa das suas penitencias, chegam ao cumulo de irem «com as mãos pelo chão» atrás e no meio do cortejo, com a sua «branca toalha de penitente, os cabellos fluctuantes, os braços roxos de frio.» (*Sob. do Povo*, 18-1-1880)

Ah! se fosse possivel fazer a chronica de todas as devoções dos romeiros dos Santos-Martires, de Travassô, que lindo livro se escreveria!

Ora queiram ler só este caso que a *Soberania* contou em 1887:

— «No prestito ia um homem ainda môço, figura sympathica, de grandes barbas castanhas, muito bem tratadas, esbelto, silencioso, triste; o busto envolvido em uma ampla toalha de rendas. — Levava um punhal atravessado na bocca...

O motivo deste voto estranho, contado pelo devoto, foi este: Esteve no Brazil, onde foi um dia accomettido

> pela ideia do suicidio; esteve para matar-se com aquelle punhal. Lembrou-se, porém, dos Santos Martyres...»

... e veio á sua aldeia de Travassô, de punhal na bocca, para dizer ao chronista da *Soberania* que, por milagre dos Martires, alli estava elle, são e feliz, como se podia ver pelo bem tratado das suas grandes barbas castanhas...

*
* *

4.— O cacho de Sant'Iago.— Os entremezes: «Martires da Germania».— O rapto das donzellas e a Senhora-da-Paz. — O milagre-da-Urgueira.

Para fechar o capitulo — visto que não posso ir de romaria em romaria, como romeiro sem cuidados, a dizer de cada uma tudo quanto ellas tem de tradiccionalmente pittoresco — aqui ficam algumas notas interessantes sobre outras festividades do concelho.

Assim:

Diz o povo que o «Sant'Iago pinta o bago».— Ora, como assim seja, o Sant'Iago, da Borralha, ao subir ao seu andor em dia de festa, lá apparece sempre com um cacho de uvas na mão, cuja offerta constituiu durante muitos annos uma especie de fòro sagrado,

com que o velho Padre-Marques, do Sardão, contribuia para a conservação do antigo uso.

Por tal signal, dizem que, em certo anno, como *a videira de Sant'Iago* se não apressasse a pintar as uvas, o Padre-Marques, para não se eximir á prestação annual do fôro, foi-se a um dos cachos, engraixou-o com a fuligem da chaminé, — e que Sant'Iago lh'o perdoasse! — lá lh'o mandou por occasião da festa. O qual cacho, verde por dentro e enfarruscado por fóra, não deixou de ser comido por um dos mordomos da festa, como era tambem de velho uso...



E os *entremezes?*

Quatro estacas, quatro barrotes, meia duzia de taboas de solho, uma coberta de chita á frente — e, prompto: eis o palco scenico.

— Toque a musica!

Ao fim da musica, panno acima, e ahi temos nós, pela frente, a mais desopilante coisa que um arraial pode offerecer aos doentes de melancolia. O povo, então, como aquillo seja feito de proposito para o divertir, de graça, bota-se a rir como um desalmado, com cada gargalhada que chega ao termo da freguezia...

Os actores são tudo gente do seu conhecimento...

— Ó Moca, e quando tu foste ás ameixas do dr. Patricio?

— Olhem o Amigo do Povo!

— Olhem o Maricas!

E o *Maricas*, e o *Amigo do Povo*, e o *Moca*, suspendem as tiradas dos papeis, para corresponderem á chamada do publico, sahindo da peça com a mesma sem cerimonia com que para lá entram...

É todo o arraial em *entremez!* Entremez com toda a gente em scena, e por toda essa noite fóra!

Tão fóra — que até duma vez, em 1880, se deu este facto estranho que a *Soberania* contou:

—«Na vespera da festa de S. Sebastião, na rua da Venda-Nova, sabbado á noite, alguns curiosos apresentaram-se ao publico numeroso a representar o drama *Martires da Germania*; mas como a peça era muito extensa, e tinha muitos actos, os amadores da arte dramatica contentaram-se com estudar só o 1.º acto e assim o deram aos espectadores, entre as gargalhadas da multidão e os hymnos da phylarmonica. Diz-se que no anno vindouro se representará o 2.º acto daquelle pavoroso drama, sendo os actos restantes desempenhados nos annos seguintes.»

E estou convencido de que bastou isto para que os *Martires da Germania* se tornassem logo numa peça de fazer rir as pedras, a despeito de todo o ar tragico que o seu titulo accusa...

Logo, não; mas em todo o decurso de seis annos,

que tantos foram os precisos para chegar com o dedo ao fundo desse *pavoroso drama*. . .

*

Ha no lugar do Beco, dentro do concelho, uma ermidinha com a invocação da Senhora-da-Paz, a cujos milagres se prende uma das mais velhas e mais lindas tradicções do sitio; tradicção esta, que, muito embora desmentida pela legenda historica que se lê num cirio da mesma ermida, botou raizes fundas no coração do povo, e de tal forma que não ha poder de erudição que a arranque de lá.

Diz-se que, em velhos tempos, ahi para as bandas de Mogofores, no visinho concelho de Anadia, todos os annos desapparecia uma donzella do lugar.

Quem a raptava? O demonio?

Mostra que sim; pois que, apegando-se o povo á Senhora-da-Paz, do Beco, nunca mais tornou a desapparecer ninguem. O que desappareceu de vez foi o feitiço mau.— E, então, o povo de Mogofores, uma pessoa de cada casa, lá vae ao Beco todos os annos, no primeiro sabbado de setembro, a agradecer o velho milagre.

Tudo isto se faz e tudo isto vae assim, de geração em geração, muito embora a tal legenda do cirio esteja lá a protestar contra a tradicção popular do milagre, que nada teve, pelos modos, com o rapto lendario das donzellas de Mogofores.

> — « *Ad perpetuam rei memoriam* — diz assim o cirio : — Na era de Cezar MDCXXXVI e do Nascimento de Christo 1598, reinando em Portugal Fillipe II (o prudente) rei de Castella, e o Pontifice Clemente VIII, em o primeiro sabbado de setembro, os moradores do Couto de Mogofores offereceram a esta Senhora este cyrio pelos livrar da peste, em que por aquelles annos todo este reino ardia, e voto solemne de todos os annos virem em procissão em outro tal dia a esta egreja com duas velas e cyrio.»

Donde parece concluir-se que o povo do Couto de Mogofores confundiu o *arder da peste* com o *raptar das donzellas*... Mas, com peste de mais ou com donzellas de menos, a tradicção vulgar do milagre ficou perpetuada para todo o sempre, tal qual aqui vae narrada, a ponto de que ainda hoje aquelle voto se cumpre todos os annos, na alegria ruidosa duma romaria.

*

Como ultima nota para enfeitar o capitulo, venha de lá a montanhosa Macieira-de-Alcôba dizer-nos alguma coisa a respeito do seu milagre da Urgueira, que tão debatido foi, ainda ha pouco tempo, por quem quiz dar-se ao cuidado de deslindar-lhe o misterio.

No dia da festa da Urgueira, que calha ahi pelos

meiados de agosto, a santa do lugar é conduzida em procissão até junto duma grande fornalha accesa, onde se consomem sete a oito carradas de lenha durante trez dias.

«Na mesma procissão é transportado em uma padiola um enorme bolo amassado de fresco, de cerca de 100 litros de farinha.» Mal o andor da Senhora-da-Guia chega ás proximidades da fornalha, um devoto, depois de rezar as suas orações, com um cravo na bocca, «entra no forno, ajuda a metter o bolo, e, logo após, dá em redor deste uma volta, e sae incolume.»

Diante de prodigio tão singular, toda a Urgueira clama: — Milagre! milagre! O que não obsta a que haja quem, dentro do proprio concelho, sem a invocação de sabedorias alheias, interrompa a ingenua exclamação da Urgueira com prelecções de phisica a que a credulidade da freguezia de Macieira ficou alheia de todo.

De todo, mostra que não. Porque já em agosto de 1902 — oh! o seculo 20.º em Macieira-de-Alcôba! — dois homens do lugar ousaram atravessar-se diante do *milagreiro* do costume, entrando tambem na fornalha como quem entra em sua casa. Por signal que um dos novos *milagreiros* da Senhora-da-Urgueira era cabo-de-policia; e, para não perder uma pitada das suas insignias de agente da auctoridade, até foi de espingarda ao hombro, para o que desse e viesse...

Para a informação do caso, louvo-me absolutamente nas palavras da *Soberania*, que foi quem o

revelou ao mundo. Elle aqui fica, em toda a sua singeleza, pescado das aguas turvas em que se agitou a polemica provocada por tal revelação.

*

Assim, de romaria em romaria e de arraial em arraial, com a annotação passageira dos seus milagres, das suas tradicções regionaes, e dos seus *passos* pittorescos, este capitulo poderia muito bem abranger mais espaço ainda, porque o assumpto bem se presta a ser explorado demoradamente.

Mas basta isto, só, ao correr da penna, para que Agueda se mostre no que ella tem de mais original e tipico sob este aspecto.

A credulidade popular é a mesma de toda a parte — ingenua, grosseira, enxameada de preconceitos e de abusões velhas. Agueda, neste particular, vae na corrente de todas as mais terras do paiz.

Mas nem todas se poderão gabar, que eu saiba, de ter uma chronica, assim, tão pittoresca e tão original.— Foi por isso que este capitulo appareceu aqui, de enxertia, para de algum modo fixar as paginas mais interessantes dessa chronica.

XIII

1.— Agueda em festa. — .. « E viva o santo! » — Musica e foguetes. — A' morte do Imperador Augusto.

... E viva a festa! — Que Agueda mal pode viver sem ella, quando mais não seja senão uma festasinha familiar, com musica e foguetes, a alarmar toda essa Villa, desde o cimo da Venda-Nova até Além-da-Ponte.

Aquillo é boa disposição do espirito do povo, sem duvida; porque, valha a verdade, nem sempre os pretextos são de todo o ponto rasoaveis. O caso é rir; o caso é folgar. Uma duzia de foguetes p'ra cima!.. *e viva o santo!* — como lá dizem.

Nada de se ralar a gente! A vida são dois dias, e é preciso leval-a de folgança e de perna ás costas. Depois, lá diz o outro: quem vier atrás que feche a porta... — Toca a folgar! toca a rir!

— Olá, seu mestre da musica. Venha de lá isso cá p'ra a rua!

*

E ella ahi vem, a philarmonica, com o himno da Carta sempre engatilhado; e o rapaz dos foguetes, á frente do bando, atiça-que-atiça, sem despêgo!

— Mas que foi isto?

— Nasceu o principe herdeiro?

— Chegou o rei?

— Mudou-se a capital do paiz cá p'ra a terra?

— Vamos ter diocese?...

... E não é nada disto. O que é, a bem dizer, é a alegria natural das pessoas de Agueda — a alegria, só, que mais não é preciso para fazer uma festa.

E, então, por dá-cá-aquella-palha, ella ahi está na rua, na praça, em toda a Villa, a toda a hora e com todo o tempo, quer chova, quer faça sol! Em festa, sempre!

Se houvesse de fazer-se algum dia a caricatura de Agueda, bastaria figural-a assim: uma nota de musica com foguetes na cauda; e prompto! — Seria Agueda, por uma penna. Não se confundiria com outra terra do paiz, porque nenhumas são capazes de dar-lhe sota-e-az naquelle particular excentrico...

*

A queda para a festa vem-lhe de tempos muito remotos. Assim é que vamos encontral-a já, em plena Santarem, na vetusta Scalabicastro da Luzitania, a honrar com a sua presença as hecatombas e jogos de gladiadores que alli se celebraram por morte do imperador Augusto. — Nem podia deixar de ser assim,

a despeito de não poder averiguar-se com precisão o que era Agueda por esse tempo. Uma cidade? uma villa romana? um logarejo? um sitio? Quem sabe lá! O que se sabe é que ella foi ás festas funerarias do grande imperador romano, e, com ella, a gente do Porto, da Feira, de Ossella, e até do Vouga, que é seu visinho de ao pé da porta.

Depois, está bem de ver, como ella lhe tomasse o gosto, não é temerario pôr-se a gente a conjecturar que não houve festa de honra em terras luzitanas a que Agueda não fosse presente por essa historia além. Depois das hecatombas por morte de Augusto, Agueda por certo não se recolheu logo a casa, sem mais lhe puxar o pé para a dansa.

Não. Uma vez no caminho da folgança, Agueda havia de ter ido até ao fim da jornada. E foi. Porque, muito embora, entre os velhos documentos falhem de todo em todo as noticias sobre as festas de Agueda antiga, ahi temos nós a chronica dos tempos modernos a dizer-nos do que Agueda é capaz no capitulo do folgar.

*

*   *

2.— A acclamação de D. João 6.º e D. Maria 2.ª — Juramento da Carta. — Te-Deum a orgão.

Não vamos mais longe. Aqui temos logo, de cara, a acclamação do senhor Dom João 6.º, com *Te-Deum* a orgão na egreja matriz de Agueda, e os senhores Capitão-Mór, Sargento-Mór, e Monteiro-Mór, tudo da nobre Villa de Assequins, com as suas fardamentas de honra, por essas ruas fóra: — «Real! Real! Por Dom João 6.º, Rei de Portugal!»

Calcula-se bem como o regosijo estoiraria as costuras das nizas! — Elle era o Capitão-Mór de Assequins, Luiz Antonio de Albuquerque da Fonseca Araujo, e mais o Capitão-Mór de Agueda, Joaquim José Pereira Guimarães, e o Presidente do Senado, Antonio Francisco Brinco, e o Procurador do Concelho, Antonio Gomes de Almeida, e o Juiz Ordinario, João Henriques Ferreira da Costa Oliveira, e ainda os Vereadores, a officialidade das Ordenanças, tudo, o Clero, a Nobreza, o Povo, aos vivas por essas ruas fóra: — «Viva El-Rey de Portugal, o Sinhor Dom João Seixtò, absoluto e independente! Viva a nossa Raynha! Viva toda a Familia Real e dependencia da Caza de Bragança!»

Trez annos depois, em 31 de julho de 1826, houve a festa do juramento solemne da Carta-Constitucional,

em sessão de gala, com todo o Senado a postos, e a gritar: — «Viva El-Rey Dom Pedro quarto Nosso Sinhor que Deos goarde!»

E lá estiveram tambem os representantes do clero, da nobreza, e do povo, os officiaes das ordenanças, o Juiz Ordinario Bernardino Pereira, o Procurador do Concelho José Francisco Pereira, o Capitão-Mór de Assequins, e até Sua Senhoria o «Professor de primeiras Letras do Lugar de Agueda», José Ferreira Bicho. Os quaes todos, ao fim do juramento, se dirigiram processionalmente para a «Igreja Parrochial desta freguezia, e ahi na forma do Programa de vinte e hum do corrente, artigo quatorze paragrafo seixto, foi cantado pelo Reverendo Parrocho incomendado, Manuel de Souza Ribeiro com todos os clerigos da Freguezia, o Hyno Te Deum.» E, conforme o texto do auto, «foi tudo feito com a solemnidade devida acompanhado a orgão.»

Veio ainda, em 1834, a festa da acclamação de Dona Maria 2.ª (18 de maio).

O auto nada diz a respeito de *Te-Deum* e orgão. Mas sabe-se que houve disso e muito, pela tradicção. Os *malhados* de Agueda não eram gente que se deixasse ficar calada e quieta perante um acontecimento de tal magnitude politica. Basta saber-se que o respectivo auto de acclamação foi escripto, lido, e assignado, com todas as etiquetas duma grande solemnidade, ao som de este *viva* que tem o comprimento do *Mastro-de-Assequins*: — «Viva a Sinhora Dona Maria Sigunda Raynha de Portugal, Algarves e seus

Dominios, viva a Nossa Sancta Relligião, viva a Carta-Constitucional, e viva o Exercito Libertador!»

Vejam lá se isto tudo não havia de ter *hino Te-Deum* com orgão! De mais a mais, com 40 liberaes a assignarem o auto nas casas da Camara, afóra aquelles que não cabiam lá dentro!... E, então, *libaraes fôrros!* — «fôrros do jugo da escravidão usurpadora», como elles diziam...

*

* *

3.-- *D. Maria 2.ª em Agueda. Sonetos e Carmes.— Os primeiros vagidos duma philarmonica. — «Rufa, Canario». — Semana-santa em agosto?*

Ora, como se vê, a cada novo rei que chegava á barra, logo o Senado da nobre Villa de Assequins marchava para o *Te-Deum*. Rei posto, orgão a postos...

E não eram festinhas de cruzado a duzia; não. Eram festas a valer, com «munto regosijo e satisfação», como as proprias actas o dizem e a tradicção assegura. E, se as philarmonicas da terra não vinham para a rua, no coice ou na frente daquellas procissões civicas, era pela simples razão de que não existiam ainda. Só mais tarde é que ellas surgiram, quando se calaram de todo, no sino da torre, os ultimos rebates do miguelismo regional...



Mas a chronica pittoresca das festas de Agueda começa agora a offerecer todo o interesse, pelo grande ar de alegria que o povo, com a sua intervenção directa e expontanea, dá a essas festas.

Aqui temos, desde já, o *Periodico dos Pobres do Porto* (n.º 107, de 7 de maio de 1852), onde vem inserta uma longa correspondencia de Agueda, dando noticia dos festejos que aqui se celebraram por occasião da passagem de Dona Maria 2.ª. A correspondencia é datada de 30 de abril de 1852, e assignada, com todas as letras, pelo Padre Joaquim Pereira de Souza Ribeiro.

E começa assim:

> —«A villa d'Agueda tem em todos os tempos dado as mais sobejas e brilhantes provas d'amor e respeito para com as Augustas Pessoas de Suas Magestades e Sua Real Dynastia. Ella tymbra de manifestar sempre a toda a Nação as mais salientes demonstrações desse mesmo amor.»

E passa a descrever «o prazer e enthusiasmo com que as Mesmas Soberanas Pessoas aqui forão recebidas no tão memoravel dia 27 do corrente mez.»

Pelos modos, logo ao romper da madrugada, a maior parte dos cavalheiros da Villa partiu ao encontro de Suas Magestades e Alteza (D. Pedro v), até

aos confins do sul do concelho. Todos esses cavalheiros, em numero superior a 80, formaram alas na estrada, «a distancia de mais de uma legua, esperando os Soberanos, a pé.» Á chegada da Rainha, foram levantados muitos vivas por João Ribeiro da Rosa Magalhães, presidente da camara de Agueda, pelo conselheiro Antonio Xavier Cerveira e Sousa, juiz da comarca, e por outros, sendo enthusiasticamente secundados pela multidão. O cortejo dirigiu-se para a Borralha, onde os Soberanos se hospedaram no solar do Par do Reino, Francisco Caldeira, mais tarde Visconde da Borralha, e onde lhes foi servido um opiparo almoço «proprio d'Hospedes Reaes.»

E segue a correspondencia:

> — «Ahi demorarão-Se trez horas no meio das harmonias duma afinada orchestra e do indisivel gôso da multidão, apinhada nos arredores da casa que encerrava tão Adorados Objectos.»

(... Cá temos nós a philarmonica de Agueda a dizer da sua justiça).

Por volta do meio dia, a camara municipal, «adornada em forma», foi admittida á audiencia da Rainha, havendo o sacramental discurso da Presidencia, que o *Periodico dòs Pobres* publica na integra.

Seguiu-se o beija-mão, concedido a quantos se achavam presentes na sala; e, depois de obtida a necessaria permissão, José Maria Velloso recitou estes dois sonetos:

Neta d'Avós Heroes, Sob'rana Augusta,
Dos portuguezes sempre ao Rei fieis:
Protectora Feliz das patrias Leis,
Que o Sceptro Luzo Tens na Mão robusta.

Rainha Exemplar, Excelsa e Justa,
Nobre Filha Real d'Excelsos Reis;
Visita os povos Teus, nelles vereis
Quanto a guerra, Senhora, aos povos custa.

Depois Sustentarás, Per'la Mimosa,
A paz, tão necessaria aos portuguezes,
Fazendo a Tua grey nação ditosa.

E ella, assim feliz — livre aos revezes,
Verás que hade bradar: — Mãe Carinhosa,
Salvè, Mulher Sem Par, salvè trez vezes.

E ainda este, logo a seguir:

Se o Grande Imperador, Duque e Soldado,
E Philosopho Rei, volvesse ao mundo,
Ao ver o Portugal Seu, tão fecundo,
Por sua Excelsa Filha visitado,

Erguera, a seu prazer, solemne um brado,
D'esses brados reaes d'homem fecundo,
Que fosse desde a terra ao Ceu profundo,
Co'a mais viva attenção sempre escutado:

«Teu povo reges Tu a Meu Contento;
«Imperador e Rei fui Eu — diria —
«Dos Monarchas, por Ti, deixei o Assento.

«Tive fé no Meu Deus e em Ti, Maria,
«Tu comprehendes assaz Meu Pensamento
«Ditosa Tu Farás a Monarchia!

Ao fim destes dois sonetos — que são um verdadeiro matagal de letras maiusculas, conforme era dos preceitos da epocha e das etiquetas litterarias da côrte — o auctor teve «a não sonhada felicidade de ser bem acolhido e até elogiado pelo seu Monarcha.»

Mas, até a esta altura, as festas mal tinham sahido para fóra do solar da Borralha, onde os *Adorados Objectos* estavam hospedados.

Ao sahirem cá para fóra, ahi pelas 2 horas da tarde, então é que foram ellas!

— «O que se passou no seu transito por toda esta villa é o que não pode descrever-se — diz o correspondente de Agueda. — Os sinos, o muitissimo fogo, innumeras bandeiras, que desenroladas tremulavão ao sopro dum vento suave, as ruas juncadas d'hervas odoriferas, as janellas cobertas de damascos e sedas, donde descião abundantes e cerrados chuveiros de flores; arcos, feitos de palma, buxo, loiro, rosas, e muitos outros ornatos de finas telas e galas, brilhantes aos raios do sol fulgido, como é resplandecente o sol em dias amenos d'Abril, e em cuja frente se lião diversos carmes, que patenteavão a dedicação e reverencia que consagramos á Familia Real e ás Instituições que governão a Monarchia.»

Os quaes carmes eram assim:

Real pelo Rei,
Pela Dynastia!
Real! brada a Patria,
Real por Maria!

Avè, ó Rainha,
Que não tens igual,
Por Ti foge á Lyisa
O Genio do mal.

O' Mãe bemfadada
Da Constituição,
De Te ver no Solio
Exulta a Nação.

Os Lusos tem crenças
Na Augusta Maria,
Tem fé no futuro
Da Real Dynastia.

Á Sua Sob'rana,
Rainha Immortal,
Amor e respeito
Sagra Portugal.

Seremos felizes,
Livre a Monarchia,
Devemo-la todos
Á Excelsa Maria.

A Filha de Pedro
Ama a sua grey:
Votemos á Patria
O sangue, e ao Rei.

Na C'rôa, no solio
Da Real Maria,
Nas Regias Vergonteas
A Patria confia.

Tudo isto espalhado, *á-repalhinha*, pelas «innumeras bandeiras, que desenroladas tremulavão ao sopro dum vento suave»...— era de commover o coração dos *Adorados Objectos*!

*

Mas agora — *rufa, Canario!*... — cá temos a musica! E de camarote!

—« A musica collocada n'um camarote ás portas da Casa da Camara, e muitas meninas que, ricamente vesti-

das, derramavão de todos os lados dos mesmos arcos os seus votos candidos e innocentes, misturados d'infinitas folhas de flores sôbre os Reis e Real Comitiva — o bulicio, veneravelmente folgasão, do immenso povo que por toda a parte, em todas as ruas, saudava respeitoso e ebrio d'alegria aquelles a quem adora como ao seu Deus... tudo — tudo emfim tornava Agueda uma terra fulgente e frenetica de prazer — uma rival temivel de todas as terras que no Reino tiverão a peito fazer conhecer á Excelsa Filha do Immortal Duque de Bragança, quantas sympathias Ella gosa.»

Uma *rival temivel!* — Cá está! Já no anno da graça de 1852 (ha 40 annos, nem mais nem menos), havia em Agueda quem estivesse convencido de que ella era a primeira terra do paiz em assumptos de festas, a despeito daquelle programmasinho ingenuo, com meninas a derramarem os seus votos candidos e innocentes sobre a cabeça da Augusta Maria e das Regias Vergonteas...

Era a infancia da arte; mas uma infancia que se afirmava já desassombradamente, como vêem — uma especie de *alguem que vem de algures*, na opinião inflamada do patriotico correspondente do *Periodico dos Pobres.*

O que essa arte havia de ser, ao depois, os senhores verão lá mais para diante, ainda neste mesmo capitulo.

Por agora, somos obrigados a cingir-nos ao *compte-rendu* dos festejos em honra de D. Maria 2.ª, que remataram por um luzido cortejo, formado «pelos cavalheiros de que acima fallámos», e que acompanharam a rainha até Albergaria.

E assim terminaram essas festas de barulho. Mas, no regresso do Norte, segundo predisse o mesmo correspondente, as festas tiveram uma segunda edição. E, pelos modos, tão correcta e augmentada foi, que até ficou na tradicção a vaga noticia de que a *Mãe Bemfadada da Constituição* fôra honrada em Agueda com uma *Semana-Santa* em forma — e em agosto...

É mentira, já se vê. Foi por certo a má-lingua das terras visinhas que propalou isso para se vingar da sua *temivel rival.*

*

* *

4.— A passagem de D. Pedro 5.º — Os discursos.— «Já lá não vae, menino...»

Tivemos, mais tarde, em novembro de 1860, a passagem de el-rei D. Pedro 5.º, na ida e volta da sua jornada ao Porto, aonde foi inaugurar a exposição agricola daquelle anno. Vinham na comitiva os infantes D. Luiz e D. João, o presidente do conselho Duque de Loulé, e o ministro das obras publicas,

Thiago Horta. Hospedados no solar da Borralha, ahi receberam os cumprimentos officiaes das auctoridades; e a musica tocou, e os foguetes não cessaram de estoirar emquanto a *mala-posta* raçoou o gado.

Houve, já se vê, os discursos do estilo: o presidente da camara, o administrador do concelho, o prior encommendado...

Ora, mas aqui é que eu queria chegar.— O prior encommendado de Agueda era, então, o Padre Joaquim Pereira de Sousa Ribeiro, aquelle mesmo da correspondencia para o *Periodico dos Pobres,* que, agora, na presença de el-rei D. Pedro 5.º, vae recitar o seu discurso congratulatorio.

Conta-se na terra esta passagem anecdotica, que de certo modo define o feitio simples de este bom padre da aldeia: — Mal annunciada a vinda de el-rei, logo o Padre-J'aquim, para honrar o seu alto ministerio de parocho, se poz a trabalhar com todos os cuidados, na saleta da residencia, o discurso que destinava a ser recitado na presença do monarcha. Palavrinha por palavrinha, oração por oração, periodo por periodo, lá foi tratando de o decorar com todos aquelles seus vagares tradiccionaes, donde lhe veio, em parte, a affectuosa alcunha de *Paesinho-da-Paciencia*... Aqui uma imagem, além uma hiperbole, mais adiante um contraste, tudo o Padre-J'aquim foi armazenando, nas vesperas da festa, com geito e cautela.

— «Senhor! Na Presença de Vossa Real Magestade...»

E os seus opulentos gestos de prégador, e a sua voz cava e volumosa, tudo se ia arredondando nas attitudes e nas inflexões mais solemnes.

—«Na minha humillima condição de parocho desta freguezia, ouso vir aqui, Senhor...»

.Etc. etc....— até que metteu o discurso todo na çabeça.

Chegada a hora solemne, o bom do Padre-J'aquim, obediente ao proposito e á obrigação em que se constituira, lá foi, entre a gente grada da terra, com todo o seu ar imponente, a recitar o discurso a el-rei.— E levou-o na algibeira da batina, o discurso...

Entrementes, como não confiasse demasiado na sua memoria, o bom do Prior, alheio aos himnos da musicata e ao estoirar festivo dos foguetes, foi sempre, em todo o caminho, a repetir um por um todos os periodos do discurso.

Uma vez chegado ao solar da Borralha, ei-lo que avança, na sua altura, ageita uma attitude grave e ponderada, desenha um gesto nobre, inclina a fronte sobre o hombro esquerdo, traça a capa, e...

—«Senhor! Na Presença de Vossa Real Magestade...»

Tosse; e, depois de tossir, repete o vocativo solemne, como quem firma pé:

—«Senhor! Na Presença de Vossa Real Magestade...»

Torna a tossir. Mas agora, ao tentar repetir a phrase, para encarreirar de vez pelo discurso abaixo, eis que o bom do Padre J'aquim, reconhecendo que

toda a memoria da parlenga se lhe dissipara na commoção do momento, amacia os aprumos da attitude, corta o vôo ao gesto, encara el-rei amoravelmente, sorri-se, e...

— «Já lá não vae, menino...»

Rapa então do papel, e lê o resto.

*

Esse *já lá não vae, menino* — verdadeiro ou lendario, não importa — foi o pouco que ficou na chronica de Agueda, a attestar a passagem de D. Pedro v.

Muita musica, muitos foguetes, muitas flores, e, então — para dissipar a solemnidade classica dos festivaes realengos — essa curiosa anecdota do Padre J'aquim, que é um monumento precioso da simples bonhomia do seu coração.

Donde se vê que não foi sem proveito a passagem de el-rei. Porque se a chronica das festas pouco lucrou com ella, outro tanto não succedeu com a chronica da vida alegre da nossa terra que fez a acquisição duma das anecdotas mais pittorescas para o seu vastissimo reportorio.

*

* *

5.— Camões e Marquez de Pombal.— A festa do Doutor-Novo.

Ainda digna de registo especial neste capitulo, tivemos a festa do Centenario de Camões, em 1880, em que a nossa terra, ao exemplo das mais illustres do paiz, soube honrar muito dignamente, embora modestamente, a memoria excellente do nosso Poeta.

A *Soberania do Povo* sahiu em numero especial, a tinta azul, bellamente collaborada por patricios nossos, dentre os quaes destaco o nome do dr. José Pinto Rachão, fallecido em 2 de Março de 1886, quando a vida começava a prodigalisar-lhe os mais carinhosos affagos.

Por seu lado, a camara municipal, dentro dos seus modestissimos recursos, concorreu para as festas do Centenario, interpretando assim a vontade do povo, para quem essa festa teve um encanto particular de novidade.

Fez-se uma alvorada triumphal, com musica, com foguetes, com repiques de sinos: as janellas enfeitaram-se de sedas e damascos: as ruas da Villa adornaram-se de arcos e bandeiras; houve cortejo civico, que desfilou desde os Paços-do-Concelho até á igreja matriz, onde foi cantado um *Te-Deum*, em commemoração do «acontecimento extraordinario que agitou o paiz duma estranha commoção.» A este cortejo

*

concorreram camaristas, auctoridades judiciaes e administrativas, a gente do commercio, proprietarios, o povo; e, na cerimonia religiosa do *Te-Deum*, a que presidiu o velho arcipreste de Recardães, Joaquim Rodrigues da Cruz, houve a recitação dum bello discurso devido á penna do nosso patricio Albano de Mello

Por fim de tudo, a camara, em sessão solemne, deliberou que as velhas ruas de Cima e de Baixo ficassem sendo respectivamente denominadas de *Camões* e de *Vasco da Gama*, deliberação esta que foi publicamente confirmada em acto seguido, indo o senado, em cortejo, descobrir os novos letreiros dessas ruas, pintadinhos de fresco. E lá esteve o povo, já se vê, e lá estiveram duas philarmonicas a autenticar com a sua presença e com os seus himnos aquelle simbolico baptismo, a que a nossa terra soube dar, como sempre, um bocadinho do seu coração delicado.

Á noite, rematadas as festas officiaes, houve em toda a Villa illuminações brilhantes — ao desafio, como é de uso —: e, até manhã alta, não cessou a ruidosa alegria dos descantes e das danças populares, porque é elle, o povo, quem dá sempre o mais estimavel contingente para a celebração dessas festas.

*

Depois do Centenario de Camões, tivemos tambem o Centenario de Pombal, que, por honra de Agueda, foi egualmente festejado, embora a chronica da epocha

lhe não dispense referencias minuciosas. Entretanto, pelos foguetes e pela musica respondo eu; pela musica, principalmente. Porque, já nesse tempo (é justo que se archive esta nota) a philarmonica da nossa terra, por tantos motivos celebre — desde os desafios por arraiaes e romarias, até ás manifestações politicas do concelho — pompeava de alto, orgulhosamente, com uma denominação nova, que, em parte, concorreu para lhe limpar de todo a poeira historica das suas tradicções aguerridas. Ella era agora nem mais nem menos do que isto: o *Orpheon-Aguedense*, com instrumental novo, com programma novo, e com a batuta magica do Squadrani a ter mão naquillo tudo...

*

Antes de chegar á ultima parte deste capitulo, não é justo passar, sem deixar aqui, embora num rapido parenthese, a noticia duma das mais captivantes e mais simpaticas festas da nossa terra, que vem a ser a *Festa do Doutor-Novo*.

Muito simples e muito modesta, com um caracter quasi meramente familiar, essa festa significa todo o grande amor que Agueda tributa aos seus filhos, que, pelas lettras, conseguem levantar-se do humilde nascimento de que vieram.

Doutor que se forme, em Coimbra, em Lisboa, no Porto, logo as cartas lhe são festejadas, e os titulos que alcançou no seu estudo lhe são publicamente consagrados, com a recepção festiva que toda a nossa terra lhe dispensa.

É *alguem* que chega — alguem que, na medida da sua energia e dos seus talentos, vae dedicar-se á vida pratica, servindo expontaneamente e naturalmente a causa santa de engrandecer o nome da terra.

Agueda é um alfôbre de doutores. Não se passa anno nenhum sem que esse alfôbre se enfeite com dois e mais exemplares. Ora procurem bem, que, em todas as provincias da vida publica, por esse paiz fóra, hão de encontrar, em cada kilometro quadrado de terreno, um doutor da nossa terra, pelo menos...

Mas, nem por ser assim, Agueda esmorece no velho enthusiasmo com que usa saudar cada um que chega de novo. Não. É sempre a mesma alegria; é sempre o mesmo orgulho. Porque aquillo é uma festa de orgulho, tambem — orgulho que não tem alma de calar-se, ao notar a indifferença com que as terras da sua visinhança costumam acolher quem, depois das canceiras do estudo, a ellas torna, sempre amigo dellas, preparado já para entrar na vida decididamente.

Ás vezes, vamos lá, a *Festa do Doutor-Novo,* sem por maneira nenhuma trahir nunca a expontaneidade natural que a reveste, carrega-se ainda assim de certa vaidade ou de certo capricho, como quizerem melhor, porque, dentro da propria terra, ha ruas e sitios que se disputam a primazia, em qualidade e numero, dos doutores que tem.— Quando á Rua-de-Cima calha a sorte, num anno, de receber o seu doutor, é certo que, no anno seguinte, a Rua-de-Baixo, vae logo despicar-se, no programma da recepção festival a fazer ao seu.

Assim, ao innocente despertar dum ciume, todos os annos vem á rua, com musica, foguetes, arcos, bandeiras, e descantes, essa linda *Festa do Doutor-Novo,* a que a nossa terra consagra o mais enternecido do seu coração amoravel.

Não posso dar neste livro a nota circumstanciada dessas festas, com datas, nomes, e especialidades de formaturas. Basta que lhes diga que as festas do *Doutor-Novo,* em Agueda, se fazem, quasi regularmente, ao termo de cada anno lectivo, e sempre com mais fervor, e sempre com mais ruido.

Para quem, algum dia, ao fim dos seus longos estudos, se viu enfeitado com cartas de doutor, essas captivantes festas de amigos marcam na chronica da vida uma data que não esquece pela muita saudade que evoca.

Entra-se na vida pratica, ao toque dos himnos e ao estrallejar do foguetorio. Mas, por debaixo dessas futilidades mais ou menos ephemeras, a gente sabe bem que vae entrar no mundo, amparado pelos corações de quem sinceramente estima que essa vida seja leve e seja sempre illuminada de sol claro!

*

* *

6. — As « Festas-do-Alpoim. » — Um facto notavel do reinado de D. Carlos I. — O « centenario » do Fogo Vermelho.

Vamos agora fechar o capitulo com chave de oiro.

Fallo dessas muito notaveis e muito cantadas *Festas-do-Alpoim*, que toda a Agueda de hoje recorda com verdadeira saudade e meio deslumbrada ainda da sua magnificencia singular. A imprensa do tempo, como era de toda a justiça, fez-lhes referencias minuciosas; e a data dessas grandiosas festas ficou assignalada na chronica de Agueda como uma das mais notaveis de toda a sua vida moderna.

No coração apaixonado da gente da nossa terra, as *Festas-do-Alpoim* significam, ainda agora, evocadas a poder da saudade, como a expressão real dum sonho no fundo polichromo das mais deslumbrantes maravilhas. As illuminações, a musica, o magnifico embandeiramento das praças e ruas da Villa, a concorrencia de forasteiros, a solemnidade official de certas partes do programma, tudo isso exaltou por tal maneira a imaginação popular, que o povo da nossa terra não pode esquecer esse anno de 1889, com o sr. conselheiro José de Alpoim, ao meio, deslumbrado por sua vez de tanta e tão delicada cordealidade.

As *Festas-do-Alpoim* ficaram; e, de tal modo enraizadas, que até um nosso patricio, quando, no seu exame de instrucção primaria, foi interrogado sobre

os factos mais notaveis do reinado de el-rei D. Carlos I, teve o desassombro patriotico de os referir assim: — 1.º Revolta de 31 de janeiro; 2.º *Festas-do-Alpoim em Agueda.*

E mais não disse, porque nada de mais notavel conhecia na vida do actual monarcha.

*

Tiveram logar as festas a 5, 6 e 7 do mez de agosto, em cujas antevesperas a *Soberania do Povo*, com toda a sua parangona festival, erriçada de pontos-de-admiração, annunciara no alto da primeira pagina: — *Grandes festejos em Agueda em honra dos srs. conselheiros José Luciano de Castro e José Maria d'Alpoim.*

Pela estima sincera que a nossa terra vota áquelles dois estadistas, a quem muito deve, as festas foram officialmente promovidas pela camara municipal, que deliberou collocar-lhes os retratos a oleo na sala nobre das sessões, inaugurando-os com toda a solemnidade «em testemunho de gratidão e reconhecimente aos serviços que aquelles dois cavalheiros tem prestado a este concelho e comarca.»

Passadas as festas, (o sr. conselheiro José Luciano de Castro não poude assistir a ellas) a *Soberania*, para dizer tudo quanto Agueda tinha a dizer de amavel e sincero na apreciação daquella manifestação grandiosa, confessou muito lealmente que a nossa terra deu ao sr. Alpoim «o que dariamos a El-Rei, se o monarcha visitasse o nosso paiz amado.»

E o que a nossa terra fez, para receber o seu hospede illustre, que geria ao tempo a pasta da justiça, vou colhel-o dos telegrammas e correspondencias que o sr. Barboza Collen, das *Novidades* de Lisboa, mandou de Agueda para este jornal. São impressões *de visu,* expressas ao correr da penna por um delicado e distinctissimo jornalista.

*

Logo ao dobrar o cotovello da Corga-do-Funtão, com o panorama de Agueda a desenrolar-se a todo o fundo, o cortejo do Ministro da Justiça, luzido e escolhido, se quedou encantado do que os seus olhos viram.

— «O que foi um verdadeiro encanto foi o apparecimento da formosa villa, quando se descobriu da volta da estrada por onde o cortejo seguia. Não se pode imaginar nada mais bello! As illuminações, dirigidas por froma a acrescentar as bellezas naturaes de sitio tão encantador, produziam um effeito brilhante. Todos os que viam Agueda pela primeira vez soltaram um brado de admiração e enthusiasmo, rompendo em applausos. Esse encantamento prolongou-se durante os dois dias em que as festas continuaram.»

E, referindo-se em conjuncto ao explendor das festas, acrescentam as *Novidades* :

—«Não ha nada mais admiravel! Sem exaggero se pode affirmar que nunca em parte alguma se fizeram a ministro nenhum em Portugal festas mais brilhantes d'enthusiasmo e que de principio a fim corressem por forma tão harmonica. A illuminação e fogo no rio foi principalmente a nota mais original, porque, sobre aquellas aguas de uma grande tranquillidade e espelhantes, dispozeram um como jardim com os arruamentos desenhados a luzes brancas, e com os canteiros figurando as flôres em botão e globos de côres. Em Lisboa, por occasião das melhores festas ahi feitas, nunca vimos nada egual. — A bizarria fidalga d'esta recepção deve-se principalmente ao dr. Manoel de Mello, que a planeou e dirigiu, por forma a deixar no espirito de todos recordação inapagavel. — Não se pode calcular em menos de 20:000 pessoas, que aqui teem estado durante os dias das festas, a que assistiram tambem o sr. arcebispo de Braga, governadores civis de Coimbra e Porto, presidente da camara d'esta cidade, etc., etc.»

*

Cabem agora aqui algumas notas soltas da reportagem da *Soberania* sobre as diversas festas de que se compoz esse grandioso festival de 1899.

O ministro foi esperado na estação de Oliveira de

Bairro por 27 trens, occupados por tudo quanto de mais distincto havia na gente da terra e arrabaldes. De alli até Agueda, os vivas, os foguetes, as musicas, foi um nunca esmorecer de caloroso regosijo. O Silveiro, a Giesta, Perrães, Piedade, a Povoa-das-Laceiras, tudo veio á estrada, festivalmente, a juncal-a de flores e a enchel-a de alegria. Uma verdadeira jornada triumphal, que significou, por parte do povo dos nossos sitios, a affirmação decidida do seu enthusiasmo affectuoso e carinhoso por quem se lembra delle e acode amavelmente ás suas justas solicitações!

Ao entrar na linda ponte da Villa, cujos passeios lateraes estavam debruados de archotes a toda a extensão do seu pavimento, o cortejo desfilou entre as saudações ruidosas do povo; «até as mulheres e raparigas da nossa terra deram vivas e acenaram com os lenços ao nobre ministro.»

Esta saudação das mulheres de Agueda, cujos lenços, em velhos tempos, pelo signal da sua côr, simbolisavam intransigentes principios partidarios, não passou despercebida, na sua significação, aos olhos de quem sabe ler a chronica da nossa terra no que ella tem de mais pittoresco...

Semeadas de bandeiras, galhardetes, balões, arcos de triumpho, columnatas e postes, muitas flores, tapetes e bordaduras de rosmano, de murta, de alecrim e de hera, toda a Villa de Agueda abriu os seus braços, carinhosamente e bizarramente, para abraçar o hospede illustre que a honrava com a sua visita. Das janellas e varandas escorriam lindas colxas de da-

masco e seda, desenrolando por essas ruas fóra, ao correr dos predios, toda uma faixa palpitante de côres garridas, triumphalmente, como num bastidor de magica que o sol beijava e illuminava. As musicas — meia duzia de ellas, nada menos — cortavam os ares com os gritos vibrantes dos metaes: musicas de 1.ª, de 2.ª, de 3.ª e até de nenhuma classe, tudo foi aproveitado e arrebanhado, para vir alli dizer da sua justiça ao illustre ministro de ella, que decerto nunca em sua vida ouvira tanto himno junto e tão sinceramente assoprado...

Era a cada canto o seu espirito santo, como diz o outro...— Mas, fallando de todas, a *Soberania* parou a ouvir a banda de Infanteria n.º 6, que tambem lá estava, por signal que installada, como era de razão, num dos mais artisticos coretos de todo aquelle pittoresco arraial.

Que distancia não vae entre os enthusiasmos litterarios desta reportagem moderna e aquellas simples referencias do *Periodico dos Pobres* a fallar da *Sinhora Dona Maria Sigunda!*

*

Mas vamos agora á descripção minuciosa de todo o arraial para registar como é devido tudo quanto houve de lindo e de original nas *Festas-do-Alpoim*.

Tivemos logo á entrada da ponte «um grande arco de pintura historica e decorativa»; na rampa do Caes-da-Herva, uma tribuna magestosa de onde o Ministro

assistiu ás illuminações do rio: na Praça Nova, um grande e sumptuoso coreto «com duas ordens de esbelta arcaria até ao formoso pedestal donde se erguiam oito columnas, que, com a balaustrada, formavam propriamente o coreto, encimado na cupula com uma grande corôa real. Em cada uma das columnas, na altura dos balaustres, ostentava-se um arrogante gripho, segurando nas garras uma vara de onde pendiam balões de illuminação.» — A um canto da mesma Praça, um grande arco em *A*, como a accentuar, a todo o gritar alegre das suas bandeiras e emblemas, que as festas de aquelles dias «eram em honra dum amigo de Agueda que se chama Alpoim.» — No Caes-Novo, havia ainda um coreto, do feitio dum moinho de vento «em constante laboração»... de musica.— Mas, a destacar de toda essa variada collecção de coretos, a *Soberania* demora-se a descrever, com todas as minucias e enthusiasmos, o mais sumptuoso e pittoresco de todos elles, que era o da Praça-Municipal, trabalhado em pinhas verdes naturaes, galhos de arvore, glandes de carvalho, manchas e bordados de musgo. Havia nesse coreto, como ainda nos postes e arcos da Rua José Maria Velloso, caprichosos enfeites de instrumentos e utensilios de lavoira, que eram uma linda nota a dizer todas as simples bellezas da vida agricola regional.

E, por toda a banda, de lez-a-lez, sem um palminho de terra ou de parede que não tivesse o grito festivo dum pavilhão ou a frescura dum ramalho de heras, a Villa apresentava o aspecto dum bosque em

festa, polichromo, vibrante, qualquer coisa de feerico tambem, perfumado de flores, vestido de galas opulentas, cheio de musicas e de alegrias.

Era toda a Agueda de coração nas mãos!

*

Agora ahi vae, por fim, colhida ainda da *Soberania*, uma da mais lindas e mais interessantes passagens das *Festas-do-Alpoim*, a que presidiu todo o sentimento dum bizarro artista cujo nome se perde entre os nomes de todos quantos desinteressadamente trabalharam na sua organisação.

Foram as festas do rio, através das quaes como que se lobrigam ao longe os vestigios daquelles romanticos jogos da edade média, com cavalleiros e princezas batendo-se a poder de flores e de beijos...

Eis um trecho da sua descripção:

— « Ao centro, um bello, e florido jardim de luzes de côres variegadas, em canteiros graciosos, sobresahindo uma formosissima pyramide, feita tambem de luzes. Dois frageis bateis, embandeirados em arco e illuminados de pequenas luzes em seus bordos, volteavam brandamente pelo rio, que tudo espelhava com fidelidade e nitidez. Os tripulantes d'estas interessantes cascas de noz, em simulado combate naval, batalhavam briosa e denodadamente, uns contra os outros, com seus fogos

> de Bengala, e todos contra as fortalezas que dos lados do rio e no proprio rio vomitavam ondas de brilhante fogo d'artificio lançado por afamados pyrotechnicos...»

...Esta foi a chave de oiro das *Festas-do-Alpoim* — disse-o a *Soberania* com todo o enthusiasmo. Mas o povo de Agueda, se lhe perguntarem qual das passagens da festa foi mais linda, ficará ainda agora, a 5 annos de distancia, sem saber qual ha-de preferir, tal foi o deslumbramento que todas lhe fizeram.

*

E cá estamos no fim do capitulo, fatigados, como se viessemos de volta da romaria, com toda uma noite mal dormida...

Lá se atiçou o ultimo foguete: os balões venezianos esmorecem: de olhos papudos e somnolentos, os musicos descem do coreto. — É o debandar do arraial.

Mas, se amanhã (tomem bem nota disto) alguem disser á nossa terra:

— Olha lá, vamos á festa?

Logo ella, mal refeita ainda das canceiras de hontem, se aprestará num-rufo, e, pondo um ramo de mangericão no laço do chapeu, gritará:

— ... *E viva o santo!*

Per omnia secula... — desde o Imperador Augusto, até ao fim do mundo!

O pretexto, a bem dizer, é o menos. E a prova de

isto é que, já duma vez, ahi por 1885, quando se ia passando toda uma longa temporada sem que se topasse pretexto para fazer uma festa na terra, logo o *Fogo Vermelho* acudiu de lá ao contratempo, e disse assim:

— Vou fazer o meu *centenario!*

E fel-o, dum dia para o outro, na altura do seu 5.º numero...

Ao que Agueda concorreu, sem mais quê nem para què, alegremente, como é do seu geito — de foguete debaixo do braço.

....

E' toda a alegria dum povo, á flòr dos corações! Lindo sol! Vida folgada! Pão na cesta!... Que mais é preciso?

— *Rufa, Canario!*

E quem cá ficar, que o ganhe...

XIII

1.— *Coisas excentricas da nossa terra.— A America em Agueda.*

Houve um certo tempo, em que a *Soberania do Povo* — á força de querer ser exacta e minuciosa na colheita do seu noticiario, e um pouco tambem por contemporisar com o feitio tradiccional do povo da terra — desatou a contar variadissimas historias de Agueda, cuja authenticidade foi algumas vezes posta em duvida e alegremente discutida por alguns jornaes do paiz.

Pelos modos, não lhe bastavam, á nossa terra, as tradicções da sua politica mais ou menos desordenada e dos seus melodramaticos *judeus* dos Passos: a versão de que as *regateiras* de Agueda tinham uma linguasinha de prata, temperada dos venenos mais subtís, já andava talvez um pouco varrida da memoria das gentes, desde que o mercado da sardinha perdera toda a sua importancia commercial.

Era preciso, portanto, para não se riscar Agueda

*

dos mappas, que rompesse de lá alguma nota fresca, alguma coisa de palpitante e sensacional, que alliviasse a monotonia das palestras caseiras, e, como consequencia, pudesse de algum modo dispertar a curiosidade publica a favor da nossa terra.

A *Soberania do Povo* acudiu logo á chamada; e, muito embora sem proposito formado, tomou aquelle encargo á sua conta, e, em poucas audiencias, as attenções voltaram-se para a nossa terra, surprehendidas dos casos sensacionaes que de lá vinham, duas vezes por semana.

*

Primeiro, foram os celebrados casos dos lobos — lobos todos os dias, lobos em todas as aldeias e lugares!

Folheando aquelle jornal, depara-se com um basto e complicado estendal de noticiario, em que os lobos figuram sempre no primeiro plano. Lobos na Serra de Rompe-Cilhas, lobos na Maçoida, lobos na Quinta-dos-Ruços, no Valle-Grande, na Redonda — o concelho todo infestado duma alcateia de lobos!

Mas aquillo não eram lobos vulgares; não, senhores. Eram lobos extraordinarios, lobos que o menos que faziam era entrarem nas casas particulares, como succedeu para as bandas da Redonda, sentarem-se nas escadas commodamente, e ficarem para alli, como cachorrinhos mansos e fieis, á espera de que o dono da casa os viesse receber ao patamar e os

obsequiasse com toda aquella gentileza que é tradicional nos habitos da hospitalidade luzitana...

Diante disto, as *Novidades* vieram logo, lá de Lisboa, com a mãosinha do gato, para dizer:

— Esta é de Agueda...

Mas a nossa *Soberania*, que não é muito de feitio de se deixar ir á serra logo ao primeiro empurrão, tratou de responder ao commentario do seu collega lisboeta, com a noticia descriptiva de outros successos não menos extravagantes, em que, por signal, figurou logo, de cara, o seguinte caso duma gallinha:

Sabem-n'o? Foi assim:

> —«Em Barrô uma gallinha, affeiçoou-se de tal modo a uma cadella, que teve ha pouco dois cachorritos, que, logo que anoitece, procura o sitio onde a mãe e os filhos passam a noite, e ahi se aninha, muito junto d'aquelles animaes, e só quando rompe o dia abandona os seus companheiros.» (*Sob.* n.º 1.195.)

E logo um jornal do Porto acudiu de lá:

— Se não é da America, tem cara disso...

Já se vê que a *Soberania* não deu ouvidos a este reparo; e, para não «arrefecer o cabo», veio logo com o caso duma porca da Rua-de-Baixo que tinha trez leitões. Foi um caso *sublime*, como a propria *Soberania* teve o desassombro de dizer na cara dos seus desconfiados collegas. — Uma grande inundação alagara o curral onde a tal porca estava. A dona da

porca acudiu, salvando dois leitões da morte certa. E o terceiro?... Adiante; não havia tempo de lhe acudir, porque o rio «crescia como um cavallo.» Não havia tempo, nem era preciso. Porque lá estava a porca, a Mãe! (e aqui vae Mãe com *M* maiusculo, o que não se pode conceder a todas) que se encarregou de o salvar, *trazendo-o nos dentes, através da agua!* (Novembro de 1891.)

A *Voz Publica* do Porto não acreditou; mas o commentario, que fez da passagem dramatica da porca, foi delicado:

— Phantasias... Passatempos curiosos... Quem não tem que fazer faz colheres...

E a *Soberania*, de sopapo, atirou-lhe de lá com outro caso de porca, não menos sublime.

No dia 5 de julho de 1892, na feira da Borralha, passou-se esta tragedia:

> —«Um lavrador mandou ao mercado seis leitões para vender. A mãe dos leitões, uma bella porca, corpulenta, quando o comprador dos filhos os levava, cahiu no chão, morta. As pessoas, que estavam no local, attribuem a morte repentina do animal a pena e saudades», etc.

Tinha alguma coisa que dizer a isto a *Voz Publica?* Parece que não.

Mas a *Soberania*, assim como não se affrontou com os reparos que o seu collega do Porto fez ao

caso da primeira porca, tambem não esmoreceu com o silencio que elle guardou á vista do segundo.

E, vae de ahi, sempre original e sempre imprevistamente, o jornal da nossa terra saltou de lá, em 8 de agosto de 1894, com esta passagem sensacional de lucta selvagem:

Um tal Joaquim Nunes, da Giesteira, andava a banhar-se no Poço-do-Portinho, do rio Alfusqueiro. Ouviu imprevistamente o latir duns cães; logo a seguir, uma rapoza, perseguida, atirou-se ao Poço.

> — Nunes lembrou-se de a agarrar, e, entre os dois, naquelle *campo* de batalha, travou-se uma verdadeira lucta, em que o Nunes, em estado de nudez, sahiu vencedor, sim, mas com alguns ferimentos pelo corpo.» (*Soberania, n.º 1:572).*

Ora cuido que foi nesta altura, em presença do caso do Nunes da Giesteira, que o *Economista* de Lisboa, não podendo conter-se em silencio, disse isto com certo ar de mal humorado:

> — «Agueda é certamente a terra mais extraordinaria do nosso paiz. Dão-se alli frequentemente casos duma originalidade excentrica, o que nos faz crer que cada um dos habitantes daquella formosa villa tem costella americana. Ou então a illustrada redacção da *Soberania do Povo*, que nos transmitte esses casos originaes, é al-

gum gremio d'excentricos que se entretem a intrigar os leitores com *blagues*. Em todo o caso, será bom não abusar, para que, toda a vez que se leia alguma pêta destas, em lugar de se apontar para a America, cujo credito já se não salva nem com a intimativa duma «palavra d'honra», se aponte para Agueda».

— Ah! elle era isso? — disse comsigo a *Soberania*. — Pois agora o verás!

E a nossa terra, virada de dentro para fóra, no que ella tem de mais original e mais pittoresco — desde a caricatura dos seus tipos, até á farça constante das suas excentricidades e ao espirro dos seus ditos — andou logo nas boccas do mundo, no commentario das palestras.

Foi a *Soberania*, já se vê, que se encarregou de a tornar profusamente conhecida sob este aspecto novo, servindo-se aliás do processo mais correcto e mais jornalisticamente honrado. Quer dizer: — A *Soberania*, singelamente e sem artificiosas galas de estilo, desatou a pôr em pratos limpos toda a serie dos casos extravagantes da nossa terra, com uma fidelidade tal que o proprio *Economista* jamais se molestou nas delicadezas do seu humor. Se os casos eram extraordinarios, a culpa não era da *Soberania*.

De forma que, não só o *Economista*, mas toda a imprensa do paiz, que andava de pedra no sapato a ler a *Soberania*, calou-se de todo perante a desas-

sombrada e honrada attitude da nossa gazeta, e limitou-se de ahi em diante a reproduzir os factos, acceitando-os como authenticos e sem mistura de phantasia americana...

Valha-nos isso, por honra da probidade jornalistica e por honra tambem da nossa terra que conseguiu enflorar o seu brazão com mais um titulo de gloria. — Agueda já não era só uma terra de politicas damnadas e de judeus de comedia; não. Agueda era principalmente uma terra onde se sabe rir e onde o riso medra, á lei da natureza, em todos os corações, como o chupa-mel nos cômoros!

*
* *

2.— Como se fazem os tipos.— O Zé-da-Luiza. — A galeria dos excentricos

Uma phrase chega para fazer um tipo. Basta que as palestras da Praça tomem conta della, e a agitem ao toque delicado de dois commentarios, entre um sorriso e um epigramma, para que o auctor dessa phrase rompa da vulgaridade, e, sem dar por isso, entre desde logo na galeria dos celebres.

Duma vez alguem disse isto:

— Olhem que bons camarões para fazer bolos-de-bacalhau!

E a phrase fez carreira pelas tendas e pelas boti-

cas, tomou sal na baiúca da Rosa-Bicha, e, de ahi a horas, a criatura que disse aquillo investia-se nas honras de ser um tipo.

De outra vez, perguntaram a alguem:

— Quem é o pae dos filhos de Zebedeu?

E a resposta foi esta:

— Sei lá! Se eu nunca estudei historia...

E não foi preciso mais nada para que um patricio nosso se armasse cavalleiro desta nova cavallaria de Agueda.

Mas ha mais, ainda. Qualquer simples accidente da vida duma criatura chega de sobejo para levar essa criatura, por muito vulgar e anonima que seja, até aos pincaros da notoriedade e da celebridade.

Certa vez, foi assim: — Um cão damnado mordeu numa enteada do Zé-da-Luiza — o qual Zé-da-Luiza, que Deus haja, era por tal forma uma criatura tão sem eira nem beira em questão de notoriedade, que até precisou de se utilisar do nome da mulher para arranjar um para elle... Era o Zé-da-Luiza.

Pois esta boa criatura do Senhor, como a enteada tivesse de ir a Paris receber tratamento no Instituto-Pasteur, foi naturalmente escolhida pela auctoridade administrativa para acompanhar a enteada, que era menor.

Não foi preciso mais nada. Ao regresso de Paris, o Zé-da-Luiza ficou consagrado. *Toy*, numa linda chronica que ainda ha poucos dias reli, disse de elle, assim, na *Soberania:*

—«João Lopes Correia Anselmo — o Zé da Luiza, por ser casado co'a Luiza da Cancella; nato em terras do Raivo; filho de paes legitimos, para mim incognitos; pae de 2 filhos; ex-moço do prior; ex-soldado do ex-regimento de caçadores 9; continuo do club de Agueda; rural carteiro-a-cavallo; grosso; atarracado; honrado; pobre diabo; proprietario pobre... Acaba de chegar de Pariz.»

E toda a Agueda, desde o Botareu até á Venda-Nova, pôz os olhos no Zé-da-Luiza. Consagração feita!

Já vèem, por este caso, como os tipos na nossa terra nascem debaixo dos pés, como dizia o outro.

*

E cabia agora aqui evocar a figura excentrica de certos homens de Agueda que já morreram; trazel-os a toda a luz da chronica; installal-os numa pagina reservada, que fosse ao mesmo tempo um soalheiro de aldeia e um altar sagrado; ouvir os seus ditos pittorescos; surprehender-lhes o gesto singular, o vestuario, o porte; mas tudo isto de maneira a não os perturbar no somno eterno em que jazem, acalentados pelo calor sempre vivo das saudades. Cabia gravar nesta chronica, que eu pretendo fazer como uma Agueda no papel, o retrato litterario dessas figuras, todo num relevo de caricatura amoravel, mas por forma tal que a dor de quem os chora, que é toda a

Agueda, não pudesse alterar ou desviar nenhuma das linhas maiores desses retratos.

É impossivel. Affirmando a melhor e mais garantida honradez do meu proposito, poucas pessoas deixariam de ver nessa pagina uma prova de desrespeito ou de falta de religião para com os seus mortos.

Entretanto, o que a chronica não pode deixar de fazer é gravar a traço largo a *silhouete* caricatural de certos tipos, de forma a perpetual-os na memoria da gente de Agueda, como é de bom dever do chronista.

Assim, não posso ir adeante, sem mais uma vez lhes fallar do *Senhor-Sá* — methodico e disciplinado; com todo o seu anno de funccionario publico, e de homem, repartido por minutos e segundos exactos; o seu geito classico de cortejar e de fallar; a sua propria andadura sempre em ar de procissão; as suas palavras delicadas; a sua canna-da-India; as suas digressões da tarde até ao Cruzeiro-de-Paredes: que tudo isto veio a perpetuar-se nitidamente em cada uma das palavras do proprio testamento, que é o *Senhor-Sá* por uma penna... — Quero relembrar ainda o Senhor Padre-J'aquim — aquelle bondoso *Paesinho-da-Paciencia,* para quem o *toicinho do ceu* não era inferior ao ceu sem toicinho; ora a clamar no pulpito contra as impiedades do *Centurião,* ora na roda dos seus amigos, alli pelo Adro, a rever-se com certo envaidecimento pueril nos explendores da sua faixa de prégador-régio; sempre sorridente; sempre amoravel; encartando-se de padrinho, para apadrinhar no baptismo e presentear com o folar-da-paschoa quantos afilhados

lhe apparecessem; delicado: bom: quasi ingenuo: alma boa de humilde em arcaboiço de frade cruzio... — Vem depois, em contraste, o Baldaia, da Espertina, com a sua alcunha pittoresca de *Morcão*: sempre de mal com os homens por estar de bem com elles: sempre a rir de tudo, sem se doer de que se rissem delle; da Praça p'ra a Ponte, e da Ponte p'ra a Praça: *hum... (Adeus, senhor Zé-Antonio! — Vá p'ra o dialho que o carregue...!)*: e a lingua sem lhe caber na bocca; e a engulir os *rr*; e a pôr a nota do ridiculo nas coisas mais sérias da propria vida, quanto mais da vida alheia... — Apparece-nos ainda a figura do senhor Francisco Pinheiro, tabellião — atarracado e grosso; um poço de ironias finas: epigramma sempre engatilhado; gesticular nervoso: olhar vivo e penetrante: e logo a gente se lembra da passagem, de quando o seu chapeu de palha, em certa tarde de verão, soffreu de uma andorinha o mesmo desrespeito que o pardal do *Hyssope* teve para com o tejadilho do bispo, o que foi muito de fallar e rir pelo commentario do mesmo dono do chapeu... — E o Senhor Conego, do Redolho, a cantar o *Ite missa est*; e o velho Padre Marques, do Sardão, todo afreimado dos calos, de volta com o gato que pescava lampreias nas escadinhas do rio: o Alla-Velho, que todo se continuou no Alla-Novo — botica e modos — que até ambos, cuido eu, usavam ageitar as calças na cintura com os cotovellos; o Doutor-Patricio, o João-Zôrra, o Jacintho Brêda... — Que sei eu?

Até sei dum, que bem merecia entrar nesta pagina sagrada, sem que, durante a sua existencia,

nada se accuse nella que possa servir de titulo para isso.

Foi o Padre Silvestre, da Borralha; lembram-se? — Um padre de vida simples: ripanço á cabeceira e caldo verde á meza; todo elle entregue ao grangeio rustico da sua lavoira; chapeu alto; butes de cano; calças de alçapão; e os doze vintensinhos da missa a cantarem, que era mesmo uma regaleza, por essa vida fóra...

E tudo isto com 80 annos, dia a dia, sem uma alpondra que interrompesse o correr tranquillo daquelle ribeirinho manso...

Só, uma manhã — quando, na egreja de Agueda, todos os padres da freguezia o esperavam, já de certo modo inquietos, para darem começo a uns officios funebres — a moça do velhinho entrou pela egreja dentro, e disse assim:

— O senhor Padre Silvestre não pode vir.

— Porque? — perguntaram-lhe.

— Porque morreu!

Quer dizer: — ao Padre Silvestre, da Borralha, bastou-lhe faltar a uns officios, para desde logo toda a sua vida singela de padre de aldeia ser evocada com aquellas lindas côres que dão relevo a uma figura e a fazem destacar a todo o brilho. — O Padre Silvestre é um tipo. A sua morte é uma anecdota.



Mas não vou mais longe, nesta melindrosa tarefa de exhumação, onde todas as cautelas da minha pen-

na mal chegariam para tratar do assumpto sem ferir o coração de quem me lê.

Não vou mais longe.

Entretanto, como o assumpto se presta bem para ser explorado litterariamente, é muito possivel que, num futuro livro a publicar, eu arrebanhe todas quantas anecdotas e excentricidades tortulham na chronica da nossa terra, e as traga a publico, para que todo o publico fique sabendo como a gente de Agueda se affirma singularmente em todas as particularidades da sua vida social. — Nem só com regateiras, judeus e galopins, se faz a chronica da nossa terra. Os tipos excentricos são ás dezenas em cada geração; e as suas excentricidades não são coisas de somenos que devam desprezar-se. Velarei os nomes, muito embora: disfarçarei as proprias alcunhas. Mas os tipos hão-de apparecer no livro, retratados em flagrante, com todas as notas precisas para lhes definir o caracter...

*

* *

3.—Abaixo as taboletas! — Um «inglez» em Agueda.— Contra o monopolio do tabaco.

Além de todas as mais nobres qualidades que exornam o povo de Agueda, e de que esta chronica vae falando passo a passo, o amor patrio enche-lhe metade do coração. Por todas as visinhanças da nossa terra, os *patriotas de Agueda* são apontados a dedo.

Mas este patriotismo não se fica restringido aos homens e ás coisas da terra, na sua mesquinhez de patriotismo caseiro, sem horizonte e sem aspirações de maior. Não. Embora *Agueda seja o paiz*, como disse o outro, o paiz não deixa de ser para Agueda o que elle realmente é, quando algum grande triumpho ou algum grande desastre o despertam da sua vida tranquilla.

Assim: — Fique toda a gente sabendo que foi o povo da nossa terra aquelle que, primeiro, por todo esse Portugal além, deu relevo patriotico ao protesto nacional contra o *ultimatum* inglez, apeando as taboletas de todas as agencias de navegação das companhias britanicas que havia em Agueda. — Bandeiras revolucionarias, *Marias-da-Fonte*, philarmonicas indignadas, houve-as por toda a parte, como é sabido. O apear das taboletas, porém, iniciou-se em Agueda; e, como foi muito espontaneo e muito profundo ao mesmo tempo, logo todo o paiz lançou mão desse protesto e o poz em pratica por cidades e aldeias.

Mas, quando o odio ao bretão era mais rouco e mais desordenado, logo elle em Agueda deu pretexto e origem a certo caso da rua, cuja narração cabe neste capitulo, para demonstrar que, até mesmo no ardor das mais profundas exaltações, Agueda é sempre Agueda com a sua nota de original.

O nosso patricio, Joaquim Ferreira da Silva Moraes, por alcunha o *Inglez*, que era, ao tempo do *ultimatum*, escrivão do juizo de paz em Oliveira de Azemeis, veio a Agueda. O rapazio, enthusiasmado

ainda com os ultimos protestos que o povo fizera contra a Inglaterra, apeando taboletas, mal ouviu chamar-lhe *inglez*, apedrejou-o na rua, indignadamente. E, só depois de apedrejado e bem apedrejado, é que os rapazes vieram ao conhecimento de que esse *inglez* era um portuguez de boa lei e de honrada biographia, pois que fizera toda a campanha das nossas liberdades, como soldado de cavallaria, ao serviço de D. Pedro 4.º, sendo ferido na batalha de Asseiceira por uma bala que lhe levou cerce o dêdo pollegar duma das mãos.

...Mas das pedras já nem Santo Antonio o livrava.

*

Estabelecido em 1891 o monopolio dos tabacos, os fumadores de Agueda ajuntaram-se em conclave na Loja-do-Macario ou na Botica-do-Alla, não sei bem, e resolveram abster-se de fumar, em signal de protesto contra esse odioso monopolio.

— Se assim fizesse toda a gente — disse a *Soberania* — a Companhia dos Tabacos quebraria necessariamente!

— Abaixo o cigarro! — gritavam.

E o clamor deste protesto correu por toda a Villa. A Venda-Nova, a Cancella, a propria Viella-dos-Padres, trataram de arremessar para bem longe os derradeiros vestigios do vicio.

Entretanto — talvez por condescender com os interesses commerciaes das tabacarias da Villa, o que

era tambem um dever de bons patriotas... — os mesmos fumadores puzeram ao estatuto fundamental e breve do seu accordo o rabo-leva deste paragrapho unico: — «Ha licença de fumar aos domingos e dias santificados.»

Os negociantes de tabacos sorriram; aquelle paragrapho era toda a sua esperança.

— Quem me dera cá o domingo! — suspirava um fumador.

E, quando o domingo chegava, os negociantes de tabacos não tinham mãos a medir.

Até que — confundidos os domingos com os dias santos, e uns e outros com os dias ordinarios — Agueda tornou á primeira forma, e *Burnay & Comp.ª* triumpharam de todo este patriotismo indigena, aliás tão bem intencionado e tão simpathico.

Houve por lá quem aventasse que o motivo da capitulação fôra o terem-se convencido os fumadores de que as economias a fazer com a abstenção do fumo mal chegariam para pagar as necessarias folhinhas e reportorios por onde se pudesse averiguar com segurança a quantos do mez calhavam os domingos e dias santificados... Fizeram-se calculos muito curiosos para tal demonstração...

Mas, fosse como fosse. Ao termo das duas primeiras semanas, o accordo quebrou, como quebra tudo quanto participa da fragilidade humana.—Adiante.

Entretanto, a passagem não pode deixar de ficar archivada, para attestar publicamente, e mais uma vez, que Agueda está sempre em dia nestas questões

de patriotismo nacional, a cuja exhibição, porém, ella trata de dar sempre o ar da sua graça.

*

* *

4.— Um esposo inconsolavel. — O sapateiro funebre, e o rapé do Senhor-P'reira.

E, agora, para fechar o capitulo, cujo assumpto, por mais minuciosamente que seja tratado, não offerece barreiras nem estações de repoizo, deixem-me narrar-lhes aqui trez casos pittorescos da terra, em que o ridiculo surge de entre as proprias baêtas funebres que o revestem. São passagens de cemiterio, em que o *Au-delá* é tratado com a mais ingenua das irreverencias,

Na primeira passagem, figura um lastimavel esposo do Casainho-de-Baixo, cujos sentimentos piedosos perante o trespasse da consorte, foram assim tornados publicos, na *Soberania do Povo*, em junho de 1891:

— Haverá um mez, falleceu uma mulher do campo, na povoação do Casainho de Baixo, freguezia de Espinhel. O marido estimava-a immensamente. E, como prova do seu affecto e testemunho da sua saudade pela esposa morta, elle, que já é um velho, prometteu não sahir de casa sem trazer ao pescoço, presa a uma longa fita preta, a chave do caixão em que

*

> foi envolvido o cadaver da sua doce e amada companheira de toda a vida. O homem chama-se Albino Alves Loureiro, e vem todos os domingos a esta villa, vestido de lucto, e com a fita de crepe pendente do pescoço.»

Na segunda passagem, figura um sapateiro de Agueda, o qual, tendo mandado construir o seu mausoléo de familia no cemiterio da Villa, se vestiu de lavado em certo domingo,. arranchou a familia toda em ar de festa, e «foi deitar-se ao comprido no gavetão que reservava para o seu cadaver, distribuindo logo á mulher e seus filhos os lugares que lhes haviam de pertencer no mausoléo. A visita completou-se com um jantar de familia no proprio sitio em que hão-de ter descânço eterno.»

Na terceira passagem, figura o Senhor-P'reira do latim, ou melhor, a sua criada Luzia, beata celebre da terra, que na beatice não ganhou menos celebridade do que o amo na palmatoria.— Fallecido o Mestre-P'reira, a Luzia, aproveitando o enterro dum amigo delle que teve lugar alguns dias depois, foi-se até ao cemiterio — na companhia da saudade, como dizem os poemas...— e, com licença do respectivo coveiro, introduziu no esquife do defuncto uma moeda de cinco tostões...

— Diga lá ao Senhor-P'reira que é para o rapé; ouviu?...

E recolheu a casa, toda muito tranquilla e muito de bem com a sua alma, por ter ficado na certeza de

que o Senhor-P'reira agradeceria aquelle presente, que outro de melhor estimação não podia dar-se a um tabaqueiro vicioso como elle fòra em vida.

Olhem se a Luzia se lembrava de o presentear tambem com dois ou trez dos seus antigos discipulos de latim, em cujas mãos a palmatoria do amo pudesse matar o outro vicio que elle tinha!... Como seria difficil fazer a escolha de quem melhor a merecia, lá iria por certo toda uma geração de estudantes de Agueda a fazer companhia ao Senhor-P'reira! E, nessa geração (parece-me que ainda tenho as mãos dormentes!) cabia o primeiro lugar ao desgraçado estudantinho de latim de 1879, que neste momento aqui está a contar a passagem da caixa do rapé...

Mas a senhora Luzia não se lembrou disso, e é natural tambem que o Senhor-P'reira nunca lh'o fizesse lembrado. E, então, como aguas passadas não moem moinho, atiremos com a palmatoria do Senhor-P'reira ao fogo do inferno, e que Deus Nosso Senhor lhe deixe tomar a sua pitada em socego...

*

Ponto! — Se eu fosse a dizer tudo quanto Agueda tem na chronica das suas excentricidades e extravagancias, este capitulo ficaria do comprimento do mastro-de-Assequins. Os casos são ás centenas, por essa chronica além: — Gallinhas que cuidam da criação de gatos; crédores que emprestam capitaes a *juros de missas* por sua alma; o caso duns larapios de Jafafe

que, tentando arrombar a porta duma taberna com um trado, tiveram a sorte despropositada de ferir uma nadega da propria taberneira que dormia á porta da rua; aquella passagem do homem de Fermentellos, que, ainda agora, em pleno abril de 1903, gastou toda uma noite, de caçadeira aperrada, á espera dum *lobishomem* que lhe devia cinco tostões...—E tudo isto, variado, imprevisto, original, com todas as cambiantes da côr, grotesco e chocarreiro, a guizalhar campainhas rachadas por esse concelho fóra—*é entrrar, senhores; é entrrar!*...—com toda a Agueda, em entremez perpetuo, sem uma sombra de desconfiança ou de mau humor a perturbar a alegria limpida das almas!

Mas é forçoso parar aqui. O capitulo, tal como vae, chega de sobejo para se ficar sabendo de Agueda o que Agueda talvez já esquecesse de todo, na constante e desordenada successão dos casos pittorescos em que a sua vida decorre.

XIV

A par dessa Agueda, que ahi deixo agora, melhor ou peior desempoada do pó das chronicas e das tradicções, uma outra Agueda existe ainda, para ser vista com o coração, muito de perto, e por olhos que não desvairem de vêr o que é lindo num bocado de terra portugueza. — Quero fallar desses farrapos de paisagem, espalhados a cada canto das terras da minha Terra; quero fallar de certas lendas velhas que o tempo vae desfolhando e corrompendo: quero fallar ainda da religiosa alegria que vae por esses campos e montes, á volta das tarefas mais grosseiras e mais asperas da vida. Tudo isso, tocado de perto pela sentimentalidade dum coração impressionavel, beijado pelo luar do amor mais honesto e mais singelo, aquecido ao calor duns olhos discretos — tudo isso faz o melhor de Agueda, o mais delicado e o mais precioso tesoiro da sua alma.

Mas onde ha penna de escriptor, pincel de pintor, ou corda de violino, que sejam capazes de traduzir essa Agueda, que só com o coração se pode ver? Onde ha alma que tenha o poder de expressar numa palavra, numa mancha, ou na vibração dum som, essa outra alma tão vaga, tão immaterial, tão a diluir-se á flôr das coisas, que é como uma neblina espiritual, feita de sonho, de romance, de poesia, a esgarçar-se nos galhos tenros de cada arvore, no cruzeiro de cada ermida piedosa, no cabeço de cada oiteiro, na prôa gageira de cada barco, na encruzilhada dos caminhos velhos, nos abraços e nos beijos dos namorados?

Tarefa de largo fôlego seria essa para quem pretendesse, muito embora de hombros fortes e decididos, leval-a de arrancada, á custa que fosse das mais sãs energias dum coração. — O que aqui fica, pois, espalhado na derradeira pagina deste livro, não é de forma nenhuma a expressão litteraria dessa Agueda espiritual, que o meu coração sente, mas que a minha alma não sabe dizer aos outros: o que aqui deixo é apenas, por cima de toda a folha, o esboço pallido dessa Agueda-Linda de sempre, onde os meus olhos se morrem de tanto olhar e a minha alma se entontece de sonho, sem poder nem saber dizer donde vem a magia dessa gostosa tontura, o veneno doce dessa embriaguez deliciosa. Palavras, só... Como taes, podem lel-as os olhos da cara e nessa leitura contentar-se: mas os olhos da alma, esses, hão-de ficar sempre insatisfeitos e sempre anciosos, pois que as palavras duma escripta grosseira mal chegam para precisar o

que dizem, quanto mais para evocar a lindeza das coisas que se não vêem.

*

* *

1. — *Terras-de-Agueda.— A paisagem. — Serranas e camponezas. — As aldeias.*

Onde corre uma penna de agua e o ramalho duma arvore se desentranha em folhas, logo os mais delicados traços duma paisagem se delinèam e se gravam na alma do artista. — Ora como as Terras-de-Agueda são todas ellas duma grande fartura de agua e de arvoredo, quasi que não ha um palmo de chão, a bem dizer, donde o fino esboço duma paisagem não surja logo.

Sobre a espalda dos seus trez oiteiros, voltada para as bandas do sul, desdobra-se aos pés da Villa esse lindo Valle-de-Agueda, sempre verde, através do qual, beijando-lhe as rendas finas dos salgueiros e dos alamos graciosos, o rio passa esperto e gárrulo, de aguas claras, até ir casar-se lá abaixo com as aguas do Vouga, ahi por alturas de Almiar. — Só por si, o rio Agueda, o Vouga, e o Certima, cada qual com a feição tipica da gente que lhes móra á beira e das culturas variadas que o terrão bemdito das suas arribas offerece, fazem meia lindeza dum painel. Larguem-lhes, ao correr da agua, a vela branca dum

barco; pautem-lhes nas almargens humidas o xadrez brunido duma lavrada; armem-lhes a preza duma *nora* ou assentem-lhes nos cambalhões o velho esqueleto dum *estanca-rio* ou duma *cegonha* esguia; — e logo fica talhado o fundo artistico duma tela. Como que debruçadas sobre o Valle-de-Agueda, a escutarem talvez os descantes das lavradeiras, das mondadeiras, das sachadeiras, todas as povoações ribeirinhas por alli se aquedam então, no cume e nas encostas dos oiteiros.

E isto, notem bem, é só alli, á mão de semear, como o outro que diz. Que, se uma pessoa quizer ver o que é lindo a valer, dê-se então ao doce regalo de passear ao longo de todo esse concelho. — Logo lhe apparece, quasi perdido do mundo, aquelle trechosinho de paisagem romantica, que se chama o Soito-do-Rio; aquelles varridos e desafogados planaltos de Castanheira-do-Vouga e de Macieira-de-Alcôba, lá para as bandas do Caramullo; aquelle magestoso rincão do Alfusqueiro, com a sua ponte de misterio que foi obra do demonio; aquelle painel suisso da Pateira-de-Fermentellos, pintalgada de insuas verdes, que até parece toda ella um desenho á penna, com as velas gregas a emergirem das aguas; aquella historica cavada do Marnel-do-Vouga, com o seu farrapo de historia, manchado de sangue ainda, a seccar ao sol, pelos galhos das arvores chamuscadas da polvora miguelista; aquella recolhida cêrca de Serem, com a sombra dos seus frades em penitencia eterna; todos esses pinhaes das gandaras, as encostas

vestidas de carvalheiras, pomares opulentos, fartos vinhedos... Que sei eu?

E, então, as aldeias de Agueda, com os seus ramalhudos parreiraes em docel sobre as viellas, os soitos sombrios, os adros alegres ao agazalho das grandes arvores centenarias, os eirados varridos de bons ares onde se trabalha e onde se canta a toda a hora, os caminhos velhos que levam até ao coração dos campos e dos montes...— que lindos retalhos de painel se não perdem por ahi, ao desbarato, sem que Portugal os veja! Aldeias montezinhas e aldeias ribeirinhas, umas no cimo rude dos montes, abraçadas por espessos pinhaes, outras á beira dos rios, adormecidas á sombra fresca dos álamos... E, depois, tudo humilde, tudo singelo, tudo á lei da natureza nos costumes e na tradicção, sem a sombra dum castello velho que falle á gente de guerras ou de orgulhosas suzeranias de senhorios historicos — tudo, assim, em cazas modestas, á flor da propria terra, com o curral das vaccas e o alpendre das ovelhas alli mesmo á porta da rua, sem outro enfeite que não seja um canteiro de mangericões ou de cravos a dizer a quem passa que móra alli, debaixo de aquellas telhas, a alma resignada e simples duma familia de gente boa...— Se essa aldeia se dependura das espaldas negras do Caramulo, batidas do suão, ahi temos nós, a dar alma ao painel, a *serraninha* que vae passando, embiocada na sua capucha de serguilha, toda a rever-se no seu avental de riscadinho azul, bordado a trancinha e a roca do fiado sempre á cintura; e o fuzo, fia-que-

fia, a trabalhar no burel da sua saia ou na estopa da sua camiza... São as mulheres de Agadão, de Bella-Zaima, de Castanheira-do-Vouga, de Macieira-de-Alcôba. -- Mas, se a aldeia dorme tranquilla, a meio das planicies verdes e fartas, então eis que a *camponeza* ribeirinha apparece por alli, de aguilhada ao hombro, a guiar os bois da sua lavoira, de cantiga alegre a voar-lhe sempre da garganta, olhos contentes, a andar com toda a graça esperta de quem dansa, que até parece que veio agora mesmo da folia dum arraial: e o seu chambre de cabalim a reluzir de branco, como se estivesse ainda a córar no areial do rio: e as abas arrebitadas do seu chapeu redondo a pedirem uma mólhada de mangericões para tornar á romaria; saia arregaçada, braços arremangados: ao pescoço um cordão de dez moedas, afóra o feitio... *Eche, boi-risco!* São as aldeias de Aguada, quer a de Cima, quer a de Baixo, de Barrò, de Espinhel, de Ois-da-Ribeira, do Vouga, todos esses povoados de bom amanho e de boa cultura, em cujos campos parece que só Deus trabalha, visto como todos os lavradores gastam o tempo das tarefas, canta-que-canta, de coração ao largo...—Depois ainda, ao meio de cada freguezia, como um signal de Deus onde Deus apparece á alma crédula de toda aquella boa gente, a egreja matriz com o seu campanario abre de lá a porta grande, o sino põe-se a repicar a festa, e lá veem então as lindas procissões a dar a volta ao cruzeiro da aldeia -- opas vermelhas a gritarem de alegria, andores de santinhos muito ingenuos e de muita devoção, os anjos,

os amortalhados, os penitentes, tudo a desfilar na cauda dos guiões e das bandeiras, sobre fôfos tapetes de herva doce, e o *Zé-P'reira* á frente *rana-cataplana, mata aquella ratazana*... que até os passaros se põem a cantar mais alto, levados no ruido alegre de aquellas musicas tradiccionaes... Mas que sei eu?

Ah! que se Portugal soubesse e quizesse ver o que é seu, legitimamente seu — toda a alma portugueza: crença, poezia, tradicção, paisagem — não lhe seria difficil topar com tudo isto, dentro dum palmo de terra, alli pelos logares de Riba-Agueda, que são como farrapos dessa alma atirados á-repallinha!...

*

* *

2. — *Lendas: — O Diabo-do-Alfusqueiro. — A meza-dos-moiros. — Abbadinhos. — A Bicha-Moira, e o banho-santo. — Certoma ou Certima.*

Onde haja a ramada duma arvore a fazer sombra em cima dum fio de agua corrente, a guella negra duma serra a escancarar-se sobre as tenras verduras duma varzea, a ruina duma casa sem moradia a vestir-se de heras contra as arremettidas do vento, logo o povo das nossas aldeias, sempre simples e sempre crendeiro, trata de talhar ahi geira de feição para dispôr as lendas do seu alfôbre. — E' assim que as Terras-de-Agueda, desde os cabeços mais solitarios e mais nús,

aos povoados de mais basta genteada, têm todos, de volta com a poezia das suas lindas paizagens, um encantado jardim de lendas, em cuja sementeira bem se adivinha logo o trato simples mas cuidadeiro de quem a vem cuidando desde os tempos mais velhos.

Logo lá em cima, onde o Alfusqueiro se bate contra as penedias da serra, e onde uma velha ponte de cantaria se armou ha muitos seculos para serventia dos passageiros, o povo, como visse a desmesurada largura do seu lindo arco que vae de riba a riba num salto arrojado, lá entendeu na sua que tal obra não podia ser de gente christã, e, vae de ahi, atirou com a responsabilidade do trabalho para as costas do demonio. No dizer da lenda, o *Diabo-do-Alfusqueiro* contratou com um senhor christão lá dos sitios a construcção da ponte, a qual, depois de prompta e acabada, havia de ser paga com a propria alma do christão, o que tudo se remataria á meia noite do Natal, ao cantar do galo. Fez-se o respectivo assignado, que o senhor christão subscreveu logo com a tinta do seu proprio sangue, como é lá do protocolo.

Entretanto, acaba e não acaba a obra, como o tal senhor christão se doesse muito da paga que ia dar por aquella empreitada, veio de lá uma Fada-Boa ensinar-lhe a maneira de se livrar airosamente do compromisso, sem se privar ao mesmo tempo de ficar com a obra prompta e perfeita.

— Toma lá este ovo — disse-lhe ella assim. — Como a ponte ha de ser rematada á hora certa da meia noite, tu vigia bem os ultimos trabalhos, e, mal

vires o Demonio collocar a derradeira pedra, atira com o ovo pela ponte fóra, e tudo acabará em bem.

Assim se fez. Quando o demonio, com toda a malta dos seus serviçaes, num grande alarido de triumpho, se dispunha a assentar a ultima pedra, o protegido da Fada-Boa saca do ovo, arremessa-o ao longo do taboleiro, e logo surgiu de sobre a ponte um lindo gallo, todo emplumado e de crista alçada, *cocorocó*, a annunciar a meia noite. — E o senhor christão tomou posse da ponte, e o *Diabo-do-Alfusqueiro* sumiu-se logo lá para as funduras negras do rio onde moram as sombras misteriosas que os olhos d'elle allumiaram como um relampago de peste...

*

Navegando ao sabor das mesmas aguas, vem a gente a topar, cá mais em baixo, já no rio Agueda, com aquella fallada *Meza-dos-Moiros* que as lendas, a despeito das enxurradas que a lambem em cada inverno, teimam em vêr sempre a derrear ao pezo das baixellas mais ricas e das iguarias mais raras... Alli se fizeram deslumbrantes festins de noivados, com principes por commensaes, e o vinho a correr em ondas de oiro liquido, de taça em taça; alli se cantou e se dançou, ao meneiar gracioso das mais formosas moiras, aquellas pittorescas danças tradiccionaes que trazem comsigo, na attitude e no jogar das armas, toda a historia guerreira dum grande povo. — Mas a lenda não sabe dizer tudo quanto aquelle puído tabo-

leiro de granito, suspenso a meia fundura da agua, evoca á alma de quem o olha, cá de cima da penedia: o conto perdeu-se, a poder da agua que o foi delindo...

Outro tanto não succedeu com o *Mèdo-de-Abbadinhos*, logo abaixo do velho Sardão, onde a *porca com-pintainhos* e a *gallinha-com-porquinhos* continuam a ser o papão de quem lá passa a horas mortas da noite. As crianças, pelo menos, teem alli, naquelle bocado de caminho que desce até ao rio, motivo que farte para as estarrecer no meio das suas alegrias mais descuidadas.

*

Agora o que está fresquinha ainda, como se viesse hoje mesmo da alma que a teceu, é aquella lenda da *Bicha-Moira*, essa formosa lenda de Agueda a que os versos de José Maria Vellozo deram um dia toda a côr e toda a magia dum romance popular:— Por via de amores com um cavalleiro christão, a linda Zulcide alli jaz encantada; de todas as suas gabadas formosuras nada mais resta do que a sombra colleante duma serpente a arrastar-se nas terras humidas duma gruta... E como o seu desencanto seja tarefa de grande temeridade, pois que é preciso penetrar na gruta á meia noite de San-João e beijar a serpente tres vezes, na bocca, nos olhos, e no peito, a pobre Zulcide lá jaz e lá jazerá eternamente, a soffrer a pena do seu encanto.— Diz a lenda que a negra sorte da *Bicha-Moira* depende toda dos rapazes moços lá da terra

que não querem aventurar-se na aventura romantica de a desencantar. E a gente do povo assim o crê, pelos modos: porque, sem apparecer quem entre em taes aventuras, ella não deixa entretanto de ter fé nas virtudes daquelle encantamento, quando, á meia noite de San João, vae tomar o seu *banho-santo* á foz do Ribeirinho que escorre da gruta da *Bicha-Moira* e cuja agua, segundo lá se diz, traz comsigo, á mistura, as lagrimas da propria Zulcide encantada... Até, para os que não podem arranjar cabo á bocca do Ribeirinho, o Caes-do-Botareu lhes basta, porque ainda ali passa a agua da *Bicha-Moira*, tão pura e tão fartazinha de lagrimas talvez como a agua que corre lá mais acima...

Ora, deste *banho-santo*, tão da tradicção e tão da terra, pretendeu o Almiro Velho, da Borralha, fazer derivar os *devotos* para a Barra-de-Aveiro. E o que é certo é que, lá com todas as sabenças e benzeduras da sua arte milagreira, o bom do beato quasi que conseguiu pôr em desprestigio a agua da *Bicha-Moira*. A despeito, porém, de todos os seus piedosos esfôrços, a velha lenda não se desmanchou de todo; basta-lhe o calor dos versos de Vellozo para a conservar pelo tempo fóra, sempre verde, sempre nova, como uma rozeirinha brava que alli nascesse e alli se fosse criando ao geito e cuidado das almas ingenuas...

*

Mas não só o rio Agueda se pode gabar de ter um lindo alegrete de lendas a enfeitar-lhe as aguas ; outros rios do concelho o tem tambem. O Certima, por exemplo. E fallo só deste, por agora, porque não me é possivel ir mais longe, a divagar á flôr de todas essas lindas coizas que a alma popular banha de poezia.

A despeito da etimologia arabe que as gentes de saber attribuem ao nome do Certima — o qual dizem derivar do imperativo *sára* (andar) e do adverbio *temma* (ahi), o que vem a dar *Sertemma*, com a significação de *Caminha-para-ahi* ou *Vae para ahi*... — a lenda, que não quer saber dessas etimologias mais ou menos pittorescas, reza assim : — Passando duma vez por alli a Rainha Santa Izabel, e, querendo beber da agua do rio, logo a preveniram de que tal agua não era boa para matar a sede do mais rude escudeiro, quanto mais duma Senhora e Rainha, cujos formosos cabellos se andavam doirando já ao toque da luz divina que havia de tecer um dia a sua aureola de Santa. Mas a Rainha teimou de a beber ; e, logo ao proval-a, disse então :

— *Certo, má*...

E ahi ficou o rio Certoma, com o seu nome embora corrompido na locução popular, a contar ás gentes de toda a vida essa ingenua passagem da Rainha Santa Izabel, que o não menos ingenuo Pinho Leal foi desencantar não se sabe onde nem como...

*

Por este pequenino ramalhete de lendas que ahi fica desfolhado, é facil adivinhar o opulento jardim de onde as colhi de passagem. Rios e soitos, valles e oiteiros, é tudo, graças a Deus, terra de bom amanho para a sementeira dessas flores delicadas. Basta que o jardineiro tenha uma alma e queira pôl-a ao serviço da phantasia nas doces tarefas da cultura. — Ora eis o que tem feito Agueda, desde que os primeiros raios do luar poizaram uma noite — uma noite de ha muitos seculos... — sobre a prôa esbelta do seu primeiro barco e sobre o colmado loiro do seu primeiro casal rustico...

*

* *

3. — *Agueda no campo. — O vinho novo e o milho-rei. — Preces: a Festa-do-Suão.*

Velha e linda lavoira do meu concelho! — Velha e linda, sim. Porque aquillo, apegado como está ainda agora, aos primeiros cueirinhos da infancia, tem um certo ar primitivo de georgica, com um pastor a tanger idilios á sombra dos carvalhos... Passam os bois com as suas campainhas a tilintar; passam as carretas do arado, chiando; passam os lavradores com as suas pittorescas polainas de burel:

— *Chega ao rêgo, cabano!*

E lá fica a gente a pensar, de si para si, se, ao fundo deste bocado de Biblia, não anda o proprio Jesus a semear parabolas...

*

A agricultura é um palavrão que os lavradores do meu concelho mal sabem entender ainda. O adubo é estrume de curral, para todos os effeitos. E, se lhe forem fallar nos processos modernos da cultura intensiva, com machinas e livros da especialidade, o lavrador da minha terra o menos que faz é encolher os hombros desdenhosamente, pegar da soga dos bois, correr o bico da aguilhada pelo lombo da junta, e...

— *Eche boi' risco.*

*

A terra lá está, entretanto, fertilisada, uberrima, abençoada. Vejam esses campos opulentos do Certima, do Agueda, do Vouga, como elles, ao toque rude das velhas charrúas e das velhas enxadas, se desentranham fecundos e prodigos! Vejam esses proprios quintalejos pequenos e sombrios, á roda dos povoados, como elles se tufam e reverdecem, cada dia, ao toque dos velhos sachos e dos velhos alviões! Vejam ainda, para mais admiração, como esses cabêços dos oiteiros e das gandaras maninhas se cobrem de fartos pinheiraes, mal o penisco toca na terra, caido das mãos do lavrador, á lei da natureza!

E tudo isso que ahi está, de extrema a extrema do concelho, n'uma esplendida fartura que consola a vista, acudiu á flôr da terra liberalmente, só porque o velho arado e a velha enxada roçaram por ella, e como que lhe segredaram ao ouvido:

— Vá! Venha de lá isso, para matar a fome a quem n'a tem!

*

O proprio vinho, se não fossem o *oidium* e os males sem conta que assaltaram a videira, ahi desde 1885, ainda hoje seria colhido, preparado e envasilhado, pelos mesmos processos rotineiros da velha escola que a tradicção não se atrevia a pôr de lado. Mas não. A desgraça é uma grande mestra da vida. — Foi assim que, mortos os velhos vinhedos, outros se plantaram logo, que vieram, por mercê do ceu e dos homens de bom conselho, tapar o buraco daquella mizeria com a fartura das colheitas mais abundantes. E agora, então, a plantação, o grangeio, a colheita, e a preparação dos vinhos, é tudo feito á moda nova, de harmonia com os ensinamentos modernos.

E' certo que ainda ha por lá muita gentinha de Deus, cujo estomago teima em não se conformar com aquella droga do *sulfate, sulifate*, ou lá como ella diz... Mas isso, já se vê, não tira nem põe. A cultura da vinha faz-se hoje em larga escala por todo o concelho, e pode dizer-se afoitamente que ella é uma das mais preciozas e seguras fontes do seu rendimento.

A par do vinho, temos o milho, os legumes, os cereaes, as madeiras. Porque Agueda vive quasi exclusivamente da terra — dessa sua terra tão boa e tão fertil, sobre que a mão de Deus poisou, abençoando... — Para ver como a agricultura é, na verdade, a sua principal fonte de receita, ao mesmo tempo que a principal occupação do seu trabalho, con-

sulte-se mais uma vez (e aqui cabe fazer o mesmo reparo que já se fez em tempo competente a respeito da estatistica da população) o Censo de 1890, onde se indica a população do concelho, classificada segundo as grandes divizões do trabalho:

I.	Trabalhos agricolas	13:713
II.	Pesca e Caça.	2
III.	Extracção de materiaes mineraes da superficie do solo . . .	2
IV.	Industria	2:505
V.	Transportes	269
VI.	Commercio	746
VII.	Força publica	20
VIII.	Administração publica . . .	83
IX.	Profissões liberaes	342
X.	Pessoas vivendo exclusivamente dos seus rendimentos. .	256
XI.	Trabalhos domesticos . . .	222
XII.	Improductivos. Profissão desconhecida	586

*

Mas não era bem aqui aonde eu queria chegar. Este capitulo, que vae ser o ultimo do livro, já não pode admittir o estudo mais ou menos pezado dos problemas que se prendem com a economia agricola do nosso concelho nem com outras coisas graves do seu parentesco affim. — O que eu queria dizer neste capitulo, e, especialmente nesta sua ultima parte, era, como ao principio delle se enunciou, a bucolica ale-

gria religiosa da lavoira da minha terra, quando, á volta dos mais rudes trabalhos, tudo canta por esses campos e montes de Agueda, que é mesmo um louvar a Deus!

Não ha por lá tarefa, a mais meudinha, que não metta cantiga pelo meio della. Assim, no trato do milho, a lavra, a monda, o sacho, a rega, a colheita, a escapellada, nem parecem os trabalhos que são, de tanto cantar com que a gente do trabalho os enfeita, desde o romper da manhã até noite fechada. E quando Deus quer, vae a alegria por essa noite fóra... O campo é um cantorío pegado. As escapelladas, principalmente, são um verdadeiro festival, aonde acodem as violas e os harmonios dos seroeiros, á cata de corações que lhes entendam o tocar, e onde a espiga do *milho-rei* outorga, a favor de quem a escapellou, o mais cubiçado e o mais discutido direito que pode ser concedido a uns braços de namorado... É de ahi, muitas vezes, dessas lindas festas do trabalho, que vêem os noivados a caminho da egreja!

*

De mistura com este sentimental bucolismo antigo, tambem a crença das almas simples costuma semear na propria terra da sua lavra os lirios immaculados da sua devoção.—Se o sol vae de geito para amadurar as sementeiras; se o vento sopra, certinho e macio, sem fazer uma gelha na haste duma papoila; se a chuva cae de regadia, na propria temporada della,

a amaciar as terras e a fartar as nascentes; — os lavradores não deixam passar o toque dumas trindades, que se não voltem todos para a torre da freguezia, e, de mãos postas, não murmurem as suas orações: — *Louvado seja Deus p'ra sempre!*

Mas, se a quadra não vae de feição, ou se a molestia entra com as novidades, então — ó meu rico Senhor-dos-Passos! — é preciso ir de procissão, em penitencia, por esses campos fóra, a ver se a quadra se affeiçôa e o *bicho* levanta... E o Senhor-dos-Passos lá vae, de andor, ao cantar duma triste ladainha; e o padre-cura, atrás delle, rezando o latim do seu breviario; e toda a gente, uma freguezia inteira, lá vae tudo, de geira em geira, a penitenciar-se dos peccados que por ventura possam ser a causa daquellas grandes desgraças que cahiram nas terras...

Antigamente (e cuido que ainda agora), quando a imagem do Senhor-dos-Passos, na vespera do seu domingo, ia a atravessar a ponte de Agueda, era de rigor voltal-a para as bandas do mar, como a lembrar ao mar que mandasse pescaria em barda para acudir á pobreza... E, duma vez (contam por lá) bastou a simples cerimonia dessa devoção tradiccional, para que a chuva rigorosa que estava cahindo em todo esse inverno, sem despêgo, logo estancasse de vez, e o sol tornasse, por milagre do Senhor, a seccar as terras humidas onde a semente não tinha alma de pegar...

Tambem, lá para as bandas do Caramullo, ainda hoje, quando o anno dos lavradores corre bom e farto, tudo se ajunta na *Festa-do-Suão,* a agradecer a Deus

a mercê que lhes fez de poupar as searas do vento damnado que por lá sopra. E ha missa cantada, e ha sermão, e ha procissão...

É a linda crença do povo antigo — sempre antigo, a despeito de tudo isso que chamam a civilisação, o progresso, o sol de amanhã... — a abrir, como um lirio, ao calor dos sentimentos ingenuos. É a crença de hontem, e de hoje, e de sempre. É o entendimento do povo, do povo das nossas terras, para quem o *A-B-C*, por muito illuminado que seja, hade deixar-lhe sempre, adiante dos olhos e adiante dos passos que vae andando, um bocadinho de sombra que lhe lembre a noite de hontem...

AS ULTIMAS PALAVRAS

Finda aqui o livro. Não é uma monographia, como vêem — uma monographia sêcca, pejada de situações eruditas. É antes um livro de amor, em que o proprio estudo foi, todo elle, feito e trabalhado com o concurso expontaneo dos affectos mais intimos. Escrevi-o todo, com o coração nos bicos da penna. Por isso, não fica ahi palavra que não leve comsigo, bem em evidencia, um bocado do meu coração. As proprias paginas mais aridas, foram, todas ellas, tratadas sempre a poder de muita somma de affecto. — É que o assumpto do livro merece-me tudo isso.

Em taes condições, é de perdoar que, alguma vez, a paixão me arrastasse a penna, até obrigal-a a escrever com tinta de oiro ácerca de coisas pequeninas que a não merecem, talvez. Mas, antes assim. O livro propõe-se exaltar Agueda, em tudo quanto ella tem de lindo aos olhos de quem saiba ver-lhe as lindezas. E, quando a penna que o escreveu assenta na mão de quem adora essa Agueda, assim, alumiada a toda a luz dos olhos que a olham, a escripta ha de por força ressentir-se das paixões que, ao tocar dos mais modestos assumptos, moram sempre na alma que a vae escrevendo.

Mas, a despeito de todas essas paixões confessadas, não fica ahi o signal duma lettra que accuze uma intenção maldoza, o veneno subtil dum odio ou duma malquerença, o que quer que seja de deprimente ou de offensivo para o nome de ninguem. Não. Em toda a Agueda, desde os povoados mais humildes ás terras de maior nome — bem alto o digo, aqui! — não ha ninguem, nem ha nada, que me mereça uma palavra menos correcta e menos nobre.

Ninguem pretenda, pois, dar ás palavras do livro intenções que ellas não têm.

Se algumas vezes — com menos respeito pelas prescripções da chamada *fina-educação* — a ironia passa de leve ao de cima dos homens e das coisas, peço-lhes desde já que tomem isso, exclusivamente sempre, á conta do empenho em que o auctor se fez de desanuviar o ar pezado da chronica, imprimindo-lhe o geito

duma pequenina obra de arte, que, de algum modo, falle directamente ao coração do leitor.

Pelo seu viver e pelo seu pensar, ao menos com respeito aos dias de hoje, Agueda mal comportaria os enfados benedictinos duma chronica, toda ella a estoirar pelas costuras, por via dos muitos documentos que a carregassem. Pôr uma chronica na vida moderna de Agueda — uma chronica a valer, encaudada de notas ao fundo de cada pagina, e com uma profusa sementeira de latim ao correr-lhe de todas as laudas — seria como dependurar da graciosa ramada dum álamo ribeirinho a *sacabucha-dos-Passos*, a fanhozar os seus venerandos toques de pregão guerreiro...

Fugi de cair nesse labirinto de môfo e de bafio. — Ao soalheiro da terra, de tradicções mais ou menos equivocas, limpei-o das poeiras em que se enterrara, e colei-lhe umas azas leves, para que elle voasse de alto sob um ceu todo alagado de sol: do nome dos homens, das suas biographias e das suas memorias intimas, trouxe para o livro apenas o que me era indispensavel para, ao narrar das passagens, aguentar sempre de pé e em relevo a feição toda particular da terra onde elles nasceram; das coisas fiz outro tanto, exhumando das memorias e dos documentos aquellas só, que, por seu geito e natureza, não pudessem reduzir o livro á triste condição duma rã dos charcos que passa a vida a coaxar, de olhos pasmados para as estrellas.

Foi o que fiz. Se bem ou mal, não sei. Entretanto, através de todos os desdens e de todas as criticas,

que, por ventura, hão de assaltar o livro, ao passar, o assumpto que o enche todo — Agueda — ficará limpinho e puro como eu o concebi um dia. Pode a forma rude do meu dizer tel-o corrompido exteriormente; podem mesmo as palavras da minha linguagem mal geitoza ter-lhe deteriorado o fundo. Mas Agueda — essa *Agueda-Linda* que se criou á custa dos affectos de toda a sua gente e da mais gente que por ella passa — ficou e ficará sempre, cada vez mais linda, nas tradicções, nas paizagens, nas crenças, nos costumes, que são toda a sua alma.

Fecho o livro, pois, consolado na certeza firme de que, se eu não soube dizer de Agueda o que de Agueda é justo dizer-se por bem e por verdade, ella entretanto mal se aperceberá do livro que se propoz fallar della. — E' um livro inutil que passa. Rasgae-o.

Novembro de 1901
a
Março de 1904.

NOTAS

1.ª

(*Pag. 11.*) — A Villa de Agueda, situada ao sul da provincia do Douro, pertence ao districto de Aveiro e á diocese de Coimbra. O concelho comprehende, actualmente, as seguintes 19 freguezias: Agadão, Aguada-de-Baixo, Aguada-de-Cima, Agueda, Barrô, Bella-Zaima, Castanheira-do-Vouga, Espinhel, Fermentellos, Lamas, Macieira-de-Alcôba, Macinhata-do-Vouga, Ois-da-Ribeira, Prestimo, Recardães, Segadães, Travassô, Trofa, e Vallongo. — Dista 20 kil. da capital do districto; e é servida por 3 estações do caminho de ferro, na linha do Norte: Mogofores, Oliveira-do-Bairro, e Aveiro.

2.ª

(*Pag. 14.*) — Os limites do concelho são, duma maneira geral, ao norte e poente o rio Vouga, ao oriente a Serra-do-Caramullo, e ao sul o rio Certima.

3.ª

(*Pag. 15.*) — Para a noticia hidrographica do concelho, podem servir de auxiliares os apontamentos seguintes, colhidos duma *Memoria* archivada na secretaria da Administração, e attribuida aos nossos patricios J. M. Vellozo, e Sá e Mello; memoria que foi elaborada para responder a um questionario do Governo civil de

Aveiro, em data de 22-11-1854, e remettida ao seu destino em 7-2-1855. Nella estão indicados, com respeito aos rios e ribeiros do concelho, os logares onde nascem e onde desaguam, as terras que banham, e as pontes que os atravessam. Nesta nota apenas se faz menção dos esclarecimentos mais indispensaveis.

AGADÃO : Nasc. Almofalla, freg. de Agadão, Serra-do-Caramullo : desagua no rio *Agueda*, proximo de Bulfiar, onde conflue com o *Alfusqueiro.*— AGUEDA : Nasc. Bulfiar, da confluencia do *Agadão* e *Alfusqueiro ;* desagúa no *Vouga*, proximo da ponte de *Alumiar* (*Rata*).— AGUIEIRA : Nasc. freg. de Valiongo ; desagúa no *Vouga.*— ALCAFOZ : Nasc. faldas do Caramullo ; desagúa na ribeira de *S. Mamede.* — ALFUSQUEIRO : Nasc. Serra de Rompe-Cilhas, freg. Prestimo ; desagúa no *Agueda.*— BÉCO : Atravessa as freg. de Macinhata e Vallongo ; desagúa no *Vouga.*— CÊPOS : Nasc. Serra-da-Silveirinha e atravessa a freg. de Bella-Zaima.— CERTIMA : Nasc. Lameiras, Couto-da-Vaccariça (Bussaco) ; desagúa no *Agueda.*— LANDEOSA : Banha a freg. Aguada-de-Baixo ; desagúa no *Certima.*— S. JOÃO DO MONTE : Atravessa a freg. de Castanheira-do-Vouga ; desagúa na ribeira de *S. Mamede.*— S. MAMEDE.— E' formado pela confluencia do *Alcafoz* e *S. João-do-Monte ;* desagúa no *Agadão.*— MARNEL : Banha as freg. de Lamas e Vallongo : desagúa no *Vouga.*— S. MARTINHO : Nasc. perto de Aguada-de-Cima ; desagúa no *Certima.*— PEDROZELLO : Banha parte da freg. de Vallongo.— VOUGA : Nasce na Serra da Senhora da Lapa (dist. Vizeu) ; desagúa no mar.

Segundo a mesma *Memoria*, estes rios e ribeiros são atravessados por 31 pontes, sendo a maioria dellas de cantaria, embora de pouca importancia. As principaes são construidas sobre os rios *Agueda*, *Aguieira*, *Alfusqueiro*, *Certima*, *Landeosa*, *Marnel*, *S. Martinho*, *Pedrozello*, e *Vouga.*

P. S.— Não se mencionam aqui os ribeiros da freg. de Fermentellos, pois que a *Memoria* foi elaborada muito anteriormente á data desde quando esta freg. pertence ao concelho de Agueda.

4.ª

(*Pag. 15.*) — Em 1870, a Villa tinha 14 ruas e 250 casas, segundo Vellozo na sua Memoria historica e descriptiva, *Eminium*; e essas ruas eram «tortas e mal calçadas», segundo disse Pinho Leal, mais tarde.—Por mim, nada direi. Só isto: as ruas são sensivelmente as mesmas, mas o numero de predios augmentou consideravelmente desde aquella data; e as taes ruas, embora não sejam geometricamente alinhadas, estão entretanto em condições de serem passeiadas pelos mais escrupulosos investigadores de coisas minimas, todas as vezes que isso lhes appeteça.

5.ª

(*Pag. 20.*) — Tem sido alterada a nomenclatura de algumas ruas e largos da Villa. Assim: — a *de Baixo* e a *de Cima* passaram a denominar-se respectivamente de *Vasco da Gama* e de *Luiz de Camões*, por deliberação camararia de 8-6-1880; — as da *Capella* e da *Fonte* passaram a denominar-se de *José Maria Vellozo* e de *Fernando Caldeira*, por deliberação camararia de 26-11-1890; — a *Praça-Nova* passou a denominar-se *Largo do Conselheiro Albano de Mello*, por deliberação de 12-12-1894; — a de *Além-da-Ponte* passou a denominar-se do *Doutor Manuel Pinto*, por deliberação de 23-1-1895; — a das *Hortas-do-Valle*, rua do *Conego Camara e Motta*, por deliberação de 24-11-1897; — a da *Cancella*, rua da *Soberania do Povo*, por deliberação de 3-12-1903; — e a *Praça-Velha*, *Largo do Visconde de Sucena*, por deliberação de 7-1-1904.

6.ª

(*Pag. 24*) — Foi o nosso patricio José Bruno de Cabêdo, da Casa de Além-da-Ponte, quem, na sua qualidade de presidente do municipio (1881) elaborou um dos primeiros projectos de melhoramentos locaes, entre os quaes figurava, como obra absolutamente necessaria, a ampliação e regularisação da Praça-Nova, avaliadas em tal projecto na quantia de 5:500$000 reis. Nada se conseguiu

então, como nada se conseguira em outra tentativa que, creio, foi feita anteriormente. — A generosa iniciativa de José Bruno foi prejudicada por opposição de alguns vereadores municipaes; e o nosso chorado patricio falleceu, sem nada ter conseguido da velha e triste rotinice indigena. — Mais tarde (maio de 1885) foram apeiadas as casas da ala sul da antiga *Rua-do-Padrão* (Sant'Anna), para alargamento da chamada estrada de Aveiro a Vizeu. — Mas, quando, decididamente, se tratou deste melhoramento importantissimo, foi na sessão da camara municipal de 30-9-1891. Resolveu-se definitivamente a expropriação dos predios da *Praça* e da antiga *Rua-da-Ponte*. Na sessão seguinte, discutiu-se o emprestimo a contrahir, que foi de 8 contos de reis, por meio de obrigações de 100$000 reis, ao juro annual de 5 %; estabelecendo-se, como garantia de tal emprestimo, a percentagem de 5 % addiccional ás contribuições do estado, cujo rendimento era ao tempo de 285$000 reis. Na sessão de 1-12-1891 foi aberta a subscripção para o referido emprestimo, e em 11-9-1892 começaram as obras. No dia 18-9-1893 demoliu-se o ultimo predio expropriado.

7.ª

(*Pag. 31.*) — *Mestre P'reira:* — José Francisco Rodrigues Pereira, professor de portuguez, francez e latim. Exerceu o magisterio, na Villa de Agueda, perto de 30 annos. Falleceu em 4-10-1886. — Por Alvará de 11-11-1773, o qual ampliou o numero de *Escolas Menores* do reino, foi nomeado um *Professor de Grammatica Latina* e em *Mestre de Ler* para Assequins. Mais tarde, extincto este concelho, as duas escolas mudaram para a Villa de Agueda, se é que, já desde a sua criação, não estavam aqui installadas.

8.ª

(*Pag. 31.*) — José Maria Velloso, professor de primeiras lettras em Agueda, foi um poeta e escriptor muito distincto. Publicou na *Escola Popular* alguns fragmentos do seu poemeto, *A Bicha-Moira em duas noites de San João*, publicação esta que começou

no n.º 37 de aquella folha (26-1-1871) e terminou no n.º 49 (27-4-1871).

Segundo declaração do auctor, este poemeto foi escripto em 1847. — Escreveu tambem, mas não publicou, outro poemeto, em verso solto, intitulado *O Rey Dom Sebastião e a batalha d'Alcacer-Kibir*. No manuscripto deste poemeto, o prefacio em prosa tem a data de 7-9-1873. — Além destes dois poemetos, publicou ainda naquelle jornal varias poesias, como foram o *Pobre*, *Pater*, *Selvagem*, *Abráxas*, *Mãe*, e diversos artigos em prosa, de entre os quaes é de justiça destacar a monographia historica de Agueda, a que o texto deste livro se refere. Falleceu em 18-6-1875, com 52 annos de idade.

9.ª

(*Pag. 38.*) — Para esclarecimento do texto, offereço aos leitores as seguintes obras, além das já citadas: — *Mappa da Lusitania Antiga*, Juan Lopes; *Orbis romanus*, Graesse; *Estudio sobre los Itinerarios Romanos*, D. Eduardo Saavedra; *Chorographia*, Gaspar Barreiros; *Rerum Hispaniae Memorabilium Annales*, Joanne Vasaeo; *Scolii ad Rezendium*, Jacob M. de Vasconcellos; *Mappa Breve da Lusitania Antiga*, Francisco do Nascimento Silveira; *Antiguidades da Lusitania*, Fr. Leão de S. Thomaz; *Noticias de Portugal*, Severim de Faria; *Cathalogo dos Bispos do Porto*, D. Rodrigo da Cunha.

10.ª

(*Pag. 39.*) — Dr. M. Sotto Mayor (n.º 16 da *Escola Popular*, 20-8-1870), e Dr. José Correia de Miranda (n.º 19, id., 10-9-1870.)

11.ª

(*Pag. 48.*) — Nas *Memorias para a Historia da Legislação e Costumes de Portugal* (2.ª *Mem.*ª, pag. 350, nota) publicadas nas *Memorias da Litteratura Portugueza*, e das quaes é auctor A. C. do Amaral, refere-se que, por occasião das cerimonias funera-

rias realisadas na antiga *Scalabicastro* (Santarem) em memoria do imperador romano, Augusto, estiveram alli representantes dos povos de Agueda e Vouga. — Borges de Figueiredo (*Boletim da Soc. de Geog. de Lisboa*, 5.ª serie, pag. 78). cita um documento da segunda metade do seculo IX, pelo qual se faz doação de algumas terras á Sé de Coimbra, entre as quaes figura a *tertiam portionem de villa travasolo inter agata et vauga.* — O primeiro documento *official* que conheço, onde se cita já o nome de *Villa de Agueda*, tem a data de 7-7-1792. É um alvará pelo qual a rainha D. Maria I ordenou uma nova e provisoria « Demarcação ou Regulamento Provisional de Limites » para regular as jurisdicções civis e criminaes de algumas comarcas do reino. No § XXVII díz o citado alvará: « E por quanto ha neste Reino algumas Povoações, em cada uma das quaes tem Jurisdicção mais de hum Donatario, com oppressão e confusão dos habitantes, *como acontece na Villa de Agueda*, que soffre quatro Senhorios, com recurso jurisdiccional em muita distancia; appellando hum Morador de huma Rua, da parte do Norte, á Cabeça de Comarca do Donatario, na distancia de doze leguas; o seu Vizinho, da mesma Rua do Sul, recorrendo na distancia de dez leguas ao nascente: Ordeno, etc. »

12.ª

(*Pag. 121*).— Apontamentos para a historia politica de Agueda:

1838: — Pela lei eleitoral de 9 de abril (D. Maria II), Agueda fazia parte do circulo eleitoral de Aveiro, juntamente com Anadia, Angeja, Eixo, Estarreja, Ilhavo, S. Lourenço-do-Bairro, Mira, Oliveira-do-Bairro, Paus, Souza, Vagos, e Vouga. O circulo elegia 2 senadores e 4 deputados.

1852: — Pela lei eleitoral de 30 de setembro, Agueda fazia parte do circulo n.º 14, juntamente com Anadia, Aveiro, Ilhavo, Mealhada, Oliveira-do-Bairro, e Vagos. Elegia 3 deputados.

1856: — Eleições no mez de novembro. *Deputados eleitos:* Antonio Luiz de Seabra, Francisco Antonio de Rezende, e José Estevão Coelho de Magalhães. Agueda fazia parte do circulo plurinominal de Aveiro.

1858: — Eleições em 1 de maio. *Deputados eleitos:* Antonio Luiz de Seabra, João José Vaz Preto Geraldes, e José Estevão. O concelho de Agueda deu aos candidatos uma media de 1:050 votos a cada um, além de 31 votos que recairam no candidato Domingos Ferreira Pinto.

1859: — Agueda formava circulo com Albergaria (á excepção das freguezias da Branca e Ribeira-de-Fragoas).—Eleição em 31 de dezembro. *Deputado eleito:* Luiz Antonio Rebello da Silva.

1861: — Eleição em 28 de abril. *Deputado*, Manuel Firmino de Almeida Maia.

1870: — *Deputado:* José Dias Ferreira.

1878: — » Visconde de Aguieira.

1879: — » Antonio Alves Pereira da Fonseca.

1884: — *Deputados:* Francisco de Castro Mattoso, Fernando Caldeira, e José Dias Ferreira.

1889: — *Deputados:* Albano de Mello Ribeiro Pinto, Francisco Barbosa da Cunha Sotto Maiòr, e José Dias Ferreira.

13.ª

(*Pag. 128*). — Ao quadro dos officiaes do Batalhão Nacional de Agueda pertenceram os seguintes nossos patricios: — *Commandante*, João Ribeiro da Rosa Magalhães; *capitães*, Joaquim de Mello Pinto Leitão, Dr. José de Mello, Manuel Pereira da Cunha e Costa, e Manuel José de Sá e Mello; *tenentes*, Antonio Pinheiro Estevão (ajudante), e Jacintho Rodrigues Brêda: *alferes*, Guilherme Monteiro de Castro, e João Ferreira Sucena; *brigadas*, Manuel Antonio Laré, e Luiz Francisco Ferreira.

Anteriormente á organização dos batalhões nacionaes, estava em vigor o regimen das velhas milicias, a que pertenceram, na area do districto de Assequins, Antonio Gomes Soares, Joaquim José Pereira Guimarães, Luiz Antonio de Albuquerque da Fonseca Araujo, Luiz Barreto Torres de Figueiredo, Manuel Ferreira Damião, e Manuel Henriques Ferreira da Costa Oliveira (*capitães-móres*); Antonio Ferreira Sucena (*capitão de ordenanças*); Antonio Henriques de Oliveira (*alferes*); Antonio Gomes de Almeida (*ajudante*);

*

Manuel de Oliveira Escada (*sargento-mór.*)—O districto da capitania-mór de Assequins comprehendia 3 companhias de ordenanças, Assequins, Prestimo, e Agueda (*o Lugar d'Agueda*, «cousa de distancia de um tiro de bala, pouco mais ou menos.») A capitania-mór estava comprehendida militarmente na provincia da Beira.

E eis tudo quanto, ao pisca-pisca pelos papeis velhos, pude colher para a chronica militar de Agueda. Nomes, só, a que entretanto é dever de bom chronista, remontando ao seculo XVIII, acrescentar os nomes dos *Mestres-de-Campo*, Antonio Vellez Castel'Branco, José Pinto Mascarenhas de Macedo, e do *General* Agostinho da Costa Monteiro.

14.ª

(*Pag. 129.*) — *Visconde velho da Borralha :* — Francisco Caldeira Leitão Pinto de Albuquerque de Brito Moniz, bacharel formado em direito, par do reino, do conselho de Sua Magestade. Foi presidente da Camara Municipal de Agueda, e exerceu uma larga influencia na politica local. Falleceu em 29-11-1873, tendo nascido em 1806.

José Bruno da Ponte : — José Bruno de Cabedo e Lencastre. Foi presidente da Camara Municipal. Falleceu com 40 annos, em 5-10-1882.

Medico Pereira de Barrô : — Antonio Joaquim Pereira Pinto, bacharel formado em medecina e medico municipal de Agueda. — Foi um dos perseguidos do absolutismo ; esteve prezo em Almeida, quando era ainda estudante de Coimbra, tendo interrompido os estudos quando em 1828 tomou a farda de voluntario academico. Um enthusiasmado apologista das ideias novas : *setembrista* em 1836, *patuleia* exaltado em 1846.—Falleceu com 83 annos em 5-12-1883.

Dr. Pinho de Jafafe : — José Joaquim da Silva Pinho, bacharel formado em direito, administrador do concelho de Agueda, vereador municipal, e presidente da Junta Geral do Districto. Foi chefe do partido progressista em Agueda.— Falleceu com 67 annos, em 6-4-1889.

Os Sucenas de Agueda : — Antonio Ferreira Sucena, que fal-

leceu em 15-5-1899, com 66 annos de idade; e João Ferreira Sucena, que falleceu em 30-11-1892, com 67 annos de idade.

Visconde de Aguieira: — Joaquim Alvaro Telles de Figueiredo Pacheco, bacharel formado em direito, fidalgo cavalleiro da Casa Real, administrador do concelho de Agueda, presidente da camara, e deputado ás côrtes. — Foi chefe do partido constituinte. Falleceu com 79 annos, em 16-5-1895.

15.ª

(*Pag. 133.*) — As obras da ponte nova começaram em 1879; os *simples* dos arcos foram apeiados solemnemente em 9-11-1881; e em 11-11-1882 abriu-se a ponte ao transito publico. — Houve projectos de se fazer uma inauguração festiva, para o que chegaram a reunir-se nos Paços do Concelho alguns cidadãos da Villa, sob a presidencia do Visconde de Baçar, então juiz de direito da comarca. Nada se fez porém. A inauguração foi feita... pela procissão de S. Sebastião, da Venda Nova, que passou pela ponte em 5-2-1882. — No dia 13-11-82 começou a demolição da ponte velha, de construcção muito antiga.

16.ª

(*Pag. 164.*) — Já depois de definitivamente escripto o texto d'este livro, contou-me um amigo meu de Traz-os-Montes — e como conto o ponho aqui em nota e á margem... — que, em certa cidade d'aquella provincia, houve em tempo uma gazeta muito fallada e muito respeitada por via da *má-lingua* de que usava ao discutir as pessoas e as coisas politicas dos seus adversarios. Essa tal gazeta, que devia ter-se chamado, conforme os figurinos consagrados da imprensa da provincia, *Estrella*, *Aurora*, ou *Sentinella* de qualquer coisa que me não lembra agora, era vulgarmente conhecida entre os inimigos politicos da redacção pelo nome de *Agueda*.

— A *Agueda* já sahiu?... Que diz hoje a *Agueda?* Deixem, que se a *Agueda* vos toma á sua santissima conta...

E havia menino lá pela terra, que, mal a tal gazeta assomava ao fundo da rua, tratava logo de se esconder atraz do primeiro balcão de botica que se lhe deparasse, e, antes de saber o que a gazeta dizla, gritava logo, arripiado de medo :

— Fujam, que ahi vem n'a *Agueda!*

Ora pergunto eu : — A tradiccional *má-lingua* da nossa terra chegaria até Traz-os-Montes, levando comsigo o nome da propria terra como um simbolo?

Averigue lá isso quem puder. Por mim limito-me a deixar aqui esta nota, que não é despiciente de todo para illustrar a parte do capitulo a que respeita.

17.ª

(*Pag. 172*) — *José Soares de Figueiredo e Castro* : — Professor de instrucção primaria na Villa de Agueda, e auctor de varios compendios para uso das escolas. — Em 1880 foi-lhe conferido o primeiro premio, instituido pela antiga junta geral do districto para galardoar o professor que melhor ensinasse o methodo de João de Deus. — Falleceu a 7-3-1886.

José Ferreira da Silva e Castro : — Bacharel formado em medicina pela Universidade de Coimbra, e medico municipal de Agueda. — Falleceu a 2-6-1892, com 81 annos.

Fernando Caldeira : — Casa da Borralha. Bacharel formado em direito, deputado ás côrtes em 1865, 1878 e 1893, representando o circulo eleitoral de Agueda, e o circulo plurinominal de Aveiro. Governador civil d'este Districto em 1870, depois da revolta do Saldanha. — Redactor da Camara dos Pares, nomeado em março de 1883. — Director litterario do antigo *Diario da Manhã*, em cuja redacção politica trabalhou Pinheiro Chagas ; redigiu mais tarde o *Tempo*, orgão em Lisboa do antigo partido constituinte, isto entre 1892 e 1893. — Das obras litterarias d'este illustre poeta da nossa terra, além do seu lindo volume de versos, *Mocidades*, tenho nota dos seguintes trabalhos dramaticos : — *Missionarios*, 5 actos ; *Varina*, 5 ; *Sarah*, 4 ; *Chilena*, 3 ; *Madrugada*, 4 ; *Mantilha de renda*, 2 ; *Nadadoras*, 2 ; *Sapatinho de setim*

1; *Fló-Fló*, 1 ; *Nantas*, extrahido dum conto de Zola ; *Congressista* e *Mosca*, monologos ; e as *Medicas*, de colaboração com Gervasio Lobato. — Falleceu em 3-3-1894

João Chrisostomo da Veiga : — Prior de Aguada-de-Baixo. — Escreveu a *Historia Universal, sagrada, profana, politica e ecclesiastica*, cujo primeiro tomo foi publicado em março de 1856. —Falleceu em 12-8-1878, com 84 annos.

Manoel Rodrigues da Silva Pinto : — Medico pela Escola do Porto, cujo curso terminou em 1873 ; professor da mesma Escola, nomeado em 1874. — Falleceu em 20-1-1895, com 44 annos.

Manoel José de Sá e Mello :—Secretario da Administração, e, mais tarde, da Camara Municipal de Agueda ; exerceu a burocracia durante mais de 50 annos. — Falleceu em 27-1-1891, com 73 annos.

18.ª

(Pag. 183). — No dia 3-1-904, á passagem do 25.º anniversario da *Soberania do Povo*, teve logar em Agueda una linda festa para celebrar essa data. Depois de rezada uma missa por alma dos collaboradores e fundadores fallecidos, realisou-se uma sessão solemne nos Paços do Concelho, depois do que houve um grande banquete de honra ao qual concorreram perto de 200 patricios.

Na antiga Rua da Cancella foram descobertas as lapides onde está inscripta actualmente a sua nova denominação da *Rua da Soberania do Povo*, ceremonia esta a que assistiu toda a vereação, philarmonica da Villa, e uma grande multidão de povo.

Publicou-se um folheto commemorativo, *Bodas de Prata da Soberania do Povo*, contendo, além dos retratos do redactor principal e do administrador do jornal, o *fac-simile* do seu 1.º n.º e as photogravuras dos collaboradores e fundadores — os quaes fundadores foram os seguintes : Albano de Mello Ribeiro Pinto, Antonio Rodrigues Pinto, Eduardo de Mello Ribeiro Pinto, Joaquim de Mello Ribeiro Pinto, José Antonio Brandão de Oliveira Cardoso Baldaia, José Joaquim da Silva Pinho, José de Mello Ribeiro Pinto, Luiz de Mello Ribeiro Pinto, Manoel Baptista da Cunha, Ma-

noel Maria Alla, Manoel Rodrigues da Silva Pinto, e Matheus Pereira Pinto.

19.ª

(*Pag. 197.*) — Em 2-1-904 começou em Agueda a publicação dum novo jornal, *Independencia de Agueda*, «semanario independente, orgão e defensor dos interesses do concelho.» — Director, Manuel Bento Saldanha Camossa. — Do seu primeiro artigo editorial destacamos as seguintes palavras: «Nós appetecemos uma Agueda nobre e simples na sua honestidade, santificada pela comprehensão de grandes deveres civicos... Entramos na lucta, sem peias de partidarismo, pelo Bem e pela Justiça... Os povos do concelho de Agueda, especialmente, terão em nós quem attenda os seus queixumes, defensores estrenuos das suas instantes necessidades... Encetamos a lucta, de vizeira levantada e bem providos de crenças e alentados pela fé.»

Nestas condições, com uma apresentação tão galharda, toda a nossa terra está na confiança de que a *Independencia de Agueda* ha de por certo escrever mais uma linda pagina na chronica da imprensa local.

20.ª

(*Pag. 204*) — Em todos os calculos feitos no texto, é necessario ter em consideração que a freguezia de Fermentellos, que pertence actualmente ao concelho de Agueda, foi nelle incorporada posteriormente á organisação do recenseamento de 1890; e que, por isto, a cifra da sua população não é considerada naquelles calculos. — Identica consideração é necessario ter, com respeito á divisão concelhia do districto, que foi alterada, tambem posteriormente a 1890, pela criação do novo concelho de Espinho.

Seguem-se agora algumas notas curiosas sobre a população da Villa e concelho de Agueda, desde 1660 até 1900:

1660: — A Villa tem 400 fogos (Pinho Leal).

1838: — O concelho figura no mappa annexo á lei eleitoral de 9 de abril com 2:163 fogos.

1842:—No «Mappa de divisão administrativa do territorio de Portugal», annexo ao Cod. Administrativo de 18 de março, o concelho figura com 2:102 fogos.

1855:—No texto do decreto de 24 de outubro, que estabeleceu uma nova divisão comarcã, a população do concelho é representada com a cifra de 16:742 habitantes.

1859:—Pela reforma eleitoral de este anno, attribue-se ao concelho uma população de 4:431 fogos.

1864:—Segundo o Censo de 1 de janeiro, a população de facto do concelho é de 17:952 habitantes e 4:459 fogos.

1870:—A Villa tem cerca de 1.000 habitantes (J. M. Vellozo.)

1873:—Pinho Leal attribue á Villa uma população de 740 fogos.

1878: —Segundo o Censo de 1 de janeiro, a população de facto do concelho é de 17.985 habitantes e 4.683 fogos.

1890:—Já vimos, no texto deste livro, que a cifra da população é de 18.745 habitantes.

1900:—Segundo o Censo de 1 de janeiro, a população de facto do concelho é de 20:127 habitantes. (Figura já neste recenseamento a freguezia de Fermentellos, com 1.321 habitantes.)

Feito o respectivo abatimento, vê-se que a população do concelho de Agueda, de 1864 a 1878, augmentou *33 almas*; que, de 1878 a 1890, augmentou *760 almas*; e que, de 1890 a 1900, augmentou *61 almas*.— No periodo de 36 annos, que tantos são os que decorrem desde 1864 a 1900, a população do concelho, augmentou 854 *almas*.

(O Censo de 1876, feito sobre informações dos parochos e regedores das parochias, attribue ao concelho um total de 17.448 habitantes.)

21.ª

(*Pag. 214.*) — «A febre da emigração para o Brazil... desenvolveu-se em 1866, e progrediu de anno em anno até 1875, continuando lentamente até hoje (1879). Até 1866, poucos eram os naturaes do concelho que procuravam o Brazil. Depois, manifestou-se

uma natural tendencia que se ia tornando em fanatismo» (*Relatorio do Administrador do concelho, Albano de Mello, ao Governador civil, publicado na «Soberania do Povo de 22-3-1879.*) — «Nota-se actualmente neste concelho um extraordinario movimento de emigração para o Brazil. Durante os dois ultimos mezes tem saido para a America dezenas e dezenas de individuos, e outros se preparam para partir.» (*Soberania do Povo*, 1-3-1885) — «No curto espaço de dois annos sahiram de Agueda, em direcção aos portos do Brazil, 17 pessoas, homens, mulheres e crianças.» (*Id.*, 3-11-1892). — «Está assumindo um caracter verdadeiramente assustador a emigração clandestina para o Brazil, neste concelho. Raro é o dia em que nesta villa deixam de passar carros cheios de homens, mulheres e crianças, velhos e novos, em direcção ao Brazil.» (*Id.*, 24-3.1895.) — «Rara é a semana, raro é o dia, em que se não vêem partir carros cheios de gente, familias inteiras, que vão para terras extranhas em busca de melhor sorte... E, assim, ficam casas verdadeiramente fechadas, sem ninguem...» (*Id.*, 22-9-1895.) — «Já este anno lá vão mais de quatrocentas pessoas; e, no numero destas, familias inteiras, paes, mães e filhos, lá vae tudo... Simplesmente espantoso! E isto, note-se, é só pelo que diz respeito aos que vão com passaportes legaes; pois que dos que vão ás occultas, sem passaporte ou com elle falsificado, não podemos saber o numero. Mas não deve ser muito inferior, não.» (*Id.*, 17-11-1895).

22.ª

(*Pag. 218.*) — Pela lei de 6-11-1772 (D. José 1), as duas unicas terras do concelho de Agueda, contempladas com *escolas menores*, onde os «Meninos e Estudantes das Povoações Circumvisinhas possam ir com facilidade instruir-se», foram Recardães e Serem. Pelo alvará de 11-11-1773, como já se viu, foram criadas em Assequins uma aula de Grammatica Latina e uma Escola de Ler. — Todas as restantes escolas do concelho são de data relativamente recente.

23.ª

(*Pag. 219.*) — «O concelho de Agueda, tão apregoado pela feracidade do solo e benignidade do clima, avulta tambem, contraste

pungente, pela deficiencia da instrucção dos seus filhos. Onde se erguem em o nosso concelho, e em proporção com a sua avultada população, as escolas de instrucção primaria?» (*Soberania do Povo*, 29-1-1880).— Vão decorridos mais de 20 annos, desde que a *Soberania* fez este reparo, ao qual, a tão grande distancia, e a despeito de terem sido já criadas algumas escolas posteriormente a 1880, assistem ainda agora a mesma justiça e a mesma razão de ser.

24.ª

(*Pag. 222.*) — As considerações, expostas no texto ácerca da instrucção no concelho, já foram feitas, em junho de 1903, quasi pelas mesmas palavras, num folheto *Por bem de Agueda!* que o auctor endereçou, em carta-aberta, á gente da sua terra. Nesse folheto advogava-se, em principio, a criação dum *Mealheiro de Agueda*, por quotas de subscripção publica, a fim de se fundar uma *Caixa Escolar de Soccorros* e de se construir uma *cadeia comarcã* e um *asilo de invalidos*. — Essa carta esqueceu de todo... O mesmo succederá por certo a este pobre livro, ao menos na parte que se refere especialmente á instrucção. E' que elle vae subscripto pelo nome obscuro do mesmo ingenuo que subscreveu o *Por bem de Agueda!...*

25.ª

(*Pag. 238*).— Com o fim de alargar e embellezar o adro da egreja matriz, a junta da parochia deliberou demolir a antiga residencia parochial, o que começou a effectuar-se em 10-7-1893. A residencia, conhecida na terra pela *Casa dos Friores*, ficava contigua á egreja, pelo lado do sul, com uma entrada pela porta da campainha. A' data em que foi demolido, já o edificio estava bastante arruinado. Tinha lojas, rez-do-chão, e um balcão de columnas com escadaria de pedra sobre o terreiro do adro.

INDICE

I

II

III

IV

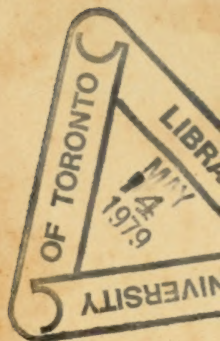
V

VIII

IX

X

XI



Preço 500 reis

(Todo o producto liquido d'este livro será distribui em esmolas pelos pobres de Agueda).

